DANIEL MASTRAL

NEPHILIM

[águas escuras]

novo século®

DANIEL MASTRAL

NEPHILIM

[águas escuras]

novo século®

São Paulo 2015

Nephilim – águas escuras

Copyright © 2015 by Daniel Mastral
Copyright © 2015 by Novo Século Editora Ltda.

GERENTE EDITORIAL
Lindsay Gois

EDITORIAL
João Paulo Putini
Nair Ferraz
Rebeca Lacerda
Vitor Donofrio

GERENTE DE AQUISIÇÕES
Renata de Mello do Vale

ASSISTENTE DE AQUISIÇÕES
Acácio Alves

AUXILIAR DE PRODUÇÃO

PRODUÇÃO EDITORIAL
SSegovia Editorial

REVISÃO
Alline Salles (As Edições)

DIAGRAMAÇÃO
Abreu's System

CAPA
Elisa Medeiros

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 10 de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mastral, Daniel
Nephilim: águas escuras / Daniel Mastral. – Barueri, SP: Novo Século Editora, 2015.

1. Ficção brasileira I. Título.

15-00311 CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura brasileira 869.93

NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.
Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111
CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil
Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323
www.novoseculo.com.br | atendimento@novoseculo.com.br

E-ISBN: 978-85-428-0513-0

“Que raízes são essas que se arraigam, que ramos se esgalham
Nessa imundície pedregosa? Filho do homem
Não podes dizer, ou sequer estimas, porque apenas conheces
Um feixe de imagens fraturadas, batidas pelo sol,
E as árvores mortas já não mais te abrigam, nem te consola
o canto dos grilos,
E nenhum rumor de água a latejar na pedra seca. Apenas
Uma sombra medra sob esta rocha escarlate.
(Chega-te à sombra desta rocha escarlate),
E vou mostrar-te algo distinto
De tua sombra a caminhar atrás de ti quando amanhece
Ou de tua sombra vespertina ao teu encontro se elevando;
Vou revelar-te o que é o medo num punhado de pó.”

The Waste Land – The Burial of the Dead
TS Eliot

Para M.

Parte I

Prologue

Kilaim olhou fixamente para o fogo da lareira quando as chamas ergueram-se altas e quentes, quase uma explosão. Ele permaneceu quieto, o fogo refletido nos olhos, enquanto buscava um consolo que não vinha. Por tantas vezes vira o fogo queimar nas cerimônias, mas não apenas isso: do Fogo ele fizera parte. Quando Lucipher surgira no meio das poderosas labaredas, o escolhera. A ele, Kilaim; que pudera atravessar o braseiro em toda a sua extensão sem nenhum dano, legitimando sua paternidade. Seu poder havia crescido. Bastava um gesto ritual, e o Fogo estava ali.

Um amigo.

Ele expirou alto, o ar rodopiando para fora de sua boca, e tentou eliminar o desconforto. Em vão. Os olhos negros e profundos de abismo, completamente imóveis, continuaram refletindo a dança das chamas enquanto, no mesmo compasso, a dança dos sentimentos ia e vinha sem que ele a conduzisse, aleatória e cortante, as sensações imbricando-se, engolindo-o. Aquela mistura rançosa que borbulhava dentro dele continuava cheirando mal, como uma fruta apodrecendo ao sol.

Algo estava pesado. O quê, exatamente, ele não sabia precisar; na verdade era uma somatória. Para começar, estar afastado da Organização o humilhava; e havia aquela dor pela morte de Camille, ainda latejante. Ela deixara na lembrança o seu brilho, mas não tornaria a andar sobre esta terra, nunca mais. Havia também o pesar de ter que deixar a casa onde ela havia vivido com ele para se mudar e viver com o *Nonno*; havia a frustração por

ter que, agora mesmo, destruir todos os seus preciosos cadernos e brochuras.

Ele se sentia oco. Aquilo tudo era como um entorpecente pingando na corrente sanguínea, tornando sua existência cada vez mais lenta. Borrada. Uma pintura desbotando debaixo da chuva.

Amargurado, Kilaim ajeitou-se melhor sobre os joelhos. A sala da casa em que crescera estava escura, exceto pelo fogo da lareira. Olhou, e ao seu lado estava a pilha com os cadernos e brochuras. Ele havia fechado todas as cortinas e o fogo deixava as paredes adjacentes cor de âmbar. Mais um suspiro. Não tinha como escapar.

Kilaim estendeu a mão sobre o primeiro caderno, e foi rápido. Assistiu seu material ser lançado ao fogo e consumido até as cinzas. Era então como se nunca houvesse existido. Ele ficou ali parado até que o fogo, tendo feito seu trabalho, também se extinguiu. Sentado no chão na mesma posição, de repente, ao seu redor, eram somente as trevas e o silêncio.

Impetuosamente, algo se revolveu no seu interior e, como uma derradeira gota de chuva, solitária, uma lágrima escorreu por sua face. Ele nem sabia a qual dos pesares ela se destinava.

Afundou mais ainda em si mesmo, sentindo o coração tão negro quanto a escuridão que o envolvia.

* * *

Quanto Kilaim ficou ali, ao lado da lareira, era difícil dizer. Ele já deveria estar em casa de *signore* Arthuro há tempos. Ali ele passara as últimas noites desde o falecimento de Camille. O patriarca da família praticamente o obrigara a ir, afinal “*uno bambino* de catorze anos não vai viver sozinho, não importa sua aparência”. Kilaim aquiesceu. Sentia muito cansaço, estava sem forças para discutir. Que decidissem sua vida conforme julgassem melhor, ele não queria pensar.

Aquele estranho cansaço dos últimos dias o invadia de novo agora, pesado e hipnótico. Seus membros pareciam congelados. Mesmo assim ele se arrastou até o sótão, que estava com a porta fechada. Não entrara no *atelier* desde a noite da morte de Camille, e abriu a porta devagar, entrou com passos suaves, quase com reverência. Não acendeu nenhuma luz.

Ele prendeu a respiração. Tão poucos dias desde sua morte…

Talvez houvesse algo dela ainda ali, sua energia flutuando como névoa naquele ambiente que ela tanto tinha amado. Kilaim ficou quieto e começou a respirar lentamente, as mãos erguidas à frente do corpo, palpando o invisível. No escuro, talvez por alguns instantes fosse possível sentir a presença de Camille e, naquele pequeno espaço de tempo, seria como se nunca houvesse partido.

Mas, para sua decepção, logo percebeu que não era assim. Era como se Camille não entrasse no *atelier* há anos, ou sequer houvesse lhe pertencido. Uma onda de vertigem o invadiu, cheia de angústia, e ele cambaleou. Aquele lugar definitivamente não era o mesmo, até o cheiro parecia diferente. Significava que o perfume que emanava da presença de Camille estava extinto para sempre. Que estranheza. Tão vazio. Um ambiente destituído de tudo que ela fora um dia.

Kilaim acendeu a luz procurando saber o que estava errado. Seria somente coisa dele, do luto? Viu de imediato que as janelas estavam fechadas hermeticamente e ele se irritou com aquilo. Camille nunca fechava totalmente os vidros para não se sentir abafada, e agora estava tão claro que ela não estava mais ali! Quem tinha fechado o *atelier* daquela maneira?

Ele escancarou todas as janelas, só para dar de cara com mais um desgosto. As entidades tinham sido caprichosas: as viçosas flores e ervas que Camille mantinha em suas floreiras estavam arruinadas. Algumas foram arrancadas pela raiz e jaziam ali, despedaçadas, mas a maioria estava enegrecida e queimada. Uma tristeza fria invadiu o coração dele. É bem verdade que as floreiras não tinham recebido nenhuma planta nova desde a

morte de Ethan, mas *madame* Verdoux se incumbira de cuidar das que restavam. Agora, não havia mais nada.

Olhou em derredor. Naquele lugar, ele tinha passado muitas horas felizes brincando com massinha ou tintas num pequeno cavalete, enquanto Camille trabalhava; naquele lugar, ele vira a mãe com vida pela última vez, mas essa definitivamente não era a melhor lembrança. Agora Kilaim já não se sentia entorpecido pelo cansaço e pela tristeza, mas cheio de irritação. Ficou parado no meio do *atelier* olhando ora para um lado, ora para outro, as mãos na cintura, preocupado com mais alguma destruição nas coisas dela.

Depois de alguns minutos, constatou que tudo estava em ordem. Eles apenas tinham destruído o que ainda tinha vida — as plantas —, e lacrado o lugar. Agora o *atelier* não passava de um caixão. Kilaim acabou sentando na bancada principal observando o material, intocado há dias.

“Ele morreu por você, viva por Ele”, havia dito Claire Cécille naquela tarde.

A frase surgiu dentro dele sem aviso, uma lembrança solta brotando vívida e fresca como gotas de orvalho naquele ambiente de morte. Ele nem sabia por quê. Era uma coisa sem sentido, afinal, o que ela quisera dizer? Viver por Ele? *Quem* vive por Ele, afinal?

Que monte de bobagens.

Mas Kilaim foi se lembrando da conversa desde o início e os objetos da mesa saíram de foco, dando lugar à visão da cama onde uma moça permanecia deitada no quarto iluminado do *Hôpital Louis Pradel*.

“Eu sabia que Deus não ia me desamparar”, dissera ela de um jeito límpido, sem precisar de pretexto.

“Deus não ia desampará-la. Ótimo. *In nomini Patris et Filii et Spiritus Sacti, Amen*”, havia refutado Kilaim em sua mente, com desdém, e dera um muxoxo tão baixo que Claire nem reparou.

É bem o tipo de coisa que as pessoas dizem quando acabam de sair de uma pior. Nada que tenha um significado mais profundo, apenas uma herança de uma sociedade pseudocristã decadente.

Mesmo assim, querendo saber um pouco mais sobre o modo como ela pensava, perguntou:

"*Bien*, você sabia que não seria desamparada… mas sabia *como*?"

"Eu apenas sabia. Pela fé."

Estranhamente, dessa vez fora impossível não entender aquilo de forma literal, porque Claire estava mesmo sendo literal. Não parecia uma mera afirmação frívola, para depois que o pior já passou. Ela falava diferente. Como quem tivera plena certeza do que iria acontecer, mesmo estando ainda em meio ao pesadelo.

"Isso é fé", ela explicou melhor.

"Deus… fé…", grunhiu Kilaim.

"Estamos acostumados com 'penso, logo existo'. É razão", e Claire riu seu riso aberto. "Mas o oposto disso é a fé: existo quando não penso, quando não vejo as coisas com a razão, e sim com o coração. Até o Pequeno Príncipe aprendeu isso, embora noutro âmbito. Na verdade, essa máxima serve para muitas realidades. No caso da fé, a razão pode bloqueá-la."

Kilaim não entendeu.

"*La Ilaha Illa Allah…*", ele recitou mais uma vez, intimamente. "*Muhammad Rasoul Allah.*"

Mas foi aí que Claire soltou aquela frase, como se ele alcançasse exatamente o que ela queria dizer.

"Ele morreu por você. Viva por Ele! *C´est ça*!"

"*Om*", e Kilaim não respondeu.

Ninguém tinha morrido por ele. Pelo contrário. As pessoas é que acabavam morrendo por causa dele.

“*Omm…*” Aquela conversa espiritual era bem chata. Kilaim olhou pela janela. E internamente, de modo irônico: “*Hare Krishna Hare Krishna Krishna Krishna…*”.

Ele se voltou de novo para Claire, esperando mais alguma explicação. Como ela não disse nada, então ele também não disse. E o mantra morreu nos seus pensamentos:

“*… Hare Hare; Hare Rama Hare Rama Rama Rama Hare Hare.*”

Eram somente bobagens religiosas. Para dizer a verdade, ela não estava sendo literal coisa nenhuma e era bem melhor ignorar totalmente aqueles comentários. E foi o que ele fez: rejeitou a impressão inicial de que havia alguma coisa diferente ali, no ar, perto dela. Algo que inundava o quarto com uma energia desconhecida.

Agora, no *atelier*, em meio ao quente borbulhar de suas emoções e de dentro da mortalha espessa da perda, Kilaim pôde perceber que não se esquecera das palavras dela, ao contrário. Estava ali. Então ele falou para si mesmo aquilo que tinha evitado durante a visita.

“*Yehwíh ’Adho·naí*”, murmurou.

Sabia a quem Claire estava se referindo. O Deus dos cristãos. Aquele que o tinha ensinado a odiar.

“Não faz sentido, e nem me interessa”, admitiu.

Camille morrera, caprichosamente, no dia 31 de outubro — aniversário dela —, e fora sepultada no Dia dos Mortos. De tantas coisas que não faziam sentido, aquela era a maior de todas.

* * *

Então, ainda sentado na bancada do *atelier*, Kilaim se lembrou do que acontecera depois de sair da enfermaria de paredes brancas.

Ele andava com as mãos enfiadas nos bolsos, e repassava na mente os momentos em que ficara em companhia de Claire. No meio de sua dor pela morte de Camille, Claire parecia surgir, clara como o luar. Ele se sentia

confuso por causa dela, mas não era por causa de suas conversas religiosas. Na verdade, por mais que tentasse evitar, aquela sensação esquisita vinha tomando conta dele nos últimos três dias, em todas as suas três visitas a Claire; e mesmo depois, quando pensava nela, havia aquele leve inebriar-se. Junto vinha a sensação de sudorese e formigamento nas mãos, uma ligeira taquicardia. Kilaim sorria sem perceber. Uma alegria incipiente e tímida que dava lugar ao extremo mau humor e ao mutismo que o acompanhavam todo o resto do tempo.

"*Güzel kiz.* Mas que menina linda!"

Andando pelos corredores, Kilaim se permitiu experimentar tudo aquilo com um pouco mais de intensidade já que os intuitivos olhos de Claire tinham ficado longe. Sorriu de novo, de si para si, degustando as sensações tão vívidas que ela provocava nele, totalmente desconhecidas. E ele pensando que já tinha experimentado de tudo!

Ainda sorrindo, tomou o elevador, mas acabou saltando em outro andar e, sem se dar conta do erro, pegou automaticamente o corredor da direita — sua rota para o estacionamento. Estava entretido em se lembrar do rosto de Claire, de seus pés delicados aparecendo pelo lado da manta esverdeada, dos olhos azuis transparentes, do seu riso que mexia por dentro e também…

Foi interrompido por um coro de vozes cantando "Parabéns": *Joyeux anniversaire, joyeux anniversaire…*

Puxado de volta à realidade, Kilaim olhou em torno e viu que não estava, de forma alguma, no corredor de saída. A curiosidade o invadiu e, ao invés de retornar por onde tinha vindo, foi adiante para ver quem cantava, já que podia escutar muitas vozes infantis. O *Hôpital*, para ele, era um lugar exclusivo de dor, sofrimento e tristeza. Então, por que aquelas vozes cantavam com tanta alegria?

"*Cool*", ele pensou com certa ironia. "Passar o aniversário no *Hôpital.*"

Não havia muita gente no corredor e nem em outros quartos — ele notou que estava em outra enfermaria —, pois pelo visto a maioria das

pessoas estava entretida com o ruidoso “Parabéns”. Ao espiar pela porta escancarada de um quarto grande — o local de onde vinha cantoria —, ficou mais surpreso do que poderia imaginar. Havia muitas crianças de diversas idades, todas com roupa hospitalar. Algumas sem cabelo: e isso queria dizer câncer. Os menores tinham pinturas no rosto, os meninos imitando pássaros e as garotinhas, princesas cheias de purpurina. Havia também médicos e enfermeiras, todos com chapeuzinho de festa, e alguns balões coloridos.

Na mesa defronte a uma das crianças — uma menina de uns nove ou dez anos, arrumada com lenço vermelho na cabeça e *gloss* rosado na boca —, havia um bolo bem enfeitado e várias jarras de suco.

Kilaim parou na porta, perplexo, sem saber direito para quem olhar. Era tão palpável o clima de felicidade. Num segundo todos os rostos estavam voltados para ele, afinal não era possível deixar de notar a presença daquele estranho, ainda mais um homem tão alto e tão bonito. A despeito da expressão de espanto que ele tinha no rosto, Kilaim recebeu de imediato vários sorrisos e a aniversariante fez sinal para que ele viesse para dentro do quarto. Sem perceber como, ele foi puxado para dentro e de repente estava recebendo abraços e cumprimentos, e um prato de bolo veio parar em suas mãos.

Surreal.

“*Merci*… *hum*… estou de saída…”, ele balbuciou, sem jeito.

“Não antes de comemorar o primeiro aniversário da mocinha aqui”, fez com voz imperativa, alegre, uma enfermeira de pescoço curto e *rechonchudíssima*.

Kilaim olhou para a garota e ela abriu um imenso sorriso para ele, e depois outro ainda maior quando voltou atenção para o seu pedaço de bolo. Dentro dele subiu um estranho caroço pela garganta, inesperado como uma cãibra, e se enroscou em seu pescoço. Engoliu em seco, várias vezes, esforçando-se ao máximo para não chorar.

Percebeu que estava comovido. Essa reação foi muito estranha porque ele nunca se comovia. Aliás, gabava-se de sua frieza. Gabava-se de seu apelido dentro da Organização — “Kill” —, uma pequena paródia do apelido carinhoso que recebera da mãe quando pequeno, Kim.

Consternado, ele virou de costas por um instante, fingindo olhar pela janela e tratou de engolir o tal caroço, livrar-se de suas garras apertadas.

“Está gostoso?”, perguntou uma das outras crianças, de repente, sem aviso, parando ao lado dele e olhando para cima.

Kilaim balançou a cabeça para cima e para baixo. Estava muito vulnerável ali, no meio de todas aquelas crianças. Nunca convivera muito com crianças, e não sabia o que mais dizer ou fazer. Pousou o prato de bolo intocado numa mesinha e a mesma enfermeira rechonchuda se aproximou dele depois de verificar que as crianças estavam todas servidas, e se divertindo com os balões.

“Veio visitar alguém?”, ela sorriu.

“*Oui.*”

“Qual delas é? Nunca vi você aqui!”

“Não é daqui, *non*… é de outro andar”; ele não queria parecer idiota e dizer que tinha se perdido. Mas não podia deixar de fazer a pergunta, os olhos correndo pelo ambiente: “Mas o que vocês estão comemorando? Por que a vela de apenas um ano no bolo?”.

“Oh, isso? É um costume nosso. Cada vez que se completa um ano do diagnóstico de câncer, fazemos uma festa. É uma celebração à vida!”

Kilaim não entendeu bem.

“Comemoram o diagnóstico de câncer”, ele disse estreitando os olhos. “*Chouette*! Mas que motivo de comemoração!”, concluiu, dessa vez com rispidez.

“*Non, monsieur*. Não estamos comemorando o câncer, *quel idée*! Comemoramos a vitória de mais um ano sobre o câncer, a vitória sobre a

doença e a aproximação da cura. Temos pequenos guerreiros aqui, pode acreditar. É motivo de muita alegria.”

Ele ficou parado, olhando para frente, avaliando.

“*Da*”, respondeu, enfim. E rapidamente: “*Alors.*… tenho que ir”.

“Não sem antes dar os parabéns à *mademoiselle* Cate.”

Sem jeito — e, por isso, com um tom seco na voz —, ele se aproximou da garota de lenço vermelho e *gloss* cor-de-rosa.

“*Hum*… aproveite sua festa, e tenha… mais um ano de vida”; ele percebeu que não tinha sido um comentário dos mais felizes.

“*Merci, monsieur.* Leve um pedaço de bolo para a sua namorada!”

Kilaim não soube o que responder, e ficou olhando a garota e seu rosto pálido com atenção. Ela tocou de leve na mão dele e o caroço incômodo apertou de vez a sua garganta, tão forte que os olhos marejaram. Ele optou por sumir imediatamente dali, daquele ambiente tão festivo e barulhento. Não queria ninguém olhando para ele, nem falando de vida. Caminhou rápido depois de esconder a lágrima na manga da camiseta e saiu da enfermaria de oncologia infantil.

“Ela morreu para dar vida a Claire.”

O pensamento voou pelo coração de Kilaim vindo do nada. Desconexo, solto, impertinente. Sentia falta de sua mãe, era isso. Nem todas aquelas crianças encontrariam cura e, sem querer, ele tinha esbarrado na morte mais uma vez. Era isso. Desceu direto pela escada sem esperar o elevador, virou à direita no corredor certo e logo saiu pela porta magnética que dava acesso à escada de dez degraus do primeiro nível do estacionamento.

No topo da escada, quando ia colocando o pé no primeiro degrau, sentiu um apertão forte em seu braço. O instinto fez com que ele usasse de um violento tranco para puxar o braço de volta, antes mesmo de ver quem o segurava. Os olhos de Kilaim estavam duros como aço ao encarar um homem de cabelo claro que não tinha se desequilibrado com o puxão.

“Calma, *monsieur*”, ordenou o homem, que era muito forte, com olhos igualmente duros.

Kilaim reconheceu a roupa de policial; em seguida, o desconhecido sacou sua credencial e a esticou perto do rosto de Kilaim, um pouco mais perto do que era necessário.

“Acompanhe-me, *sil vous plaît.*”

“Acompanhar você? Até parece, infeliz.”

“Se eu fosse você, não resistiria. Prefere ir algemado?”

Mais dois policiais surgiram em cena, cercando-o. Kilaim bufou.

“De que se trata?”

“Camille Mastrangello”, foi a resposta seca.

A viagem até a delegacia foi feita em silêncio. Kilaim não tinha medo. Por que teria medo? Mas era-lhe desagradável perder tempo com aquilo.

“*Cachu*…”, ele resmungou, baixo, e olhou pela janela.

* * *

Quando Kilaim entrou na sala do delegado, o clima que se estabeleceu entre os dois foi gelado desde o começo. Não houve mesuras de forma alguma quando o homem de meia-idade apontou para uma cadeira defronte à sua mesa. A austeridade de seu semblante e de seus movimentos denotava certo desprezo pela figura de Kilaim, porém este não se sentiu, de modo algum, insignificante. Encarou o delegado com seu costumeiro olhar frio, impávido, quase com raiva. Até a sala estava gelada.

Pensando bem, era um gelado conhecido.

Fazia já quase uma semana que Kilaim não tinha sinal das entidades, mas elas estavam ali. Viriam para ajudá-lo? Ou para puni-lo mais uma vez?

Ele esperou. O delegado continuava sua apreciação do rosto de Kilaim sem falar nada, as mãos unidas sob o queixo. Por fim, ainda sem palavras, tirou de sua gaveta um caderno amassado que Kilaim logo reconheceu. Era o seu caderno, aquele que Camille levara com ela no carro. Não fora

destruído, afinal! Kilaim podia apostar que os demônios se incumbiriam de fazer aquilo desaparecer, porém, ao que parecia, não tinha acontecido assim.

“Meus homens encontraram isso no carro da vítima”, começou o delegado. “E estavam bem interessados nele, dado que seu pai desapareceu há um ano. Seria ele, este?”

O delegado folheava devagar o caderno.

“Embora não seja uma prova conclusiva, reconheço que seríamos forçados a levar isso em conta.”

Kilaim não respondeu. O outro não lhe fizera pergunta alguma. Manteve o rosto congelado, sem esboçar reação, fosse de surpresa, reconhecimento ou dor.

“Você tem alguma ‘ideia’ de por que esse caderno estava no carro de sua *mère*? Cheio de digitais suas?”

Kilaim deu de ombros e sua voz soou completamente neutra.

“É claro que fui eu que desenhei. As pessoas fazem de tudo para tentar dar uma explicação ao que não tem explicação. Meu pai desapareceu. Foi um grande sofrimento. Esse sofrimento me levou a especular de tudo, e por que não poderia ter sido assim?”

Agindo daquela maneira, ele tornava tudo fictício.

“Não lhe parece mórbido? Por que o filho de alguém retrataria o próprio pai num ritual macabro, e com essa riqueza de detalhes?”

“Eu já disse. O desaparecimento de um ser amado por si só já é uma coisa mórbida. A dor pela perda do meu pai simplesmente fez-me externá-la desta forma. Fomos privados de enterrá-lo. Eu tinha que encontrar uma resposta, e aplacar o meu luto. Essa é a resposta que encontrei. Se a polícia vai, agora, procurar rastros de algum culto satânico, isso já não me diz respeito”, ele fez menção de se levantar. “Posso ir embora?”

“Um momento, meu jovem. Pode ficar aí mesmo.”

O delegado ficou em silêncio avaliando a petulância do rapaz. Por fim, inspirou longamente e passou a mão pela barba num gesto de irritação. Empurrou devagar o caderno por cima da mesa na direção de Kilaim. O ar entre os dois estava elétrico.

“Boa tentativa, imbecil. Não se pode recusar obediência aos demônios, entretanto eu, de bom grado, lhe daria agora um corretivo à altura.”

Kilaim sentiu o coração dar um pulo, mas não deixou transparecer sua surpresa. Então, ele fazia parte da Organização.

“Sirvo ao Mestre da Sombra e livrarei a *cara* de seu filho nesse momento. Leve embora daqui este caderno. Quanto à polícia, não se preocupe. Isso nunca aconteceu. Espero que tenha um mínimo de cuidado da próxima vez, ele reiterou, nu e cru: “*Au revoir*”.

1

Désert

Kilaim chegou atrasado demais na residência de *signore* Arthuro. Perdera muito tempo no *atelier* e depois, numa crise de fúria, acabou por destruir o *futon* fúcsia. Sabia muito bem da história envolvendo aquele maldito colchão, embora Camille nunca tenha lhe contado. Depois, para se acalmar, sentara-se ao piano durante quatro horas e tocara sem parar, sentindo a transpiração escorrer pelo meio das costas.

Entrou sorrateiramente de manhã na casa do *Nonno*, e o encontrou bem irritado.

— *Perché* seu celular estava desligado, posso saber?! *Merde*! *Perché* quer me matar do coração? Já não chega de mortes nessa família?

— *Calme*. Estava tudo bem, *Nonno*. *Que le désespoir*! Fiquei na casa dos meus pais arrumando uns pertences da *Mamy*. Por que todo esse alvoroço?

— *Perché* você não pode fazer o que bem entende! Chegar em casa na hora que bem entende! — o tom de voz elevava-se.

— Você ainda nem deu entrada na papelada da custódia, se bem me lembro — argumentou Kilaim com secura.

— Escute aqui, seu merdinha: com custódia na mão, ou sem custódia, você vai me obedecer, *d'accord*? Esteja aqui no máximo até meia-noite, ou deixe seu celular ligado. Se não me obedecer vai terminar num colégio interno.

Kilaim deu de ombros. O patriarca da família não o intimidava.

— Até parece que vão aceitar um homem num colegiozinho qualquer — retrucou.

— O que importa é sua certidão de nascimento — rosnou *signore* Arthuro. — E lá está escrito que você vai completar catorze anos *neste* mês. O mínimo que posso fazer pelo meu neto e por sua mãe é cuidar de você direito. O corpo de sua mãe nem esfriou ainda!

Kilaim não respondeu. Ficou parado na frente do *Nonno* com ar furibundo, o que fez o patriarca cair em si por mencionar a morte de Camille em meio a gritos. *Signore* Arthuro sabia que Kilaim era duro na queda, mas estava longe de ter absorvido o impacto da perda da mãe.

— Venha tomar seu desjejum — falou o *Nonno* um pouco mais brandamente. — Entenda que falo isso para o seu bem. Sua irmã Anne-Sophie ficará com *monsieur* Claude, que a educará muito bem. Do meu lado, creio que não preciso educar você, contudo pretendo que seja muito bem cuidado. Venha *ci*. Tenho algo a lhe propor.

Kilaim acompanhou o *Nonno* ainda calado. O rosto do jovem estava mais pálido que de costume e os olhos negros pareciam enormes, especialmente depois da noite insone. Ele tinha perdido peso naqueles poucos dias depois do funeral e seus cabelos estavam sempre desgrenhados, presos de qualquer jeito no rabo de cavalo.

— Como eu disse, precisamos ajeitar sua vida e tive uma boa ideia — começou *signore* Arthuro servindo-se do suco de laranja e enchendo um segundo copo para Kilaim. — Não posso deixar de notar que você mal sai do quarto, está o tempo todo entristecido. Claro que todos nós estamos. Mas

gostaria de lhe dar um incentivo: na próxima semana, quero que se prepare e venha trabalhar comigo.

Kilaim olhou com surpresa para o velho, que sorria.

— *Was*? Com o *signore*? E fazendo o quê?

— O que você gostaria de fazer?

O jovem deu um muxoxo de descaso. O *Nonno* continuou:

— *Franchement*, se quer ser tratado como adulto, não se porte como um adolescente mimado!

Kilaim fez força para não erguer o tom de voz.

— A ideia foi sua.

— *Oui*, mas você não acha que poderia ser bom? Sei que já não tem o mesmo interesse pelos estudos. Não gostaria de trabalhar numa grande empresa como a *Logos*?

— Tudo me entedia, cedo ou tarde.

— Isso já não é de agora. *Perché* não aproveita os talentos que Deus lhe deu…

"Não foi bem *Deus* que me deu meus talentos", rugiu Kilaim em pensamentos.

— … e transforma isso em algo positivo que venha a lhe render um bom dinheiro? Não gostaria de ganhar seu próprio dinheiro? Afinal, você nunca trabalhou antes, e eu tenho certeza de que estimularia sua mente. Gostaria de ocupar o cargo de Diretor de Criação?

— Quer que eu desenvolva campanhas de *marketing*? Como meu pai? — dessa vez o jovem ficou surpreso de verdade. — Mas *porquoi*?

— Embora seu pai pudesse estar ao meu lado como vice-presidente, ele sempre gostou da parte prática, de estar em campo, de desenvolver campanhas, orientar a equipe. Acredito que você se dará muito bem no lugar dele.

— *Sérieu*! Quer que eu fique no lugar do meu pai?

— Não exatamente no lugar dele, *perché* hoje eu já tenho outra pessoa ocupando o lugar do Ethan. Entretanto, posso criar um cargo de Diretor de Criação Júnior, e você poderia fazer parte da equipe. Dou-lhe carta branca para trabalhar a seu modo, desde que não passe por cima de meu novo Diretor. O que você acha?

Por algum motivo desconhecido, Kilaim não se julgava digno de trabalhar no lugar de seu pai. Seria uma inoportuna onda de remorso chegando atrasada? Claro que havia esse novo Diretor, mas tanto ele quanto o *Nonno* sabiam que, na prática, Kilaim estava sendo convidado para ser o sucessor de Ethan.

"Isso é justo?", Kilaim sentiu que se perguntava muito lá no fundo.

Não havia motivo para ter crise de consciência e, na verdade, ele não tinha mesmo. Era somente uma leve sensação de incômodo no peito, uma ínfima ponta afiada de culpa. Que se mostrava mais em decorrência do que tinha acontecido a Camille, morta por causa de Ethan, o marido amado. Se ele imaginasse o desdobramento de seus atos, teria entregado o amor de Camille ao diabo?

Por mais que lhe houvessem doutrinado e mostrado que Ethan não significava nada — era uma pessoa descartável —, e que sua verdadeira família estava na Organização, de vez em quando ele se pegava pensando amargamente no assunto. No dia do enterro de Camille, ele fizera uma queimadura com a ponta da faca em suas costas. Agora ela tinha se transformado em uma ferida aberta, purulenta. Mais uma de suas tentativas de amenizar, o quê, mesmo?

Que besteira! O filho de Lucipher autoflagelando-se por motivos irracionais.

"*Merde.*"

O convite de *signore* Arthuro o fazia se lembrar da dor da queimadura. Da pele enegrecida ao redor da ferida, da cicatriz que ela fatalmente deixaria, indelével.

— Eu não entendo nada sobre o assunto, *Nonno*. E não sei se *marketing* me interessa tanto assim.

— Que *assurdità*! Sei que em poucos dias terá aprendido tudo o que precisa sobre o assunto. Ou o desafio estará além de seu alcance? — provocou *signore* Arthuro, esforçando-se para fazer parecer que não era uma provocação.

— *Va bene*. Pensarei a respeito — e com isso Kilaim pegou seu copo de suco de laranja e o tomou de um gole só, encerrando o assunto e fazendo parecer que não sentia nenhuma alegria com aquilo.

* * *

Com culpa ou sem culpa, Kilaim caiu de cabeça na proposta. O tema não lhe impôs nenhuma dificuldade e, de fato, em poucos dias era o mais novo "formando" de Propaganda e *Marketing.* Por pura brincadeira preparou um *curriculum vitae* para apresentar a *signore* Arthuro e uma proposta de trabalho, o que incluía não ter que cumprir horários rigorosos e vincular-se apenas ao compromisso com os prazos.

Ele tinha se apaixonado pelas ideias do *neuromarketing*, assim como Ethan. A diferença é que, ainda que Ethan fosse extremamente habilidoso, Kilaim era brilhante. Ele facilmente uniu seus conhecimentos mais antigos sobre neurologia, medicina e psicanálise — pois sempre lhe interessaram — aos novos desafios.

A questão central do *neuromarketing* — o casamento perfeito entre *marketing* e neurociência — era o estudo do estado cerebral do consumidor quando exposto às diversas mensagens da propaganda, ou a experiências de consumo. Kilaim gostou bastante da proposta de criar produtos e serviços concebidos de forma mais centrada nas respostas do cérebro, e não no raciocínio do consumidor. O *neuromarketing* aponta como a pessoa reage, por exemplo, à cor da embalagem, ao som da caixa quando sacudida, ao cheiro de determinados produtos, entre tantas outras questões.

Ele tinha conhecimento de que a Organização fazia uso de recursos como esse para bombardear o mercado com diversas de suas grandes marcas, mas ampliou seus conhecimentos e os uniu à intuição pessoal a fim de atingir o subconsciente do consumidor. Pois, em última análise, é isso que movimenta seu comportamento de compra.

Mesmo sendo o *neuromarketing* um ramo da ciência ainda novo e o seu uso não permitido de modo indiscriminado, Kilaim não se preocupava. Decidiu que queria ver resultados. Na *Logos* rapidamente ficou claro que sua maneira de enxergar os temas e criar as campanhas era fantástica e a forma como enxergava a propaganda mostrava-se única. Ninguém o dominava. Restava apenas uma inveja velada, e às vezes nem tão velada.

* * *

Os dias passaram e Kilaim desejava ignorar que a sala de Ethan continuava vaga. Toda vez que passava por perto da porta fechada sentia-se incomodado. *Signore* Arthuro não queria dá-la a ninguém tão rápido, mesmo porque ninguém queria ocupá-la. O trágico desaparecimento de Ethan Mastrangello, o neto do presidente, o herdeiro da empresa, ficou suspenso no ar como um mau agouro, e a sala virou uma espécie de mausoléu que ninguém queria adentrar.

Por fim, Kilaim não resistiu à tentação de dar uma olhadela. Fazia muito tempo que não entrava ali, mas nada havia mudado. Estava tudo do jeito que havia sido deixado desde a viagem do pai para a Itália, mas a sensação de vazio lembrava o *atelier* de Camille. Olhou pela ampla janela que dominava quase toda a parede dos fundos e deu a volta para se sentar à mesa de Ethan. Colocou as mãos sobre o tampo de vidro e correu o olhar pelos objetos.

Foi atingido por um choque, doloroso como um golpe no estômago.

Ali, bem diante de seus olhos, estava uma foto linda de seus pais abraçados. Tirada numa das últimas férias na praia, o mar azul-esverdeado

como pano de fundo, muito brilho, sorrisos abertos e Camille com um chapéu vermelho elegante que fora presente de Kilaim. Aliás, não havia nenhuma foto dele, Kilaim.

Ele lutou contra a sensação de fel em sua boca. Era insano, mas ele ainda odiava Ethan. E como que para aumentar a sua dor propositadamente, nos dias que se seguiram ele continuou entrando sorrateiramente na sala para olhar a foto de seus pais e as coisas de Ethan. Remexendo nas gavetas, achou uma Bíblia pequena, em italiano.

“Por que será que ele tinha isso aqui?”

Abriu o livro, e viu que fora um presente de *signore* Arthuro. Notou que havia uma página com uma dobra, se por acaso ou não, ficava difícil saber. Kilaim bateu os olhos no texto. Era a passagem que falava que Deus se arrependera de ter criado o Homem. Um traço fino a lápis estava sobre o verso: “*Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas; e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram*”. E também adiante: “*Havia naqueles dias gigantes na terra; e também depois, quando os filhos de Deus entraram às filhas dos homens e delas geraram filhos*…”.

Claro que aquilo era somente uma coincidência.

* * *

Apesar do trabalho novo, Kilaim ainda tinha muito tempo livre. Podia-se considerar que o restante da sua vida se resumia em visitar Claire, uma vez que ninguém da Organização o procurava. Não importava. Aliás, na verdade não estava nem ligando. Eles haviam furtado a vida de Camille, ele queria mesmo um pouco de distância. Sendo assim, embora estivesse acostumado à rotina dos rituais, naquele momento Claire preenchia o insípido vazio de sua vida, ou, pelo menos, quase todo.

Não podia visitá-la tanto quanto gostaria agora: somente duas vezes por semana. Óbvio que não tinha sido decisão dele. *Madame* Charlotte, a *tante* de Claire — única parenta viva —, educadamente lhe pedira que não viesse

diariamente. Os médicos tinham recomendado muito repouso à sua sobrinha.

“Minha sobrinha tem a tendência de ficar agitada depois das suas visitas”, explicara a *tante*, discreta. “Sei que é natural, ela esteve doente por tanto tempo e quer aproveitar a companhia de alguém da mesma idade, alguém que não fale apenas de remédios e cuidados. Eu entendo, ela é jovem, está se recuperando bem. Contudo, precisamos priorizar o tratamento…”

Tante Charlotte queria, assim, poder justificar a “agitação” da moça, mas Kilaim sabia que era mais do que isso. Havia uma reciprocidade de sentimentos, de interesse.

“Mais tarde, depois que Claire tiver alta, poderão ver-se com mais frequência”, ela concluiu.

A parenta de Claire, tirando do rosto uma mecha preta escapada de seu coque, deu por encerrada a conversa. E fora das vistas de Kilaim, suspirou de alívio. Tinha por certo que os dois não se veriam tanto assim depois da alta. Era só coisa de momento. Claire estava mexida por ter recebido o coração da mãe de Kilaim, tanto quanto ele estava mexido pela morte da mãe e por ter encontrado em Claire um pedaço daquilo que amava. Os sentimentos de ambos estavam abalados por circunstâncias que, com o tempo, se amenizariam.

Ela achava melhor que, aos poucos, eles se afastassem. *Tante* Charlotte não gostava muito da forma como aquele jovem olhava para sua sobrinha, nem dos profundos olhos negros, nem… ela não sabia direito. Apenas não lhe agradava.

Kilaim intuía a inquietação da *tante*. Percebia que ela não gostava muito dele, muito menos do vínculo que criara com Claire. Embora o tratasse com toda a educação e até lhe trouxesse biscoitos caseiros cobertos cuidadosamente com um guardanapo de pano, sabia que ela não desejava

sua presença e não gostava da “agitação” de Claire. Mas era preciso obedecer-lhe os desejos, por ora.

“*Faire attention*, Kilaim. Não é o momento de desafiar a única parenta viva de Claire”, ele refletiu de si para si.

Então, religiosamente, às terças e sábados ele ia ao *Louis Pradel* para ficar das três e meia às cinco com sua amiga. E apenas isso. Era pouco. Nos dias em que não a visitava, Kilaim ficava perdido, castigando o piano mais do que o necessário, cheio de irritação, taciturno, propenso a discutir com *signore* Arthuro por besteiras, e desrespeitá-lo. Era assustador. Sentia falta dela mais do que seria conveniente, como um animal faminto depois do inverno em busca de alimento. Que espécie de sentimento era aquele?

O único consolo era saber que a moça também sentia a sua falta, pois estava escrito em seus olhos meigos, em seu sorriso brilhante. Mas, quanto? Quanto, afinal, ela sentia a falta dele? Nenhum dos dois mencionava nada sobre isso.

Durante o mês de novembro e dezembro, Kilaim se acostumou a levar-lhe pequenos presentes. Na primeira vez, entrou no quarto hesitante, meio encabulado, sentindo-se ridículo. Mas o sorriso de Claire foi recompensa mais que suficiente por uma caixa de bombons que nem eram dos melhores. Na visita seguinte, ele fez questão de comprar chocolates *Godiva*.

“Oh! Mas que linda!”, ela comentou com admiração ao ter em seu colo a elegante caixa cor-de-rosa e azul com detalhes dourados. Seus olhos até saltaram diante da visão dos lindos bombons artesanais, de diferentes formatos e acabamentos.

“*Merci beaucoup*, Kilaim, não era necessário.”

“*Disfrutar de ella!!*”, ele respondeu, satisfeito, sem perceber o uso de outro idioma.

Claire franziu a testa, sorrindo.

“*Quoi?*”

“Faça bom proveito!”

“Que linda pronúncia. Você fala espanhol?”

“Falo algumas línguas”, ele disse, sem conseguir deixar de se exibir um pouco.

No princípio de dezembro, Kilaim arriscou levar-lhe flores que ele mesmo havia colhido. Soaria patético? Na verdade, ele roubara as flores, que o tinham impressionado pelas cores e variedade, do jardim de um vizinho. Pouco depois disso, um dia ele encontrou uma pena linda, azul-esverdeada e sem nenhum defeito. Kilaim gostava de observar as reações de Claire e ficava contente que ela soubesse admirar os presentes mais caros, e também os mais bobos. Comia os bombons na mesma hora, arrumava as flores no vaso. Quanto à pena, amarrou-a em sua caneta, e a usava todos os dias para escrever em seu diário. Ele daria tudo para ler aquelas páginas!

Depois de entregar os presentes, Kilaim conversava com Claire, de tudo um pouco, sempre observando com cuidado. Fazia perguntas e ouvia com muita atenção suas respostas, avaliando. Um dia ela falou sobre seus pais, falecidos há muitos anos. Foi depois da morte deles, num acidente, que ela passou a viver com sua *tante* Charlotte, irmã da mãe e única parenta na França. Contou com certa nostalgia as histórias que costumava ouvir do pai sobre o Brasil, sobre seus moradores alegres, “coloridos”.

“Meu pai era brasileiro. Ele me prometeu que um dia iríamos ao Brasil conhecer o resto de sua família, mas, infelizmente, não aconteceu”, Claire comentou, decepcionada. “Acabou que ele morreu e nunca fomos ao Brasil. Nunca conheci a terra dele e nem os familiares que deixou lá.”

Quando percebeu, Kilaim já tinha falado, pegando na mão dela.

“Um dia poderemos ir juntos”.

Claire não soube o que responder, e ficou olhando para ele com seus olhos transparentes enquanto sentia a mão do rapaz sobre a sua.

* * *

Naquela tarde, depois de visitar a amiga, Kilaim estava sentado na calçada à frente da casa do *Nonno*, pensando a respeito do trabalho que começara a desenvolver para a *Logos*. Distraído, começou a observar o vaivém das formigas na terra do jardim, sempre diligentes e ocupadas. Toda vez que davam de cara uma com a outra, parecia que se cumprimentavam. Elas faziam parte de um grupo.

De repente, Kilaim estava irritado de novo e resmungava:

— Eu não faço parte de nada. Estou à deriva no Mundo, eu comigo mesmo. Sou *pior* do que as formigas! Elas pelo menos têm um grupo, não ficam sozinhas jogadas por aí. E por que eu estou jogado? — Ele deu um muxoxo. — *Parce que* amei.

Soava estranho, mas era a verdade. Aquele período de afastamento tanto da Organização quanto das Entidades o levava a tirar suas próprias conclusões. Não havia como descrever em palavras o modo como seu amor por Camille fora julgado e desprezado. Perceber a insignificância dela — pois se assim não fosse, eles não a teriam matado — deixava-o doente. Se o seu amor não houvesse sido condenado, Camille estaria viva, se recuperando do acidente; se o seu amor houvesse sido considerado, ele não estaria banido. Não seria um pária agora se não tivesse amado.

“E agora… acho que estou amando de novo”, ele finalmente admitiu, um pouco inquieto. A preocupação crescente vinha da inferência de que a Organização não seria conivente com esse novo amor.

“Fora do Grupo o amor não pode existir.”

Não era assim que tinha aprendido? Não podia existir aliança fora do Grupo. Os “filhos do Fogo”, escolhidos para integrar a Organização, são únicos; e o vínculo de lealdade entre eles também é único. Algo de que Kilaim sempre se orgulhara, mas não agora. Olhar para Claire depois de ver o que acontecera com Camille deixava-o quase apavorado. Os de fora eram os de “fora”, literalmente falando. Não contavam, exceto quando a manipulação deles trazia algum benefício direto ou indireto.

“Mas o amor não deveria ser livre? *Alors*, meu coração não é livre? Quando convém a eles, não passo de um prisioneiro?”

Intuindo as respostas que teria quando finalmente retornasse ao Grupo, ficou ainda mais reticente. Enquanto cavoucava na terra com um graveto, deixou-se envolver por uma das linhas filosóficas que estudara anteriormente, e a leitura de “*Die Welt als Wille und Vorstellung*”, de Shopenhauer, feita na linguagem original, sussurrava em seu ouvido.

Kilaim ficara impressionado com o tamanho da influência do filósofo alemão, uma vez que poucos puderam atingir tantas áreas diferentes com suas linhas de pensamento. Os admiradores da principal obra de Shopenhauer, quase mil páginas, eram muitos. A literatura estava cheia de autores que compartilharam das suas ideias: desde Tolstoi e Tcheckov, passando por Maupassant e Proust, Hardy, Conrad e Maugham, chegando até a América Latina com Jorge Luís Borges e Machado de Assis. Poetas como Rilke e T. S. Eliot também faziam parte dos adeptos, além dos dramaturgos Bernard Shaw e Samuel Beckett. Nietzsche tornou-se filósofo, segundo conta, devido à leitura da obra de Schopenhauer. Na música, o compositor Richard Wagner afirmou ter criado uma de suas maiores óperas, “*Tristan und Isolde*”, como reação à leitura de Schopenhauer. Freud reconheceu que a análise da repressão, um dos pontos principais da teoria psicanalítica, foi feita pioneiramente por Schopenhauer, que é com frequência citado também por Jung. Até mesmo Einstein se dizia admirador do alemão. Mesmo assim, em vida, o filósofo foi esquecido e criticado, tendo reconhecimento por sua obra apenas depois dos 65 anos.

Kilaim lembrou-se das teorias, que cabiam muito bem ali. O Mundo é puro fenômeno, mas só é dado à percepção como representação. O que são fenômenos? Eventos que ocorrem à nossa volta regidos por leis universais que não podem ser mudadas. O nascer do sol é um “fenômeno” astrofísico. Não se pode mudar. Mas ele não existe em si mesmo. Ele só existe como representação, e o que se vê é apenas uma aparência das coisas que estão

obscurecidas pelo véu de maia, como se diz na filosofia Hindu. O nascer do sol é fenômeno, mas o nascer do sol como representação é vida, renovo, acolhimento, iluminação. Um rio não é um rio enquanto fenômeno, ele só ganha significado enquanto representação; é lazer, é dinheiro, é fonte de energia, é viagem, é poder, é exploração, é conquista. E se por um lado o Mundo é representação, por outro é aquilo que Shopenhauer denomina como Vontade. Melhor dizendo: o centro e a essência do Mundo não estão nele, mas, sim, na Vontade. O Mundo como representação é a "objetividade" da Vontade. Entre o objeto e a Vontade há um intermediário, o qual o filósofo identifica com a "ideia platônica", isto é, a objetivação adequada da Vontade.

O cerne do conflito: a existência das Vontades e a impossibilidade de satisfazê-las completamente; o que sempre irá existir. Quer dizer que no sentido rigoroso do termo, a liberdade restringe-se à Vontade, e todo fenômeno, sempre submetido ao princípio da razão, não é livre. Somente em uma situação a liberdade da Vontade penetra no fenômeno: quando esta se nega, quando chega à renúncia. Falando sobre a afirmação e a negação da Vontade, o autor escreveu as célebres páginas em que tenta demonstrar que "a dor não se interrompe" e que "toda vida é sofrimento". A afirmação da Vontade ocorre quando o conhecimento do Mundo torna-se um motivo para fazer de forma mais intensiva o que já se fazia naturalmente. No caso da negação, o conhecimento do Mundo torna-se um "calmante" da Vontade, levando-a, no caso extremo, à renúncia ascética — à abnegação e à santidade.

O autor estuda como as diferentes relações entre Vontade, conhecimento e sofrimento levam à formação de diferentes caráteres. A cada estágio de satisfação alcançada pelo ser humano, a demanda não diminui. O desejo é incessante. Para Schopenhauer, a vida é um perene combate, em que cada indivíduo torna-se um instrumento da Vontade. Nesse sentido, a visão de Mundo dele é profundamente pessimista. Somos escravos de nossos

desejos. Mal satisfazemos um e já outro surge, de modo que a vida é pura insatisfação. Além disso, o Mundo está repleto de injustiça e violência. A existência é, assim, uma fonte de sofrimentos. “Cada vida individual é uma tragédia insignificante que termina numa morte inevitável”, lembrou-se Kilaim de novo, um eco do comentarista inglês Brian Magee.

Como fugir disso? Das inexprimíveis dores da Humanidade? Kilaim deu um suspiro. Schopenhauer ousou vislumbrar a saída: destruir a Vontade. Superar o puro instinto. Exaltava, por fim, a santidade como o único caminho para libertar a vida de suas dores e levar à “redenção do Mundo”. E, assim, numa realidade de escombros, surge um Mundo em que brilham os raios do Nada. Por esse âmbito ele se aproxima das doutrinas orientais e do Cristianismo primitivo, apesar de ser ateu.

“*Bullshit.*”

O estudo de Schopenhauer acerca da liberdade não ia bem de encontro às ideias proclamadas pela Organização, pois ele não estava falando do Mundo Espiritual. Falava daquilo que, em sua limitação, podia compreender. Entretanto, a partir do momento que ocorreu um fenômeno espiritual — como a materialização de Lucipher diante de Kilaim —, a representação deste diz apenas uma coisa: que aquele ser das Trevas é o caminho para que as Vontades humanas sejam satisfeitas. Assim ele tinha aprendido, assim era.

Kilaim não queria afogar mais nenhuma vontade própria. Bastava a forma como teve que se desfazer de Camille! A Organização não era veementemente contra esses princípios de negação, contra o Cristianismo cheio de regras? Ele aprendera que Deus é a fonte do sofrimento, porque dá ao ser humano apenas a Vontade, mas não a liberdade de realizá-la. Pelo contrário, Ele pune quem se entrega a elas.

Já o Grupo diz: “Satisfaça a todas as suas vontades”. A única regra era a lealdade para com os seguidores e seus segredos. Era assim que o tinham ensinado.

Mas, e agora? Claire estava se tornando seu maior desejo. Teria liberdade para dar vazão à sua Vontade, fazer uso dos direitos que tinha conquistado como filho do Fogo, ou deveria adequar sua Vontade à razão, acalmá-la, negá-la e suprimi-la? Isso, *oui*, seria sofrimento, e não redenção.

Ele continuava sentado, cabeça baixa, introspectivo, sem nem perceber que o dia estava findando. Era época de escurecer cedo, e o vento estava ficando muito frio. Mas aí, de repente havia dois tênis parados à sua frente. Kilaim não precisou erguer os olhos para saber de quem era aquele calçado.

— *Ça va*? — veio a voz, de cima.

Soava animada. Kilaim percebeu em Adrien Bourgundy uma satisfação genuína por romper o silêncio duradouro.

— Quer sentar para ver as formigas? — indagou Kilaim.

— Não vim aqui para olhar o formigueiro — retrucou Adrien. Mas sentou-se, mesmo assim.

— Olha como elas se cumprimentam. Sabia que a força delas é imensa?

— Kill, espero que fique feliz em saber que tenho um recado para você, especialmente depois do que aprontou.

— *Eu* aprontei?! — Kilaim ergueu os olhos pela primeira vez, indignado. — Muito engraçadinho você.

— Ah! *Franchement*! E não?

— Ter amado Camille foi tão grotesco assim?

— Ter amado, não. Exceto pelo fato de ela ser sua mãe, talvez. — Ele riu. — Isso foi o de menos. Grotesco mesmo foi você deixar que ela descobrisse tudo…

O olhar de Kilaim fez com que Adrien engolisse sua risada no meio. Principalmente porque ele tinha participação naquilo.

— Veio aqui para me acusar? Esqueceu-se de sua infame atuação em tudo isso? Não fiquei sabendo de você ter pagado por sua imbecilidade.

— Você não sabe de tudo — resmungou Adrien de volta, significativamente. — *Enfin*, não estou aqui para discutir o passado. Isso

tudo já era. Quanto ao mais, tenho um recado. E você realmente deveria ficar feliz por ser chamado de volta assim tão cedo.

— E quem me chama? Seu pai? — ele falou desdenhoso referindo-se a Orion, o homem de olhos azuis-piscina que fora visto por sua mãe anos atrás, um dos sacerdotes da base em Lyon.

— *Non*. Seu mentor. Zor. Ele irá recebê-lo na casa dele amanhã à noite para uma conversa.

— Meu mentor é *meu* pai — Kilaim rosnou, sem se dar por achado. — Agora vou ter que fazer uma viagem para ir conversar com o sumo sacerdote? Não sei, não. Meu pai não poderia vir até aqui e falar diretamente comigo?

— Bem, acho que desta vez ele não vai vir, Kilaim.

Adrien balançou a cabeça num ar de reprovação. Não entendia como o outro podia ser tão desrespeitoso.

— *Comme t'es chiant*, Kill — ele continuou com certa perplexidade. — Você deveria saber melhor a hora de falar e a hora de calar a boca. Você faz parte do Grupo, e isso é bom. Não entendo você. Afinal, estão te chamando de volta.

— *Cachu*, Adrien! *Oui*. Já sei.

— Ele espera você às nove horas. Faça o que é certo. Eu já vou, não posso ficar. Só vamos poder retomar nossa amizade depois que você for "reintegrado".

— *Ok.*

Kilaim olhou enquanto o colega se afastava. Então, Zor queria vê-lo. Ele deu de ombros ligeiramente e continuou observando as formigas.

2

Menace

No dia seguinte, terça-feira, Kilaim não foi para a *Logos* de manhã e visitou Claire à tarde. A maior parte da cidade estava enfeitada para o Natal, e tudo brilhava, as pessoas carregavam sacolas em meio ao vento cortante e procuravam sorrir mais. Tudo em derredor lhes dizia que deveriam ser felizes e ter uma família equilibrada para trocar presentes e beijos à meia-noite. Para Kilaim, o Natal não passava de uma ideia irritante que precisava ser suportada.

Quando entrou na enfermaria, não era diferente; uma pequena árvore de Natal na entrada, algumas luzinhas na bancada dos médicos e um Papai Noel com roupa dourada que, pelo menos, não cantava as mesmas músicas chatas o tempo todo. Deixaria os pacientes malucos, e ninguém quer pacientes malucos em pleno Natal.

As tardes estavam mais curtas e geladas. O inverno prometia. Ao sair do *Hôpital*, Kilaim entrou no carro e ajustou a temperatura para 18 graus. O antigo carro de Ethan era perfeito para a viagem, e ele não avisou nada a *signore* Arthuro. Então cortou o país até a região de *Chenonceau*.

Ao longo do *Cher* havia saída para uma estrada muito bonita que contornava a colina. Ali ficava a entrada para a exuberante casa de

Zodhokare — ou Zor —, um nome que queria dizer força e poder. O sumo sacerdote vinha atuando como mentor coadjuvante de Kilaim desde a Iniciação, por ordens do grande Príncipe. De tempos em tempos reuniam-se em Lyon para algum estudo especial, mas nunca na casa dele.

Kilaim estivera ali uma única vez depois da cerimônia de Iniciação, junto com o pai de Adrien Bourgundy, Orion. Vieram participar de uma reunião com os principais sacerdotes e sumo sacerdotes da Organização, pois todos queriam conhecer melhor o filho de Lucipher. Naturalmente Kilaim lembrava-se perfeitamente do caminho. Havia ali, bem perto da casa de Zor, um castelo desconhecido do público em geral e que pertencia à Organização. Nesse lugar eram realizadas algumas das principais celebrações do ano.

No início da viagem, o sol bateu de frente no para-brisa; mas logo ficou alaranjado e desapareceu, deu lugar à noite. Kilaim escutava o *Requiem* de Mozart por várias vezes enquanto dirigia, cheio de pensamentos que se entrelaçavam repetidamente em sua cabeça, tão pungentes quanto o canto, tão intensos quanto aquela música podia ser. Ele tentava, com certo sucesso, ficar especialmente focado no tipo de argumentação que deveria usar na conversa logo a seguir. Trocou o *Requiem* pela *Toccata und Fuge in d-Moll*, de Bach, mas não houve tempo para ouvi-la muitas vezes. Queria chegar logo. Continuava com a impressão de que o encontro não seria dos melhores, e já tinha boas respostas na ponta da língua.

Não eram ainda oito e meia quando Kilaim virou o carro na direção do clássico e espetacularmente bem-cuidado jardim da residência de Zor. Parecia mais um jardim botânico, dadas as dimensões. Não muito distante dali ficava o *Chateau de Chenonceau*, um dos pontos turísticos mais visitados do Vale do Loire. Kilaim parou em ponto morto, inclinou-se para frente sobre a direção e olhou através da grade que contornava todo o terreno.

Não era de bom tom chegar muito antes da hora ao encontro, entretanto, aquela era uma sutil forma de protesto: “Se ele quer falar comigo, vamos logo ao que interessa”.

Embora os sumos sacerdotes ostentassem grandes poderes e desenvolvessem vários dons, particularmente o jovem não gostava deles. Os ocupantes da mais alta hierarquia da Organização não passavam de humanos. Quanto a ele, era mais do que isso: era um ser híbrido, um escolhido. Kilaim gostaria de poder continuar sendo treinado somente por Lucipher, mas agora esse aprendizado fora dividido com os grandes da Organização. Ele teria que aprender a respeitá-los, querendo ou não. Mas Kilaim nunca estivera muito feliz com aquilo. Sabia que entraria em conflito, cedo ou tarde.

Ele entrou na propriedade quando o portão automático lhe foi aberto, e subiu pela alameda principal ladeada de coníferas. Uma das primeiras neves de dezembro estava caindo discretamente sobre o chão e os jardins, embora ali ela não fosse frequente. Quanto aos olhos, aqueles que estavam em meio à folhagem, voltaram-se todos para a passagem de Kilaim, curiosos, e o mesmo fizeram os olhos que estavam sobre o telhado, e ao redor da casa. O jovem percebia a presença deles.

Estacionou defronte à casa iluminada, luxuosa e enorme, na maior parte de pedra e com janelões incríveis em toda a extensão do primeiro e do segundo andar. A hera cobria parte das paredes e estava aparada perfeitamente.

Ele apeou, bateu a porta do carro. Sua respiração soltava nuvens de vapor no ar límpido da noite, mas ele usava apenas camiseta por baixo de uma malha de lã. Subiu os degraus de pedra contornados por uma mureta que separavam a alameda da pesada porta de madeira. O trinco era uma cabeça-de-leão de bronze maciço e as dobradiças também. Assim que parou defronte à porta, Kilaim pôde ouvir que a destrancavam por dentro.

— *Bonne nuit, monsieur* Kilaim.

Era um mordomo. Ele não o tinha visto da primeira vez que estivera ali.

— *Bonne nuit*.

O mordomo fez um sinal para que entrasse, dando-lhe passagem com polidez. Era austero, mas cordial. Pelo sotaque, deveria ser inglês. Ele atravessou o *hall* seguido por Kilaim e entrou na sala de visitas, onde não havia nenhuma decoração natalina. O mordomo apontou para as poltronas estofadas e perguntou se Kilaim gostaria de tomar alguma coisa.

— *Non. Merci*.

Antes de sair, o mordomo inclinou levemente a cabeça. Quanto a Kilaim, uma vez sozinho, permaneceu em pé para poder observar melhor o ambiente. Camille teria gostado de ver uma sala tão primorosamente arrumada, além de suntuosa. Era impossível não erguer os olhos para o lustre de cristal italiano, e havia obras de arte muito caras, tapetes persas enormes, móveis imponentes. Andando pelo aposento, ele se aproximou do magnífico espelho de cristal com bordas douradas, em estilo rococó, que ocupava boa parte de uma das paredes. Não havia uma mancha sequer sobre a sua superfície, ele notou, ao olhar bem de perto.

Foi na direção do conjunto de sofás, em couro natural, que recebia a luz suave de um *abat-jour* de luz lilás apoiado numa das mesas de canto. Na mesa de centro, em vidro *fumé* e ferro batido que formava curvas graciosas, estava arrumado um imenso vaso de rosas vermelhas. Não escapou ao olhar de Kilaim, que mergulhou rápido no meio delas, uma rosa murcha, morta, que estava escondida no meio das outras, frescas e saudáveis. Ninguém teria reparado naquilo. Ele percebeu, mas não entendeu.

Na primeira visita àquela casa havia certo clima de festividade no ar e todos se reuniram em algum local na parte de trás, num magnífico salão subterrâneo. Muito diferente da quieta solidão de agora. Todos os sentidos de Kilaim estavam apurados, naturalmente, e aquilo que não se via saltava aos olhos dele chamando muito mais atenção do que tudo que estava em evidência.

Do chão de mármore erguia-se perfeitamente o pentagrama negro, disfarçado em meio a desenhos de formas abstratas que lembravam serpentes entrelaçadas. Havia saltado diante dos seus olhos desde o primeiro instante em que entrara na sala, claro como água, assim como os pontos demarcados pelos cinco quadros de Giovani Bragolin. Eram crianças chorando, e estavam colocados de maneira a sinalizar as cinco pontas de outro pentagrama. Não era para ser tão evidente à primeira vista, e jamais ao olho destreinado, mas Kilaim estava atento e era muito perspicaz.

O ambiente continuava lhe despertando os sentidos sem que ele fizesse força. Havia algo diferente no ar. Suas narinas se dilataram e quase automaticamente ele desviou os olhos para a lareira, espaçosa a ponto de um homem poder entrar nela sem se curvar, e ali estavam restos de brasas e cinzas. Um odor sutil permeava o ar, e ele reconhecia aquele cheiro. Era cabelo humano.

Foi olhar, em seguida, os vasos chineses de porcelana — provavelmente da Dinastia Ming — que estavam colocados em mesinhas de mármore negro, ao pé das duas escadas de mármore claro que contornavam o ambiente, formando um *mezzanino* no alto. Um dos vasos tinha vários tons de vermelho e figuras de dragões; mas os olhos dele se estreitaram, avaliando os pequenos respingos de sangue, talvez resultado de uma limpeza não muito bem feita. O outro vaso tinha figuras de carpas e lótus coloridos, tampa de jade branco, e não apresentava nenhuma alteração.

Nada lhe escapara.

Foi então que sentiu os olhos cravados nele. Não eram os mesmos olhos de antes, que o avaliaram de todos os lados. Estava alguém a observá-lo enquanto ele observava o ambiente. Ergueu os olhos imediatamente para cima e à direita. Ali estava a câmera, olhando direto para ele. Kilaim encarou a câmera de volta.

Quase em seguida escutou a voz do mordomo:

— *Monsieur* Zor vai atendê-lo agora. Acompanhe-me, *sil vous plaît*.

A biblioteca de Zor era impressionante, com pé-direito alto, repleta de estantes de livros até o teto. A temperatura estava agradável. O homem de 58 anos e cabelo levemente grisalho estava em pé, e apertou a mão de Kilaim. Tinha porte altivo, boa aparência.

— *Bon soir* — cumprimentou o jovem, primeiro.

O homem apontou a cadeira de veludo azul-escuro perto da escrivaninha. Kilaim se acomodou, reparando de imediato no exemplar raríssimo do Livro dos *Grimories*, escrito em celta. Era o original. Um pouco diferente daquele a que tivera acesso. Ao lado dele havia outro, marcado com uma alça de *sutien-gorge* preto com *strass*. Era a *Lemegeton Clavicula Salomonis*, uma cópia em latim.

Kilaim ia fazer um comentário sobre os livros, mas não teve tempo. O homem à sua frente se sentou à escrivaninha, pigarreou e foi direto ao assunto, sem mesuras.

— Afaste-se da moça.

Kilaim esperava ser questionado, mas não tão diretamente. Disfarçou sua surpresa debaixo de um olhar penetrante.

— E qual seria o motivo para isso?

— O motivo não importa — retorquiu o sumo sacerdote Zor em tom seco. — Você não está aqui para questionar. Nós damos a diretriz, e você executa.

— Vai me tratar desse jeito, agora? — Kilaim estava indignado. — Eu gostaria de saber o motivo desse exagero todo.

— Já disse que isso não interessa.

— Motivos vocês podem inventar qualquer um, mas deve haver algum motivo *inteligente* — ele tartamudeou; não pretendia deixar de ter sua resposta.

Zor ficou olhando para ele, sustentando seu olhar. Finalmente, respondeu.

— Ela tem ideias que vão contaminar a sua essência. Como se você não soubesse, *n´est-ce pas*, Kill?

— Então eu não posso amá-la?! — Kilaim mantinha o ar de desafio e alteou o tom de voz. — Pelo que eu saiba, a Organização alardeia a liberdade. Em todos os sentidos. Não foi o que me ensinaram desde o começo? E *alors*, como ficamos? Eu quero poder agir de acordo com a minha vontade.

E pôs-se a falar de Schopenhauer. Tudo que Zor não queria naquele momento era discutir filosofias e ideias. Queria ser obedecido, ponto-final.

— Sua liberdade é o presente que você tem por estar entre nós. Não o estamos privando disso, desde que isso não fira a nenhum dos nossos princípios. Você sempre soube que a lealdade para com a Organização é condição *sine qua non* para progredir.

— Como assim, lealdade? O que foi que eu fiz? Então não posso amá-la? — retorquiu Kilaim ainda mais indignado. — Devo esperar que vocês coloquem os arcos enfileirados, e começar a pular por dentro deles?

Zor fez um gesto irônico de incentivo com a mão:

— Se você tem paixão por cadáveres, e pelo visto vejo que tem… *continue*… vá em frente — o tom era gelado. — Se você a visitar mais uma vez, será a última vez que a verá com vida. Estou avisando.

— Espere um pouco. Estou enganado ou você me chamou aqui para fazer ameaças?

— Isso não é uma ameaça, é um aviso. Não vou falar de novo. Está na hora de voltar aos afazeres, portanto prepare-se para a *Saturnália*. E se quer ser "perdoado" por suas burradas, mostrando que dá valor ao que tem e novamente fazendo parte do Grupo, prepare-se direito. As entidades decidiram que você terá uma participação importante na ocasião, e seria interessante se você acompanhasse o Lobo.

— Klevtsky? O rastreador? E *porquoi*?

— Apenas acompanhe a "caçada". Uma noite.

— *Porquoi*? — insistiu Kilaim, com mais ênfase. — Esse é o trabalho dele. Ele faz o dele, e eu faço o meu.

— Não despreze o "trabalho dele" como se fosse sem importância, porque Klevtsky está em ascensão aqui dentro. Ainda no próximo ano deverá tornar-se sacerdote. O que queremos de você é que se dedique com afinco à *Saturnália*, e o momento pede uma noite. A Bíblia não diz: "Aquele que está em pé, vigie para que não caia"? Traduzindo: se você quer se manter em pé, é necessária uma manutenção do equilíbrio. Isso serve para qualquer realidade. Você ainda não teve chance de comparecer ao *Sabbath*, pois no ano passado esteve envolvido em seu Rito de Iniciação e, por conta disso, não estava ainda liberado para participar da nossa maior comemoração. No último *Sabbath*, agora em outubro, estava vivendo seus dias de luto por sua mãe, e sua segregação. Portanto, é imprescindível uma participação especial na *Saturnália*, onde você deve reafirmar seus votos. Portanto, não questione; mais adiante conversaremos melhor sobre isso. Por ora trate de não insistir no erro, caso contrário será pior para você.

Sem mais nenhuma palavra, ignorou o ar feroz de Kilaim e tirou o interfone do gancho, chamando um segurança.

— *Monsieur* Kilaim está de saída.

Sempre solícito e jovial, Zor jamais o tratara daquela maneira, o que deixou Kilaim realmente nervoso.

"Como se me intimidasse. *Cachu*!"

Acompanhado até a porta de saída pelo segurança, não havia alternativa senão ir embora. Agora havia mais olhos do que quando chegara, mas como Kilaim estivesse com raiva, não lhes prestou atenção. Dirigiu de volta para casa em alta velocidade e se sentindo ultrajado. Só faltava que comprassem os pirulitos, já que o tratavam como criança.

— Então foi para isso que tive que vir até aqui? *Cachu*! — resmungava alto, esperando que Lucipher estivesse por perto para escutá-lo. Na ausência do príncipe das Trevas servia que a entidade de maior patente na região o

escutasse, pois logo comunicaria ao Príncipe. No entanto, durante toda a viagem de volta não houve qualquer sinal de demônio algum.

Perto de Lyon, resolveu que não iria para a casa do *Nonno*. Estava muito nervoso e preferia estar sozinho na casa dos pais. Estacionou na garagem e entrou como um furacão. De início, ziguezagueava para cima e para baixo, sentindo toda a ira que a situação lhe causava, e depois xingava de todas as maneiras.

— *Merde*! — em francês. — *Cachu*! — em galego.

Chutou longe um dos pés do tênis, atingindo um dos abajures e quebrando-o num estrondo.

— *Hurensohn*! — em alemão.

Deu um murro no batente da porta, e acolheu a dor, apertando uma mão na outra e fazendo uma careta.

— *Bastardo*!! — em italiano.

Foi à sua saleta de música e sentou-se no banquinho, ofegante.

— *Förbannad*… — em sueco.

Tocou piano na noite escura, sem lua.

— *Stultus*… — em latim.

O escuro de sua saleta abraçou seu descontentamento até os primeiros raios da manhã. Somente então ele se lembrou de que não comia nada desde o almoço da véspera. Mas não havia o que comer na casa. Alannah julgara estar fazendo um favor em esvaziar a geladeira e a despensa para que nada apodrecesse na ausência de todos; e então ele desistiu.

Extenuado, desabou na cama de casal do quarto dos pais, no lado em que Camille costumava ocupar, só que não conseguia dormir. Deu alguns pequenos cochilos e acabou por levantar-se, sentindo não mais ira, mas uma profunda tristeza. Era quarta-feira e ele não apareceu na *Logos*. De novo.

À tarde, finalmente respondeu aos chamados insistentes do *Nonno*.

— De novo você me apronta essa, Kilaim, quantas vezes eu tenho que falar? *Dio mio*! — ele gritava pelo aparelho.

— Está tudo bem, que coisa, *Nonno*. Dormi na casa dos meus pais e esqueci o celular desligado. Hoje eu não fui… *oui*, não fui para a *Logos*. Sei que você sabe disso. Está bem, está *bem*! — ele respondia malcriado enquanto ouvia os xingamentos que não acabavam. — Vou prestar mais atenção!

Quando finalmente chegou à casa do *Nonno*, viu que um funcionário contratado terminava de instalar as luzes de Natal em toda a volta da casa e três renas que se mexiam no jardim. Não havia clima para Natal, mas era do feitio de *signore* Arthuro não deixar a peteca cair. O jardineiro também terminava o seu trabalho, jogando veneno no formigueiro que ele tanto observara na tarde anterior. Kilaim ficou estatelado, olhando. O perfeito grupo estava sendo dizimado.

— Malditas formigas! Pois agora se acabaram — disse o jardineiro batendo uma mão na outra.

* * *

“Por que o Mal existe?”

Durante a noite, ainda insone, Kilaim tivera muito tempo para refletir naquelas primeiras perguntas, nos questionamentos feitos ao Príncipe vários anos antes, na escuridão do bosque defronte à sua casa.

Kilaim estava com sete anos quando foi chamado pela primeira vez para ir até ali. Aquela voz dentro de seus pensamentos, grave e clara, surgia para ficar e fazer presença. Mas naquela época, Kilaim se recordava, ainda não enxergara distintamente o dono da voz. Ele era apenas uma Sombra escura no meio do bosque escuro.

Os chamados ficaram mais frequentes, sempre à noite. E ele percebeu que se prestasse bastante atenção, às vezes conseguia divisar os contornos de quem estava lá, mesmo que quase se confundindo com a escuridão. Outras vezes, tudo que conseguia ver eram os olhos amarelados e

brilhantes, ora bem perto, ora um pouco mais longe, sempre no meio da folhagem, como se estivesse escondido no meio delas.

Kilaim não tinha medo, apenas curiosidade. A visão começou a iluminar algum ponto obscuro de sua mente, de seu inconsciente. Já teria visto aquilo antes, em sonhos…? A Sombra… os olhos…

Foi então que se lembrou. A visão destravava sua memória. Desde os três anos a Sombra estava por perto, talvez antes. Ele se acostumara ao seu cheiro, à sua presença fria, e às intervenções sutis. E depois, nem tão sutis. Kilaim se lembrou do quebra-cabeça.

Tinha cinco anos, e brincava com um quebra-cabeça de 1600 peças, bem complexo. Estava indo bem até ficar perdido em uma parte com muitas peças da mesma cor. Então a mão de alguém estava ali com ele. Uma mão grande e morena, da cor da pele de um indiano, usando um bracelete muito brilhante e anéis em todos os dedos; as unhas eram pintadas de preto.

Kilaim ficou fascinado pela visão. Aquela mão pegou as peças, e o ajudou, e durante todo o tempo ele sentiu a respiração do dono invisível da mão, bem perto. Além de uma sensação de acolhimento. Um acolhimento diferente. Confortável.

Aquela mão era da Sombra. Um amigo.

“Por que ele aparece para mim?”

Por algum motivo, Kilaim intuía que não deveria contar nada a ninguém. Era um segredo só dele. A “Sombra” — como passou a chamar a aparição — vinha somente por causa dele e, diferente das outras crianças, que tinham amigos imaginários, o seu amigo era real.

Apesar daquele contato, a Sombra nunca se apresentou realmente. Ela apenas vinha. Às vezes, só ficava perto. Outras vezes, após os sete anos, falava e ajudava Kilaim em suas dificuldades. Afinal, era difícil ser diferente. Os diferentes quase sempre são marginalizados, e com Kilaim também foi assim. A Sombra ensinou-lhe maneiras para que pudesse se

vingar de seus colegas malvados na escola, para fazê-los passar mal ou se machucarem.

Em outros momentos, ela só queria conversar. Sua presença era agradável, e suas conversas, sempre interessantes. Quando Kilaim estava com nove anos, aos poucos, começou a lhe contar aquilo que transformaria para sempre os seus pensamentos e a sua vida.

“O Homem nasceu para ser livre, assim como todos os animais. Deus criou os animais, viu que aquilo era bom, e esses animais somente seriam felizes se fossem livres. O Homem, da mesma forma: para se sentir pleno, precisa da liberdade. Lembre-se de que uma das formas de punir o ser humano por seus atos ilícitos é privá-lo de sua liberdade, deixá-lo preso num lugar de onde não possa sair. Não é castigo para o Homem deixar de comer comidas gostosas, por exemplo, ou ficar sem viajar ou ver televisão. Em tudo isso se dá um jeito. Mas a privação da liberdade, por muito tempo, vai além do que se pode suportar. Porque — como eu já disse — o Homem nasceu para isso: para a liberdade. Concorda? Entende isso?”

Kilaim assentiu.

“O que acontece então? O Homem, de maneira geral, admite que Deus criou todas as coisas e que Ele está no controle de tudo. Ou seja, Deus é Soberano. O Homem se acostumou a entender que se tudo vai bem, ‘Graças a Deus’; e se tudo deu errado, ‘Deus quis assim’.”

“Mas, e as doutrinas orientais? Você está falando do Cristianismo, do Judaísmo, do Islamismo, e não de todas as doutrinas.”

“As doutrinas orientais também apontam para um caminho muito semelhante: o conformismo com a existência. Veja a questão do *karma*, das castas indianas; da negação da vontade para atingir o *nirvana*. Todas as doutrinas teológicas estimulam o Homem para olhar além: pós-vida, uma nova encarnação, a iluminação, e toda essa parafernália que te leva a desviar os olhos do presente. Isso faz com que se aceite melhor uma condição de desconforto, ou uma imposição ingrata da vida. Hoje tudo está

ruim, ‘mas um dia vai ser melhor, se Deus quiser’. Quer seja na eternidade, em algum outro plano espiritual, ou físico. Um dia — que não é agora — haverá consolo e compensação. Um dia — mas não agora — o sofrimento terminará. Essas crenças põem o ser humano dentro de uma cápsula que o engessa. O que quero dizer é que tanto nas religiões monoteístas quanto nas politeístas, esse conformismo com a vida é a marca principal. Essa é a mentalidade que engloba o Mundo como um todo: olhar para frente, olhar para depois, esperar pela recompensa e esquecer as agruras do presente momento. O que deduzimos, no final de tudo? Que a recompensa num outro plano vem mediante uma vida de privações na Terra; e a forma de se privar é se conformar. Quando você está conformado, não busca saída. Simplesmente assume que a Terra não é o melhor lugar do Mundo para ser feliz, e espera.”

Mais uma vez, Kilaim assentiu. A avaliação da Sombra era correta.

“O cristão que se queixa de estar sofrendo tem como resposta que Jesus também sofreu, que Ele passou pela Cruz, que no Mundo haverá aflições, que os mártires foram perseguidos, apedrejados, decapitados, devorados por leões, e não se queixaram. Os cristãos devem conseguir agir como Pedro, que foi pendurado na sua própria cruz de cabeça para baixo por não se considerar digno da mesma morte que o seu Mestre. Se o cristão se queixa, ouve como resposta que os santos católicos sofreram horrores e não O negaram, não abandonaram a fé. Por sinal: já reparou que quanto pior for a morte de um santo, quanto mais horrendo o seu sofrimento, mais santo ele se torna? Essa crença se expande, impregnando tudo com seu odor podre e leva o Homem a aceitar que quanto mais privações e dores, mais recompensas para ele no Céu. Afinal, a Bíblia não fala dos galardões?”

“E tem os que se autoflagelam”, respondeu Kilaim, mostrando que estava entendendo. “Usam o cilício, se açoitam, se cortam com facas, fazem jejuns, não usam roupas, passam por longas peregrinações, andam de joelhos, carregam a cruz, se penduram na cruz.”

“Todo esse sofrimento voluntário é feito por crerem que isso vai lhes trazer benefício em outro plano, ou que Deus vai olhar-lhes de modo diferente, que seu pecado terá um peso menor, ou lhes será perdoado. Seja a crença politeísta ou monoteísta, ela sempre vai propor aos seus adeptos: a autopunição, o sacrifício, a negação de si mesmo, a privação.”

“*Alors*, todo esse mal que atinge o Homem durante a vida na Terra… *porquoi*? É proposital? Deus criou o Mal? *Porquoi*?”

“Você não precisa me perguntar. Se Deus criou tudo que existe, não é Ele o criador do Mal? Se para expurgar o mal que existe dentro de cada ser humano Ele considera que é preciso entregá-lo à destruição…”

Kilaim ficou meditativo.

“Se Deus criou o Homem, *porquoi* colocou o Mal dentro dele?”

“Fica para você pensar”, o Príncipe disse.

Depois de outra pausa, Kilaim perguntou de novo, embora já imaginasse a resposta:

“*Alors*, você é do Bem ou do Mal? Para mim você tem sido bom, mas você é mesmo bom, de verdade?”

“Chamam-me por muitos nomes.”

“Eu nunca te perguntei isso antes… *porquoi* você vem aqui?”

“Porque eu escolhi você. Sempre estive do seu lado e sempre vou estar. Sou a sua Sombra.”

Kilaim estreitou os olhos, tentando divisar os contornos escuros do seu amigo.

“Eu me sinto bem ao seu lado. É bom quando você está por perto.”

“É assim que um filho deve se sentir ao lado do seu pai.”

Pai. Com nove anos a paternidade da Sombra lhe foi revelada. Ele entendeu que a Sombra não falava de maneira metafórica, mas literal. Era tempo de saber. E não perturbou Kilaim, nem mesmo o surpreendeu; pelo contrário, ele ficou contente. Sempre soubera que Ethan não era seu pai, apenas um embuste. A confirmação do fato tornou-se o embrião de seu

ódio. Ódio que tomou forma, como a massa levedada que é colocada na assadeira e levada ao forno, e nunca mais desapareceu.

Restava saber o nome de seu verdadeiro pai. Kilaim sabia que era um demônio, pois o seu consciente já arquivara muitas figuras de demônios. Vira-as nos livros ou filmes; e havia muitas imagens geradas pela presença escura e indefinida da Sombra, mas que impregnaram o cérebro com adivinhações ou criações de sua própria cabeça. No entanto, a realidade foi infinitamente mais impressionante do que tudo que já vira ou pressentira.

Foi assim. Certa noite, ele apenas apareceu. Os contornos ganharam formas, e as formas saltaram do invisível para o visível. Um gigante de vários metros surgiu na clareira, de pele escura e escamosa como réptil, o corpo exibindo uma força indescritível e músculos perfeitos, como que entalhados em madeira. Ostentava braceletes de ouro poderosos, brilhantes, com desenhos.

Kilaim olhava com olhos bem abertos, fascinado, o coração aos pinotes dentro do peito. Como era cheio de poder! Reconheceu os vários anéis, mas não conseguiu prestar muita atenção neles. O rosto do Príncipe era impressionante, magnético, difícil de desviar o olhar. Os seus olhos eram os mais impressionantes, muito negros, como os dele, mas ainda mais negros — embora Kilaim não compreendesse como isso era possível. Eram olhos que lembravam poços profundos. O demônio tinha muitos *piercings* de ouro em todo o lóbulo das orelhas, no nariz e na boca, e cabelo negro muito comprido. O chifre saía do meio da testa, como de unicórnio.

Kilaim se esquecia de respirar, tal o seu assombro. Estava estupefato com aquele presente, em poder ver o seu pai.

Então, recebeu um sorriso. Que mostrou os caninos um pouco alongados da Sombra. Kilaim esqueceu-se de sorrir de volta, sem fala, e os dois apenas se olharam. Aquele era o senhor da Sombra, o Príncipe do Abismo, o Manto que encobre a Luz.

“Lucipher é o meu nome”, a voz grave e conhecida reverberou dentro da sua cabeça.

“Meu pai”, Kilaim murmurou, por fim.

E sentia amor por ele.

Lucipher se ausentara depois disso e, naquela semana, não veio de novo. Deixou Kilaim imerso em seus próprios pensamentos, avaliando o que vira e ouvira. Quando retornou, foi no momento em que sabia que a criança estava pronta para ouvi-lo novamente. Mas não apareceu visivelmente. E sua voz soava na mente.

“Eu proponho algo diferente de todas as outras linhas religiosas. Proponho algo novo sobre a liberdade, sobre o sacrifício constante, sobre as recompensas futuras. Quero que o Homem *pense*, ao invés de se conformar com o seu estado e esperar o porvir; quero que ele perceba que pode mudar o seu estado, isto é, ao invés de aceitar ser apenas um bloco de gelo, veja que pode ser água! A água que se amolda a toda e qualquer forma, que se adapta e corre livre pelos córregos até desaguar no mar, que se torna chuva. Eu mostro ao Homem que é possível buscar outras formas para a sua existência, não mais dentro desse modelo preestabelecido que Deus impingiu. É isso que eu quero que você descubra: que a água se adapta a qualquer circunstância, contorna qualquer obstáculo, não pode ser presa; e que você pode ser água e não mais gelo.”

“E todos podem ser? Todos podem se tornar água?”

“A Criação se deteriorou. O DNA humano passou por muitas mutações e não é mais o mesmo. Nem todos podem ser escolhidos, pois o que eu tenho para dar não é para a escória do Mundo. A existência acima dessa existência medíocre é para os que podem raciocinar, e entender o seguinte: Deus não é fiel; Deus não sabe de todas as coisas; Deus não detém o controle sobre todas as coisas.”

“Você realmente está indo na direção oposta…”

“Basta olhar à volta. Basta pensar. É contrário à razão acreditar que Deus tenha controle sobre alguma coisa. Sim, Ele de fato deu origem à vida — nós entendemos isso —, mas perdeu o controle sobre aquilo que criou.”

De repente, Lucipher não falava mais apenas na primeira pessoa. Agora, ele falava “nós”.

“Guerras, crianças morrendo de fome, de pestes, de doenças de toda sorte, pai contra filho e filho contra pai, violência em todas as suas formas, atrocidades. E vamos admitir o quê? Que em toda a Sua onisciência Deus previu isso, e ainda assim não fez nada para que essas coisas não acontecessem? Ele fez o Mal. Ele *me* fez! E para quê? Para que eu me rebelasse contra Ele? Quando me criou, tinha ideia do que aconteceria? E, quando me baniu e me enviou à Terra, tinha ideia de que seu adorado Homem também fosse traí-Lo e abandoná-Lo? De que eu e os homens poderíamos usufruir de uma aliança mais forte?”

“Ele não sabia, *alors*?”

“O que é pior? Admitir que Ele não sabia, ou que sabia e não fez nada?”

Kilaim não respondeu. Apenas ouvia.

“O Homem, mesmo quando quer agradar a Deus, acaba sufocado dentro de sua própria religiosidade. Não precisamos ir muito longe. Lembra-se dos fariseus da época de Jesus? Originalmente, esses homens queriam resgatar os princípios que vinham desde os tempos de Esdras e Neemias, desde quando o Templo de Jerusalém foi reconstruído. Mas o que acontece? Estima-se que havia cerca de seis mil fariseus na época de Herodes. E quantos deles reconheceram a autoridade de Jesus? A Bíblia menciona apenas dois: Nicodemos e José de Arimateia. Um percentual desprezível. Significa que aquele regime religioso estava podre em si mesmo. Não reconheceram o Mestre, não reconheceram o Deus que tanto queriam agradar. A religiosidade excessiva os sufocou e os matou. Que conclusão você tira disso?”

“Que a religiosidade está fadada a morrer?”

“Vou até um pouco além: *todo* sistema religioso está fadado a morrer. Sim. E por quê? Voltamos à nossa premissa inicial. Porque o Homem não nasceu para ficar preso a leis abusivas. Ele nasceu para ser livre! Ele precisa voltar a despertar aquela energia ímpar que tinha no princípio, e que foi tirada por Deus. Lembra-se de Adão? Era dono de uma inteligência fantástica. Mas hoje o ser humano usa muito pouco de seu potencial cerebral. Esse poder, que ainda está latente na alma dos homens, foi secando aos poucos, se extinguindo em decorrência do excesso de imposições negativas. ‘Não pode’, ‘não deve’, ‘não faça’ — isso termina por coibir e macular a essência. A criança que só escuta ‘não’ terminará por ser introvertida e fraca, nunca vai acreditar nela mesma. Deus fez isso com o Homem. As regras, as leis, o jogo do ‘não pode’ terminou por fazer com que o ser humano perdesse a autoconfiança e se tornasse um ser extremamente dependente de quem? De Deus.”

“Mas, Adão não escutou muitos ‘nãos’. Afinal, foi um só, *n’est-ce pas*?”

“Um ‘não’ justo em relação a quê? Ao conhecimento do Bem e do Mal. O Homem não podia comer da Árvore do conhecimento do Bem e do Mal, e isso é o mesmo que dizer: ‘Brinque no seu pomar, coma muitas frutas, e se divirta; mas não pense, não se preocupe com questões importantes’. Como eu disse, Adão era extremamente inteligente. Como negar alimento à sua curiosidade insaciável? Deus não é bom. Se soubesse que o Homem iria desobedecê-Lo, teria colocado aquela Árvore no Jardim?”

“Acredito que não.”

“Então, Deus não sabe de todas as coisas. E, na tentativa de trazer ao Homem um conjunto de regras que lhe mostrassem o caminho certo, o excesso de proibições gerou dependência. Isso acabou tirando o fogo vital do Homem. Deus gerou um Homem de cativeiro, e não mais uma Criação livre.”

Pausa.

“Mas eu sou o Fogo que estende a mão ao Homem.”

Fogo. Fora ali que ouvira aquela palavra, naquele contexto, pela primeira vez.

“Mostramos ao Homem que é possível tornar a abrir as janelas da mente e usufruir de 100% de sua capacidade. Em todos os sentidos. Nossa doutrina propõe que ele seja preenchido novamente com a sua intelectualidade, sua criatividade, suas capacidades, suas motivações, seus desejos. Com isso ele passa a acreditar novamente em si mesmo e deixa de depender de Deus, e de que Deus lhe faça isso ou aquilo. O Homem pode escrever sua própria história, pode estabelecer sua própria rota.”

“*Oui*. Eu entendo. Embora não consiga vislumbrar ainda como seria essa nova rota.”

“Eu não criei a minha própria? Não há ninguém melhor para entender o Homem do que o próprio ‘Satanás’, que conviveu com Deus e se afastou Dele, que também foi podado em seus desejos. E, não somente isso, se eu estivesse tão profundamente errado não seria capaz de arrebanhar junto comigo a terça parte dos anjos do Céu. Mas todos eles me seguiram. Se Deus fosse tão onisciente, fosse tão bondoso e generoso, compreendesse tão bem a sua própria Criação e lhe estendesse a mão, isso não teria acontecido. Se eu fosse o único rebelde, que importância teria? Contudo, havia outros — muitos outros — que foram maltratados, julgados com desdém e que não se sentiam amados pelo ‘Pai’.”

“Ainda bem que você é meu pai.”

Kilaim sentiu como se o Príncipe risse de repente. Mas não viu nada.

“Não sou eu o pai da mentira; Ele é que tem mentido ao Homem desde o princípio. Faz afirmações, mas não tem a capacidade de fundamentá-las. Ele diz ser fiel, mas onde está sua fidelidade? O final reservado àqueles que servem a Deus está cheio de atrocidades, eu lhe digo, Kilaim, atrocidades. Ele diz ser bom, mas o Mundo reflete essa bondade? Não. Pelo contrário. Ele diz saber de todas as coisas, mas onde está a Sua onisciência, se até

mesmo o Mal Ele criou? A natureza de Deus é contrária a tudo que Ele diz, e isso se evidencia por meio de Seus atos. E a Bíblia não passa de uma história de derrota, dores, guerras, perdas. Pai não é o que gera, e sim aquele que cuida do filho. Deus abandonou o Homem à sua própria sorte, e sou eu, sim, que digo a ele: levanta!"

E a voz do Príncipe soou tonitruante dentro de Kilaim, que estremeceu de leve.

"Eu estou aqui te estendendo a mão. O Homem sempre acreditou que para ser alguma coisa, teria que acreditar em Deus; e que sem Deus ele é nada."

Kilaim viu como se ele estendesse a mão na sua direção.

"Não espero que você creia em mim; sou *eu* que acredito em você, meu filho. Acredito em seu potencial humano, em suas capacidades ímpares, e estou aqui para ajudá-lo a não ter uma vida de prisão, ajudá-lo a nunca ir ao encontro de Deus. Somente assim sua vida será plena na Terra. Deus age de um jeito, e eu ajo ao contrário. Meus atos mostram a você que o amo, que me importo. Se Deus o amasse tanto assim, não viria salvá-lo de mim? Mas Ele não o ama. Porque Ele não o fez. Eu, sim, te gerei, e tenho te criado. Convido-o a usufruir da plenitude da vida, aqui, com tudo que a sua inteligência e suas capacitações podem dar, através da unidade do Grupo que escolhi: os filhos do Fogo."

Foi a primeira vez que Kilaim escutou aquele termo. Não tinha ideia, entretanto, que a Organização era secreta e mundial, nem que detinha um poder assombroso, refletido por aqueles que estavam compromissados com as Trevas de uma maneira absolutamente única.

* * *

DIÁRIO DE CLAIRE

Tudo está indo bem! Minha recuperação está dentro do esperado. Meu médico havia dito que talvez fosse preciso fazer uma estimulação cardíaca artificial temporária, mas, Dieu Merci, *não foi preciso. Às vezes, depois do transplante, o coração pode sofrer bradiarritmias por causa do trauma cirúrgico e de lesões do sistema de condução elétrica. Também poderia ter algumas lesões no sistema vascular do coração novo — uma complicação decorrente da ação do meu sistema imunológico sobre o enxerto, e também um entupimento das coronárias. Até agora, porém, tudo está indo dentro do esperado, e me sinto em paz quanto a isso. Mesmo assim, terei que fazer um longo acompanhamento.*

Tenho um novo amigo, Kilaim Mastrangello. Estou tão contente com as suas visitas! Ele pode nem perceber, mas faz-me muito bem, e percebo que minha recuperação se acelera. Não sei quantos anos tem, não perguntei, mas aparenta uns dezoito, dezenove anos, o que o faz um pouquinho mais novo do que eu. Trabalha na empresa da família dele — acho que faz algum estágio em publicidade. Pareceu não querer falar muito sobre si mesmo. Normalmente, gosta de me ouvir, faz perguntas. Fazia tempo que não conversava assim, também em função da minha doença, que não permitia isso.

Ele é muito inteligente! Fala sobre livros, músicas e filmes, sobre viagens, e promete que iremos passear ao ar livre assim que eu puder. Para sentir o ar fresco e ver as flores, ficar em contato com a Natureza depois desse período de internação. Ah, como tenho me sentido bem! Cada dia é uma surpresa nova para mim: não canso de perceber como agora posso andar sem me cansar, tomar um banho sem ajuda e dormir sem precisar do apoio de três travesseiros. É um milagre, um verdadeiro milagre da medicina! Não tenho falta de ar, meu coração tem ritmo de novo. Firme e forte como um guerreiro…

Começo, enfim, a contemplar meu futuro. O que antes era impossível, agora me enche de expectativa. Sonho com tudo que poderei fazer quando

sair daqui.

Não posso deixar de mencionar que Kilaim sempre está nesses sonhos. Ainda não sei se ele vem me ver por mim, ou se está apegado ao fato de que o coração de sua amada mãe esteja dentro do meu peito.

Por ora, isso não importa tanto. Adoro quando ele está aqui comigo! Sua aparição foi totalmente inesperada, e nossa amizade crescente ainda mais. Às vezes me pego pensando nele, e sorrio sem perceber…

Minha tante *está um pouco assustada com isso. Não fala nada, mas eu sei. Não quer ver-me sofrendo, mas não posso negar que estou muito feliz! Vamos ver o que acontece.*

Claire Cécille.

3

Affrontement

Kilaim levantou-se na quinta-feira ainda mais mal-humorado. A lembrança dos primeiros conceitos ia de encontro à realidade que estava vivendo.

Assim que pôs os pés na sala, o sermão que havia começado na noite do dia anterior, e do qual ele não ouviu nem a metade, continuou. Ao invés de refutar, ficou assentindo volta e meia com a cabeça, muito emburrado. Imaginava se não seria melhor morar com o *grand-père*, pai de Camille.

Monsieur Claude seria responsável pela adoção legal de Anne-Sophie, e cuidaria dela junto com *madame* Darci. O problema em morar lá é que a casa deles era um pouco pequena. Kilaim suspirou. E quando *signore* Arthuro saiu para o trabalho ele garantiu que iria logo em seguida, era só o tempo de tomar um banho; mas não foi. Ficou lendo, e quando percebeu, já tinha passado da hora do almoço.

Foi quando o telefone tocou, e ele atendeu. Ouviu a voz da secretária de *signore* Arthuro.

— *Monsieur* Mastrangello me mandou localizá-lo, *monsieur* Kilaim. Que bom que o encontrei. Vou passar a ligação para ele.

“*Merde*, *merde*, *porquoi* atendi ao telefone?”, ele pensou, pondo a mão na cabeça. Pelo visto não ia ter sossego.

— Alô? — soou a voz de *signore* Arthuro, meio áspera. — *Perché* não veio trabalhar?

— Nada de mais. Estou sem ideias.

— Como assim, está sem ideias?

— Sem ideias, *Nonno*, sem ideias. Sabe quando não adianta, nem espremendo? Amanhã garanto que elas já terão voltado.

— Mas que conversa é essa? Que falta de responsabilidade! Você sabia que seu pai nunca faltou ao trabalho?

— Eu já sei, meu pai era o protótipo da perfeição, *bien sûr*, como pude me esquecer?

— Trate de vir já pra cá!

— O *signore* pode ser o dono da *Logos*, mas não é o meu dono. Estou dizendo que não adianta eu ir trabalhar hoje. Depois eu compenso isso. Por sinal, meu compromisso não estava ligado a horários, lembra?

— Não quero desculpas esfarrapadas! Pelo menos um pouco você tem que aparecer aqui.

— *Nonno*. — Kilaim sentiu que fazia um esforço enorme para se controlar. — Estou dizendo que não estou bem hoje. É possível entender isso?

O *Nonno* puxou ar ruidosamente e também lutou para não falar demais.

— Eu espero, Kilaim, eu realmente espero… que você não jogue tudo pelos ares.

Os dois bateram o fone no gancho, cada um de seu lado, boquejando. Kilaim sentia-se irremediavelmente tenso, sem saber o que fazer. De repente, não aguentava mais ficar em casa. Refletindo acerca do que deveria fazer, bateu nele uma súbita vontade de atravessar a cidade e visitar os avós maternos. Não os via desde o enterro de Camille, e estava cheio de ficar ali ouvindo o “pai de Ethan” reclamar, quando tinha seus próprios avós para

conversar. Quem sabe conseguia um momento de relaxamento, e depois conseguiria pensar no que fazer sobre a imposição da Organização em relação à Claire.

Ele dirigiu quieto, sem músicas e sem falar sozinho. Ao chegar, estacionou na rua; e caminhou por alguns metros até o prédio. Ao tocar a campainha correspondente ao apartamento onde Camille vivera antes de se casar, obteve logo resposta. Estava com sorte.

— Alô? — veio a voz da *grand-mère* pelo interfone.

— *Ça va*? — ele respondeu. — Sou eu.

— Kilaim? — *madame* Darci estava surpresa. — Espere, *mon amour*, que estou abrindo.

O portão de entrada do prédio destravou e ele subiu as escadas sem esperar pelo elevador. Encontrou a porta do apartamento escancarada e o *grand-père* parado na soleira, sorrindo. Havia apenas uma guirlanda natalina pendurada na porta. A árvore de Natal, grande e antiga, não estava montada, nem havia enfeites sobre a mesinha de centro e no aparador perto da mesa de jantar. Seus avós gostavam muito da época de Natal, contudo, com a morte da filha deles, não havia clima para festejos. Provavelmente iriam se reunir na casa do *Nonno* para uma ceia obrigatória.

— *Bon après-midi*, Kilaim. Que surpresa! — cumprimentou *monsieur* Claude com alegria genuína em ver o filho de sua filha, dando-lhe tapinhas nas costas. E explicou: — Hoje dei aulas somente de manhã.

— *Bon après-midi*, *grand-père*. Vim fazer uma visita.

— Entre, entre. É bom ter você aqui.

Ao entrar, Kilaim fotografou imediatamente as diferenças na casa dos *grands-parents*. Uma *bomba* cheia de brinquedos parecia ter explodido no meio da sala, lançando-os aos quatro cantos. Havia roupas no encosto das poltronas, uma sacola de bebê no sofá, e o carrinho de passeio ao lado da porta. O jovem notava que era a bebê que estava dando o colorido na vida do casal idoso; sem ela, talvez a perda de Camille fosse dolorosa demais.

Madame Darci chegou logo em seguida na sala, trazendo nos braços a pequena Anne-Sophie, de quase um ano e meio.

— Oh — fez Kilaim, aproximando-se, com olhos fixos no bebê. Nunca tinha ligado para ela, mas a percepção de que era o último membro de sua família direta falou mais alto naquele instante. — Com certeza, ela cresceu. Como está corada!

— Eles crescem como bambu, essa é a verdade. E está falando bastante coisa, você precisa ver. Allanah tem vindo aqui para me ajudar, já que é muito apegada à menina, e agora que Camille… não está… — *madame* Darci se interrompeu. Depois, com um suspiro, concluiu: — Nem sei o que eu faria sem a Alannah.

Os três ficaram parados, de pé, sem saber o que dizer. Anne-Sophie salvou a situação ao se inclinar na direção de sua boneca, que estava sobre o sofá, e fazer manha querendo descer do colo da *grand-mère*. Ela se abaixou com certa dificuldade e a colocou no chão. Usando conjunto de calça de inverno amarela e casaquinho *pink* com motivos de flores, a bebê caminhou com suas próprias perninhas até a boneca, pegou-a pelos cabelos e começou a falar com ela.

— Está andando! — exclamou Kilaim, surpreso. E não sabia dizer se ela já estava andando desde antes da morte de Camille, ou se era coisa nova.

— Daqui a pouco está se casando — falou *monsieur* Claude, ajeitando-se em sua cadeira de balanço.

Kilaim viu Jojoba e Penélope deitados numa das poltronas da sala.

— *Alors*… é aqui que vocês estão? — ele falou, sem empatia.

Dos quatro gatos que haviam pertencido a seus pais, dois ainda viviam, já velhinhos, e tinham sido adotados pelos *grands-parents*. Mas ao pressentir a presença de Kilaim, Jojoba e Penélope se retiraram para outro lugar, longe dele. Ele ocupou a poltrona onde estavam (para deixar o seu cheiro).

— Como estão se saindo com ela? — perguntou Kilaim, curioso, voltando-se outra vez para a irmã, que estava tirando a roupa da boneca.

— Dar banho — Anne-Sophie explicou para ele, com suas bochechas cor-de-rosa saltando na pele branquinha. — Banho na Catarina. *Mamie* ligar o chuveiro pra eu.

— Pra mim — corrigiu *monsieur* Claude.

— Depois você dá banho na Catarina. Agora *Mamie* vai conversar com o Kim. — E voltando-se para Kilaim: — Cuidar de um bebê é coisa que uma *mére* nunca esquece.

“E pensar que mãe e filha nunca se deram”, lembrou o rapaz.

— Uma *mère* não esquece, mas depois de tantos anos, as forças é que ficam mais fracas — falou *monsieur* Claude, um pouquinho cabisbaixo. — Mas é tão bom tê-la aqui conosco…

Mais uma vez a lembrança de Camille invadiu a sala, e ninguém disse nada. Anne-Sophie sentou-se no chão e começou a colocar a roupa de volta na Catarina. Depois, foi mexer nos seus brinquedos, procurando dentro de um enorme baú colorido e colocando à frente da Catarina vários pratos, talheres, copinhos para fazer comidinha. Ela levantava, com seu bumbum-de-fralda gigante, apoiando-se no sofá, e andava com segurança para reunir tudo o que queria.

— Ela espalha tudo, pelo visto está ainda pior. Eles deveriam ficar mais tempo restritos ao berço — comentou o jovem com o semblante sério, sem muito bom senso. — Vocês não contrataram uma babá, ou coisa parecida?

— Alannah nos ajuda muito. Até dorme aqui, de vez em quando.

— Mas Alannah tem a vida dela. Não pode estar aqui sempre. Vocês têm que arrumar alguém que fique aqui, como vão dar conta dessa bagunça?

— Por ora está tudo bem — garantiu *madame* Darci. — Ela traz vida para a nossa casa.

— Vai jantar conosco? — quis saber *monsieur* Claude, depois de alguns segundos, retomando a rédea da conversa.

— *Oui*, acho que sim.

— Vou preparar algo bem gostoso para você — prometeu *madame* Darci. — Preciso ver se tenho tudo aqui em casa, ou se vou pedir para entregarem.

Ela deu meia-volta e foi, diligente, remexer nos armários da cozinha. Quanto a *monsieur* Claude, levantou-se para buscar um jogo de xadrez que queria dar de presente a Kilaim. Entrou em sua saleta, onde guardava décadas de coisas pessoais, escopos de provas e trabalhos de seus alunos, discos antigos de vinil, fotografias, quinquilharias, um globo com luz por dentro e verdadeiras montanhas de livros — a maioria com uma fina camada de pó por cima.

— É uma obra de arte — ele explicava, de lá de dentro, referindo-se ao jogo. — As peças, todas esculpidas, foram inspiradas em ícones medievais e o tabuleiro imita as paredes e torres de um castelo, é muito bonito. Ganhei de um aluno da pós-graduação. Sei que você gosta muito de xadrez, então o jogo será seu.

Kilaim ouvia o barulho de caixas e coisas sendo postas para fora.

— Onde foi que eu guardei o bendito xadrez? — *monsieur* Claude falava para si mesmo.

Depois de alguns minutos, o *grand-père* gritou:

— Venha aqui me ajudar!

Kilaim se ergueu da poltrona e, seguindo a regra de ouro que lhe tinham ensinado — “Nunca deixar o bebê sozinho” —, colocou Anne-Sophie no cadeirão, sem explicar por que o fazia, interrompendo a brincadeira abruptamente. O resultado foi um protesto imediato, acompanhado de choradeira.

Na saleta, os dois esperaram que *madame* Darci acudisse e resolvesse a situação, mas como ela estava ocupada, o *grand-père* é que voltou correndo

para a sala de estar. Ele tentou acalmá-la com um brinquedo, mas não adiantou. Pelo visto, estava já ficando bem mimada. Depois de alguns minutos de gritaria, Kilaim é que começou a se irritar. Ele se sentou na poltrona dos gatos (para deixar mais cheiro) e ficou olhando a cena que não se resolvia. Tinha vindo tentar espairecer a cabeça, relaxar um pouco, esquecer-se dos gritos do *Nonno*. E agora dava de cara com mais gritos.

— Calma, calma, *bébé* linda! — cantarolava *monsieur* Claude, desafinado.

— Acho que não está adiantando nada — reclamou Kilaim com maus modos.

Ele pegou Anne-Sophie no colo. Mais gritos. Mais choradeira. Contorções.

— Olha só que brinquedo mais lindo você tem. Não quer brincar? — continuava o pai de Camille, estendendo uma bola.

O brinquedo foi arremessado longe.

— Sacripanta! — Kilaim sentia o choro furando o seu ouvido. E a imagem surgiu na mente dele: faria um favor ao Mundo matando aquele bebê chato num ritual.

— Bebezinho lindo…

"*Pretty little baby*, *oui*, para ser morto!", Kilaim estava começando a ficar furioso. "*Cachu*!"

De repente sua *grand-mère* saiu da cozinha e veio em socorro de *monsieur* Claude.

— As *mères* nunca se esquecem, já os *pères*… — Ela sorria para o marido, meneando a cabeça, e pegou Anne-Sophie. — *Porquoi* ela começou a chorar?

— *Parce que* eu a coloquei no caldeirão. E agora essa buzina não acaba mais!

Ao invés das bochechas róseas, agora a cara inteira de Anne-Sophie se parecia com uma queimadura de sol inflamada.

— Mas colocou Anne-Sophie no caldeirão e estragou o almoço da Catarina? *Mon Dieu*, Catarina ficou com fome? — falou *madame* Darci para Anne-Sophie.

Ela pôs a criança no chão perto dos brinquedos do almoço, e as lágrimas, os soluços e a choradeira imediatamente cessaram.

"Que pena ela não ter tido o mesmo jeito com Camille", pensou Kilaim de novo, afundando em sua poltrona ainda mais.

Monsieur Claude, aliviado, voltou a procurar o xadrez, e Kilaim ficou observando a irmã de nariz torcido. Por fim, o *grand-père* voltou para a sala de estar.

— Olhe só como é bonito.

Kilaim se esticou e examinou as peças do jogo de xadrez, lindas. Gostou particularmente do cavalo, empinando as patas dianteiras e com um cavaleiro nas costas.

— É bonito mesmo! *Merci*!

— Quer jogar uma partida?

Arrumado o tabuleiro sobre a mesinha de centro, durante um tempo eles ficaram entretidos, sem falar quase nada, olhando fixo para o tabuleiro. Mas não demorou muito, e Kilaim tombou o rei adversário.

— Você é muito rápido — reclamou o *grand-père*.

— Fui bonzinho hoje.

Nem repararam que Anne-Sophie tinha saído da sala e ido para a cozinha atrás da *Mamie*. Não demorou e a senhora apareceu na porta da cozinha.

— Não posso cozinhar coisas gostosas com ela por lá.

Monsieur Claude tinha acabado de ir atender ao telefone, então ela fez o que Kilaim não esperava.

— Olhe, Kim, que tal você tentar distrair a sua irmã um pouco enquanto eu estou na cozinha?

Madame Darci enfiou Anne-Sophie nos braços de Kilaim.

— *Voilà, mon amour*. Cuide um pouco dela.

— Mas… *alors*…

Ele foi obrigado a pegar Anne-Sophie no colo. Não gostava de bebês no seu colo; só gostava deles longe, e por um período cronometrado de tempo. O tipo irmão-mais-velho-responsável não era o seu tipo. Já esperando por uma nova crise de choradeira — e não gostando nada daquele cheirinho de bebê no seu nariz —, olhou para ela com certa antipatia. Mas, estranhamente, a criança olhou para ele de volta, e sorriu. Aquele sorriso de dentinhos minúsculos, puro, límpido, inocente.

Kilaim sentiu a raiva esvair como se as comportas de uma barragem fossem abertas. E ficou olhando aqueles dentinhos, aquelas bochechas rechonchudas e rosadas, aqueles olhos.

Os olhos eram claros como os de Camille. Mas era a pureza que mexia com ele.

"*Comme elle est mignon*…", admitiu.

Kilaim ajeitou a irmã nos joelhos virada para ele, e olhava quase como se nunca a tivesse visto. De fato, nunca tinha chegado muito perto dela quando todos moravam na casa dos seus pais. Ele tinha um ciúme doentio. Mas agora, ali, em outro contexto, de repente parecia que a enxergava pela primeira vez.

"Você tem alguma coisa que eu nunca tive… *c´est ça.*"

E continuava a olhar em seus olhos. Lembrou-se da garota do *Hôpital*, da que comemorava o primeiro aniversário do diagnóstico de câncer. Ela tinha o mesmo olhar de sua irmã: puro.

"Essas crianças têm algo que eu nunca tive."

Anne-Sophie começou a puxar a gola de sua camiseta.

"Como será que vai ser a sua vida? Será que você vai ser como eu?"

Ela continuava puxando a gola dele e falando sozinha.

"Ou será que você vai ser pior do que eu? Que escolhas vai fazer na vida, com quem vai andar? Será que vai ser rejeitada como eu estou sendo,

por aqueles que dizem te amar? E será que vai se apaixonar por alguém, e esse será um amor impossível?”

Monsieur Claude desligou o telefone, arrumou uma música no aparelho de MP3 e voltou para o sofá.

— Acho que vou levar a Anne para dar uma volta! — anunciou Kilaim, decidido, levantando-se.

— Mas, já? — indagou o *grand-père*.

— Está um sol lindo de fim de tarde, ela precisa pegar sol, *n´est-ce pas*? Acho que eu vou levá-la até a pracinha.

— *D´accord*. Espere enquanto ajeito o carrinho.

O carrinho de Anne-Sophie era cor-de-rosa e tinha capotinha. Parecia carrinho de boneca. Kilaim acomodou a irmã dentro e despediu-se, feliz em sair sozinho com ela, o que nunca tinha feito. Desceu de elevador e saiu cantarolando uma música aprendida com Lucipher, atraindo olhares de aprovação de quem cruzava com ele na rua. Os olhares diziam que estavam satisfeitos com o rapaz “mais lindo, mais gentil, mais simpático, mais maravilhoso e mais prestativo” que existia.

Kilaim não costumava ter tantos olhares de aprovação assim, não daquele jeito, e desfilou orgulhoso, ainda que um pouco curvado para frente dadas as dimensões diminutas do carrinho — mais projetado para *mères* do que para ele.

Mas as mulheres não pareciam notar esse detalhe, e se derretiam em sorrisos.

Na pracinha, ele se sentou em um banco de jardim e ajeitou o encosto do carrinho para que Anne ficasse bem reta. Então resolveu conversar com ela, mas a sua conversa se restringia a perguntas para as quais ela não tinha resposta, nem ele. E sempre que ela ria e olhava no seu rosto, Kilaim se lembrava da menina do *Hôpital*. Ficou meio emocionado sem nem saber por quê.

Ficou ali um tempo, aproveitando o sol; depois passeou pela praça levando-a pela mão, envergado para o lado dela. Contornou as árvores, mostrando os pombos para Anne-Sophie.

— Da próxima vez, traremos pão. Você quer?

Foi a primeira vez que se dirigiu diretamente à irmã.

— Quero — foi a resposta.

Kilaim engoliu a emoção. Ela era a única pessoa que restava de sua família próxima, constatou mais uma vez. Um laço novo parecia se formar entre eles; algo que nunca existira. Depois de mais ou menos uma hora, o ar ficou fresco demais e ele achou melhor retornar ao apartamento. De dentro vinha um cheiro gostoso de bolo, que *madame* Darci tinha colocado no forno especialmente para ele, além de cheiro de carne assada no forno.

Kilaim nem notou.

— *Grand-mère*, estou indo.

— *Mon amour*, mas já? Você não ia ficar para o jantar?

Monsieur Claude também tinha um ar de interrogação no rosto.

— Ah, fica para uma próxima vez. Virei de novo para levar a Anne na pracinha.

— Mas que pena. Está bem.

Kilaim se deixou abraçar e desceu a escada correndo.

— *A bientôt*! — gritou.

Ele já sabia o que fazer. Anne-Sophie era amada. A garota do *Hôpital* era amada. Não era justo que ele não fosse amado, muito menos que não pudesse amar. E o pior de tudo era ser tratado com tanto desdém.

* * *

Esperou o horário certo. Três da manhã, o horário de Lucipher. E tinha que ser na casa de seus pais. Para não se complicar, desta vez avisou *signore* Arthuro alegando que queria tocar piano, e iria dormir por lá.

A casa estava em completo silêncio, coberta de sombras. Enquanto o relógio não dava as suas badaladas Kilaim ficou deitado no sofá, completamente imóvel. Sua mente, no entanto, estava inquieta. Ele relembrava, sem parar, das argumentações do Príncipe. Elas ficaram martelando em sua mente como o martelo do ferreiro em sua bigorna.

Outro encontro com o seu pai passeou diante dos olhos de Kilaim, como um filme visto mais uma vez.

* * *

“Filho do Fogo, o Fogo não queima. Filho do Mal, o Mal não toca. Se eu sou o protótipo do Mal, os que têm aliança comigo estão isentos dos meus açoites. E quem se torna meu filho? Quem se torna filho do Mal? Aqueles que são convidados por mim e, de mente aberta, aceitam esse convite. Através da unidade do meu Grupo, somos invencíveis”, havia Lucipher lhe ensinado, anos antes.

Kilaim queria muito poder perguntar, e mal esperava o término das explicações.

“Mas, invencíveis de que maneira?”, ele esganiçou assim que pôde. “O que isso quer dizer? Se eu aceitasse seu convite, como me tornaria invencível?”

“Quando você cruza a fronteira daquelas malfadadas doutrinas castradoras que citei antes, e deixa de negar-se a si mesmo, de depender de Deus, de aceitar o sofrimento esperando uma recompensa maior posterior, de viver aceitando os ‘nãos’ e as privações, você se liberta. A libertação começa na mente. Depois disso, aceitando a minha ajuda, você começa a trilhar um novo caminho e rejeita Aquele que eu também rejeitei para dar espaço a uma nova vida. Claro que não adiantaria você fazer isso sozinho, porque ficaria à deriva no mundo. Os filhos precisam do apoio de um Grupo de pessoas, e também do apoio dos que rejeitaram Deus — os demônios.”

“Mas isso me tornaria invencível? Como posso acreditar nisso?”

“Eu expliquei a ela. Deus não é o que diz ser. Se Ele é o Criador de todas as coisas, é também o Criador da mentira. Pois é um ‘Pai’ que se diverte com o sofrimento da Criação. Não se permita ser enganado por Ele, venha comigo e eu mostrarei a você. Porque o que estou dizendo grita alto no seu interior, assim como gritou no coração de milhares, de milhões ao longo da história da Humanidade, e especialmente nos dias atuais.”

“Então me diga o que, exatamente, você oferece.”

“Você não veio ao Mundo para sofrer. Deseja condenar sua existência à mediocridade? Pior: à nulidade! Sei que deseja conhecer o Mundo e obter o que ele tem de melhor para oferecer. É isso que posso proporcionar aos meus adeptos: uma vida plena. Você não prefere comer as melhores comidas, possuir os melhores carros, fazer os melhores cruzeiros de navio, desfrutar das melhores casas e das melhores roupas?”

Kilaim teve que sorrir maliciosamente.

“E você faz tudo isso porque é bom? Porque ama o Homem?”

“Por que as pessoas fazem amizade, ou se casam? Porque se identificam uma com a outra. E eu me identifico com o Homem. Mas, como você já sabe, eu não escolho todos; somente os melhores. E naturalmente há um preço a ser pago. Em primeiro lugar, você terá que manter segredo de tudo isso, pois o segredo do sucesso é dado àqueles que buscam o sucesso, e que acreditam nele. E não aos porcos, aos ingratos, a pessoas que não merecem privilégios. O resguardo dos segredos visa proteger o Grupo, que precisa ser invisível, e não pode ser defraudado em nenhuma hipótese, sob a pena de pagamento com a própria vida. Essa é uma lei de obediência que precisa conhecer logo de início, antes de fazer seus votos.”

“Somente isso?”, Kilaim sorriu de novo.

O Príncipe retribuiu seu sorriso.

“Eu sei que você não tem medo”, falou o demônio.

“*Porquoi* teria medo? Alguém só tem medo daquilo que desconhece, *n’est-ce pas*? E eu conheço você.”

“Precisamente. Essa conversa é meramente um meio para que eu mostre o que posso oferecer; nada mais. Porque você já é meu filho. Eu te gerei. Mas você tem que tomar sua decisão de seguir adiante.”

“Eu já tenho meios de ter uma vida plena. Minha família é muito rica.”

“Não é só uma questão de dinheiro. Você acha que vida plena é só dinheiro? E se você quiser o amor de uma mulher? E se quiser que o vizinho morra?”

Kilaim riu.

“Estou falando de poder; poder de verdade, que só é alcançado pela parceria”, completou o Príncipe. “O verdadeiro poder tem muitas esferas. Há quem se contente em oferecer uma garrafa de bebida na encruzilhada para um demoniozinho; e acham que isso é feitiço. Só que existe *outro* tipo de poder, incalculável. Algo com que você nunca ousou sonhar, decorrente de uma hierarquia a ser galgada, decorrente de aliança com os principados do inferno, os demônios mais poderosos. Isso o dinheiro não compra. Você já imaginou o que poderia fazer, se eu o capacitasse para tal? Tem alguma ideia?”

Lucipher deixou sua voz gravíssima derreter no ar.

“Você quer dizer que eu seria um bruxo?”, indagou Kilaim, por fim, agora muito mais interessado.

“Isso é somente uma nomenclatura. Lembra-se dos magos do Egito, que confrontaram o poder de Moisés? Acha que eles tinham pouco poder, ou muito? Eram pessoas aliançadas com a alta patente do inferno. Mesmo assim, ainda era um poder embrionário; hoje, algo ainda maior está à disposição dos que têm coragem.”

“Como posso galgar esse poder?”, Kilaim estava impressionado.

“Para isso, as portas espirituais têm que ser abertas. Esse é o segredo. Conhecer o modo como as portas se abrem é trazer ao Homem mais

inteligência, mais capacitações, mais poder de persuasão sobre o seu meio social, mais poder de influência. Isso é o que transforma uma vida medíocre e limitada em uma vida abundante de fato, não no sentido semântico apenas, mas literal."

"E como as portas espirituais se abrem?"

"Os ritos existem para fazer isso. Deus tinha Seus ritos também. Já parou para pensar que o rito sacrifício foi ensinado ao Homem por Deus, e não por mim?"

"A que você se refere? Aos rituais levíticos descritos na Bíblia, no Velho Testamento?"

"Não apenas. Deus se agradou do sacrifício antes de qualquer outro, desde quando Abel ofereceu sangue e sua oferenda agradou a Deus, ao passo que a de Caim, do fruto da terra, não. A questão do sacrifício perdura desde então. Depois que os israelitas saíram do cativeiro egípcio e foi dada a direção de se construir o Tabernáculo, Deus continuou mostrando a necessidade de derramar sangue inocente. Os sacrifícios de animais praticados pelos sacerdotes, dentro de contexto ritual, trazia a presença de Deus para dentro do Tabernáculo. Fica implícito que, na ausência dos ritos, a presença de Deus não se manifestaria."

Kilaim ficou pensando. Havia mais, bem mais a dizer sobre os ritos; porém, naquela época, ele aceitou aquela explicação.

"Deus mostrou que, sem os ritos, não poderia haver um canal entre Ele e os homens. A equação é sempre a mesma: para haver relacionamento, primeiro as portas espirituais precisam ser abertas. Mais adiante na história, Deus entrega em sacrifício o Seu Filho."

"E de que adiantou Deus entregar o Filho? Os que se dizem cristãos estão sempre muito aquém do esperado."

"Fato. É só olhar à sua volta. Quem O segue? Quem consegue atingir Seus altos padrões de conduta? Ele mesmo diz que 'Aquele que perseverar *até o fim*, esse será salvo'. Até o fim."

“E quem persevera até o fim?”

“Poucos. Quase ninguém. O Céu deve ser um verdadeiro marasmo.”

Kilaim riu com gosto.

“Todos vão estar no inferno.”

“Então, lembre-se: eu também ensinei aos meus a importância do sacrifício ritual ao longo das gerações. Com a diferença de que eu espero sempre sacrifícios humanos.”

“*Porquoi*?”

“O porquê fica para depois. Pense a respeito. Não é tão difícil entender a chave do segredo. Todos os povos da Antiguidade aprenderam a fazer uso desta prática: os egípcios, os babilônios, os assírios, os celtas, os incas, os maias, os astecas, e também os povos contemporâneos aos israelitas, dentre outros.”

“E por que você está aqui falando comigo se eu não ofereci ainda nenhum sacrifício?”

“Eu te gerei. Você é alguém que nasceu com o propósito de viver ao meu lado, de usufruir de minha presença. Mas é claro que também tem o direito de fazer suas escolhas. Se quiser crescer e atingir toda a sua plenitude, terá que escolher me acompanhar e realizar os rituais no seu devido tempo, estabelecendo espontaneamente aliança comigo.”

“E se eu não quiser?”

Era uma pergunta da boca para fora. Kilaim estava com nove anos, e desejava ir adiante.

“Amanhã virei vê-lo novamente”, foi a resposta do Príncipe.

Kilaim esteve pensativo até o dia seguinte, ansiando pela vinda dele.

Quando chegou, foi muito diferente de todas as outras vezes. Na clareira, Lucipher se materializou pela primeira vez. Não se tratava de uma visão. Kilaim o vislumbrou à sua frente, só que não tão grande, com vários metros de altura. Era ainda grande, forte, imponente — o que mantinha o respeito —, mas sua altura excedia a de Kilaim apenas em cerca de trinta

centímetros. Essa forma os aproximava. Não era uma visão; ele era real. Estava ali.

Os olhos negros de Lucipher, magnéticos. Ficaram olhando direto nos dele durante algum tempo, como se sugassem a sua essência.

Kilaim ficou quieto, parado. Por um lado, estava perplexo de alegria, sentindo-se muito honrado. Por outro, não sabia exatamente como deveria proceder. Então, arriscou um cumprimento:

“Seja bem-vindo, ó, grande Príncipe, meu pai”, disse, com reverência.

“Que a Sombra te cubra”, foi a resposta. E estendeu a mão esquerda na direção de Kilaim.

Kilaim estendeu a sua mão esquerda prontamente. Poderia tocá-lo? A palma fria de Lucipher era absolutamente real, e o seu aperto, firme. Kilaim sorriu, e Lucipher retribuiu o sorriso, sem desviar os olhos. A entidade envolveu a mão esquerda de Kilaim também com a sua direita, igualmente gelada, e puxou-o levemente para si com ambas as mãos.

“Você está pronto para mergulhar na Escuridão?”

Os olhos negros de Lucipher, e as suas mãos, mantinham Kilaim fito nele. Um leve movimento com a cabeça deu a resposta que o demônio queria ouvir.

“Hoje é a primeira Lua de sangue. E somente os corajosos podem caminhar por onde os olhos não veem. Eu vou te guiar por esse caminho, vou te guiar no meio da Escuridão. Muitos batem à minha porta querendo entrar, mas eu não os conheço. Os amigos são convidados a entrar, e me conhecem; mas somente aos filhos é dada a chave do meu reino. E eu vou dá-la a você.”

Aproximou a mão esquerda de Kilaim para perto dos lábios, e assoprou. Conforme ele perceberia, surpreso, ali ficou indelével a marca de Lucipher. Um sinal do chifre. A entrada para a nova vida.

Mais uma vez o olhar muito profundo do Príncipe buscou os olhos de Kilaim, que desviou a vista da mão e novamente olhou para ele.

“Esse é o meu sinete. Esse sinal será notado por aqueles que tudo veem; e você terá acesso ao meu reino. As portas abrir-se-ão para você.”

Lucipher curvou-se um pouco. Os negros olhos de abismo afundaram-se nos de Kilaim, que sustentou o olhar sem medo, fixamente; até que os dois brilharam na mesma negritude, do mesmo modo, como pai e filho. Pupilas idênticas, do mesmo tamanho. E a mesma cor de olhos, cor de petróleo.

Então, no reflexo dos olhos de Kilaim, de repente, a presença de Lucipher esvaiu-se como fumaça, com incrível rapidez.

Porque não estava sujeita às leis da física.

* * *

Pouco antes que o relógio de carrilhão batesse as horas, Kilaim se adiantou, interrompendo o fluir das lembranças e fechando o casaco de moletom até em cima. Ao sair pela porta da frente, colocou o capuz na cabeça e caminhou com passos decididos na direção do bosque. Estava muito convicto do que iria fazer a seguir. Ele cumprira seus deveres para com as entidades e o Grupo; agora reivindicaria seus direitos.

Ele crescera muito, não apenas em estatura, mas em poder. Aquele poder do qual Lucipher falara, e ao qual ele se entregara de corpo e alma, fazia parte dele. Não seria agora tratado como uma criança ignorante, que apenas obedece. Se ele servisse a Deus, talvez não houvesse um modo de refutar, mas ele não servia a Deus.

A noite estava clara, estrelada, mas fazia muito frio. Das narinas de Kilaim saíam baforadas imensas enquanto ele caminhava apressadamente, quase correndo, tirando da frente galhos incômodos que teimavam em enroscar na sua roupa.

Chegando ao local costumeiro, ergueu a voz e invocou ao pai, como tantas vezes fizera antes, ao ter necessidade da presença do Príncipe. O pentagrama de ouro com pedras preciosas pendia de seu pescoço.

Não demorou muito. Começou a sentir a energia de Lucipher ao redor, perto dele.

— *Noco Mada, hoathahe Saitan*! — disse Kilaim, por fim. — *Cicale Quaa*.

Ele estava à sua frente. De repente, os contornos escuros ganharam forma, e Lucipher apareceu, mostrando sua figura impressionante.

— *Hashababy* — respondeu o demônio.

O tom de voz combinava com o olhar: duro e frio. Não era a presença agradável de sempre. Lucipher, é óbvio, estava a par de tudo que estava acontecendo. Mesmo assim, Kilaim não pretendia recuar.

— Aquele seu sumo sacerdotezinho de *merde* passou dos limites comigo! Zor pode ter sido escolhido para ser meu mestre, mas ele é — sempre foi — somente um coadjuvante.

Kilaim usou do mesmo tom de voz: duro e frio.

— Ele fez o que foi instruído a fazer.

— Não é possível que meu pai haverá de endossar essa atitude!

O Príncipe olhou para Kilaim longamente, como se pudesse devorá-lo com os olhos. Kilaim sabia que estava sendo bastante arrogante, uma vez que agora já estava bem ciente de que a ordem em relação a Claire partira de Lucipher.

O demônio procurou falar brandamente, apesar de seus olhos dizerem o contrário.

— Você bem sabe para o que foi chamado. Preciso lhe dizer, mais uma vez, do seu destino?

Apesar da suposta brandura, Lucipher usava de uma seriedade na voz que não era comum.

— Vai de novo me falar sobre o voo?

— O voo é tudo!

— Não estou dizendo que não quero voar. *My Lord* não entende? Eu não quero ser privado de minha liberdade pessoal. Justo tu me condena, tu,

para quem a liberdade tem tanto valor!

— Você é livre, meu filho. E foi chamado para alçar os mais altos voos. O piloto é um indivíduo que conduz aeronaves, profissionalmente ou por prazer. Diga-me, qual é o aviador que tem maior habilidade? O do teco-teco, o do helicóptero… um jatinho particular, um *fokker* 100…

Kilaim se mordia para não interromper o Príncipe, e cometer um sacrilégio.

— … um *Boeing*, um *Airbus* intercontinental…

— UM FOGUETE! — vociferou Kilaim, tentando esconder sua impaciência e irritação.

Não era hora de deixar o Príncipe irado. Eles tinham que entrar num acordo definitivo.

— Está bem. Um foguete. Mas você concorda que todos são pilotos? Eles têm a mesma base. Só que o piloto de jatinho e o piloto de *Airbus* têm treinamentos diferentes e ocupam uma hierarquia própria. O segundo é um piloto de alto padrão. Trazendo esse exemplo para a nossa realidade, só pelo fato de alguém ser recrutado para fazer parte da Organização, isso já significa que tal pessoa não vai pilotar um avião comum. É como se ela entrasse para a mais seleta escola de cadetes da Aeronáutica. Porque ninguém vem ao Grupo por vontade própria; pelo contrário, a decisão cabe a mim. Quem vem a mim, vem mediante o meu convite.

— *Je sais, mon père* — Kilaim suspirou. — Eu já sei.

— Imagine agora que a pessoa da “Escola de Aeronáutica” começa direto com um caça. Seu treinamento é militar, específico para a guerra. Sabia que o piloto militar que conseguir abater no mínimo cinco aeronaves inimigas é denominado um ás da aviação? Você, meu filho, tem aprendido feitiçaria de combate; está entre os melhores. Não faz parte dessa “bruxaria mercantilista”, procurada e contratada por pessoas que querem se vingar do patrão, ou conquistar um amor por meio de vodu e encantamentos fajutos, que procuram um suposto “feiticeiro” e o pagam com mixarias para obter o

que querem. Você não é um *wiccano* que compra seus livros na banca de jornais, você não é um ‘pai de santo’ que invoca orixás, não faz parte das seitas vermelhas do Haiti, não prediz o futuro lendo a borra do café, não pinta túmulos com símbolos satânicos porque faz parte de alguma seita sectária de fundo de quintal. Muitos se dizem feiticeiros, sem o ser; se dizem conhecedores da Magia, sem ter a mínima ideia do que estão falando, porque não têm aliança comigo. Deus também diz o mesmo, já esqueceu? “Nem todo aquele que Me diz: ‘Senhor, Senhor’, entrará no Reino dos Céus, mas apenas aquele que faz a vontade de Meu Pai que está nos Céus. Muitos Me dirão naquele dia: ‘Senhor, Senhor, não profetizamos em Teu nome? Em Teu nome não expulsamos demônios e não realizamos muitos milagres?’. E Eu lhes direi claramente: Nunca os conheci. Afastem-se de Mim, vós que praticais o mal!” Quanto a você, Kill, digo isso para que se lembre. Lembre-se de que o privilégio que eu te dei — que *dou* aos meus filhos — é único.

— *My Lord… je sais…*

— Desde o início seu treinamento não foi convencional. Você recebeu o melhor do conhecimento base, teve acesso a todas as estratégias de combate, recebeu os mais poderosos armamentos e uma aeronave que pode ser levada ao limite de seu potencial mesmo nas condições mais extremas. Desde que saiba como manejá-la. Se você for um só com ela. Você — o piloto — tem aprendido a voar comigo — o caça. Você é Jonh Boyd…

Kilaim sorriu à menção do piloto de caça que mudou a história do combate aéreo.

— … e eu sou o melhor Caça — continuou Lucipher. — E ainda mais, eu sou o foguete que te leva para fora da órbita terrestre, até mesmo a outros planetas, e isso te traz uma percepção da realidade muito diferente da que tem um piloto civil, ou até mesmo de um piloto militar de caça. Dentro do foguete, você experimenta sensações ímpares que mais nenhum piloto prova, como, por exemplo, a ausência de gravidade. Você tem vivido isso.

Kilaim baixou a cabeça, um pouco mais calmo.

— Eu sei que tenho sido grandemente privilegiado. Você não é apenas meu pai, mas tem sido meu mestre e tenho orgulho de caminhar contigo. Sem teus ensinamentos, eu não estaria onde estou; não teria chegado aonde cheguei. Mas…

— Pretende arriscar tudo por causa dessa moça? Pôr tudo a perder?

A voz do Príncipe soou tonitruante de repente.

— Quero ter o direito de amar Claire. Não podem me proibir disso! Justo você quer me impor limites, indo contra tudo que prega?

— Você está confundindo seus sentimentos e misturando as coisas. Está deixando os sentimentos por Camille turvarem seu discernimento.

— Sei bem o que sinto!

— Estou lhe dizendo que um relacionamento com essa mulher só vai te trazer arrependimento e frustração.

— Desejo viver a experiência por minha própria conta.

— Estou lhe dizendo que você *não a conhece* para agir dessa maneira insensata.

— *Voilà*! Se não a conheço, *alors*, estou livre para conhecê-la?

— NÃO.

— Está me proibindo?! — Kilaim bateu uma mão na outra. — Gostaria de ter a chance de buscar minhas próprias opiniões sobre Claire.

— Então você irá buscá-las no inferno, pois é para lá que essa moça vai se você insistir em procurá-la.

— Está me *ameaçando*? — Kilaim estava furioso. Perdeu a cabeça: — Está ameaçando matar a mulher que eu amo, mais uma vez?

— Para tudo existe um limite. Uma fronteira.

O vento varreu tudo à volta, numa chicotada impressionante, que deixou parte da vegetação queimada.

— Não ouse cruzar a fronteira.

Aquilo tinha o tom do fim, em vários sentidos. No segundo seguinte, a clareira estava vazia.

* * *

DIÁRIO DE CLAIRE

Ele não tem vindo me ver. Estou desolada. Que lhe terá acontecido?

Pode ser que haja meios de encontrá-lo através dos cadastros de doação de órgãos, mas não sei se poderia convencer alguém a me fornecer o endereço. Tante *Charlotte não me encoraja, pelo contrário… parece que se sente muito assustada com essa situação. Faz de tudo para me alegrar e insiste em que me concentre apenas na recuperação da cirurgia. Mas está sendo difícil.*

No fundo, sei que ela está certa. Kilaim não me deve nada. Acho que ele percebeu melhor o que eu sou, apenas uma garota doente que ficou com o coração da mãe dele. Por um lado, é mórbido. Mas ele queria tanto saber a quem o órgão foi doado que, agora, para mim, é difícil ver que deseja apenas seguir o seu caminho e retomar a sua vida. Sem mim.

Quem pode culpá-lo?

Sinto tanto a sua falta, tanto! Que chega a doer. Tudo que eu queria era vê-lo outra vez, ouvir sua voz.

Estava para ter alta, porém há dois dias comecei a urinar muito pouco. Significava que meu sistema renal estava em sofrimento. As lesões renais podem ocorrer após o transplante em função do uso de medicamentos muito tóxicos, mas são eles que fazem a imunossupressão. O sucesso do transplante depende dessa inibição da ação do meu sistema imune; caso contrário, ele iria atacar o coração novo.

Quando a minha função renal diminuiu, a droga mais nefrotóxica foi diminuída e reajustada. E fiquei bem. A imunossupressão de forma geral

irá diminuir à medida que o tempo passa, de acordo com o meu estado clínico e o resultado das biópsias.

Sofri alguns danos no fígado, também por causa da toxicidade das drogas. Houve elevação das minhas enzimas hepáticas e também das bilirrubinas, o que me deixou meio amarela. Mas foi transitório. Poderei passar o Natal em casa.

Mas sinto-me triste às vezes, como se o brilho da vida estivesse turvo apesar do sucesso do transplante. Afinal, não apenas consegui uma doadora compatível, como conheci o filho desta mulher. O qual, ouso dizer, tenho aprendido a amar…

Por mais que me esforce para ir adiante e continuar a fazer planos para minha nova vida, Kilaim está sempre em meus pensamentos. A ausência dele não está me fazendo bem, pois tive febre nos últimos dias, o que deixou o doutor muito preocupado. Fui direto para o isolamento, e me encheram de antibióticos.

Oh, eu sei que não era hora de me apaixonar, mas quem pode mandar no coração? Especialmente neste, que tem parte do DNA de meu amor?

Estão trazendo minha janta, mas não tenho fome.

Queria ver Kilaim…

Claire Cécille.

4

Chasse

Dias depois, deitado no quarto que o *Nonno* havia preparado em sua casa para ele, Kilaim olhava o teto, quieto. E refletia. Oscilava entre a vontade de ser novamente aceito pelo Grupo e a irritação que lhe causavam as imposições. Não podia evitar, e ficava difícil saber o que realmente estava sentindo. Ainda mais com a *Saturnália* chegando. O ápice aconteceria em 25 de dezembro, o que significava que ele tinha que estar pronto.

Seu poder tinha que se renovar. Kilaim sabia que era imprescindível. Porém, pela primeira vez, sentia-se arredio, com vontade de mandar tudo e todos para o inferno. Literalmente. Só que, é claro, ele não podia fazer isso. Esse era outro fato inequívoco, do qual não havia escapatória. Por ora, tinha que concordar, e respeitar as ordens.

O dia certo para capturar a presa se aproximava. Seria no primeiro dia da Lua Nova, ou seja, na noite seguinte. Faltava pouco.

Amuado, Kilaim virou-se de lado, para o canto da parede. Estava com muito sono agora, pois a madrugada já ia avançada; na verdade, sentia um sono descomunal, o que era bem estranho.

* * *

Era noite de Lua Nova. Muito escura.

A escuridão pairava sobre um vasto campo cheio de gelo. No campo, perto do lago, os salgueiros pendiam sobre a água, pesados. A árvore das bruxas, inspiração dos sonhos, de músicas e encantamentos, era amiga da Lua. Esperava, paciente, pela sua volta, quando teria luz novamente sobre seus galhos.

Ao redor, as florestas sagradas eram açoitadas pelo frio e pelo vento. Era o dia de Mithra, o *Solis Invictus*, no solstício de Inverno. Talvez o deus ainda aparecesse no campo, um jovem montado sobre o touro primordial, com sua adaga à mão, pronto para degolá-lo. Contava-se que o sacerdote druida o tinha visto. Mithra, o deus da luz, o *ahura* dos guerreiros, marcava mudanças cósmicas importantes. Por isso, aquela não era uma noite comum. Esperava-se por uma fagulha, tão intensa que iria queimar e culminar em grande fogo. O nascimento de um elo importante.

Na floresta sagrada de carvalhos floresciam também pinheiros silvestres, macieiras, azevinhos, teixos e aveleiras, muitos deles cobertos por hera, todas elas árvores dos deuses, expectadoras silenciosas. No meio, havia uma clareira circular. Ali o vento era mais ameno, quase silencioso.

As bordas da clareira tinham sido emolduradas por flores silvestres, e um grupo de pessoas, algumas poucas dezenas, estava reunido. Celtas, na maioria, e alguns sacerdotes druidas. As suas túnicas brancas, bordadas com desenhos dourados — estrelas, luas, sóis —, estavam iluminadas pelo fogo, aceso bem ao centro. O calor que emanava da fogueira enorme fez o frio ficar apagado como uma pintura desbotada, sem vida.

Era bom, pois o inverno irlandês parecia mais rigoroso que de costume, e ali, não muito distante da costa, do penhasco de Moher, a umidade quase congelava no ar. Era o ano 312 da Era Cristã. Ceridwen, a deusa da Lua,

assistia aos preparativos ao lado de Dewi, o dragão vermelho. Dannan juntou-se a eles. De sua boca saiam água e baforadas de vapor frio.

Os antigos instrumentos de sopro, os pífaros, começaram a tocar, acompanhados por tambores. As mulheres dançavam de forma cadenciada em torno da fogueira, exibindo sua graça na coreografia requerida. Eram todas muito jovens, quase meninas.

Aine, a deusa das fadas, do amor, da beleza e da fertilidade, olhava, espreitando por entre a folhagem. Então, não resistiu e correu. Pôs-se a dançar também no Círculo das Fadas, uma bela donzela que poucos podiam ver, agitando o tecido leve e branco de seu vestido.

Brigid, a flecha de poder, a própria deusa do fogo, mais uma dos espíritos imortais, enciumada, adentrou o Círculo em seguida. Olhar altivo, vestido vermelho-sangue, justo, decotado. As orelhas pontudas apareciam no meio de seus cabelos brancos. O rosto, de uma delicadeza inimaginável, exibia olhos furiosos. Como ousava Aine adiantar-se a ela? Brigid também era uma *matre*, uma deusa da fertilidade, mas usava da feitiçaria e do ocultismo. Era mais poderosa, mais fogosa. Aine era tola, infantil.

Quanto à Epona, a égua, a terceira *matre*, observou as outras duas. Além da fertilidade, ela podia induzir a maternidade, a prosperidade, a colheita. Inclinou-se diante do fogo antes de adentrar o Círculo e começar a dançar.

Os homens acompanhavam o ritmo e a dança das mulheres com palmas, olhando-as, avaliando as mais belas, escolhendo-as. Clima festivo, risadas, as moças com olhos iluminados pelo fogo na noite escura. Todos comeram uvas, pães, e beberam vinho com extasiantes.

De repente. Uma menina de onze anos, virgem, adequadamente escolhida pouco antes da primeira menstruação. Vinha vestida de branco, uma coroa de flores sobre os cabelos escuros, soltos.

Os deuses da morte também estavam presentes. A Dama Branca, Macha, rainha dos mortos, esperava de um lado da fogueira. Domnu, do outro lado da fogueira, também aguardava. Como governante da terra da

morte, Domnu faria a passagem do espírito da menina para o outro mundo, muito em breve. Os dois olhavam-na, fixamente, em seus derradeiros momentos de vida: pele branca, cabelos muito compridos, olhos de criança, vazios, distantes. A inocência terminava em morte.

O sacerdote druida tinha a adaga na mão. Ele já havia escutado o que os ventos disseram através das folhas dos álamos, e sabia da profecia. Então, um único grito alto, enregelante como a neve, ecoou pela floresta sagrada. O corpo da criança foi lançado na fogueira para ser consumido completamente. Domnu olhou para o fogo e, com um gesto de sua mão, as chamas quase explodiram.

Estava consumado. O rito simbolizava a renovação. Das terras, das flores, das colheitas, da saúde, da vida. Mas marcava, também, o início de um ciclo dentro do Ciclo que era anunciado por Mithra.

Ao redor da fogueira, os participantes esperavam expectantes. Três da manhã.

Do centro da fogueira, emergiu uma figura negra. Era Cernunnos, o deus com chifres, deus da Natureza, dos elementos, senhor do mundo. Forte e poderoso, seus chifres capturavam o poder dos céus, do sol e das estrelas. Cabelo comprido, barba e olhos muito negros. Nu, usa apenas um torque ao pescoço. O colar celta. Era o deus da virilidade, da fertilidade, do amor físico, da guerra, das riquezas.

— Ó deus das florestas sagradas, grande caçador e guerreiro, deus da reencarnação, aceitaste nosso presente! — gritou o sacerdote druida, de braços erguidos. — Somos honrados por sua presença, força crescente da vida, rei das mudanças e da verdade! Tu és o Sol que renascerá agora, no solstício de Inverno, ó, poderoso senhor do submundo, senhor da luz e da Morte, nós te adoramos!

Cernunnos inclina a cabeça, saúda o sacerdote, olha para todos. Gritos de euforia ecoam por todos os lados, risos, palmas e mãos erguidas para

saudar o deus. O ente imortal recebeu o sacrifício, e dele se agradou. Em seguida, desapareceu.

A segunda parte do rito duraria até a manhã. Sem proibições, sem barreiras, sem cerceamentos. Não haveria mais certo e errado, direito e tortuoso, perfeito e imperfeito, verdadeiro ou falso. A liberdade agrada aos deuses. As *matres* participam da orgia, bem como vários outros deuses, espíritos e fadas.

As crianças nascidas como fruto da *Saturnália* eram especiais — líderes, governantes, videntes, profetas —, por isso as melhores mulheres foram escolhidas para participar do rito de fertilidade. Todas estavam liberando a semente da vida, prontas para receber o poder da fecundação. Uma delas faria parte da linhagem de Myrddin, o Grande Mago, o Prometido.

Seis da manhã. Na luz do sol, desmaiando, elas amam. Desmaiam na luz dele, como se morressem. Quem terá sido a escolhida para gerar o gigante? As colheitas continuarão fartas; o poder militar e a força de um povo serão renovados. Os espíritos estenderão proteção e longevidade aos grandes.

Os filhos da noite, os herdeiros dos deuses, já são.

* * *

Kilaim acordou. Estivera dormindo?

Non. Não parecia ter sido sonho. Era real demais, e ele ainda sentia o cheiro da fumaça, do fogo, e de carne queimada. Os sons estavam em seus ouvidos e, nos seus olhos, os olhos dos demônios. Kilaim voltou o rosto para o teto. Talvez tivesse viajado em espírito. Provavelmente o Príncipe o levara até lá, como acontecera tantas outras vezes, quando Lucipher desejava mostrar-lhe algo importante. Mas, nunca numa época tão remota.

Com que objetivo? Então, a visão lhe sobreveio. A criança chorando, envolta num manto de peles, foi colocada nos braços da jovem mãe, exausta

do parto. A menina de quase quatorze anos, deitada perto do fogo, baixou os olhos para o seu filho. Era um menino de cabelos escuros, grande demais para um recém-nascido.

Kilaim entendeu. Como descendente dos antigos *Nephilins*, sua linhagem vinha de longe, era antiga. Isso o jovem já sabia. Só não suspeitava que, da sua genealogia, vinha também o primeiro grande profeta das Trevas, Myrddin. Aquele que fora por direito o herdeiro de toda a Bretanha, o filho do Dragão Escarlate, Ambrosius; mas que jamais governara. O seu cetro de poder era outro: era o cetro de Lucipher. Por meio dele influenciou os poderosos, vislumbrou o futuro, aprendeu uma ciência secreta, ensinou e treinou um discípulo que reinou como um dos maiores soberanos de toda a Bretanha.

Quando a hora certa se mostrou, Myrddin ergueu a Dança dos Gigantes, onde foi sepultado seu pai, Ambrosius. Ali o sol corou o seu túmulo.

Kilaim suspirou. Era um aviso bem claro de seu pai. Não se podia desperdiçar um elo tão poderoso: ele, Kilaim, era o elo poderoso.

* * *

Na noite seguinte, Anthon Klevtsky, de quarenta anos, aparou muito bem a barba que já se fechava sobre o rosto e vestiu uma das suas inúmeras camisas *Armani*. O terno que queria usar tinha sido entregue pela lavanderia e fora pendurado no *closet* pela empregada, exatamente no lugar que ele determinara. O banho não durou mais do que quinze minutos, o tempo exato que ele costumava levar todos os dias, mas então foi atrás do perfume especial para a data. Não o usava sempre. Só naquelas ocasiões.

Pegou o frasco de cristal escuro de dentro do armário, um lugar onde mais ninguém iria mexer. Os demais perfumes estavam sobre a bancada do banheiro, mas aquele tinha sido feito pela Organização e não deveria ficar exposto. Era um frasco não muito grande, bem trabalhado nos detalhes, e

continha um líquido cor-de-rubi que fora produzido à base de feromônios sintéticos e fragrância amadeirada com toques de uva.

Aquele era um dos inúmeros detalhes daquela noite. Claro que seu poder de sedução era multifatorial, incluindo sua beleza exótica — uma mescla da mãe asiática e do pai de origem búlgara —, a inteligência afiada, o tom de sua voz e bastante carisma. O perfume, porém, tinha o objetivo de atrair o sexo oposto. Era a coroa de um conjunto aparentemente perfeito. Ninguém nunca lhe resistira, homem ou mulher, fosse quem fosse.

Naquela noite, mais uma vez, ele faria seu trabalho com louvor. Escolheu as abotoaduras de ouro e pôs no pulso o mais novo de seus relógios, um *Cartier* de ouro. Os relógios eram um dos seus pontos fracos: talvez tivesse mais de cento e cinquenta deles, todos absurdamente caros. Antes de sair do quarto colocou no dedo o anel grande de ouro e opala negra, apanhou o *blazer* e o i-phone. Olhou distraidamente no espelho por alguns segundos. Os olhos pelos quais as mulheres sempre acabavam hipnotizadas, um pouco alongados, mas verdes, olharam-no de volta. Estava pronto para sair.

Ele, o Lobo, era um especialista em caça. Por acaso, também exímio atirador, com vários prêmios acumulados. Simplesmente fazia parte de quem ele era.

Algumas vezes, foi inquirido a respeito de sua relação com as mulheres:

“Você está sempre cercado delas. Nunca se apaixona?”

“Eu me deixo amar. Mas não amo ninguém”, ele respondia, lançando ao inquiridor(a) um olhar que, no entender dele, explicava tudo.

Na verdade, não explicava nada, nenhuma de suas idiossincrasias. Ele apenas era assim.

“Os melhores caçadores de raposas conseguem sempre os melhores exemplares *parce que* eles não têm pena da raposa, não criam nenhum vínculo com ela.”

Anthon não gostava de se apaixonar. Não gostava de amor, nem mesmo da ideia de amor. Estivera enamorado uma única vez, na época do Ensino Médio, antes de entrar para a Organização. E fora a pior experiência de sua vida. Jurou que nunca mais passaria por aquilo de novo: não ser dono dele mesmo, de suas emoções. Nunca mais seria refém de seus sentimentos. Com o tempo, fizera secar essa capacidade dentro dele com a ajuda das entidades.

Ele preferia dominar. *Sempre* dominar. Atrair todas as pessoas, e não pertencer a nenhuma; usar de um poder praticamente invencível. Pois, no seu entender, nenhum poder se assemelhava ao poder de sedução (desde que bem usado). A equação deveria ser sempre essa: ele atrai, ele domina, ele descarta. Aquele fora o dom que lhe abrira todas as portas, até as mais difíceis. Através dele, tinha estado nos mais incríveis lugares da Terra, nos mais diferentes países, e com as mais lindas mulheres.

Agora era a hora de atrair a presa.

* * *

A Organização obtém a presa de diversas maneiras, mas a forma como Anthon Klevtsky a obteria naquela noite era apenas uma delas. Os seguidores da Sombra gostam de estar à sombra. Agem, cumprindo seus propósitos, mas a luz não os ilumina; existem, mas não se dão a conhecer ao Mundo.

Há pessoas que simplesmente desaparecem. Pessoas sozinhas. Crianças. Mulheres. Outros são programados para desaparecer sem a intervenção de ninguém. Funciona como se estivessem sob efeito hipnótico — gerado por meio de feitiçaria —, essas mentes mais fracas, fáceis de serem manipuladas pelas entidades, simplesmente fazem aquilo que devem fazer. Uma espécie de *start* é deflagrado nelas, como num programa de computador. E se afastam de casa no dia e na hora certas, encaminhando-se

voluntariamente para os locais onde podem ser pegas sem comprometer pessoas do Grupo.

Outra forma de se preparar uma presa é por meio da gestação programada de mulheres da Organização. Essas crianças são geradas dentro de contextos ritualísticos e vêm à luz com o único intuito de serem oferecidas aos demônios. É fácil tirar as gestantes de seu meio social — a Organização possui muitos recursos — e esconder a gravidez dos familiares e amigos. Depois, essas crianças, que são mantidas por membros da Organização e, portanto, não recebem registro de nascimento, são entregues sem que ninguém de fora tenha conhecimento disso.

Havia quem se entregasse voluntariamente ao sacrifício, também. Para alguns membros, esse era motivo de muita honra e privilégios.

Em certas ocasiões — conforme calendários específicos —, fazia-se necessário o uso de falsos cristãos. Era muito prazeroso arrancar a vida dos mercadores da fé, dos corruptos, dos enganadores da boa vontade alheia. E torturá-los, vê-los gritar em vão pelo auxílio Divino quando eram crucificados, e seu sangue vertido, podre. Aquela seria a única empatia que tais pessoas fariam com Cristo — a crucificação —, já que, no seu íntimo, jamais O conheceram.

O i-phone de Anthon tocou. O nome de Zor apareceu na tela.

— Sei que já está saindo — comentou o sumo sacerdote, usando a frase como cumprimento.

— Como o Lobo rumo à casa da vovó.

Zor riu do outro lado.

— Mudança de planos. Há pouco recebi instrução para que você vá hoje à *Moonlight*, em Paris. Lá você vai encontrar a pessoa certa. E Kill irá com você.

— Estou sabendo. Vamos nos encontrar num ponto comum, e ele virá no meu carro.

— Esse garoto precisa pôr os pés no chão — resmungou Zor.

— Irei a Paris, *alors*. Fizeram alguma reserva para mim? Você sabe que, nessa altura…

— É claro. A melhor mesa, como sempre.

— Quem é a moça?

— Não quero estragar a surpresa. Observe bem, olhe as garotas, escute o que seu guia tem a dizer e nos escolha uma boa mercadoria.

— *Bien sûr.* Esqueceu que sou o melhor especialista? Não se preocupe. Estão todas lá, esperando pela minha escolha, esperando que o senhor das Trevas ceife suas vidas.

— Nem mesmo Deus as quer. Já servem ao inferno em suas vidas de "pecado". Já nos pertencem, de qualquer modo. Boa caçada!

— Que a Sombra te cubra.

* * *

Anthon Klevtsky já era conhecido no recinto. Era uma casa requintada, de primeira linha no ramo.

Ele entrou com passos resolutos, como quem domina o ambiente. Kilaim caminhou pouco atrás dele, em função de haver muita gente aglomerada entre as mesas. No mundo paralelo, ao lado de Kilaim estava Astaroth, que iria acompanhá-lo naquela noite, e ao lado de Klevtsky seguia Dhamyan, seu guia principal.

Anthon já podia perceber o claro regozijo do demônio. Sentia o cheiro dele de vez em vez, um odor que lembrava cravo da índia levemente queimado, e era quase como se pudesse palpar no ar sua presença. Quanto a Astaroth, apenas observava, como Kilaim.

Os dois encaminharam-se para sua mesa, no centro, com vista privilegiada do palco principal, sentindo os olhares que acompanhavam todos os seus movimentos. Kilaim olhou em derredor, avaliando as pessoas. Quanto a Anthon, não lhes prestou atenção, não antes de acomodar-se e pedir o destilado mais caro da casa, um *irish whiskey* envelhecido por doze

anos em barris de carvalho de *brandy*, e que era guardado para clientes especiais. Como ele. Só então virou o pescoço para os lados: havia jovens em duplas, trios ou grupos, homens mais maduros e claramente endinheirados, talvez em viagem de negócios, e alguns casais interessados em *ménage à trois*. Numa mesa próxima se enfileiravam três mulheres, que bebiam e olhavam para a mesa deles com ar de devoradoras.

Ele sorriu de si para si, desdenhando. Totalmente inofensivas. Eram inglesas, interessadas nas técnicas das prostitutas francesas.

A casa estava lotada e as mulheres do estabelecimento transitavam, dançando nos palcos laterais, abusando de beijos entre elas e aproximando-se das pessoas. Algumas usavam *garter-belt* com corpetes coloridos muito apertados, deixando que seus seios quase pulassem nas mãos dos clientes; outras trajavam vestidos muito curtos que deixavam aparecer parte das nádegas e lindas coxas. Quanto a ele, preferia as de shortinho com meias sete-oitavos e *bustier*.

Kilaim bebeu o *whiskey* sem alegria. Não tinha vontade de estar ali, nem de conversar, nem de saber quem Anthon escolheria, ou como. Olhou na direção do outro, pensando se ele demoraria a noite toda naquilo: beber devagar, e observar com cuidado. Volta e meia o Lobo fazia um comentário, mas percebia a indiferença do jovem, então, desistiu de querer ciceroneá-lo e concentrou-se em seu objetivo. Quando necessário, fazia perguntas discretamente a Dhamyan, e escutava a voz grave e conhecida em seu ouvido esquerdo.

A primeira mulher que lhe chamou a atenção foi uma morena não muito curvilínea que entrou no salão com muita segurança, usando um *leotard* sem alças de estampa africana, desfilando seu bumbum perfeito em formato de coração. O cabelo longo estava solto e revolto, era uma verdadeira deusa. Que magnetismo interessante exercia sobre quem a observava. Homens e mulheres.

Anthon notou que ela foi chamada veementemente para uma mesa onde se sentavam três homens, em torno dos quarenta anos, todos claramente de alto poder aquisitivo. Ele seguiu a moça com os olhos quando ela passou balançando o corpo num perfeito compasso com suas passadas longas. Sentou-se à mesa virando a cadeira ao contrário e apoiando os cotovelos no encosto. Belas pernas. Longas e atléticas.

“Será essa?”, Klevtsky indagou-se. Se fosse, bastaria uma palavra e ela estaria ali, na mesa deles.

Não demorou muito e mais duas garotas foram ao encontro dos homens na mesa. Anthon continuou olhando a garota morena, que não tardou a sentir-se observada. Mas quando seus olhares se cruzaram por um par de segundos, ele a descartou. Não era ela. Alguma coisa estava errada.

“Não é essa que escolhemos”, disse Dhamyan. “Está infectada. Os sintomas não tardam.”

Anthon não olhou mais para a deusa. Pegou seu copo, girou-o para movimentar o gelo, com uma calma que irritava Kilaim. Mesmo assim, o jovem gigante percebeu que as meninas passavam ao lado da mesa deles e lançavam olhares para o i-phone caríssimo de Anthon e as chaves de algum carro megapoderoso; também percebiam o anel, o relógio, a camisa fina. E logo indagavam se podiam se sentar com ele.

Tudo em Anthon recendia a dinheiro, e esse era o melhor dos chamarizes. Um verdadeiro cliente VIP — bastava olhar —, e que estava acostumado a ser tratado como VIP. Mas não era somente isso, havia aquele misterioso perfume, do qual Kilaim também podia sentir o aroma. Não lhe agradou muito.

Para frustração das garotas, Anthon recusou todas elas. Queria poder observar um pouco mais antes de tomar a decisão de abrir sua mesa. Kilaim viu como ficavam atentas a ele, aos seus movimentos e a tudo que fazia, como mariposas ao redor da luz, sem discernir que aquela luz era pura Sombra. Acabou achando graça.

— E eu que pensava que atraía o sexo oposto! — ele disse para Klevtsky, demonstrando bom humor pela primeira vez.

— Chame alguém para você — respondeu Anthon. — O material aqui é bom, *n'est-ce pas*?

— É bom. Mas, nessa noite, eu "passo".

Anthon olhou para ele com interesse, mas não fez comentários.

O primeiro *show* teve início. Uma *cover* da Madonna cantando "Like a Virgin", de mesmo porte físico, cabelos platinados, usando o famoso *cone bra* dourado criado por Jean Paul Gaultier, e fazendo os mesmos gestos "perversos" de garota católica rebelde. A noite já começava quente, e os *shows* se sucederiam a cada meia hora.

No intervalo, a plateia já estava mais animada. Anthon pediu um segundo *whiskey*. Kilaim, recostado na cadeira, pediu uma Coca-Cola. Alguém quebrou um copo por acidente no fundo do salão. Vários telões nas paredes continuavam transmitindo *clipes* de bandas famosas e havia muito barulho para coroar o clima do ambiente.

De repente, uma mulher estava parada ao lado da mesa de Anthon.

— *Monsieur* Klevtsky! Que bom tê-lo conosco esta noite!

Era a dona majoritária do estabelecimento e uma espécie de mentora de luxo das meninas da casa. Alta e esguia, cabelos louros enrolados em cachos que pendiam de um elegante penteado, batom vermelho vivo, olhos muito bem pintados e vestido comportado: justo, pouco acima dos joelhos. Parecia literalmente deslizar sob a luz azul da *Moonlight*.

— *Bonne nuit*, Anette.

— Que companhia gostaria para hoje, *monsieur*? — perguntou com elegância e tato. — Observo que não convidou ainda nenhuma moça para sua mesa. Gostaria de algo em particular? E quanto ao seu amigo? — Ela olhou para Kilaim, sorridente.

"Temos uma interiorana", veio a voz de Dhamyan no ouvido esquerdo de Anthon.

— É claro que gostaria de companhia — respondeu Anthon em seguida. — Soube que você tem novidades.

Anette Moreau riu alto.

— *Monsieur* tem razão. Está interessado nas novatas?

— Alguma bucólica?

— Desirée? É bonita, ainda com pouca experiência. Mas é *bem* bucólica mesmo — disse Anette com um tom de quem não julga. — Quer que a mande aqui?

— Gostaria de conhecê-la — afirmou Anthon sem hesitar.

— Vou enviá-la, *monsieur* Klevtsky. Divirta-se! Como sempre, a casa é sua. E quanto a você? — Ela viu o quanto Kilaim era jovem. — Posso lhe mandar o melhor da casa?

— *Non. Merci* — foi a resposta, a mais polida que conseguiu.

Madame Moreau novamente lançou seu sorriso.

— Esteja à vontade, *monsieur*. Precisando de mim, é só chamar.

Anthon estreitou os olhos. O cheiro de cravo queimado estava bem forte. Ele sabia que a decisão final seria sua, mas ficou a imaginar se haveria outras garotas que interessariam a Dhamyan.

O guia pertencia à casta de Nosferathus, o mesmo que, no Egito Antigo, era nomeado Anúbis e, no Salmo 91, Terror Noturno. Os demônios nunca trabalham sós; Dhamyan era o principal escudeiro de Nosferathus — um dos senhores dos mortos —, e também capitão dos sadraques — vampiros que sugam energia vital, espíritos opressores dos cemitérios.

O culto a Anúbis — o deus das necrópoles — veio de Abidos, que é considerado um dos mais importantes sítios arqueológicos do Egito, local de muitos templos antigos e uma necrópole real onde os primeiros faraós foram sepultados. As imagens de Anúbis mostram um chacal, ou um corpo humano com a cabeça deste canídeo. Sua presença era tão importante nos rituais de morte que um sacerdote presidia o momento do embalsamamento de um faraó usando uma máscara com a efígie do deus.

Dhamyan tinha estado presente ali. Assim como Nosferathus, ele era um dos que presidiam a cerimônia de mumificação dos faraós. Não havia ninguém melhor do que ele para auxiliar Anthon na escolha de sua vítima.

— Esta é a única? — ele perguntou para o demônio.

"Desirée é uma das opções. E já que está curioso, a outra está aqui perto, olhando para você e pensando se deveria abordá-lo. A despeito de ter dispensado tantas outras. *Gostou* de você."

Anthon percebeu o tom levemente jocoso de Dhamyan. Parecia rir de uma prostituta novata que estava escolhendo seus clientes com base em gostar deles, ou não. Quanta ingenuidade!

Ele percorreu com os olhos o recinto, e não a viu. Ou melhor, viu que muitas estavam olhando para ele, e todas pareciam ter gostado.

"*Derrière*", escutou o demônio dizer.

Anthon Klevtsky virou-se sobre a cadeira e notou uma moça perto da parede, não muito longe dele, com corpete preto e cor-de-rosa. Não era muito alta, tinha o corpo firme e redondo, esbanjando curvas e seios fartos. Sobre os cabelos claros trazia um *casquete* roxo com renda sobre os olhos, do tipo que as damas do Reino Unido costumam usar. Ela sorriu de longe. Anthon retribuiu o sorriso.

— Tem alguma preferência? — perguntou ao demônio.

"Ora, *cher ami*, escolha a que lhe agradar mais. Confiamos em seus instintos."

Kilaim ouviu a voz de Astaroth pela primeira vez, dizendo-lhe que prestasse atenção em como seria feita a escolha porque também dizia respeito a ele.

Quase em seguida, Desirée, enviada por Anette, estava diante deles. Sentou-se ao lado de Anthon, toda sorrisos, ajeitando as luvas de renda vermelha, cruzando as pernas. Seu *bustier* era revestido por plumas vermelhas, e os sapatos de salto, de cetim vermelho. Anthon avaliou-a dos pés à cabeça, depois se inclinou para falar perto do ouvido da moça, já que

o som ambiente estava bem alto. Ele gostava de ver o efeito que causava, das sensações que podia despertar.

Desirée passou a conversar com certa desenvoltura, mas Anthon podia perceber o tremor leve que emanava dela; mesmo que obscurecido por seu riso, estava claramente presente, especialmente quando ele corria de leve a ponta dos dedos sobre sua nuca, seu rosto, seu pescoço. Olhava-a nos olhos, avaliando. Ela ainda estava desconfortável.

Não demorou muito e Desirée pediu:

— Me paga uma dose de *whiskey*?

Anthon sorriu. Já esperava por isso. Aquelas garotas estavam instruídas a fazer o cliente consumir ao máximo. Mesmo assim, estava claro que ela queria algo para se sentir mais relaxada.

— Ainda não — ele respondeu.

Continuou conversando, mas, vez por outra, desviava a atenção para a moça de *casquete* que, tendo saído de perto da parede, quando passava por sua mesa o olhava com grandes e sugestivos olhos. Entretanto, se ele não a chamasse, não poderia sentar-se em sua companhia, uma vez que já estava acompanhado por outra menina.

Os *shows* se sucediam no palco e a plateia ficava mais embriagada e mais animada. Kilaim mantinha os dois olhos no palco e nos telões, e volta e meia um olho em Klevtsky e na menina, que nem sequer parecia ter notado sua existência. O Lobo não tinha pressa, estava se divertindo.

Kilaim suspirou, já sabendo que, mesmo que ele escolhesse logo a garota, ainda assim ficaria ali até altas horas. Então, bebia Coca-Cola, comia petiscos e ouvia uma banda *cover* que era até muito boa, mas não demais. Era o tipo de coisa que se podia ter, e de melhor qualidade, em outros lugares. Quanto ao *streptease*, não havia nada mais *cliché*, exceto se fosse feito em duplas, que foi o caso. Ele gostou, mas gostou mais das dançarinas de *pole dance*, de musculatura bem talhada e com aquela força associada à flexibilidade.

O *top* do pole dance naquela noite foi a performance de duas gêmeas idênticas, muito belas e muito sincronizadas. Foram estupidamente aplaudidas, mas as garotas não eram prostitutas, para pesar dos interessados. Eram dançarinas *freelance*. O consolo não demorou muito a chegar, já que quatro excelentes dançarinas do ventre fizeram números muitos sensuais e depois se lançaram à plateia, em meio a gritos e risadas.

Anthon Klevtsky finalmente pediu um *dry* martini para Desirée, que estava ansiosa e decidida a ficar com ele. Impulsionada pela bebida, com agilidade ergueu-se de seu lugar e se sentou sobre as pernas dele, encostando seu abdome no de Anthon. Ele apenas riu e empurrou o quadril de Desirée de leve para trás.

— Às vezes, prefiro quatro paredes.

— Quer ir agora? — Desirée esforçava-se para agradá-lo, sem entender exatamente o que aquele cliente estava querendo, afinal.

Era um homem diferente, que apenas lhe fazia carinhos sem tentar passar logo a mão nela, conversava bastante e tinha um olhar magnético e incrível.

— Quer ir agora comigo, *monsieur*? — ela perguntou outra vez, ainda sentada sobre os joelhos dele, os braços em torno de seu pescoço.

— Ainda não. A noite mal começou, *n´est-ce pas*?

"Talvez ele se sinta mais animado com duas garotas", foi o pensamento de Desirée.

E sugeriu:

— Posso chamar uma amiga para nossa mesa?

Anthon sabia que, se quisesse conversar com a outra garota, deveria fazê-lo logo porque a maioria dos presentes queria companhia. Ela tinha desaparecido durante um bom tempo, ocupada com algum cliente, mas agora estava ali de novo, perto da parede, e de vez em quando tornava a passar perto da mesa deles.

Dhamyan disse que ela estava esperando por ele. Já tinha dado muitos sinais.

— *Oui*, você pode chamar uma amiga — respondeu Anthon.

Um brilho de animação percorreu o rosto de Desirée. Tinha acertado na sugestão.

— Vou chamar Monique, tenho certeza de que…

— *Non*. Gostaria daquela garota ali. — Indicou com a cabeça.

— Ah. Nathalie. Por certo, *monsieur* Anthon.

Desirée levantou-se e voltou com Nathalie, cujo sorriso se espalhava pelo rosto e pelo corpo. De perto ele podia ver como era absurdamente jovem, quase uma menina, apesar da maquiagem de mulher adulta. O sorriso aberto não disfarçava sua alegria. Não era exatamente a postura de uma prostituta, que mais parecia estar levando o encontro para o lado pessoal: o grande erro de uma garota de programa, se deixar encantar pelo cliente.

Despertado pela curiosidade em relação a Nathalie, Anthon Klevtsky quase que definitivamente não prestou mais atenção a Desirée, limitando-se a lhe lançar poucas frases de vez em quando.

O novo *show* — um mágico particularmente talentoso e sua assistente magérrima — agradou a Anthon, que mesmo durante o número se manteve perto de Nathalie, com uma das mãos apoiada em sua coxa. Ela tinha uma tatuagem particularmente feminina ali, o desenho delicado de uma liga de renda preta. Volta e meia fazia comentários sobre o número no ouvido dela e sentia prazer em perceber que o seu coração batia mais acelerado.

Kilaim pediu uma porção de *filet mignon* aperitivo, e ofereceu aos outros três, mas ninguém aceitou. Ele percebeu que Desirée se esforçava para manter-se no jogo, só que não estava tendo sucesso; mesmo assim tinha que permanecer ali porque o cliente não a havia dispensado. Nathalie roubara toda a sua atenção, e ela não estava satisfeita, mal olhando em sua direção.

Kilaim deu uma risadinha por dentro:

“Esse Anthon é muito cara de pau, com esse perfuminho dele”.

E ofereceu os petiscos de novo, só para ver que reação Desirée teria: se continuaria hipnotizada por Klevtsky, ou se iria juntar-se a ele.

— Tem certeza de que não quer? Está bom — falou Kilaim estendendo um dos garfinhos em sua direção.

Se foi a fome, ou o seu próprio charme, ele não saberia dizer. Mas a verdade é que Desirée se virou discretamente na direção de Kilaim, e aceitou o garfinho, espetando um pedaço de carne e enfiando-o no meio de um pedaço de pão. Mastigou com vontade, e o feitiço de Anthon parecia quebrado.

Quanto a Nathalie, estava mais que enfeitiçada. Perto o suficiente de Anthon para conseguir aspirar o aroma do seu perfume, se sentia numa espécie de frenesi, ou algo semelhante, que não conseguia definir. Estava tudo errado, ela sabia. Tudo que *Madame* Moreau dissera para não fazer, ela estava fazendo. Tudo que não deveria sentir e não deveria falar, era bem isso o que acontecia, e continuava a olhar para o homem com olhos grandes e intensos. Sabia que estava indo além do *boulout* porque olhava com desejo. Muito intenso. E só de lembrar como já se gabava de estar imune à atração física, depois de apenas algumas semanas na casa, ficava envergonhada.

Que estranha sensação.

Aquele *monsieur* Anthon Klevtsky despertava nela os mais primitivos e inequívocos instintos. Não era apenas por ser rico, culto, poderoso, excessivamente belo (o leve sotaque dos Bálcãs ajudava). Havia *quelque chose* mais nele.

Anthon percebia o interesse dela, e como seu corpo se despertava. Aquilo o agradava, e ele também passou a olhá-la com mais profundidade. Acariciou a tatuagem rendada sobre sua coxa e Nathalie sentia-se

empurrada na direção dele. Era muito perigoso. Não estava agindo com nenhuma cautela.

— Não se arrependerá, *monsieur* — ela falou por fim, de maneira meiga, com um sorriso que não combinava com o lugar, as pupilas dilatando imperceptivelmente mesmo no ambiente pouco iluminado.

Anthon Klevtsky tinha feito sua escolha, e estava muito consciente dela. Percebia a aprovação de Dhamyan, e mudou o tom da conversa:

— Sabia que você é especial? — ele cochichou no ouvido de Nathalie.

Ela riu.

— *Oui*. Sei disso. Você não vai se arrepender.

— *Sérieu*! Não estou dizendo especial como garota de programa — e ele disse isso com tanta convicção que ela ficou um pouco desconcertada.

— Mas especial de que jeito?

— Você nunca ouviu isso de ninguém? Quando era criança, talvez? Nunca ninguém te disse que você tinha uma aura diferente, ou, quem sabe, um dom a ser desenvolvido?

Ele atirou certeiramente, de acordo com a sugestão de Dhamyan. Nathalie ficou surpresa. Por um instante até se esqueceu de onde estava, e o que deveria fazer.

— Minha família seguia o catolicismo. Mas, com o passar do tempo, os meus pais acabaram se tornando muito místicos. Havia *une vieille* que vinha em minha casa de vez em quando, na época em que eu era menina. Ela ensinava os meus pais, e disse algo assim a eles sobre mim. Alguma coisa nesse sentido. — Ela não perdeu o rebolado, e voltou a sorrir e acariciar os braços de Anthon. — Mas isso tudo é bobagem.

Anthon sacudiu a cabeça devagar.

— Não é bobagem. Essas coisas são reais, você sabia? Existem realmente pessoas com habilidades espirituais natas.

— É bobagem — ela insistiu.

Porém, vibrou no ar a sensação de uma tristeza que emanava dela, e que Nathalie se esforçou em esconder.

— Eu estou aqui, esta é minha vida, por ora — ela continuou. — Não pretendo me internar num convento qualquer, estudando para ser uma sacerdotisa mística, ou coisa que o valha.

Anthon demorou um pouco na resposta, de propósito.

— E você teria gostado de desenvolver essa sua habilidade?

— Mas de que habilidade você fala? Eu desconheço habilidades espirituais em mim. Já as habilidades na cama… — ela se inclinou na direção dele de novo — terei prazer em lhe mostrar.

— Tenho interesse em suas habilidades de mulher e quero que você as mostre. Mas não só. Tenho um segredo a lhe contar — palavras-chave, segundo Dhamyan. — Você sabe guardar um segredo?

Nathalie afastou-se um pouco, curiosa, e sondou-o. Estaria querendo caçoar dela? Porém, o olhar de Anthon parecia sério suficiente, e ela aquiesceu.

— Está bem.

— Quando seu pai morreu, ele te pediu perdão no leito de morte — ele começou.

A afirmação foi tão contundente que Nathalie levou um choque e não soube o que dizer. Ficou encarando o homem à sua frente com perplexidade.

— Como você sabe disso? — falou, por fim.

— Você se lembra do que ele lhe disse?

Ela lutou contra um nó incômodo que se formou em sua garganta.

— *Oui*. É claro.

— Ele disse que não conseguiu ajudá-la a encontrar seu caminho, que não levou a sério o fato de terem lhe comunicado sobre o seu dom, que não acreditou. E que se arrependia disso, esperava que você pudesse encontrar a luz, um dia.

Kilaim comia *filet mignon* e observava, como se assistisse a um filme. Desirée comia *filet mignon*, agora sem se importar com nada. Nathalie enxugou uma lágrima teimosa com dedos trêmulos.

— Como *monsieur* pode ver, não muito tempo depois disso cheguei a Paris, e aqui estou. Meu pai pode descansar em paz *parce que* não há nada a ser desenvolvido.

— E se eu te dissesse que ainda há tempo?

Nathalie ficou quieta e desconcertada. Já nem sentia a mão dele sobre sua tatuagem e estremeceu quando ele a retirou de lá e pousou sobre seus ombros com uma delicadeza que não sentia há muito, muito tempo.

Um novo *show* estava começando no palco principal, e Anthon deixou Nathalie quieta consigo mesma. Percebia toda a sua confusão como se visse um filme. Enquanto aguardava, assistiu à performance entre duas garotas, a qual agradou-o particularmente e quase fê-lo sentir o mesmo desejo que experimentava ao tocar com os lábios a pele fria de uma demônia, e deslizar sobre seu corpo com as mãos.

— Posso pedir um *whiskey*? — falou Nathalie voltando-se para ele, disposta a mudar o rumo da conversa.

— *Non*. Quero você sóbria por enquanto. Quer uma água tônica?

— Água tônica é amarga — acrescentou, olhando a boca dele. — Vai querer beijos amargos?

— E você beija na boca? — indagou, surpreso.

— *Non*. *Jamais* — reiterou ela, com impulsividade e certo desconforto.

Mais um período de silêncio entre eles.

— E qual é o seu segredo? — Nathalie perguntou, sem se conter, falando perto do ouvido dele.

— Eu faço parte de uma seita. Essa é uma parte do segredo — Anthon respondeu, falando ao ouvido dela, igualmente.

— Seita? Mas de que tipo?

— Digamos, por ora, que somos adoradores dos elementos da Natureza. Água, Ar, Fogo, Terra. Somos como uma grande família, cada qual com sua função, e ajudamo-nos mutuamente. Como fazem os *Iluminati*, por exemplo. Já ouviu falar?

Ela fez que não.

— Como a Maçonaria.

— Ah. *Oui*.

— Por isso entre nós não existe carência de nada. De possibilidades, de oportunidades, de acolhimento, de riquezas. Vivemos como poucos, sempre em sintonia com o Cosmos e com os nossos guias.

— Que guias?

— Guias espirituais. Foi o meu guia que me contou sobre o seu pai.

Ela o olhava com olhos grandes.

— Mas como você o ouviu? Como isso é possível?

— Ele me diz, agora, que você sabe como. Nunca escutou vozes? Ou percebeu a presença de algo perto de você, ou alguém?

— Às vezes — ela admitiu, temerosa. — Mas tenho medo. Tenho medo de que seja algo ruim.

— E o que é o Mal? O Mal precisa existir para que tenhamos referência do Bem. Deus não criou igualmente o Bem e o Mal? O mesmo Deus que colocou o Homem no Jardim do Éden depois o expulsou de lá.

— Mas Deus expulsou o Homem por causa do pecado.

— Então, o Bem e o Mal são relativos. O mal de expulsar o Homem visava, mais para frente, alcançar um bem maior. Para trazer o Homem de volta ao convívio com Deus foi criada a religião. Isso deveria ser bom. Entretanto, em nome da religião, houve grandes massacres ao longo da História. Mas o que importa realmente é o fato de que você consegue perceber os seres espirituais, os guias. Esse é um dom muito especial que precisa ser desenvolvido. Eu torno a te perguntar: você não gostaria de desenvolver todo o seu potencial?

— É claro. Mas como eu poderia?

— Através de nossa seita. Eu tenho o dom de identificar pessoas como você. E, quando isso acontece, devo oferecer a oportunidade a tal pessoa. E eu te digo: não é sempre que encontro alguém assim. Posso encaminhá-la para ser apresentada ao grupo.

Ele deixou Nathalie pensando um pouquinho mais. Anthon Klevtsky esperava que a iniciativa de dizer que aceitava o convite partisse dela. Astaroth e Dhamyan aguardavam também, antecipando a sua reação. Nada lhes era mais prazeroso do que ouvir as palavras de entrega.

Anthon percebeu que Desirée, já sem fome, tentava em vão estabelecer uma conversa com Kilaim. Aquela garota tinha escapado dessa vez. Na ausência de Nathalie, ele a teria escolhido.

Foi quando, enfim, Nathalie se inclinou mais uma vez para perto de Anthon:

— O que devo fazer?

— Venha comigo e lhe direi.

— Como assim, vou com você?

Ele acariciou o rosto dela. Novamente o coração da moça acelerou.

— O que deseja que aconteça? — ele perguntou, olhos nos olhos.

— Leve-me para ser apresentada — foi a convicta resposta. — Se você acha que sou a pessoa certa. Você não está… enganado?

— Não estou enganado.

— Então eu irei com você. Para onde me levará?

— Vamos aproveitar o resto da noite. Depois quero que me acompanhe ao meu hotel. E amanhã faremos uma pequena viagem.

— Para onde?

— Não seja tão curiosa. Cada coisa a seu tempo.

— Não sei se estou liberada para viajar.

— Anette é uma grande amiga minha — limitou-se a dizer Klevtsky.

Nathalie assentiu com a cabeça, sem ter o que argumentar. Por dentro, sentia a inundação de alegria e expectativa. Sua sorte poderia estar mudando.

Anthon Klevtsky encostou na cadeira, sentindo-se triunfante. Atrás dele um vulto gigantesco sorriu com satisfação. Kilaim fechou o semblante. Aquela era a escolhida.

Escolhida para ele.

Afundou-se em si mesmo, reflexivo. Desirée, certa altura, não sabia se deveria continuar ali, ou não. Vendo que Kilaim não estava no mesmo mundo que eles, Anthon agradeceu a Desirée, e dispensou seus serviços.

A garota que chamavam de “a noiva” — com corpete branco e *garter-belt* branco — ergueu as pernas com saltos altíssimos e deitou-se sobre a mesa ao lado, deixando que os homens derramassem *champagne* direto da garrafa em sua boca. O chapeuzinho de papai noel que usava naquela semana natalina escorregou de sua cabeça e foi pisoteado pelos que estavam ao redor.

Anthon sentiu-se livre e predisposto a aproveitar a noite com Nathalie.

— Você beija na boca? — ele brincou.

Nathalie sentia suas pernas queimando por dentro e estava disposta às coisas mais loucas. Anthon não fazia “tipo”, era algo que se desprendia dele, seu cheiro, sua voz, seu olhar; era como uma aura. E aquele conjunto de atributos chamava para o sexo.

Ela se aproximou mais, e ele mordeu seus lábios com leveza, um de cada vez.

A droga que estava dentro do anel poderia ser usada mais tarde.

5

Saturnales

Da manhã do dia seguinte, Nathalie guardaria uma lembrança opaca. Quando pensava no assunto, pouco se recordava de qualquer coisa. Sua mente parecia ter sido sugada a vácuo, deixando somente uma mistura de esboços úmidos e esmaecidos, sentimentos estranhos, emoções vagas e a lembrança entrecortada de sexo feito violentamente, e repetidas vezes. Ela não tinha certeza exata do que acontecera depois de deixar a boate. Perguntava-se, muito no fundo da alma, o que era realidade e o que tinha sido sonho.

Ou pesadelo.

Teria havido alguém mais com Anthon durante a noite? Ela tivera sensação da presença de alguém — (ou algo?) —, mas ele negara. Teria ingerido alguma droga? Ele também negara. Mas haviam bebido bastante, disso ela se lembrava um pouco.

Depois, a viagem feita num helicóptero particular era ainda mais nebulosa. Nathalie tinha recordação apenas dos assentos de couro, onde apoiara a cabeça que parecia voar, e da voz de *monsieur* Klevtsky oferecendo-lhe um chá de sabor muito amargo.

Não tinha como coadunar mais nada. Mais tarde, ela tentaria dar explicação a si mesma desses fatos como sendo uma ressaca pouco convencional.

* * *

Quando Nathalie finalmente sentiu-se dona de si mesma, e completamente desperta, estava deitada numa cama espaçosa, com cobertas brancas de tecido muito macio. A luminosidade do sol entrava pelas frestas de duas janelas grandes à sua direita, e por sua intensidade ela podia intuir que a manhã ia avançada.

Olhou ao redor e percebeu que estava sozinha no quarto.

"Que lugar será esse?", indagou-se ao erguer o corpo sobre um dos cotovelos.

Suas roupas estavam apoiadas sobre uma cadeira de tecido floral azul-claro, e seus sapatos de salto estavam ao lado, no chão. Não fora ela que os deixara ali. Na mesinha ao lado da cadeira havia um *bouquet* de flores com um cartão. Ela levantou logo da cama para abrir o cartão.

"*Fantastique, Amanda. AK.*"

Ela sorriu abertamente, mas uma ponta de inquietação a espetou, como uma agulha.

"Terei dito a ele meu nome verdadeiro? Não tenho a menor lembrança disso…"

Dhamyan dissera. Porém, disso ela nunca tomaria conhecimento.

"Onde será que ele está?"

Achou melhor se arrumar. Foi até o banheiro, e olhou-se no espelho.

"*Hum…*"

Precisava mesmo de um bom banho e alguma maquiagem. Para sua surpresa encontrou um vestido alaranjado muito lindo e sandálias de salto baixo. Era tudo de que precisava! Enquanto enchia a banheira tratou de remover muito bem a maquiagem do rosto. Havia demaquilante de ótima

qualidade e sabonete líquido especial para a face. Tomou também bastante água, que encontrou numa jarra na mesinha de cabeceira.

Abriu as janelas e deu de cara com um jardim ladeado por muros baixos de tijolinhos. Havia muitas flores e um pequeno lago com carpas. Um único banco de pedra estava ali no meio, convidativo. Nathalie sorriu.

Correu e entrou novamente no banheiro. Havia todo tipo de sais de banho e espumas para colocar na hidromassagem quente. Ela escolheu o que desejava, cantarolando, e entrou sentindo um enorme bem-estar. Passou a lavar-se minuciosamente, e depois a enxugar-se e perfumar-se. O vestido caía-lhe perfeitamente, as sandálias eram exatamente do seu número. Ela nunca fora tratada daquela maneira.

Quando terminou de arrumar os cabelos, estava a pensar se deveria sair até o jardim, ou esperar. Não precisou decidir, contudo, porque escutou as batidas na porta.

Uma mulher de cabelos escuros e sorriso aberto estava parada na soleira, segurando uma bandeja enorme.

— *Bon après-midi*! — cumprimentou a desconhecida. — *Ça va*? Meu nome é Maya.

— Olá! Eu sou a Nathalie.

— Eu sei. A amiga de Anthon. Seja bem-vinda. — A outra foi entrando e colocando a bandeja na mesa. — Trouxe isso para você. Creio que esteja com fome.

— Eu estou. *Merci*!

As duas se sentaram diante da mesa onde Maya tinha apoiado a bandeja.

— Espero que goste de tudo.

— Está perfeito!

A bandeja tinha vários tipos de frutas já descascadas e cortadas, chá de ervas, suco natural, uma salada de folhas verdes, tomate e alcachofra.

— Vou acompanhá-la! — Sorriu Maya. — Espero que você não se importe.

— De maneira alguma. *Sil vous plaît*! — Nathalie respondeu, empurrando um dos pratinhos na direção de Maya. — Eu não iria conseguir comer tudo.

Nathalie se serviu, e estava louca para fazer perguntas. Queria saber onde estava, o que iria acontecer, como era a seita e, claro, onde estava *monsieur* Anthon. A *bavardage* foi agradável e bastante elucidativa, pois Maya tirou todas as dúvidas da convidada. Aquela casa onde estavam pertencia a um dos membros da seita, um poderoso sacerdote, e era comum que as pessoas a serem apresentadas ao grupo passassem alguns dias ali, se preparando. Um dos aspectos do preparo consistia em uma espécie de desintoxicação, e para isso deveriam submeter-se a uma dieta especial por três dias.

— A partir de agora, você vai comer apenas coisas naturais. Vai tomar chá, beber muita água, comer frutas, vegetais e raízes. Isso vai limpar o seu organismo. É importante esse recolhimento, também. Serão alguns dias para relaxar, dormir bastante, cuidar de você. Por isso não deverá sair na rua, mas permanecer aqui conosco. Você pode ficar na piscina, e aproveitar o jardim. Como Anthon lhe disse, fazemos parte de uma seita que cultua a Natureza e seus elementos, e é muito importante estar com o corpo limpo. Por ora, vamos deixar assim, sem rótulos. Mais adiante, você vai entender melhor.

O verdadeiro motivo daquela desintoxicação residia no fato de que Lucipher não aceita nada contaminado. A pessoa oferecida deve ser sem defeitos, sem doenças — hepatites, AIDS, doenças venéreas ou qualquer outra — e estar com o corpo purificado, uma vez que o seu sangue seria consumido no ritual por todos. O Príncipe das Trevas ceifa a vida de alguém que tem vida a ser vivida; uma pessoa condenada, uma vida em sobrevida, não pode ser utilizada para sacrifício.

O preparo da vítima, contudo, não se resume apenas a essa purificação orgânica. Em momento algum Nathalie deveria ser tratada como prisioneira; ela era uma convidada. É assim que se monta a armadilha ideal. Coloca-se a comida para a presa, a comida preferida — e isso quer dizer um bom quarto, um banheiro equipado com todos os itens de conforto, alimentação saudável, cuidados e regalias. A armadilha convida a presa a se aproximar, a entrar, a ficar. Ela entra voluntariamente na jaula, atraída pela comida, porque sente que ali poderá ser um local de acolhimento e conforto. Assim seria com Nathalie.

Maya e as demais aspirantes a sacerdotisas cuidaram muito bem de sua convidada, sempre expressando o quanto ela era especial e desfazendo quaisquer dúvidas quanto a isso.

— Você foi escolhida. Significa que tem muito potencial. Anthon não lhe disse? — dizia uma, quando Nathalie se indagava se seria a pessoa certa.

— Tem até potencial de tornar-se uma sacerdotisa da seita, um dia, se assim o quiser. Como nós! Está vendo essa casa confortável, que é quase um palácio? Você vai fazer parte de tudo isso — afirmava outra.

— Somos como uma grande família. Uma família que se ajuda.

— Como a máfia. Um mafioso não protege aos seus, o seu "*Clã*"? Nós somos como eles, por causa de nossa lealdade uns para com os outros.

Ninguém falou nada sobre a prostituição, Nathalie percebeu. Talvez nem soubessem, e era melhor assim, bem melhor. Talvez aquela etapa de sua vida pudesse se encerrar com chave de ouro. Anthon Klevtsky fora um verdadeiro *gentleman* por não ter mencionado nada.

Como sentia muito sono, Nathalie dormiu bastante no primeiro dia. No segundo, Maya veio para o quarto trazendo diversos vestidos para que a hóspede experimentasse. Somente ela entrava no quarto; às vezes, Rose, que era um pouco mais velha, mas igualmente simpática.

— *Mon Dieu*! Isso é para mim?

— Você poderá escolher um deles, o que mais lhe agradar.

— Mas onde usarei isso? *C'est trés chic*. Nunca fui presenteada com nada parecido.

— Isso porque você nunca esteve perto de pessoas como as que temos aqui na seita. Aqui está a nata da nata. Temos políticos, juízes, médicos de primeira linha, engenheiros, empresários. Realmente os melhores. E todos ajudam a todos aqui, como numa grande rede. Você já não ouviu falar da Maçonaria? Você conhece algum maçom pobre? É até ridículo falar, *n´est-ce pas*? Quanto ao vestido que estamos lhe dando, é apenas um pequeno agrado, e você vai usá-lo na celebração amanhã à noite.

— No Natal?

— É uma festa diferente, que coincide com a época do Natal, mas vem desde a época dos celtas e dos romanos. Comemora-se o solstício de Inverno, em adoração ao deus-sol, o *Solis Invictus*. Este festival de inverno deu origem ao Natal cristão. Como gostamos de buscar a raiz de todas as coisas, continuamos a celebrar o sol. E vamos apresentar você como nossa mais nova aspirante. Agora, vamos experimentar os vestidos? — Maya estendeu o primeiro, azul-safira.

— Anthon estará lá? — indagou Nathalie.

— *Bien sûr*, é claro!

* * *

No outro dia, logo cedo, Maya entrou no quarto sorridente e se pôs a abrir as janelas.

— O dia está lindo! Prepare-se *parce que* hoje vai fazer um tratamento estético completo: *bain à remous*, esfoliação corporal e hidratação, massagem, limpeza de pele, cabelo, manicure e pedicure. Seu preparo tem que ser completo, *mademoiselle*.

O sorriso amassado de Nathalie logo se abriu, radiante como o sol que entrava pelas janelas. O último dia estava frio, mas lindo; e ela se perdeu

nas diversas etapas do embelezamento, em meio a refeições frugais e música suave e relaxante. Seus assassinos sentiam prazer naquilo: estar com ela, arrumá-la como princesa, receber os seus sorrisos e sua gratidão, para depois entregá-la no altar de sacrifício e verter o seu sangue diante das entidades. Era divertido brincar com a presa antes de matá-la. Faziam como a sereia, que seduz e hipnotiza com o seu canto, ou como a medusa com seus cabelos de serpente.

À noite, Nathalie estava linda e vestida. Havia encontrado em sua cama as primeiras das muitas joias que, certamente, receberia. Ficou sabendo depois que havia sido presente de Anthon, e sentiu muito orgulho ao colocá-las. Nunca havia visto nada igual àquilo! Sentia-se como uma atriz de Hollywood… como… como uma *top model*!

Lembrou-se das orientações dadas por Maya e Rose:

"*Cette nuit* esteja linda e bem preparada, pois viremos buscá-la. Seu período de purificação termina e uma nova vida começa."

Arrumada com o vestido vermelho que escolhera e usando o perfume que lhe havia sido dado, a moça sentou-se diante do espelho, e esperou. Quando fosse hora, iriam conduzi-la ao salão da recepção. Nathalie estava sabendo que primeiro haveria um coquetel para todos os convidados, e depois ela participaria de uma das reuniões da seita, quando seria oficialmente apresentada como iniciante. Havia uma escola — Escola de Iniciados — da qual ela participaria até o momento de ser admitida como membra da seita.

Maya e Rose haviam contado como ela aprenderia os fundamentos da doutrina e entraria em contato com outros aspirantes, iniciando, assim, sua caminhada para desenvolver seu potencial espiritual.

Nathalie ficou a imaginar como seu pai ficaria orgulhoso!

* * *

Não foi preciso esperar demais. Parecia que havia uma câmera ali, filmando-a, porque *sempre*, tão logo ela estava pronta, suas amigas apareciam. Como não havia câmera, era como se adivinhassem. Ou, então, “alguém” lhes contava. Como havia sugerido Rose.

Nathalie olhou para Maya e Rose, paradas na soleira da porta e arrumadas com lindos vestidos também. A recepção estava marcada para começar pontualmente às seis da tarde.

“Pontualmente significa pontualmente”, já haviam explicado as moças para a convidada.

As três caminharam lado a lado por partes da casa que a novata ainda não conhecia. Era realmente como um palácio, mas Nathalie sentia-se incapaz de falar muito, dada a inquietação positiva que o momento lhe causava.

O salão destinado à recepção não era muito grande, porém, magnífico. Colunas de mármore rosado com arabescos, chão de mármore escuro impecavelmente limpo e reluzente, janelas muito amplas com pesadas cortinas acetinadas cor de vinho, pinturas no teto, lustres enormes de cristal, muitos espelhos com detalhes dourados e pedras entalhadas. Havia também vasos enormes repletos de flores, em toda parte, e muitos candelabros acesos. O requinte se estendia pelos vários sofás espaçosos, de materiais nobres, e poltronas inglesas de espaldar alto.

Nathalie ficou maravilhada. Custava a encontrar as palavras certas para externar sua admiração. Ao dar os primeiros passos para dentro do salão, ela percebeu que as pessoas mais próximas da porta olharam na sua direção. Teve medo, de repente, de não saber conversar adequadamente, ou que a julgassem por demais ignorante ou infantil.

Respirou fundo, e deu alguns passos. Fazia questão de portar-se como uma dama; de falar, rir e conversar como uma dama, apesar da intimidação que o lugar lhe causava. Havia mulheres lindas e bem-vestidas, homens educados que riam e cheiravam a dinheiro. Lançaram sorrisos e gestos de

boas-vindas, olhando-a com cordialidade; isso foi o que mais a impressionou.

Será que era mesmo a pessoa certa? Ela sentiu as dúvidas saltarem novamente com força. Mas ela faria todo o possível para ser a pessoa certa. E então — seu coração quase parou!

“Oh, *mon Dieu*, ali está ele…”

Anthon Klevtsky, saído de algum lugar, andava na direção dela com um sorriso no rosto e um olhar que nocauteava. Estava lindo com uma camisa azul-escura, o cabelo penteado para trás. Ela aprumou o corpo e sorriu de volta quando ele a cumprimentou beijando seu rosto e tocando de leve em suas costas. Um arrepio percorreu sua coluna. Ela nem se reconhecia. Que homem já provocara sensações assim nela? Não sabia. Estava acostumada com homens. Desde sempre. Desde novinha, porque eles a queriam. Homens muito belos, inclusive. Depois, aquelas semanas como prostituta renderam-lhe a pós-graduação no elemento masculino.

E agora, o chão lhe faltava porque Anthon não se adequava ao que tinha aprendido. Ela não conseguia estabelecer direito qual era a fonte daquele poder. Tinha uma *coisa*… inexplicável. Ao conversar de novo com ele, Nathalie sentia como se mergulhasse em água morna, um prazeroso estímulo de cada célula, de cada recôndito do corpo e da mente.

Teve medo daquela sensação estranha, mas caminhou bem perto dele quando foi chamada a ir para o outro lado do salão.

— *Allez*! Quero lhe apresentar alguns amigos.

Anthon passou o braço de leve pelos ombros dela e levou-a de cá para lá. Como era educado e fino! Aos poucos ela ia se sentindo mais à vontade no ambiente, conversando com um e outro. Reconheceu um político influente e um artista da televisão. Ficava claro, cada vez mais, que o grupo era mesmo muito seleto.

— Essa comemoração de hoje é especial, somente para poucos convidados — ele explicou, percebendo a avaliação de Nathalie.

— Poucos? Mas tem tanta gente…

— A seita é muito maior. Muito maior. Estende-se pela maioria dos países. Há reuniões com milhares de pessoas, realizadas em grandes castelos, ou ao ar livre.

— E como eu nunca ouvi falar nada sobre isso?

— Não ouvir falar a respeito de alguma coisa não significa que isso não exista. Há tempo para tudo, e os melhores sempre chegam até aqui.

Anthon pegou para ela uma taça de *champagne* da bandeja prateada de um dos vários *garçons* que circulavam. Os dois estavam defronte a uma parede com um espelho imenso, e ela olhou de relance para sua própria imagem. Nunca se vira tão bem-arrumada, tão linda.

Anthon também olhou para o reflexo dela, e seus olhos sorriram enigmaticamente.

— Gosta do que vê? — ele perguntou aproximando o rosto do dela.

Nathalie sentiu a respiração dele perto da sua, e foi o suficiente para seu coração bater mais forte. Ela tinha que se lembrar de inspirar… e expirar… inspirar… e…

— Muito — foi a resposta. — Oh, eu lhe agradeço tanto!

— Você merece!

O sorriso de Nathalie não se apagava, era fresco e radiante, espontâneo, fazendo com que ela parecesse ser, mais uma vez, uma menina.

Alguém esbarrou nela por trás e isso fez com que Nathalie desse um pulinho para frente antes de se virar. Deu de cara com uma mulher de rosto esguio e muito pálido. Era muito bonita.

— *Pardon, madame*… — Nathalie esboçou um sorriso.

— Seja bem-vinda — disse a mulher, com voz agradável. Mas seus olhos estavam frios.

A recém-chegada avaliou a joia que estava no pescoço da moça. O escaravelho. Ergueu sua taça no ar como quem saúda e, sem dizer palavra, virou as costas e voltou por onde viera. Tinha uma tatuagem de serpente

enrolada no antebraço, em tons de azul e verde, nada discreta. Linda. Que mulher usaria uma serpente enrolada no braço daquela maneira?

Nathalie acompanhou-a com os olhos, surpresa. Teria apenas vindo vê-la?

— Parece uma vampira, não acha? — Anthon riu.

Nathalie observou a figura curiosa se inclinar para cumprimentar um casal mais velho. Sorria pouco, mas foi charmosa. Seu vestido preto e justo tinha um decote que chegava quase até o umbigo, mas não era indecente, pelo contrário. Fazia jus ao *The Red Carpet*, onde sem dúvida ela ganharia o Oscar da mais bela. E ousada. Tinha belas curvas e o cabelo comprido, negro, que caía ao longo das costas. *Linda* mesmo. O tipo de mulher com quem ela não se incomodaria de fazer um programa.

A mulher da serpente foi depois para perto da lareira gigantesca, que ocupava boa parte da parede dos fundos, e aproximou-se de um jovem muito alto que estava parado ali. Nathalie tocou o braço de seu acompanhante:

— Aquele não é o seu amigo?

— De fato. — E perto do ouvido dela: — Hoje ele vai ter uma participação importante na cerimônia a seguir.

— Oh, *oui*?

Anthon percebeu a admiração incontida de Nathalie, mas não fez comentários.

— Ele me parece sempre um pouco… — ela ia falar “mal-humorado”, mas se conteve a tempo e mudou o adjetivo — distante.

Klevtsky não respondeu; sua atenção foi desviada para um homem que usava terno preto de corte perfeito e que se aproximava deles.

— *Bonne nuit*, doutor Pierre Lefréve. Conheça nossa iniciada, Amanda Giraud. — E voltando-se para a moça: — Esse é um dos nossos cirurgiões plásticos. Não que você precise da ajuda dele — gracejou Anthon.

O médico de mais ou menos cinquenta anos estendeu a mão:

— Já me haviam dito como você era bonita, afinal as notícias correm. Mas é certo que não lhe fizeram jus! Sua beleza é incomparável, *mademoiselle*. Seja bem-vinda, *cher*. *Our lord,* a quem servimos, escolheu muito bem.

Nathalie não entendeu a quem ele se referia, mas agradeceu, mesmo assim.

— Além de cirurgião, nosso amigo aqui é um dos mestres da nossa seita, em Lyon — explicou Anthon.

— Oh! — Nathalie pensou no que deveria dizer, mas as palavras lhe fugiam. Então abriu seu melhor sorriso, o que pareceu agradar ao médico.

— *Sérieu*! Sua amiga é sem dúvida uma das mais belas da noite — ele disse, olhando para Anthon, ao mesmo tempo em que beijava Nathalie no rosto, segurando suas mãos entre as dele.

O médico era bem-humorado e passou a conversar com a convidada, prestando-lhe muita atenção, escutando suas respostas. Ela se esforçou em responder com carisma. Estaria sendo carismática? Era sua preocupação. Entretanto, não demorou que o efeito de algumas taças de *champagne* deixassem-na muito mais leve, como se realmente fizesse parte de tudo aquilo, e ria o tempo todo.

O médico tinha uma maneira interessante de olhar, parecia conseguir ver até o âmago de sua alma. Aparentemente, ele gostava disso, e ela também passou a gostar. Quando se tem uma vida como a dela, o normal é fazer o possível para não expor o lado pessoal. Mas aqueles homens não eram seus clientes, então ela não precisava temer.

Muitas pessoas iam e vinham, apresentando-se, cumprimentando-a, sendo simpática. Recebeu muitos beijos, abraços, a ponto de perder a conta. Toda hora, os *garçons* se aproximavam com bandejas de iguarias chiques, que ela nem conhecia.

— Prove desse caviar, *ma belle* — disse o doutor Lefréve a certa altura. — Direto da Noruega.

Ele mesmo a serviu. Nathalie experimentou, e as bolinhas explodiram em sua boca; muito salgadas. Não era, de modo algum, o que ela pensava. Nem bom, nem ruim.

Monsieur Klevtsky pediu licença, e andava pelo salão conversando bastante, em diversos grupos. De vez em quando recebia os parabéns de alguém, e olhavam na direção dela. Seria por sua causa?

Nathalie prestou muita atenção nele o tempo todo. Percebeu que as mulheres eram muito dadas ao seu lado, mas Anthon não parecia ser íntimo de ninguém em especial. Pelo menos, não ali, não naquela noite. Seria casado?

“Ele não faz o tipo casado”, ela refletiu, em meio a um gole e outro de sua bebida.

Olhando para o outro lado por um instante, Nathalie notou que o amigo de Anthon — aquele jovem muito bonito, muito forte e muito alto com quem a morena da serpente, bem mais velha do que ele, estava conversando — sentou-se ao piano. O enorme instrumento de cauda branco estivera sendo usado por outro pianista, que alegrara a recepção até então. Mas, ao fazer uma pausa, sua banqueta foi imediatamente ocupada pelo jovem de olhos profundos e cabelos cor de ébano, muito lisos, compridos.

A mulher da serpente ficou um pouco desconcertada, assim pareceu a Nathalie, pela forma como o seu “ouvinte” — pois era mais ela quem falava, e ele ouvia — se afastou. Assumiu um ar de surpresa, mas não se deu por vencida. Deu alguns passos e ficou ao lado do piano quando o rapaz dedilhou as teclas com uma facilidade impressionante, infinitamente superior ao outro músico. Nathalie ficou espantada. Por que aquela mulher linda fazia questão de ficar ali? Quando, obviamente, podia ter uma noite bem mais divertida com qualquer outro homem que escolhesse naquele salão?

Nathalie já tinha percebido como todos, aparentemente, faziam questão de falar com o enigmático jovem, nem que fosse apenas um cumprimento.

Havia dois homens mais velhos que estavam perto dele toda hora, aparentemente apresentando-o a várias pessoas. Mas foi a atitude das mulheres o que mais lhe chamou atenção. Pareciam se derramar para cima dele como água, como abelhas em volta do pote de mel, as mais jovens cercando-o com sorrisos e as mais maduras pensando seriamente em atropelar as primeiras. O rapaz estava vencendo o próprio Klevtsky no quesito poder de atração; mas Nathalie não entendia muito bem por que, afinal, apesar de sua aparência física, ele não parecia de muita conversa; era diametralmente oposto a Anthon, que transpirava carisma, gentileza e simpatia, e merecia ser cortejado.

O que Nathalie não sabia é que, naquela noite em especial, Kilaim era um trunfo que todas queriam.

“Deve ser milionário”, foi a conclusão dela.

Ficou observando enquanto Kilaim tocou uma música gritante e pesada, forte, maciça, contundente, e que realmente impressionou a todos, pois pararam de conversar; e depois aplaudiram. Ele fez um leve cumprimento com a cabeça, e continuou, tocando outra peça, quase como se já nem estivesse ali.

Depois de tocar, Kilaim se levantou, pegou sua taça e olhou na direção da lareira. A morena da serpente já estava do outro lado do salão, a essa altura, e ele bem que gostou disso. Foi a vez de Klevtsky aproximar-se dele, cumprimentando-o pela *performance* com uma palmada amistosa em seu ombro gigante. Os dois entabularam uma conversa que, para Nathalie, parecia meio truncada em função do mau humor do jovem. Mas era perceptível que os dois se conheciam bem. Volta e meia o amigo de Anthon olhava para ela, mas não sorriu e nem fez mesura alguma. Era evidente que estava ali a contragosto.

Por pura curiosidade, perguntou para Maya de quem se tratava.

— Aquele é o Kill, herdeiro de uma das maiores empresas de Propaganda e *Marketing* da França. Já ouviu falar na *Logos*?

— *Oui*, decerto — fez Nathalie, impressionada. “Milionário”, ela refletiu. — Por que será que ele está tão infeliz?

— Terminou com a namorada — alardeou Maya com voz aguda, espevitada, obviamente se deliciando em dar a notícia. — Vamos e venhamos, não era a pessoa certa mesmo. — E cutucando a outra com o cotovelo: — É um gato, *hã*? Tenho *certeza* de que ele vai se dar bem melhor comigo.

Nathalie olhou para Maya, divertida.

— Hoje à noite… é *o dia*! — cantarolou Maya.

— É mesmo? — Riu Nathalie.

— Ele vai ficar comigo. Gostaria de conhecê-lo? — Maya emendou uma coisa na outra e não deu chance para Nathalie perguntar nada, assumindo um ar enigmático que a convidada não entendeu.

— Oh, talvez outro dia — respondeu Nathalie, tentando manter-se jovial e descontraída. — Ele não me parece disposto a conversar com mais ninguém agora.

Mas Maya foi insistente.

— Uma vez apresentada, você deixa de ser estranha. *Allez*!

Foi arrastada, meio relutante, até a lareira. Na *Moonlight* ela não prestara muita atenção nele, mas agora o tal Kill lhe causava uma sensação de temor, um frio na boca do estômago. Ela não sabia o motivo.

— Kill. Esta é nossa convidada especial. Nathalie. — Maya empurrou Nathalie na direção dele.

O jovem olhou-a de alto a baixo, mas não estendeu a mão.

— Já nos conhecemos. *Herzlich willkommen*.

— *Quoi*? — Nathalie sorriu.

— Na verdade, ele é um poliglota, esse *mon ami* — disse Maya, chegando bem perto dele, olhando-o nos olhos. E depois: — Fale algo que se entenda, *sérieu*! Que falta de jeito com a nossa convidada.

— Bem-vinda — Kilaim grunhiu. — Espero que esteja se divertindo.

— Muito. *Merci*.

— Hoje é um grande dia para ela — atalhou Maya, com olhar divertido.

— *Hum* — foi tudo que Kilaim disse.

— Para mim também. — Maya de novo olhava-o sugestivamente, mas igualmente não teve resposta.

Nathalie olhou para cima, fitando-o. Sua beleza era ímpar, mas *havia* algo de estranho. Uma força cruel. Uma névoa sombria. Um sopro de irrealidade, como se ele fosse um personagem que escapara de um filme. Um filme de terror, onde a beleza se misturava com pesadelo.

— Prazer em conhecê-lo — finalizou Nathalie, incapaz de conduzir qualquer conversa com ele. — Com licença.

Saiu caminhando apressada, com o coração acelerado, rumo à *toilette*.

Rose tinha ficado à espreita, observando-a quando estava com Kill, e foi atrás dela na *toilette*. Maya deu uma corridinha e se juntou às duas.

— O que achou dele? — inquiriram as moças, se atropelando um pouco.

— Diferente.

Como se não houvesse mais comentários a respeito, houve uma sutil troca de olhares entre as duas anfitriãs, mas Nathalie não percebeu. Ao voltarem para a recepção, a atenção de Nathalie foi desviada para a bandeja de canapés de salmão defumado, e tudo caiu no esquecimento. A jovem Nathalie — quase uma menina — se olhava toda hora no espelho, e seu sorriso também era espelhado, cristalino. A risada vinha do âmago, brilhante e fácil.

Kilaim olhava para a moça a distância, sem sentir nenhuma emoção. Bonita *meuf*. Somente mais uma.

Todos naquela sala sabiam o destino que lhe reservava a vida. A joia da morte estava em seu pescoço delicado, abraçando-o, do mesmo modo como a morte também o faria, sem medo e sem clemência, antes ainda da madrugada.

6

L’agonie

Nathalie sentia sua cabeça leve, voando. As vozes pareciam mais altas.

Olhou para o copo. Geralmente ela era mais resistente ao álcool, só que agora parecia estar pisando em nuvens. Um som diferente soou alto, por cima da música. Ela olhou em torno, procurando saber de onde vinha o som, que reverberou por um tempo e aos poucos, desapareceu.

Era o badalar de um sino. Mas onde estava o sino?

Ela não conseguiu identificar o lugar, mas todos os outros ergueram a cabeça. Ele estava pendurado num *mezzanino*, acima do salão.

Quase imediatamente Nathalie sentiu o braço delicado de alguém, abraçando-a pela cintura. Era Maya. Com o sorriso no rosto, ela cochichou em seu ouvido:

— É hora! Vamos nos preparar para a cerimônia?

— Aquilo foi um sino? — indagou, zonza, Nathalie.

Maya apontou para o alto do *mezzanino*, e só então Nathalie se deu conta do sino de bronze, de porte médio, que estava na parte de trás. A convidada olhou para a amiga e procurou sorrir. Mas sentia aquela lentidão incômoda. Não tinha bebido tanto! *Porquoi* isso, agora?

— Vocês vão me apresentar agora? Aqui mesmo? — Nathalie tentou parecer, o mais possível, normal aos olhos de todos.

— *Non, cher*. Todos irão para a sala de cerimônias, e você vem comigo, primeiro. É hora de se preparar. As pessoas estarão esperando por você e, depois da cerimônia, vamos todos jantar juntos.

Nathalie esboçou um sorriso que deveria ter sido mais amplo, e uma animação que não sentia:

— Como esperei por esse momento.

O doutor Pierre aproximou-se dela mais uma vez.

— *À bientôt, ma belle*. Até mais.

As duas moças caminharam lado a lado, Maya puxando o braço de Nathalie para enganchá-lo no braço dela. Antes de sair do salão, a convidada procurou Anthon com os olhos, olhando de um lado para outro entre as pessoas, e pôde vê-lo de longe, ao lado do piano branco, perto de Kill. Mesmo a distância, ela percebeu que o homem a olhava com atenção, mas sem carinho.

— É hora! — falou Rose com ainda mais entusiasmo do que Maya, juntando-se a elas.

Nathalie deixou escapar uma risada nervosa. As três saíram do salão e acabaram caindo num longo corredor, diferente daquele por onde vieram, e que terminava numa escadaria de pedra muito larga, iluminada por candelabros de bronze e coberta no centro por uma tapeçaria azul com bordados dourados. Havia muitos quadros ao longo das paredes, e Nathalie não sabia se gostava deles ou não. A mistura das cores e a profundidade dos desenhos dava-lhe a impressão de um labirinto, de uma queda num poço.

O barulho dos saltos das moças era abafado pelo tapete. Também não havia mais conversa, e o silêncio atingiu Nathalie como um tijolo, opressivo. Ela tropeçou numa saliência do tapete que não existia, e foi amparada pelas outras. Aquela escadaria não terminava nunca.

— Oh, *pardon*…

— Está tudo certo.

Pareciam falar por falar. Será que percebiam que ela não estava muito bem? Nathalie começou a ficar preocupada. E se notassem o seu estado e resolvessem deixar para outro dia a iniciação? Isso não podia acontecer, e ela continuou descendo corajosamente, arrastando as pernas que pesavam.

As três, enfim, pararam diante de uma porta pesada de carvalho, nos fundos da escadaria.

Maya bateu e uma mulher mais velha que elas a abriu, deixando entrever um pequeno *hall* com duas poltronas escuras e um *abatjour*. Era uma pessoa desconhecida. Não parecia ter estado na recepção.

— Seja bem-vinda, Nathalie. Meu nome é Maude.

Mais uma vez, olhos enigmáticos. Por que algumas pessoas olhavam assim para ela, Nathalie não entendia. Sentiu-se observada de um modo estranho, como se os olhos diante dela pudessem absorver sua energia. Ela sentiu um leve arrepio.

“Bobagem. É só o frio. E a expectativa.”

Essa foi a explicação que encontrou, o que justificava também o fato de seu coração começar a bater um pouco mais forte. Ela olhou para Maya e Rose.

— Nós nos despedimos aqui — falou Rose. — Até lá.

— Vocês não vêm? — indagou Nathalie, surpresa.

— Agora não.

— Você vem comigo — falou Maude, com um sorriso. — Entre, *sil vous plaît*. Vamos preparar você para o seu rito de iniciação.

Sorriso estranho. Seria apenas impressão?

Quando deu por si, as duas amigas já tinham desaparecido, agora entre risos, pela escada que levava de volta ao salão onde estavam todos. Nathalie estranhou os risos. Pareciam diferentes dos que tinha ouvido durante a semana.

(Era tudo bobagem. Estavam felizes por ela, é claro.)

Nathalie respirou fundo e deu o primeiro passo para dentro do *hall*, fazendo menção de sentar-se em uma das poltronas. Porém, Maude a pegou pela mão com certa firmeza e fez com que a acompanhasse pelo pequeno corredor que dava numa sala bem maior. Nathalie tropeçou de novo numa pedra fantasma.

— Vejo que você bebeu um pouquinho além — comentou Maude. — Mas quem pode culpá-la, *n´est-ce pas*? Hoje é o seu grande dia.

Nathalie sorriu e passou a mão sobre o rosto. De uma porta lateral surgiu um homem que ela reconheceu, por tê-lo visto de longe, na recepção. Que estaria fazendo ali?

— Este é nosso amigo Thomas Davenport.

— *Bon soir*, Nathalie.

Ele trazia nas mãos uma taça de cerâmica trabalhada, e estendeu para ela.

— Isso vai deixar você bem mais confortável. Essa sensação de zonzeira vai passar. Tome isso aqui em um gole só, *parce que* o gosto não é muito bom.

— O que é?

— Uma receita com ervas. Por sinal, uma receita secreta. Milenar.

— Mas é uma droga?

— Nada que não possa ser encontrado na Natureza. É um extrato de vegetais. Você vai se acostumar — explicou Davenport.

— Faz parte do término de seu preparo para a cerimônia — completou Maude. — O doutor Thomas é médico.

Nathalie tomou a taça entre as mãos, e olhou o seu conteúdo. Percebeu um líquido amarelado, com textura de creme ralo. Sentiu o aroma. Forte. Denso. A taça estava levemente morna. Levou aos lábios. Bebeu de uma vez e lutou para não fazer cara feia.

— Estaremos aqui ao lado, preparando os últimos detalhes — disse Maude, olhando-a com seus olhos escuros. — Descanse alguns minutos e já

viremos buscá-la.

Ela apontou para um sofá confortável acomodado num dos cantos da sala.

Nathalie assentiu. Maude e Thomas Davenport trocaram um olhar significativo, brilhante, antes de sair pela porta lateral. Mas, novamente, a moça não percebeu.

* * *

Nos quinze minutos seguintes a sensação de mal-estar, ao invés de diminuir, aumentou. Nathalie fez menção de levantar-se para ir atrás de seus anfitriões e dizer-lhes que não se sentia nada bem. Entretanto, não foi capaz de se erguer do sofá.

Vertigem. Muito forte. Por um instante, não sabia onde era em cima e onde era embaixo.

Ela deixou a cabeça pender no encosto do sofá. Muito calor. Depois frio. Então calor de novo. O suor porejava em sua fronte, incomodando-a, e Nathalie ergueu a mão para tirá-lo dos olhos, mas percebeu que não conseguia coordenar o movimento. A mão passou raspando na orelha, para seu desespero crescente.

Era mais que certo que a tal mistura não lhe caíra bem. Precisava de ajuda. De novo: tentativa de se levantar. Só que as pernas não respondiam bem e não pretendiam obedecer-lhe. Olhava em derredor, mas a sala não parava de rodar. O ambiente estava esquisito, escuro.

Quis chamar por Maude, mas sua voz morria na garganta, turva, esparramada como um ovo quebrado. Ela estava assustada. O peso do colar era muito, muito grande… tudo que ela queria era tirar aquilo do pescoço.

Mãos: descoordenadas. Impossível tirar a joia.

Teria escutado o badalar do sino, mais uma vez? Ou era coisa de sua cabeça…?

Quase imediatamente, Nathalie escutou uma respiração ao seu lado. Muito forte e profunda! Parecia um animal selvagem, perigoso. Ela pulou para frente, apavorada, mas seu corpo caiu de lado. Aquela respiração não era humana, absolutamente não era! Era um animal muito grande. E estava perto dela.

O som da garganta de Nathalie não tinha forma, seus braços estavam desgovernados, agitados em movimentos espásticos. Acabou rolando de cima do sofá e o lado de seu rosto bateu forte no chão. A dor escorreu quente como óleo.

* * *

Maude e Davenport estavam ali, observando. Nathalie não tinha consciência da presença deles, nem da de dois outros homens que os acompanhavam. Um deles era o doutor Pierre Lefréve.

— Está na hora — disse este último.

A sedação que tinha começado com a droga posta na bebida dela se completava com a ingestão do unguento secreto. A coordenação da moça estava muito prejudicada, mas a consciência se mantinha. Era como devia ser.

Uma maca foi colocada ao lado do sofá e os três homens acomodaram Nathalie sobre ela, enquanto Maude retirava-lhe os sapatos de salto alto. Nathalie olhava para eles, embora não conseguisse vislumbrar direito suas feições. Mesmo assim, reconheceu o médico. Seus olhos se arregalaram e o som gutural de sua garganta ficou mais repetitivo.

— Fique calma, *mademoiselle*.

Nathalie ouvia a voz dele não como a voz que estivera escutando durante toda a recepção, antes. Estava aguda. Metálica. O tom era perturbador.

Seus braços e pernas foram atados à maca por correias, para que ela não despencasse de lá, e a cabeça ficou amarrada por uma cinta de couro na

altura da testa. Nathalie não sabia direito se estavam ali para ajudá-la, ou não. Esforçou-se em acreditar que eles haviam percebido que seu organismo não reagira bem à mistura e se preparavam para fazer alguma coisa.

O grupo empurrou a maca para a sala ao lado. Nathalie teve as roupas de festa e sua *lingerie* de seda cortadas. Depois Maude retirou, com calma, cada uma das joias que ela estivera usando. A moça tentava compreender o que ocorria, tentava falar, mas não lhe deram atenção. Presa à maca, não conseguia virar a cabeça e nem mexer os membros.

Ao lado, havia uma pequena mesa cirúrgica com alguns instrumentos, mas Nathalie não tinha condições de perceber isso.

Maude — a feiticeira — tomou lugar de um lado da maca, enquanto o médico Pierre Lefréve posicionou-se do outro lado. Os dois homens ficaram perto dos pés de Nathalie, um de cada lado. Ela cerrou os olhos com força quando uma luz forte, enorme, foi acesa sobre o seu rosto.

* * *

Depois de ouvir o badalar do sino pela segunda vez, Kilaim havia deixado o salão. Eram três badaladas naquela noite. A primeira para Nathalie. A segunda para ele. E a terceira, para os convidados.

Ele esvaziou seu copo num último gole e se levantou da poltrona onde estivera sentado depois de tocar, as pernas cruzadas e imóveis, o semblante fechado.

Os seus sentimentos de recusa ainda eram embrionários, mesmo assim geravam um aglomerado revolto de sensações e sentimentos conflitantes dentro do coração. Pela primeira vez questionava a cerimônia e sua participação nela, ouvindo a voz de Claire como um sussurro dentro da mente:

“Ele morreu por você… viva por Ele.”

Que ladainha inapropriada! Sua mente estava a lhe pregar uma boa peça, e era absolutamente necessário controlá-la, pois sua atenção tinha que estar voltada para o que deveria fazer em seguida. Logo ele, que sempre fora elogiado por sua concentração, frieza e determinação, qualidades que lhe renderam o codinome: “Kill”.

Apoiando com firmeza o copo no espaldar da lareira, Kilaim respirou fundo e saiu do salão em passadas largas, sem olhar para ninguém. Era hora.

O auxiliar de cerimônia que o acompanhava, Charles, de vinte e sete anos, avaliou-o com um ar levemente intrigado, o que só fez Kilaim fechar ainda mais o semblante. As inquietantes afirmações de Claire não deviam ser partilhadas por ninguém, e o impasse em seu relacionamento com ela também deveria ser mantido em segredo.

Kilaim percorreu o corredor que ladeava o salão de recepção pelo lado oposto ao caminho seguido por Nathalie. Charles seguia um passo atrás dele. O jovem gigante sentia as batidas de seu coração em compasso com o movimento de seus pés, abafados pelo espesso carpete vermelho-escuro. Aquele era um momento importante de sua jornada, por isso não contava em estar à mercê de lembranças que se traduziam num incômodo. Era imperativo estabelecer a concentração adequada.

Quando havia expulsado Claire de seus pensamentos, de repente, como uma flecha sendo disparada, Kilaim foi invadido por outra cena imprópria: as crianças no *Hôpital*, celebrando a vida. A lembrança foi tão aguda que era quase como se ele pudesse vê-las novamente. Os sorrisos. O bolo que lhe foi oferecido. Todo aquele gesto de amor que recebera estava novamente ali. Kilaim não podia estar mais desconcertado.

Os passos foram todos feitos em silêncio, até a antecâmara. O auxiliar abriu a porta e com uma ligeira mesura, deu passagem a Kilaim, que entrou sozinho na pequena sala.

* * *

Pierre Lefréve estendeu a mão para a mesa cirúrgica e tomou o bisturi sem dar atenção à inquietação de Nathalie. Porém, sabendo que ela podia ouvi-lo, falou com voz de professor antes de dar início ao procedimento:

— Fique tranquila. Isso vai fazer com que você enxergue melhor.

Nathalie sentiu as picadas. Eram picadas. De abelha? De escorpião? Era muito dolorido e de sua garganta saiu um som de lamúria.

As pálpebras foram retiradas com extrema habilidade, e o médico contemplou seu trabalho perfeito olhando a moça bem de perto. Dentro dos olhos. Então ele comprimiu com gaze até parar o sangramento, e por um instante ela se viu na escuridão completa. Quando enxergou de novo, não conseguia mais parar de enxergar.

Com a mesma destreza, Pierre Lefréve removeu os lábios. O superior primeiro, depois o inferior. Para Nathalie, pareciam picadas de marimbondo, e de seus olhos expostos pavorosamente escorriam lágrimas e sangue. Dentro dela, a pergunta que se repetia, infindável e infindável:

"*Porquoi*? *Porquoi*? O que ele está fazendo?"

Os outros observaram o aspecto do rosto dela. Os dentes — tão bonitos e bem enfileirados antes — agora eram parte de um esgar que jamais se desfaria. O sangramento foi controlado. Nathalie se desesperava, sentindo o latejar agudo nos cortes abertos.

"Não pode ser…"

Algo estava errado, muito errado. Não entendia por que ela tinha sido a escolhida para estar ali, nem o que fizera de mal àquelas pessoas. Só podia ser um castigo por ter escolhido a vida de prostituta.

"*Mon Dieu*, me perdoe pelo que eu fiz", ela repetia incessantemente dentro dela.

Esforçava-se por falar, por inquirir seus algozes, mas de sua boca escancarada escapavam gemidos ininteligíveis. O pânico daquele momento

foi indescritível, coroado por mais lágrimas e sangue.

"*Dieu*, me perdoe pelo modo como usei o meu corpo… *sil vou splaît*, me ajude, me ajude."

Maude se aproximou dela com uma coroa de flores nas mãos, e a ajeitou sobre sua cabeça. Nathalie tentou gritar. Sua voz, gutural, assemelhava-se a uivos de um animal no matadouro. Fazia força, mas em vão. As mãos e os pés estavam bem presos. Queria erguer a cabeça, mas ela também continuava bem presa.

Não sabia direito o que estava acontecendo, mas, naquele momento, começou a antever o seu final; o final trágico de sua vida. O coração galopava em *presto*, ribombando no peito, no pescoço, na cabeça e nos ferimentos recém-feitos. Deveria ser audível na sala inteira. O suor empapava seu corpo, mas, a despeito de seu estado, ninguém mais lhe falou.

— *Allez*. Está na hora.

Tudo corria dentro do previsto, como uma engrenagem. Eles se preparam para descer por um corredor estreito que saía da sala, do lado oposto à entrada. O piso era liso, fácil de correr a maca.

* * *

Terceira pungente badalada do sino.

Os convidados que estavam no salão de recepção, já expectantes, se prepararam para deixar o recinto. A parede de trás da lareira foi aberta. Por ali havia mais um acesso para o salão de cerimônias especiais, uma escadaria larga e comprida, forrada com tapete preto com desenhos em prata, vermelho e ouro. As luzes eram embutidas nas paredes, coloridas, e desenhavam um halo ao longo do caminho.

O tom da conversa diminuiu bastante, até quase silenciar. O clima naturalmente mudou. A escada terminava num amplo *hall* com piso em mármore e paredes vermelhas, diante de portas pesadas de carvalho que já

estavam abertas. O local, opulento e luxuoso, num primeiro momento estava iluminado com energia elétrica. Ali eram realizadas cerimônias apenas na presença de membros do alto escalão da Organização.

Havia fileiras de cadeiras de madeira de lei e estofamento vermelho, espaçosas, sobre piso de mármore de várias cores formando desenhos. As paredes e o teto abobadado eram totalmente cobertos de pinturas cheias de detalhes que lembravam o estilo Renascentista e Barroco, uma obra de arte de dimensões consideráveis. Havia anjos e demônios caindo do Céu, passagens da Bíblia Sagrada e da bíblia satânica.

Todos estavam praticamente calados, ouvindo-se o som de uma voz esporádica, aqui e ali. O ar se fazia adocicado e denso, impregnado por um esfumaçado tênue que vinha dos incensos que já estavam queimando, havia algum tempo, dentro dos turíbulos de bronze revestidos com prata.

O altar — que respeitava as proporções do salão — ainda estava vazio, exceto pela pira de fogo já acesa. Diferente das grandes festas — onde milhares se reuniam, onde havia piras monumentais que jorravam sua luz e calor, e dentro das quais alguns podiam entrar sem nenhum dano —, naquela noite o fogo era apenas simbólico. Ele jamais deveria faltar. Era um símbolo da luz de Lucipher, e uma alusão aos filhos ali presentes.

“Filho do Fogo, o Fogo não queima; filho do Mal, o Mal não toca.”

Quando as pessoas presentes estavam acomodadas, três instrumentistas tomaram suas posições no altar, que tinha formato triangular. A base do triângulo ficava voltada para os fundos, onde a parede era recoberta por uma pesada cortina de veludo vermelho, e a ponta estava virada para o lado dos convidados. O pianista sentou-se diante do piano de cauda preto, com pés de ouro e coberto por desenhos feitos em ouro, que contrastavam com o fundo lustroso do instrumento; a harpista dedilhou de leve a harpa folheada a ouro e que era dotada com três cordas extras feitas de tendão humano; o violinista empunhou um *Stradivarius* original, que era, naturalmente, não catalogado.

Prontos os instrumentistas — que teriam seu dom musical potencializado e lapidado por entidades específicas —, a intensidade de luz diminuiu. O silêncio se fez total, então, os sacerdotes entraram diretamente no altar, vindos de outras passagens ocultas. Oito ao todo, quatro de cada lado. Um deles era Zor. Vestiam túnicas negras com capuz e estavam descalços.

* * *

Kilaim olhava o reflexo de seu rosto no espelho, sem vê-lo.

A antecâmara estava na penumbra, iluminada apenas pela claridade fugidia do fogo. Havia cinco velas mais robustas, feitas de sebo humano, cujo odor característico se desprendia. Elas sinalizavam as cinco pontas de um pentagrama e faziam conjunto com mais oito velas negras comuns, somando treze. Havia também uma pequena pira de fogo que trazia também calor.

A pequena sala retangular fazia alusão ao Santo dos Santos, o local mais sagrado do Tabernáculo que fora erigido por Moisés, segundo a direção de Deus, no deserto. Ali a Glória Dele se manifestava, e somente o sumo sacerdote escolhido poderia entrar naquele lugar, uma vez ao ano. A Arca da Aliança também era guardada ali.

O espaço que Kilaim ocupava era uma tipificação do Santo dos Santos, em pequena escala. Mais uma forma de profanar a memória do lugar onde Deus se manifestou ao Seu povo pela primeira vez. Ali, na casa de seu pai, Lucipher também se manifestaria a ele.

A despeito de seus esforços em buscar concentração, as lembranças e as saudades de Camille inundaram o coração de Kilaim, de repente. Era a primeira cerimônia a que participava depois da morte dela. Camille fora ceifada de sua vida abruptamente, exatamente como queriam, agora, fazer com Claire. Kilaim sentiu a ponta da ira aglutinando-se impetuosamente em sua garganta, grudando nela e em seu corpo todo, como piche derretido.

Percebeu logo não ser possível livrar-se daquela ira, mas, afinal, aquela onda furiosa haveria de ser bem-vinda. Por um motivo, ou por outro.

"*Oui. Colère.*"

Ele respirou profundamente, abrigando-a em si. Fechou os punhos com muita força, devagar. Poderia esmagar uma rocha. *Colére* por Camille. Por Claire. Por ter sido chamado à atenção pelo delegado e por Zor. *Colère* até por Lucipher.

Ainda respirando pesadamente, ele sabia que não podia perder a janela de entrada no salão de cerimônias. Precisava estar pronto. Olhou em derredor. Nunca havia estado naquela antecâmara antes (costumava participar dos ritos em Lyon, também em outras cidades, mas nunca viera a Paris com esse fim).

Viu a bacia e o jarro com a água da purificação. A atitude de purificação traduzia o renovo perante Lucipher. Era um modo de se preparar para ser usado novamente por ele.

Kilaim derramou a água do jarro dentro da bacia. Ambos eram de bronze, folheados a ouro. A água havia sido colhida da nascente de um rio, totalmente pura, e dentro dela boiavam folhas de hortelã, a fim de aromatizá-la. Ele despiu toda a sua roupa e deixou-a pendurada na pequena alcova à sua direita. Em seguida lavou as mãos e os antebraços até o cotovelo; depois o rosto. Deixou cair o restante da água na bacia e mergulhou os pés vagarosamente. Ele podia lavar o exterior; mas o interior lhe pertencia, junto com a *colère* e o ressentimento.

Realmente não sentia a mesma expectativa pulsante das outras vezes.

Começou a ouvir o cântico de adoração a Deus vindo do salão de cerimônias. Mais um ato de profanação. Era um cântico de vitória, que exaltava a força do Criador.

"*Caem diante de mim os meus inimigos,*
Como pó se tornam perante o Seu poder.

Mal algum me toca,
Porque Tu estás comigo!
Elevo meus olhos aos montes, de onde me virá o socorro?
O livramento vem de Deus,
Criador dos céus e da terra.”

Kilaim vestiu sua túnica negra e cobriu a cabeça e parte do rosto com o capuz. O toque macio do tecido na pele era reconfortante depois do contato com a água fria. Kilaim viu seu reflexo no espelho novamente, por alguns segundos. Seus olhos estavam tão negros quanto à roupagem, e infinitamente profundos, como um lago. Até para ele eram surpreendentes.

Tinha quatorze anos, e a vivência de alguém muito, muito mais velho.

Não sentia medo, nem inquietação.

* * *

Sobre o altar triangular havia um triângulo impresso no chão e, dentro do triângulo, um pentagrama muito grande cuja ponta estava voltada para os fundos. A figura do bode saudava aquele que viria detrás da cortina vermelha. O executor.

O hino de “adoração” deu espaço para um cântico desconhecido à maioria dos seres humanos. Era como canto gregoriano, porém, mais melodioso e acompanhado pelos instrumentos.

Tom crescente. As entidades que já estavam ali no local, responsáveis pela inspiração daquelas músicas, ofereciam suas vozes para somar à dos humanos.

Clímax. Os quatro grandes príncipes do inferno estavam ali, embora ainda invisíveis. A música marcara sua presença. Belzebu, Asmodeo, Astaroth e Leviathan, os quatro cavaleiros do Apocalipse.

Lucipher, o Príncipe do abismo, entraria depois. Junto com Kilaim. Ele era o bode de Levítico solto no deserto, símbolo da liberdade; aquele que

ousou enfrentar o Onipotente e conquistou um reino maior que o Dele. O Manto que encobre a Luz.

A presença visível das entidades seria em breve. Aquilo gerava empatia nos presentes e validava a aliança entre eles, revelando o poder que representava. Mas era uma faca de dois gumes. Um selo para os adoradores, uma senha espiritual, mas também uma advertência. De que o caminho da verdadeira aliança com as Trevas é sem volta.

Todos eles estavam à espera de Nathalie.

Quando a trouxeram, nua, seu rosto era a face do horror. A juventude tinha sido sugada; os olhos sem pálpebras estavam estatelados na face, os dentes expostos e manchados de sangue. Seus cabelos, puxados para trás, revelavam as marcas de suor e sangue sob a delicadeza das flores.

A sedação a que fora submetida era suficiente apenas para tirar as forças do corpo, de forma que ela entrou sentada numa cadeira de rodas comum, com seus punhos e tornozelos atados por cintas. Totalmente consciente, a moça se contorcia, em meio a gemidos e lágrimas, a cabeça girando e os olhos girando nas órbitas, tentando ver o que a esperava.

Zor deu passos à frente, aproximando-se de Nathalie, e perguntou com voz tonitruante:

— Deus está aqui, Amanda?

Nathalie, aterrorizada, não era capaz de articular nada. Em seu lugar, os presentes gritaram:

— *Non*!

Mais uma vez, Zor fez a pergunta para a moça:

— Você acha que Deus vem para te proteger?

Ela gemia mais alto, e as pessoas gritaram com mais ímpeto, especialmente Maya e Rose que, lado a lado em cadeiras bem na frente, ergueram suas mãos para o alto a fim de acompanhar o fim de sua amiga.

— *Non*!!

Zor aproximou-se da ponta triangular do altar, e deu sua sentença.

— Então, que as Trevas cubram a Luz.

O povo gritou ainda mais, jubilando.

— Que o Manto da Escuridão apague a chama desta vida — continuou Zor com firmeza —, e que o estertor da morte venha carregado de dor e sofrimento, a fim de alegrar os príncipes que aqui estão e cujo trono foi tirado pelo Deus da injustiça.

Ergueu alto seu braço e deu um urro:

— *Shemforash*! *Hail Satan*!

— *Shemforash*! — repetiram os homens.

— *Shemforash*! — foi a vez das mulheres.

— *Hail Satan*! — ecoou a voz de todos, com força digna de quebrar as paredes.

— Poder à força! — dirigiu o sumo sacerdote novamente, num grito, erguendo novamente os braços.

— Morte aos fracos! — foi o brado de resposta dos filhos do Fogo ao recitar uma das máximas mais importantes a serem aprendidas.

Esse era o momento em que os príncipes deveriam aparecer à vista de todos, o que aconteceu de imediato, e exprimiam bastante regozijo. Do alto de sua estatura de cerca de quatro metros eles sorriam, e sua musculatura absurdamente talhada se retesava a cada gesto. Exibiam braceletes de ouro muito reluzentes que ocupavam toda a extensão do antebraço, e onde seus nomes e patentes vinham inscritos em hebraico e aramaico. Cada um trazia no pescoço uma corrente grossa com um pentagrama dentro de um círculo, cujas pontas ultrapassavam os limites do círculo. Pendurada abaixo do pentagrama jazia uma cruz de ponta-cabeça. A cor do cabelo de cada um deles, longos, fazia alusão às cores dos quatro cavaleiros do Apocalipse: branco, amarelo, vermelho e negro. E os chifres, muito poderosos, saíam pelos cabelos.

Faltava pouco, agora, para o acontecimento principal: a réplica do ritual de sacrifício asteca, ligeiramente modificado.

* * *

Kilaim escutou os gritos das pessoas de onde estava, na antecâmara. Ela ficava posicionada exatamente atrás do altar onde estavam os demônios, os sacerdotes e a presa. Faltava pouco, agora.

Ele se aproximou do altar pequeno que fazia parte da antecâmara, para completar sua entrega.

— Minhas mãos estão limpas agora, mais uma vez. Prontas para serem embebidas no sangue que te é oferecido — murmurou Kilaim em voz baixa, diante do espelho.

Olhava fixamente para seus próprios olhos. Ao redor, penumbra. Havia luz suficiente apenas para ver o brilho dos seus olhos sobressaindo na pele clara, no fundo do capuz.

— Que eu possa agradar a Sombra mais uma vez, enquanto *my Lord* derrama poder à força, e me usa mais uma vez para acabar com os fracos.

Ele sabia que Lucipher já estava presente, pois sentia sua energia ali, perto dos ossos humanos que faziam alusão aos pães da proposição de Deus. Era quase hora de vê-lo. Apesar de sua indignação, ele sabia que as palavras ditas a Lucipher nunca eram vazias, nunca eram ditas para o vento, como as palavras dos cristãos.

Naquela noite, mais um degrau a ser galgado. Cruzou os braços sobre o peito num “X”, sem tirar os olhos do espelho, inclinou de leve a cabeça num cumprimento. Então viu o Príncipe das Trevas, logo atrás de seu ombro esquerdo. Ele cruzou os braços da mesma maneira e inclinou a cabeça retribuindo o cumprimento, os olhos fixos nos de Kilaim.

Ele estava pronto para a execução. E pronto para o que vinha depois.

* * *

Nathalie sabia que estava em algum lugar medonho.

Ela escutara aquele cântico que falava de Deus, e, depois, o som ímpar da canção que veio a seguir, da qual não podia entender nenhuma palavra, muito menos dar nome ao idioma em que era proferida. Seu sangue gelara nas veias enquanto todos gritavam, misturando-se ao potente galopar do seu coração. Da cadeira de rodas ela olhava para os presentes, reconhecendo as pessoas que estiveram na recepção, e uma pergunta não se calava dentro dela:

"Eles sabiam… todos eles sabiam o que ia me acontecer. Vão me matar!"

Sua respiração estava curta e ofegante. Ela conseguiu, num esforço supremo, em meio ao jorro de adrenalina, coadunar algumas palavras. E ouviu o som pastoso de sua voz, que suplicava:

— *S´il vous… plaît*… não… me mate…

Como ninguém lhe prestasse atenção, começou, instintivamente, a clamar por uma intervenção Divina.

— *Mon… Dieu… Di-eu…*

Não conseguia falar. Implorava em sua mente, chorando.

"*Mon Dieu*, me perdoe. Me ajude! *Sil vous plaît, sil vous plaît*!"

Mas o seu destino cruel já estava traçado.

No centro do pentagrama havia um pilar de superfície quadrada: mais ou menos um metro de altura por meio metro de área. Os sacerdotes aproximaram-se de sua vítima e, desatando-a da cadeira, suspenderam-na em seus braços. Ela olhava para eles, cobertos por seus mantos, mas não queria vê-los, por *Dieu*, não queria! Virou o rosto para o lado porque desejava muito fechar os olhos, mas não era mais possível. Nathalie haveria de contemplar todo o horror da Criação até o fim, assistindo à sua própria morte.

Entendeu o que não tinha entendido durante todos aqueles dias, embevecida por seu sonho dourado e pelas promessas daqueles que eram,

afinal, os inimigos de Deus. Aqueles homens estavam possuídos por demônios… aquele era um ritual macabro… e ela era a vítima.

Num vislumbre de pavor, Nathalie viu *Madame* Moreau, a mentora das meninas na *Moonlight*! Era uma das sacerdotisas, coberta por seu manto negro e que, estrategicamente, não se mostrara durante a recepção. Anette olhava para Nathalie fixamente enquanto ela era levada para o centro do altar. A sensação de ser enganada doeu ainda mais fundo e aumentou seu desespero.

Quando chegaram perto daquela pilastra, a moça contorceu o corpo com toda a força que podia, em meio a gritos de terror. De onde estava ela viu Anthon, num relance, sentado numa das cadeiras centrais da primeira fila. O olhar dele era de satisfação. Claramente satisfação.

Nathalie queria poder se encolher como uma bola. Um nódulo dolorido cresceu em sua garganta, e ela gritou mais alto, chorou muito. Virou o rosto para o outro lado, não queria que Anthon a visse, e nem queria vê-lo. Mas encontrou o doutor Pierre ao lado de Davenport, Maude e a mulher linda de serpente enrolada no braço, Maya, Rose…

Todos aqueles rostos que iam vê-la morrer eram das pessoas com quem conversara. Que tinham sorrido para ela, que lhe tinham dado as boas-vindas. Que a tinham enganado com tanta perfeição e frieza.

Então, Nathalie olhou para o alto. Não queria vê-los mais. No teto havia um círculo com signos do Zodíaco, e uma réplica da pintura de Michelangelo, o dedo de Deus tocando o dedo do Homem…

Mas tudo aquilo logo sumiu.

Os sacerdotes a ergueram com facilidade e apoiaram sua coluna lombar sobre aquele pilar quadrado. Dois deles puxaram-na para trás pelos braços com firmeza. Nathalie gritou suplicante, em agonia. Outros dois esticaram suas pernas para baixo. Ela sentiu as arestas duras do pilar quase perfurando sua carne, o abdome distendendo ao máximo. Seu corpo sinuoso, os seios

fartos de mamilos róseos e a depilação perfeita ficaram expostos para todos verem.

Um uivo brotou de sua garganta, um som que Nathalie não se julgava capaz de proferir. Depois, ela sorveu o ar com mais ímpeto. Na expiração, deixou escapar um grito ainda mais agudo.

— *Mon… Dieu*!!

Zor — o que possuía estranhos olhos, ela os tinha visto — voltou-se para a mesa de instrumentos disposta no centro do pentagrama. Tomou nas mãos algo semelhante a um alicate, e o introduziu na boca de Nathalie. Com a força do movimento, a ponta do instrumento bateu num dos dentes incisivos, quebrando-o. Em seguida a língua foi puxada para fora ao máximo, com brutalidade.

— *In nomine Dei nostri Satanas Luciferi excelsi*!

Num movimento absolutamente preciso, com a outra mão o sumo sacerdote cortou a língua com uma lâmina muito afiada, num jorro de sangue. Mesmo assim, Nathalie ainda podia produzir sons guturais. Sons que não seriam facilmente esquecidos.

— Nunca mais o nome de Deus vai ser ouvido nesse salão — ele falou.

Em seguida, um dos sacerdotes veio para perto de Nathalie, tendo um cálice nas mãos. As lágrimas produzidas naturalmente, e que escorrem pelo rosto, vêm em pouca quantidade, então a glândula lacrimal da jovem foi perfurada com um instrumento pontiagudo.

No cálice, as lágrimas foram recolhidas.

* * *

Kilaim dirigiu-se para a porta de saída da antecâmara, que dava num corredor suavemente iluminado, estreito, todo de pedra, com teto abobadado. Havia pequenas lâmpadas que eram suficientes apenas para deixar ver o caminho. Logo atrás dele, Lucipher. O jovem bruxo sentia o lado esquerdo do rosto formigando levemente, um sinal comum da presença

próxima do demônio. Os membros pareciam de pedra e, seu coração, de bronze.

Sabia que a língua da moça havia sido cortada pelos sons que lhe chegavam aos ouvidos. Aquela atitude de clamar a Deus era sempre a mesma; todos os convidados para a cerimônia esperavam por isso. Depois, todos esperavam pelo silêncio do clamor, no meio de um rio de sangue. Um clamor que não surtiria resultado algum. Nunca.

“Deus não ouve aqueles que O chamam”, Kilaim pensou. E a insana *colère* que sentia antes se misturou à de Lucipher. Insana e animal. Ele ouviu o ruído metálico dos instrumentos que cortaram a língua de Nathalie sendo colocados de volta sobre a mesa. Então, parou a poucos metros do altar cerimonial, do outro lado da cortina cor de sangue.

Estendeu a mão sobre o veludo, à espera do sinal para entrar. O ritual era como uma coreografia, uma dança do inferno. Podia ouvir os uivos da moça que em breve estaria sem vida e, de repente, alto, mais um toque de sino. Kilaim afastou a cortina e subiu ao altar.

O pentagrama deu-lhe as boas-vindas, bem como os oito sacerdotes, que voltaram o rosto na sua direção. Contando com ele, eram nove. Ali estavam os quatro demônios, que também olhavam em sua direção. A posição que Kilaim ocupava naquela noite era de muita honra.

Honra ao filho de Lucipher.

Com passadas largas ele caminhou sobre o altar na direção de Nathalie, e Lucipher veio atrás dele, com sua impressionante figura. Todos o viram. Pele escura, chifre de unicórnio, braceletes de ouro poderosos, um anel de ouro cravejado de rubis. Era cerca de um metro mais alto que as outras entidades, e muito mais forte. Seus elementos tribais brilharam, os *piercings* de ouro em todo o lóbulo das orelhas, no nariz e na boca. O cabelo, comprido até a cintura, estava amarrado, e os olhos de petróleo eram duros e frios.

A força de Lucipher era a força de seu filho. Agora as emoções de ambos se misturavam e, por causa disso, o bate-estaca no peito de Kilaim tornou-se muito forte e poderoso, como se o coração quisesse sair do peito e explodir. A respiração estava bastante profunda e compassada, ruidosa. A sua consciência seria preservada, mas Kilaim não detinha o controle total de seus movimentos. Em parte seu corpo era dele, em parte era de seu pai.

Parou ao lado de Nathalie. O sangue que escorria da sua boca no chão quase a sufocava também, escapando por dentro, por sua garganta. Dentro de Kilaim não havia compaixão, apenas a certeza de que, naquele momento, era invencível. Um olhar sobre a mesa, e ali estava o punhal que deveria usar, com seu cabo trabalhado e incrustado de pedras.

Estendeu a mão com confiança, tomou o instrumento e olhou a pele branca da moça. Lucipher afundou as mãos sobre os ombros de Kilaim, penetrando nele, abraçando seu coração. Os convidados já não podiam ver as mãos do demônio, e isso mostrava que os dois eram um só, pai e filho, unidos para o sacrifício.

Nathalie olhou quando Kilaim se aproximou dela, com olhos de terror. Reconheceu-o.

…

Uivos entrecortados de dor e angústia. O coração tinha que ser retirado no momento de maior terror, de maior liberação de adrenalina. No salão, as pessoas assistiam e aguardavam no silêncio sepulcral.

Uma incisão foi feita sem titubeios, firme e precisa, rasgando, afundando, de um lado a outro do abdome, perfeitamente abaixo da última costela. Kilaim largou o punhal com rapidez. Sua mão esquerda forçou a passagem criada acima do diafragma, com mais rapidez ainda e perícia inigualável. Lucipher se juntava ao movimento, junto com ele, com mais força, com mais precisão, um único e quebradiço ruído.

Coração frenético, arrancado de dentro do tórax.

Artéria aorta… veias de grande calibre… estraçalhadas.

Último jorrar maciço de sangue…
e escuridão.

* * *

Kilaim ergueu o coração acima da cabeça, exibindo-o, e o sangue escorria profusamente pelo seu braço. Uma euforia inimaginável percorreu o grupo, que do silêncio partiu para gritos e aplausos diante do sacrifício consumado:

— *Hail* Lucipher!

— *Hail Satan*!

O coração de Lucipher pulsava com orgulho. O coração de Kilaim pulsava junto com o coração de Lucipher e com adrenalina, sentindo a força do demônio dentro dele; e o coração de Nathalie ia deixando de pulsar, cada vez mais fraco.

Os olhos de Kilaim estavam ainda mais enegrecidos, e havia uma fúria difícil de dissipar. Era em parte dele, e em parte de Lucipher.

Zor aproximou-se do gigante com um recipiente de prata nas mãos, e o coração de Nathalie foi colocado dentro, como um tesouro. O corpo sem vida e coberto de sangue permaneceu seguro pelos quatro sacerdotes. Kilaim aproximou-se mais uma vez da vítima e a decapitou com um único movimento vigoroso, acompanhado de uma única expiração ruidosa. Depois ele se voltou para os presentes, e houve novos gritos, urros e saudações.

Estava feito. Era meia-noite em ponto. Uma sensação de exaltação e euforia invadiu Kilaim, tomando conta dele como uma droga. Ele sentiu os efeitos, e gostou. Naquele momento não havia qualquer dúvida em seu coração.

* * *

O sangue — símbolo de vida — deveria ser misturado com vinho tinto de colheita tardia, envelhecido por nove anos. A uva de colheita tardia fazia alusão à transformação. Era um símbolo de renascimento: do velho ao novo. Esse vinho especial, produzido com muito critério pela Organização, havia sido consagrado às entidades e permanecera em porões secretos, guardados em barris de carvalho — que plagiavam os “carvalhos da justiça” de Deus, os Seus filhos fiéis.

O sangue que fora retirado de Nathalie no momento de maior pavor estava repleto de adrenalina. Sem a descarga adrenérgica máxima aquele sangue não poderia ser utilizado no ritual. Perdia seu valor. Na mistura também haviam sido colocados diversos outros elementos, cuidadosamente selecionados, incluindo folhas da papoula e de coca, e as lágrimas da dor e do medo. E todos beberam.

Seguindo a herança da antiga *Saturnália* celta, a orgia começaria em seguida. Separado por espessa cortina negra, um salão contíguo estava preparado adequadamente para o conforto completo de todos. Havia almofadas indianas, muitas peles e superfícies macias. Várias entidades iriam se materializar e participar da comunhão negra. Era tempo de procriar, de trazer ao Mundo filhos das Trevas, e, mais uma vez, as melhores mulheres tinham sido escolhidas.

Kilaim deveria gerar um descendente naquela madrugada. Por isso a ocasião era tão importante, e dele se requeria compromisso total e perfeição. Por isso as mulheres não lhe tinham dado trégua, querendo para si a honra de gerar um filho do filho de Lucipher. Elas desconheciam o fato, porém, de que o grande Príncipe havia previamente selecionado duas, das quais Kilaim podia escolher quem mais lhe agradasse: Maya; ou Savannah, a mulher com a serpente enrolada.

Depois do sacrifício, da adrenalina, da força do Príncipe dentro dele, do efeito da poção e de tudo o que aquilo significava, Kilaim sentia-se, agora, bastante predisposto.

Caminhou para dentro do recinto, iluminado por lâmpadas de luz negra e um lustre de luz avermelhada, que o transformavam em palco perfeito. O ar recendia a incenso, ao odor das entidades e a temperatura estava agradável. Tudo convidava ao fim para o qual preconizava o ritual. As cores, as texturas, os adornos, as pinturas, a música, a água. Havia muitas bandejas com vinho, queijos e castanhas.

Kilaim escolheu o melhor lugar rapidamente, onde havia peles escuras de urso. Quando se virou, às suas costas estava Maya. Os olhos dos dois se encontraram, mas Kilaim não disse nada e passou por ela, deixando-a sozinha.

Savannah estava olhando na sua direção, do outro lado do salão. Parada, seu vestido estava apoiado no braço, e a luz fugidia formava sombras sobre sua pele. Havia sombras verdadeiras — pela pura ausência de luz —, mas havia outras que ganhavam contornos e vinham à realidade física. Eram sucubus e incubus. Em pouco tempo, quase não havia diferença entre eles e os humanos, exceto pelos olhos. E por alguns pares de asas, ou chifres, embora a forma humanoide predominasse.

Ao lado de Savannah estava Lilith, com uma coroa pequena em formato de chifre e o corpo tatuado. Era uma sucubu que Kilaim conhecia bem. As duas sorriram para ele, a distância.

O gigante foi até elas em largas passadas, contornou a cintura de Savannah com o braço e a conduziu para o local escolhido. Lilith foi atrás deles, as asas de morcego semiabertas. Kilaim continuava sentindo a presença de Lucipher, sua energia, força e conivência com a escolha. Mas não o estava vendo agora, a não ser por seu enorme vulto, vez por outra, dessa vez semelhante a Cérbero. Junto com ele, Kilaim possuiu sua escolhida. Mesmo assim, mesmo depois, a energia pulsante que perpassava o corpo do jovem não diminuiu.

Ele olhou para Savannah. Os olhos dela estavam escuros como piche, seu corpo esquecido sobre a pele de urso. Ela riu, passando as unhas ao

longo da perna dele. Do lado dela, Lilith tinha os cabelos vermelhos longuíssimos espalhados ao redor de si, e passou as unhas na coxa de Savannah, debruçando-se sobre ela enquanto olhava para ele. Uma serpente grande, de olhos amarelados, passou pelo corpo de ambas. Kilaim esboçou um sorriso leve, mas se levantou e correu a vista em derredor. Lilith poderia esperar um pouco.

Desta vez, foi Lucipher quem lhe disse onde a moça estava. O salão estava bem mais cheio agora do que quando entrara, e muito mais barulhento. A algazarra dos sucubus fazia coro com a dos incubus, e os humanos coroavam a festa.

Kilaim foi até Maya, mas, quando a moça olhou de volta para ele, erguendo a cabeça das almofadas, seus olhos estavam bravos, contraídos. Ele não ligou para aquilo, mas puxou-a de encontro a si com força.

Ao invés de apenas uma semente, Kilaim plantava duas. Quem poderia falar qualquer coisa contra ele, depois disso?

7

Réveillon

A segunda parte da *Saturnália* durou até as três da madrugada.

Depois disso, durante o jantar de celebração, o grupo estava ruidoso, alegre, entre abraços e conversas. Agora, Amanda Giraud — a jovem Nathalie — não estava mais presente, entretanto ninguém se importava com isso. Do seu paradeiro não restaria um rastro sequer, como acontecera com Ethan: a gordura adicionada às velas; as cinzas dos ossos das pernas, dos braços e do crânio enterradas em diferentes regiões escolhidas pelos demônios, em cinco pontos, de maneira a formar um pentagrama; as vísceras consumidas pelo fogo no altar, do mesmo modo como era preconizado no ritual levítico estabelecido por Deus.

Nathalie seria totalmente esquecida. Aliás, já estava sendo. Todos comiam, saboreando a comida que lhe fora prometida, mas que ela jamais provaria. Nem Rose, Maya e as demais mulheres que a acompanharam durantes três dias se lembravam dela agora, ou mesmo o doutor Pierre Lefréve, que tanto se entusiasmara em estudá-la durante o coquetel, e que transformara o seu rosto, com perfeição, na máscara do terror. Muito menos Anthon Klevtsky, o Lobo, por quem ela pensava ter se apaixonado.

Non. Isso não importava. As entidades haviam se agradado, era isso que importava; daí vinha o verdadeiro significado para os adoradores das Trevas, os bruxos, os feiticeiros, mestres e sacerdotes da Alta Magia. Filhos do Fogo.

Kilaim ganhara, novamente, respeito do Grupo, e mantinha seu posto e seu poder. O rito havia reafirmado seu *status* como filho de Lucipher, e ele fora extremamente bem-sucedido, por isso todos o olhavam com admiração. Embora muitos já o conhecessem, vários outros estavam a encontrá-lo pela primeira vez, e apesar de terem trocado uma ou outra conversa amena durante o coquetel, agora queriam fazer isso melhor. Havia pessoas vindas de núcleos locais da Organização, e também de outros países.

Contudo, passado aquele frenesi, Kilaim se via novamente mergulhado numa sensação ambígua, e não conversou muito. Esforçava-se para manter um mínimo de polidez diante de Zor e Orion, e também dos convidados, que só conseguiam extirpar dele respostas curtas.

— Este *mec* é quase sempre assim… — explicava Zor, às vezes um pouco constrangido com a reticência do pupilo. — Cheio de excentricidades.

Mas o perfil excêntrico foi admirado porque, afinal, um filho do Príncipe não poderia ser igual a qualquer um.

Maya finalmente conseguiu a atenção do gigante só para ela, por alguns instantes, e queria contar-lhe a programação que os demônios lhe haviam estipulado, e por toda lei convencê-lo de sua importância. Falava da gravidez, e de como se sentia orgulhosa em gerar um filho dele.

— Depois de engravidar, eu irei para a base dos Estados Unidos.

Ele mal escutou.

Se aparentemente Kilaim parecia um pouco alheio aos acontecimentos à sua volta, em contrapartida sua mente trabalhava em alta velocidade. Instintivamente ele buscava um escudo. E o escudo era a certeza da veracidade de tudo que lhe fora ensinado. Recordava-se de ensinamentos

antigos, aprendidos de há muito, e que, naquele momento, revolviam-se. A verdade o absolveria.

Absolveria *de quê*? Justo ele! Justo ele, que nunca sentia culpa, nem mesmo quando entregara a vida de Ethan.

"*Cachu*…"

Passado o clímax do ritual, algo o incomodava. No âmago de sua consciência, num recôndito secreto, latejava uma nota dissonante, sempre a mesma, sempre no mesmo lugar. Era como o pingar ininterrupto de uma torneira mal fechada. E aquilo, Kilaim pressentia, poderia dificultar os seus passos.

Não comeu muito; sabia estar sendo malsucedido nas tentativas de parecer normal e feliz por sua reentrada triunfante na Organização. Cumprira adequadamente seu voto de renovação diante de Lucipher e dos irmãos, mostrando a todos sua crença e sua aliança… claro… mas… *algo* gotejava.

No Velho Testamento, a realização dos rituais israelitas era contínua e cíclica, bem como a celebração das festas. Os apóstolos de Cristo, conforme se cita no Novo Testamento, igualmente enchiam-se constantemente do Espírito Santo; sempre de novo, e de novo, e de novo. O Cristianismo insta a que determinadas ações sejam renovadas continuamente diante de Deus; como a oração — "orai sem cessar" —, o tomar da Ceia — "fazei isso em memória de Mim", a prática da Palavra — "tornai-vos, pois, praticantes da Palavra e não somente ouvintes". É necessária essa manutenção da fé.

Na Organização as coisas eram regidas da mesma maneira, cíclica e continuamente. Não basta alguém ser o diretor de uma multinacional; é preciso fazer um bom trabalho para manter o seu posto e, mais ainda, para galgar novos patamares. Kilaim sabia que muito em breve deveria dar início ao seu preparo para o sacerdócio, o que o colocaria mais perto de seu destino. Embora o posto aguardado só pudesse ser assumido depois da maioridade cronológica, o que lhe conferia alguns anos ainda, requeria

preparo minucioso e veloz. Não havia espaço para questionamentos, percalços ou hesitações.

Isso sempre tinha sido motivo de júbilo e orgulho. Poucos eram escolhidos para trilhar aquele caminho, poucos mereciam tal honra. Ele era muito afortunado, sabia disso; entretanto, agora, um vazio preenchia o seu peito, e a mente, vez após vez, corria de volta ao altar do sacrifício, ao que restara de Nathalie, aos odores, ao sangue e à morte.

Não tinha pena dela; não era esse o problema. A questão é que, junto com aquilo, vinha misturada a lembrança daquelas crianças no *Hôpital*, o bolo de aniversário, o lenço vermelho. Vermelho, igual ao sangue que fora vertido. Que inconveniente!

Então, nem bem afastava aquela lembrança, e logo era Anne-Sophie que aparecia diante dos seus olhos, tirando as roupas da boneca. Kilaim jamais havia tomado uma criança nos braços (daquele jeito), a despeito dos esforços de todos em fazê-lo aceitar a irmã. Só que, depois de sair sozinho com ela, e de ter conversado, ele *gostou*. Não havia reparado antes em como as crianças têm um olhar tão puro!

Alguém batia no ombro dele, ou fazia uma pergunta, ou lhe dava os cumprimentos, e Kilaim saía de seu mundo de recordações, puxado de volta para a realidade da sua vida. Apertos de mão, comentários, pseudossorrisos da sua parte.

Mas, tão logo o deixavam consigo mesmo por alguns momentos, era a vez de Claire. *Ah*, aquilo era o pior! Claire agradecendo a Deus por ter-lhe dado o coração que possibilitaria a vida. O seu sorriso, e os seus olhos tão claros, olhando… olhando para ele.

Kilaim realmente não queria pensar nela. Não ali. Dizia-se apaixonado por Claire, mas o que acontecera no ritual, a morte, a visão das mulheres, dos demônios, e tudo o que havia feito, aquilo combinava com o suposto amor que pensava sentir? Ele sacudia a cabeça levemente, esperando que tudo aquilo sumisse. Era a hora errada para pensar.

E então, começava de novo. As crianças apareciam. Ele nunca tinha visto tão claramente a que ponto podia chegar o apego à vida.

“E eu acabei de ceifar a vida.”

Isso não deveria ter importância. Não *mesmo*. Kilaim aprendera a encarar a morte pelo sacrifício como sendo necessária, e o sangue, idem. Mas então, havia Anne-Sophie… e, depois, Claire mais uma vez…

Kilaim deu levemente de ombros. Aquelas ideias teimavam em se agarrar a ele, como a substância pegajosa da água-viva, queimando seu coração e sua consciência.

“‘Ele morreu por mim…’, foi isso que Claire disse. Mas como Alguém poderia morrer por mim, se eu mato as pessoas? Como Alguém poderia dar Vida para quem tira a vida, para quem serve ao príncipe do Abismo e foi gerado por ele? Claire fala essas coisas *parce que* não sabe quem eu sou.”

Ele entendeu. É por isso que ela falava, por não saber a quem falava. Se soubesse, seu discurso seria bem diferente! E aquilo trouxe dentro dele uma infinita tristeza.

De repente, uma respiração. Quente e forte em seu ouvido esquerdo. Tão súbita e tão forte que ele estremeceu sem querer, num sobressalto, e olhou ao redor. Era o Príncipe. Kilaim tentou mudar o rumo de seus pensamentos por todos os meios, bem como o semblante de seu rosto, porque era quase como se o demônio pudesse ler o que se passava dentro dele. E soubesse — simplesmente soubesse — que seu filho estava perdendo o foco.

O que era muito perigoso.

Kilaim fez o que pôde para extirpar tudo aquilo, imediatamente. Claire era perigosa, também. Com seu discurso sobre Amor, Vida e Redenção. Claro. Sua razão entendia isso. Mas seu coração teimava em desafiar o bom senso.

* * *

Na véspera de Ano-Novo, Kilaim ficou na casa dos pais, sozinho. Iriam todos reunir-se na casa do *Nonno*, mas ele não quis participar, do mesmo modo como não havia participado do Natal em família.

Para passar o tempo, fez o desenho do ritual perfeitamente. Talvez pelo fato de ter perdido seus cadernos de desenho no fogo da lareira, desta vez, com irritação, pintou uma tela grande. Usou o *atelier* de Camille, seu cavalete, suas tintas, espátulas e pincéis. E pela primeira vez retratava um rito secreto da Organização com tantas minúcias e cores. Era muito mais do que um esboço feito com *crayon*. Uma obra de arte de horror.

A juventude inconfundível de Nathalie, já deitada na pilastra, estava estatelada em primeiro plano, junto com o pavor de seus olhos. Sua cabeça se erguia e, dessa posição, olhava para algo diante dela que não fora pintado no desenho. Os quatro grandes príncipes foram colocados por trás de Nathalie e, da mesma maneira, olhavam para o que ela olhava — algo fora da tela —, mas com satisfação.

A perfeição da pintura era quase a de uma fotografia, e causava impacto. Se alguém visse aquilo teria que se perguntar: o que assustava tanto Nathalie? O que poderia ser mais terrível do que a presença dos demônios retratados por detrás da vítima?

E somente Kilaim sabia a resposta: ele mesmo.

Desceu para sua saleta de música, e tocava ao piano as melodias de seus sonhos, aquelas que mais ninguém podia ouvir.

* * *

O número de chamadas perdidas de *signore* Arthuro em seu celular só aumentava, de modo que Kilaim resolveu pôr um ponto-final naquilo assim que o aparelho tocou outra vez.

— *Quelle ennui*… — reclamou o jovem. — Já não havia combinado que eu não iria?

Atendeu.

— Preciso arrumar alguns pertences — Kilaim falou, sem maiores cumprimentos.

— *Perché* precisa ficar aí? Tem certeza de que não pode arrumar suas coisas e depois vir *qui* em casa? Sua presença seria importante para a *famiglia* toda — explicou *signore* Arthuro, sem animosidade.

— Não estou para comilanças e fogos de artifício.

— Kilaim, não me venha com desculpas. *Non è affare* faltar.

— Mas como você me pressiona o tempo todo, *Nonno*! Já não tínhamos combinado?!

— *Va bene* — respondeu o *Nonno*, depois de um período de silêncio. — É que ficamos preocupados com você aí, sozinho. Tem certeza? Claude disse que…

— Tenho certeza — ele interrompeu.

O *Nonno* sabia que não adiantava cobrar as coisas de Kilaim, e exigi-las a seu próprio tempo. Ele não funcionava da maneira convencional. Havia perdido o pai e a mãe. A irmã estava morando em outra casa. Não era pouca coisa.

— Que *va mangiare*? Comprou alguma coisa para comer?

— Eu me viro.

Mais um momento de silêncio.

— *La bonne année* — desejou o ancião, contrariado. — Tenha uma boa passagem, *figlio*.

— O *signore* também.

Kilaim queria ficar só. Pôr suas ideias em ordem. Vagou para o *atelier* de sua mãe outra vez, mexeu em algumas coisas, mas depois desceu de volta para a saleta de música. Não se sentou ao piano; ficou olhando o vazio. Então, trotou de volta para o *atelier*, verificar se o tinha trancado à chave. Tinha. Ele mandara trocar a fechadura e guardara a chave no pescoço, numa corrente de prata. Agora ninguém podia entrar lá, apenas

ele. Os tesouros de Camille — desde os livros até as bugigangas, passando pelos quadros — não seriam tocados tão cedo.

A família, de modo geral, deixou que o curso da história seguisse assim. Embora a herança do casal Mastrangello pertencesse também a Anne-Sophie, naquele momento de luto todos respeitaram os limites de Kilaim e sua necessidade de guardar o que era da mãe debaixo da asa. Se Camille havia preservado as coisas de Ethan intocadas desde sua morte, agora ele fazia o mesmo com as coisas dela. E a casa permanecia como sempre fora, excetuando pelo fato de que era uma casa fantasma; cheia de coisas, mas vazia. E estava vazia por causa dele, o pivô da destruição, apesar de ninguém saber. Ethan não lhe fazia a menor falta, mas a ausência dele acabara por destruir Camille, e com isso Kilaim não contava.

“Camille amava mais o meu pai do que a mim. Se fosse eu que tivesse morrido, será que ela enlouqueceria também?”, Kilaim refletiu.

Irritado, ele decidiu começar a fazer uma limpeza no antigo escritório de seu pai, encaixotando livros, pertences e documentos. Não poderia se desfazer das coisas de Ethan sem comunicar *signore* Arthuro, mas encaixotar tudo era o primeiro passo. Kilaim queria livrar-se daquilo, varrer da casa e de sua vida qualquer lembrança do grande amor de Camille. Se apresentasse tudo em caixotes, seria mais fácil convencer o patriarca da família a dar destino às coisas do neto.

Feito isso, Kilaim daria um jeito de manter consigo as coisas de Camille, até mesmo suas roupas. Poderia alegar que estava fragilizado emocionalmente em decorrência de haver remexido nas coisas do pai, e não tinha como arrumar também as coisas da mãe; mas o faria, “em breve”. Depois, era só não cumprir com a promessa. Já tinha decidido, de si para si, que não permitiria a ninguém jogar nada fora, nem doar.

Olhou para as coisas de Ethan espalhadas por todo o escritório. Tinha vontade de pôr fogo em tudo! Mas, se causasse um incêndio na casa, não poderia ficar com as coisas de Camille, e seria muito estranho um incêndio

que destruísse somente o escritório. Lucipher haveria de ficar maravilhado com tanta “sutileza” de sua parte. Portanto, achou melhor arrumar os pertences logo nas caixas. Ele trouxera várias, justamente com esse propósito.

Enquanto trabalhava, ia escutando os 24 *caprices* para violino solo, de Paganini, no último volume. No momento em que guardou as fotografias da escrivaninha de seu pai, o *caprice* 13 — *la risata del diavolo* — invadia o ambiente. Kilaim se deixava absorver pela *cadenza*; queria rir e gritar de raiva ao mesmo tempo. Foi com tanto ímpeto que ajuntou os porta-retratos que o vidro de um deles se partiu. Ele olhou para a foto de Ethan e Camille juntos com olhos opacos.

“Era ele que ela amava… sempre foi assim.”

O relógio de carrilhão bateu meia-noite. Kilaim começou a ouvir os estouros dos fogos a distância. Um frenesi tomou conta dele e, num impulso, revirava as caixas onde havia posto os pertences de Ethan, atirando tudo longe, livros, documentos e fotografias, todas aquelas memórias, o rosto contraído pela fúria. Subiu correndo ao quarto do casal e invadiu o *closet*, separando pilhas de roupas de Ethan, sapatos, ternos importados, gravatas finas, e jogava por cima da balaustrada do *mezzanino*. Despejou os perfumes no vaso sanitário e deu a descarga mais longa de sua vida, respirando com sofreguidão.

Tinha que se controlar. Acabaria dando na vista. Mas também tinha que dar vazão ao instinto do Mal alojado dentro dele. Havia matado uma prostituta fazia uma semana, que problema podia haver em quebrar algumas coisas de Ethan, que, por sinal, nem era seu pai verdadeiro?

Então ele quebrou apenas aquilo que não dariam tanta falta, incluindo uma caneta *Mont Blanc* e a máquina de cortar macarrão que Ethan usava quando fazia massa caseira. Ela foi atirada com grande estrondo contra a parede da cozinha, rachando o azulejo, e todo o resto ficou espalhado no chão.

Kilaim separou com cuidado apenas a réplica da espada samurai, pois gostava dela. Colocou-a ao lado de sua mochila, perto do sofá.

Enquanto isso, o repertório acrobático de Paganini — que havia chocado os tradicionalistas de sua época, julgando suas composições quase sacrílegas — deliciava e instigava Kilaim, que fazia da música uma extensão de seu estado emocional. Nicolò Paganini era espirituoso, insano, magnético. A coisa certa para se ouvir naquele momento.

Por sinal, fora durante o grande sucesso de Paganini no *La Scala*, em Milão, que se lhe rendeu a lenda de ter pacto com o diabo. Por certo não pareciam humanos os seus solos na quarta corda e as peripécias perto do *ponticello*, que produziam sons agudos tecnicamente perfeitos. Some-se a isso o carisma pessoal, o estilo de vida rebelde, o gasto de quase todo o seu dinheiro em diversões noturnas, o relacionamento com inúmeras mulheres, vários conflitos sentimentais e uma aparência mefistofélica; isso tudo foi responsável pelos rumores de pacto demoníaco.

Depois daquela explosão Kilaim se sentiu mais calmo, porém muito infeliz. E ainda com muita energia para gastar. Sentou-se ao piano e tocou os *Six Grandes Études de Paganini for piano solo*, s.141 de Liszt, um arranjo virtuoso de cinco *caprices* e de *La Campanella* do concerto para Violino nº. 2, in B minor opus 7, de Paganini.

O suor porejava em sua fronte, seu pescoço e suas costas, aos poucos molhando a camiseta, apesar do tempo frio. As peças eram todas baseadas nas composições de Paganini para violino, e estavam entre as mais tecnicamente exigentes na técnica pianística. A mente dele queria ir adiante, mas voltava. Voltava sempre para o mesmo lugar, martelava, junto com as notas. Uma inquietante, desconcertante certeza.

Paganini fora alguém especial, independente da origem de seus dotes artísticos. E ele era especial também. Mas seu amor, Camille, fora ceifado pelos demônios. Agora, queriam também ceifar a vida de Claire. Um acorde

furioso ribombou, e ele parou por alguns instantes. Sentia aquela ira novamente.

Espirituosa. Insana. Magnética.

Começou a tocar os *Études* do início, mais uma vez. Paganini era um gênio, e Lizst apenas se inspirara nele! Na verdade, Paganini não tinha nenhum pacto com Satanás. O "músico diabólico" era portador de uma doença genética, a *marfan syndrome*, cujos sintomas esqueléticos típicos são as mãos alongadas, com dedos particularmente compridos e magros. Essa diferença estrutural capacitou-o às técnicas virtuosísticas sobre as cordas, mas isso não diminui sua genialidade. Ele foi um em um milhão, e extraiu de sua diferença a grandiosidade. Muitos músicos foram inspirados pelo célebre Paganini, contemporâneos a ele, ou não.

"Eu também sou diferente…", falou Kilaim, insistente, dentro dele.

Restava saber o que ele iria fazer da sua diferença.

"Poder à força": Isso significava que ele também estava destinado à grandeza. Quem não deseja ter seu nome grafado indelevelmente sobre a História?

E então, os fracos. *Oui*. Sempre os fracos. "Morte aos fracos!". Queria dizer que matariam Claire caso ele insistisse em seu relacionamento com ela.

A Organização traçara para ele um caminho; se fosse trilhado com sabedoria e destaque Kilaim iria se tornar um mestre do Ocultismo, do mesmo modo como Paganini fora um mestre da música.

Aquele era um dos invernos mais frios de que ele se lembrava. A neve caía, silenciosa, levada pelo vento suavemente, revirando. Ele nem percebera a noite passar; suas sombras eram esguias agora, quase substituídas pelos primeiros raios do sol. Saiu do piano e se pôs parado na frente das janelas da sala, onde podia ver o amanhecer. A noite findava.

Alguns minutos depois caminhou para perto do sofá, diante da lareira, na intenção de descansar um pouco. Um gesto, algumas palavras

ritualísticas ditas em voz baixa, e o fogo da lareira estava aceso. Incendiava a lenha, fácil, ágil, alto e crepitante. Uma das Magias mais simples, ensinada logo no começo pelo Príncipe. Produzir fogo do nada.

Kilam caiu de costas sobre o sofá e ficou olhando as chamas, ouvindo seu crepitar.

“Para haver fogo são necessárias três variáveis: o ar, o calor e o elemento a ser queimado”, dissera Lucipher certa vez, quando ele ainda era criança. “Quando a pressão atmosférica aumenta, as moléculas de qualquer objeto tendem a ficar mais juntas. Elas colidem mais, se atritam mais, e isso gera calor entre elas. Aumentando progressivamente esse calor, acontece a combustão, isto é, o fogo incendeia a matéria. Imagine também uma taça de cristal: certos tipos de ondas sonoras, quando enviadas na direção da taça, podem parti-la. O princípio é o mesmo para gerar fogo espontaneamente. Você precisa enviar uma onda que faça a matéria vibrar, uma onda de pressão. Basta direcioná-la ao elemento a ser queimado, um pedaço de madeira, uma cortina, um monte de palha. A pressão sobre as moléculas da madeira, da cortina, da palha faz com que elas vibrem, produzindo calor. E o objeto termina por incendiar. Quer aprender a maneira certa de fazer isso?”

“*My Lord* ainda pergunta?”

“Quando eu estiver por perto, você tem que falar as palavras mágicas”, e Lucipher ensinou-as. Muitos encantamentos eram feitos em aramaico, idioma falado no tempo do Messias. “Estas palavras representam um comando de voz específico. Desenhe com a mão esquerda um pentagrama no ar e o direcione para aquilo que você quer que pegue fogo. Eu verei essa sinalização e imediatamente enviarei um som — como um ultrassom, na verdade; nenhum ouvido humano pode captá-lo — que viajará em altíssima velocidade e, impactando a matéria, fará pressão sobre ela. A matéria vibra, e você terá o seu fogo.”

“E vai funcionar?”, indagou Kilaim, num misto de entusiasmo e ceticismo.

“Quando você compra a passagem aérea às Bahamas, duvida que o avião vai sair do solo e te levar até lá?”

Kilaim fez que não, sorrindo.

“A Magia também é assim. É como voar. Não duvide dela, porque sempre funciona.”

“Às vezes, não funciona, não”, reclamou Kilaim. “Tenho lido tudo que me dera para ler, e aprendido muito. No entanto…”

“Você é excepcionalmente inteligente. Tem o meu DNA, e a minha assessoria. Porém, quero que compreenda a tônica do mundo espiritual: tudo é fruto de uma parceria. Você sinaliza com a voz e com o seu gesto, e eu envio a pressão. Isso é Magia. Contudo, para galgar certos patamares, para desenvolver a Alta Magia, é preciso empenho, entrega e confiança. Tudo ao seu tempo.”

Kilaim suspirou. O dia começava. Mesmo assim, não era hora ainda de descansar. Por isso ele saiu do sofá e foi atrás de uma parte das roupas que estavam caídas, embaixo do *mezzanino*, onde ele as tinha jogado. Trouxe consigo algumas camisas e gravatas, sapatos e roupas de baixo, e destruiu-os, queimando no fogo da lareira. Uma distração enquanto pensava. Pena que não pudesse dar sumiço em tudo.

Um odor forte de queimado invadia o ambiente, de modo que o jovem abriu as janelas um pouco. Quando o cheiro saiu, ele passou a se divertir rasgando fotos e jogando o rosto de Ethan nas labaredas, vendo-o borbulhar e desaparecer. Como estivesse gostando daquilo começou a atirar, uma a uma, lentamente, cada folha dos livros de Propaganda e *Marketing* do seu oponente.

A verdadeira ação, contudo, continuava se dando no palco de sua mente, que pinoteava indomável e profundamente reflexiva, ao sabor do

eco dos acordes de Paganini. Que, apesar do silêncio do primeiro dia do ano, ainda gritavam na sua alma.

Kilaim lembrou-se do que sabia a respeito da morte dele, toda a genialidade encerrada num pequeno porão ali mesmo, na França, em Nice. O gênio da música sequer teve direito a um funeral, pois a vida desregrada cobrou seu preço: sífilis e tuberculose, ambas sem tratamento na época. E por ter, supostamente, vendido sua alma ao diabo em troca de seus talentos, e também por recusar a extrema-unção de um padre local — da mesma maneira como sempre se negou a prestar esclarecimento diante da Igreja sobre os "boatos diabólicos" —, o bispo de Nice recusou-lhe um funeral cristão.

Amaldiçoado, o corpo de Paganini continuou no porão da casa onde expirou, e permaneceu ali por quatro meses. Foi graças ao rei Carlos Alberto que os restos mortais do músico foram transferidos para Gênova, mas só por um tempo. Mais de trinta e cinco anos depois, o neto de Paganini, por fim, o sepultou em Parma. A mística de Paganini findou, e jamais pôde ser bem entendida. Ficou o seu legado.

"Terei eu um fim semelhante?", pensava Kilaim, o rosto quente e iluminado pelo fogo. "Farei algo importante, para depois ser reduzido a pó? Como alguém amaldiçoado?" — ele estava imóvel. "O que é realmente importante?"

(A voz de Claire, no silêncio, lhe cochichava. "Viva por Ele".)

Mas ele não queria ouvir isso e sacudiu a cabeça, como se assim pudesse extirpar aquele refrão. Nem sabia o que aquilo significava, e não queria saber. Ergueu-se, com ímpeto. Desejava mais uma infusão de Paganini. Mais uma infusão de genialidade, pois era isso que ele, Kilaim, era, igualmente: um gênio. Com talentos ímpares, uma indiscutível inteligência e uma genética notável. Poderia ser e fazer tudo o que desejasse.

Na saleta de música ele ficou ao piano, envolvido com os *Études* novamente, a garganta às vezes produzindo sons compatíveis com a harmonia. A neve continuava, esporádica.

Quando parou, foi o primeiro momento em que sentiu cansaço de verdade. Raramente ele ficava assim. Parecia atropelado por um ônibus.

Voltou se arrastando para o sofá. Perdeu a noção de tempo. Mas não a linha de seus pensamentos.

* * *

"*Porquoi* preciso fazer gestos para criar o fogo? Não bastariam as palavras mágicas?", perguntara Kilaim ao Príncipe. "Parece que estou sendo redundante, tendo que explicar a um ser superior como completar o álbum de figurinhas."

"Os demônios ensinaram ao Homem mais de um tipo de linguagem, e todas se complementam. Para compreender a linguagem simbólica dos gestos, pense em um maestro. De música você entende bem, não é mesmo, filho?"

Kilaim assentiu.

"Cada músico tem sua partitura, e sabe lê-la. Mesmo assim, a orquestra inteira espera a sinalização do regente. Os gestos dele são interpretados pela orquestra e ele controla a orquestra e a música dessa maneira, trazendo unidade, segurança aos instrumentistas e intensificando a maneira como todos devem interpretar uma peça em específico. Por meio dos gestos, que apenas ele sabe fazer com perfeição, os músicos conhecem a vontade majoritária do regente, mudando o colorido, a intensidade do som, o andamento da peça. O regente detém o controle e o desenrolar perfeitos de um concerto. Imagine agora Von Karajan se pondo a berrar, dando ordens verbais durante o concerto. Isso ele faz nos ensaios. Na apresentação, é hora de executar a linguagem de sinais. Se você quer 'orquestrar' bem um

encantamento, deve falar e sinalizar com gestos. Nesse caso, você é o regente. E eu sou o instrumentista. Juntos, fazemos ‘música’.”

Aquilo convenceu Kilaim.

“Guarde, contudo, um ensinamento”, Lucipher concluiu. “Nem todo músico pode ser um maestro. Mas todo maestro é músico. Nem mesmo o *spalla* é superior ao maestro, embora o *spalla* seja o músico mais importante da orquestra, o último a entrar no palco e o responsável por dar o tom para afinação. Ainda que o *spalla* possa, eventualmente, substituir o regente, nesse sentido ele é um auxiliar. O maestro é a peça fundamental.”

“A música escrita também é uma linguagem simbólica, e universal”, lembrou Kilaim.

“Como os encantamentos. Aqui na França, ou na Bulgária, na Argentina, no Havaí, os encantamentos são feitos exatamente da mesma maneira, com os mesmos comandos de voz e as mesmas sinalizações. E, como na música, somente os que têm dom para isso se destacam. Aprender Magia, e dominá-la bem, é como aprender música. Os melhores são chamados a fazer parte da minha orquestra, em seus diversos níveis, e com seus diversos instrumentos. Mas é um processo gradual, que depende do talento individual de cada um.”

* * *

Kilaim dormiu um pouco, mas não profundamente. Sem comer nada e só bebendo água, a manhã passou. Lá pelas tantas, ele subiu ao *atelier* para observar a sua tela, que descansava no cavalete de Camille. Muito analítico, ele olhava e olhava. E como todo artista perfeccionista, tomou nas mãos os pincéis e retocou pequenos detalhes, deu nuanças mais intensas a algumas cores, à luz mortiça do ambiente e aos olhos de Nathalie.

O restante do dia foi idêntico ao anterior: tocou piano até a exaustão; escutava Paganini no último volume; queimava uns poucos pertences de Ethan na lareira. Avaliando que já destruíra além do pretendido, resolveu

que iria explicar aquele sumiço de objetos dizendo ao *Nonno* que doara a maior parte das roupas e itens de uso pessoal para a caridade e, quanto aos livros e fotos, guardara para si mesmo, junto com a espada.

Para dar realismo à sua versão, separou algumas poucas fotos para sua irmã e uma caneca que Ethan gostava de usar para a *thé*. Foi a contragosto que guardou aquilo, porém era mais prudente agir assim. Ela era herdeira também, e Kilaim não queria chamar nenhuma atenção negativa para si. O resto ele acomodou nas caixas, sem se esquecer de pôr no lixo, bem guardados em sacos plásticos, os pedaços da máquina de cortar macarrão.

Ao cair da noite, o estômago reclamou. Foi acometido por uma fome súbita e furiosa, mas tinha apenas frutas e sanduíches que trouxera do mercado quando chegou. Devorou tudo avidamente e bebeu uma garrafa inteira de vinho que pegou da adega. Uma das poucas que restaram, já que Camille não abastecera a adega depois da morte do marido.

“Se não posso compartilhar o vinho com ele, não tomarei com mais ninguém”, ela tinha dito. E cumpriu sua promessa.

Mais um motivo de irritação para Kilaim, que por pouco não quebrou as derradeiras garrafas. Não o fez, porém, pensando em bebê-las todas, depois.

Enquanto estava sentado na bancada da cozinha, o telefone da casa tocou insistentemente. Ele verificou o número de chamada e viu que se tratava da portaria do condomínio.

“Que querem eles?”, indagou-se. “Já sabem que a casa está vazia.”

Não atendeu. Insistiram mais uma vez, e Kilaim de novo ignorou a chamada. Assim que o aparelho ficou quieto, quase que imediatamente seu celular vibrou, em cima da mesa. Kilaim viu o nome de Adrien aparecendo na tela. Bufando, atendeu:

— O que você quer? — falou Kilaim com certa rispidez.

Adrien conhecia aquele estado de espírito do amigo, e não ligou.

— Não vai me autorizar a entrar?

— Agora não. Como ficou sabendo que eu estava aqui?

— Seu *Nonno* falou. Procurei você na casa dele.

— *Hum*.

— Parabéns pelo ritual. Fiquei sabendo! Todos estão comentando. Pena que eu não era *VIP* o suficiente para assistir.

— *Merci* — a secura na voz continuava. — Mas, agora, estou ocupado. *À bientôt*.

— Não seja tão chato. O que está fazendo aí, afinal? — aparteou Adrien mais uma vez. — Não quer sair e arrumar companhia no primeiro dia do ano?

— À *bientôt*, Adrien.

E desligou.

Depois de alimentado e ligeiramente mais relaxado pelo vinho, deitou-se outra vez no sofá, deixando o corpo afundar pesadamente. Seus olhos se fixaram na janela. Já não nevava. A noite estava límpida, sem nuvens, carregada de estrelas, e uma profunda melancolia o invadiu. Como o vinho, preenchendo a taça até a borda.

Sem música tocando alta, com a pintura praticamente terminada e a vontade de tocar piano amainada, ele acabou cochilando de leve mais uma vez. Quando acordou, era quase meia-noite.

Percebia a mente tão límpida quanto o céu, desperta e clara, de modo que foi obrigado a escutar seus pensamentos com ainda mais cuidado. Era hora de enfrentá-los novamente, pois é óbvio que não fora até ali para destruir as coisas de seu pai. O passatempo fora um reflexo externo do conflito que se lhe passava internamente. Tudo o que fizera durante dois dias tinha sido pano de fundo para um drama bem maior.

* * *

As lembranças começaram a correr soltas como o fluxo rápido de um rio na direção do mar. Kilaim percorria, de maneira minuciosa, o longo caminho

trilhado para chegar ao exato ponto em que se encontrava. Fora um caminho ímpar, do qual ele sempre tivera muito orgulho.

De tudo ele se recordou. Desde as primeiras aparições do Príncipe na clareira defronte à casa de seus pais, aos ensinamentos mais primordiais e as primeiras leituras. O primeiro livro trazido por Lucipher fora a bíblia negra, que continha a base doutrinária do Satanismo, dividida em cinco livros: um inspirado por cada um dos grandes príncipes, e o último e principal, o livro de Lucipher. Depois, foi a vez da leitura da Bíblia Sagrada, incluindo todos os apócrifos. Era importante conhecer muito bem a doutrina de Deus, para quebrá-la em pedacinhos.

Em paralelo, Kilaim recebia ensinamentos orais referentes ao material de leitura por parte do Príncipe. Não eram muitas as dúvidas, pois a inteligência privilegiada o levava sempre para bem além do esperado, mas, às vezes, aconteciam. A capacidade de absorção de conhecimento de Kilaim parecia infinita. Retinha grandes quantidades de informação em curto espaço de tempo, o que alavancava seu aprendizado de maneira exponencial. Além disso, a natureza calculista e determinada o levava a não questionar direções ou ordens que eram dadas pelo demônio.

Aos doze anos recebeu o *Grimories*, um dos livros majoritários da Organização. Um pouco antes, com nove para dez anos, Kilaim havia enfrentado, com bom aproveitamento, livros complexos de autoria do rei Salomão. E embora os leigos não atribuíssem ao rei bíblico a escrita desses livros, levando em conta o pequeno pedaço a que podiam ter acesso, os livros tinham, sim, sido compostos por ele.

Lucipher sempre falava de Salomão — o homem mais sábio de todos os tempos, mencionado nas Escrituras. Quando Salomão se afastou de Deus, começou a construir templos pagãos para suas mulheres estrangeiras e participou de cultos e ritos oferecidos a outros deuses. Ao longo do tempo, o rei de Israel aprendeu muitos dos segredos do Ocultismo.

“Mas ele aprendeu como?”, perguntara Kilaim.

“Como você. Salomão tinha sede de conhecimento e uma inteligência extraordinária que o fez desejar entender o mundo espiritual e a sua mecânica. Se você bem se lembra, Deus não permitiu ao Homem, no Éden, comer da Árvore do conhecimento do Bem e do Mal, mas tanto o homem quanto a mulher o comeram, ainda assim. Salomão fez o mesmo. Milhares fazem o mesmo! O rei acabou por descobrir coisas inimagináveis. Foi como conseguir um computador e entender a maneira de usá-lo, ainda que não soubesse previamente da existência desse computador. Aliás, Salomão descobriu ainda mais: encontrou a forma de acessar fontes de conhecimento não convencionais, trilhas nunca usadas. Tornou-se um *hacker* espiritual, entrou em locais que eram, a princípio, proibidos, e absorveu um conhecimento que não estava disponível. Ele se tornou um mestre da Magia. Porque era incrivelmente inteligente. Como você.”

Lucipher fez uma pausa, e Kilaim pensava a respeito.

“Contudo”, o Príncipe continuou, “até mesmo para os gênios existe uma barreira. É impossível descobrir tudo — *absolutamente* tudo — sozinhos. É nesse momento que eu entro, apontando o caminho a ser trilhado. Não é assim que faço com você? Eu corrijo seus erros; erros que, se os cometeu, é porque tentava acertar, tentava usar os instrumentos que encontrou. A curiosidade de Salomão o levou a ter contato com muitos demônios — divindades cultuadas por vários povos antigos: Milcom, dos amonitas; Quetos, dos moabitas; Moloque, dos filhos de Amon; Belial, Behemoth; Astaroth, um dos grandes príncipes, e mais ainda. Os livros que escreveu foram resultado de parte do seu aprendizado. Nem tudo ele pôs no papel.”

“Então eu sou como Salomão”, volveu Kilaim, contente, aceitando a comparação de bom grado.

“Sim. Superdotado como ele, com dons e talentos natos que a maioria das pessoas não tem. Há, entretanto, uma diferença bastante particular: Salomão era um escolhido de Deus. E, apesar de toda a sabedoria que

recebeu, ele se ofereceu ao lado negro. Mas você, Kilaim, é um escolhido da Sombra; gerado por mim, carregando parte de meu DNA.”

“E o que muda?”

“Você está destinado a patamares muito mais elevados. Continue ‘comendo do Mal’, e verá. O verdadeiro Ocultismo é destinado somente aos melhores.”

“Qual sua definição de Ocultismo? Afinal, parece haver várias.”

“A mais simples pode ser a mais verdadeira. Oculto é aquilo que não foi revelado. O que está imerso na Sombra. E apenas os que estão na Sombra — na *verdadeira* Sombra — podem lançar luz sobre ela, e ter conhecimento pleno da essência do Mal. Isso é para os escolhidos, para os fortes, para os que estão destinados à grandeza.”

Kilaim estava muito impressionado.

* * *

DIÁRIO DE CLAIRE

Tive alta há dez dias. Estou muito contente com isso, é bom estar em casa. A febre deu um susto em todos, mas — Dieu Merci! — não passou de um susto. Ainda acho que não foi uma infecção; era só emocional. Saudades de Kilaim…

Quando saí da enfermaria, deixei recado com a enfermeira e com o médico que me assistiram: se Kilaim me procurar, podem lhe dar meu endereço. Deixei com eles, anotado numa folha de papel.

Quem sabe ele me procura…

Claire Cécille.

8

Sorcellerie

Kilaim viu amanhecer o terceiro dia na casa dos pais. Não pretendia sair. Perto da hora do almoço, a campainha interrompeu a busca que ele estava fazendo na despensa. Percebera que havia ainda pacotes de macarrão e molho *pesto* industrializado, também uma lata de biscoitos. Ele colocara água numa panela a fim de ferver e cozinhar o macarrão.

O primeiro segundo após o toque da campainha trouxe surpresa, e imediatamente, grande irritação.

— Mas quem será o intrometido? — ele resmungou muito contrariado.

Alguns familiares e amigos próximos podiam passar diretamente pela portaria sem necessidade de autorização por parte dos donos da casa. Porém, também era do conhecimento geral que o casal havia falecido.

— Como essa gente ignorante e incompetente da portaria deixa alguém vir dar as caras por aqui?

Kilaim afastou as cortinas da sala para espiar, mas não sem antes dar uma avaliada em derredor, preocupado, procurando saber se havia sobrado alguma pista visível do que fizera com as coisas de Ethan. O que não fora queimado estava dentro das caixas, portanto, tudo em ordem. Ao olhar pela janela pela segunda vez deu de cara com sua *tante* Alannah, que abriu um

sorriso do outro lado. Decerto ela percebeu o ar azedo do jovem, mas não deu mostras disso.

Kilaim foi até o vestíbulo e abriu a porta de madeira, afastando-se para o lado, sem dizer uma palavra. Apesar do sol, o vento estava cortante, balançando a copa das árvores e os cabelos da *tante*. Ela entrou segurando a bolsa num dos ombros e as chaves do carro na outra mão.

— *Ça va, mon amour*?

O tom doce de Alannah fez com que ele se sentisse levemente culpado por sua própria rudeza. Mesmo constatando esse fato, não conseguiu ser simpático.

— Garanto que foi o *Nonno* que mandou você aqui.

Ela apoiou a bolsa e as chaves na mesinha ao lado da porta, onde havia também um grande espelho. Aquela mesinha era um dos locais onde Camille costumava arrumar um bonito vaso de flores todas as semanas. Kilaim percebeu — com seu apurado *feeling* — que Alannah se ressentiu pela ausência das flores e, consequentemente, pela ausência da dona da casa. Porém, nada disse.

— Na verdade fui eu mesma que quis vir.

— Mas foi ele que te falou que eu estava aqui — insistiu Kilaim.

— *Oui*. Passamos o *Réveillon* juntos, como você sabe, mas hoje eu liguei para saber notícias suas. Ele apenas fez um comentário, nada de mais.

Alannah sempre ligava para Kilaim, ou o visitava, desde a morte de Camille. Era um elo novo — porém unilateral —, em função de os dois haverem estado juntos na noite do acidente. Foram os últimos a vê-la com vida. Alannah se sentia culpada, pois, afinal, estava incumbida de cuidar da cunhada durante sua doença e, por conseguinte, se sentia responsável também por Kilaim.

Quanto ao rapaz, sabia que Alannah não tinha culpa de nada, e vinha aceitando silenciosamente o seu afeto, mas sem retribuir. Já era demais ter

vindo ali! Ele estava realmente ocupado, embora ela não tivesse como constatar isso.

"Não precisava vir aqui", ele quase falou.

Alannah notou o desconforto do sobrinho.

— *Pardon*, Kim. Sei que deveria ter avisado que viria, mas fiquei preocupada. Você está aqui desde a véspera do *Réveillon*…

Kilaim sentiu uma ponta de remorso outra vez, e abrandou um pouco a voz.

— Estive arrumando algumas coisas do meu pai. Fiquei pintando e tocando piano. Pensando na vida. *That´s all*. Está tudo bem.

Alannah olhou dentro dos olhos negros, com muita tristeza. Kilaim sentiu-se desconfortável, mas não desviou a vista, olhando-a de volta. Era tão pequena perto dele, mas emanava uma força sólida. Os dois ficaram quietos, de pé, por alguns instantes. Por fim, Alannah quebrou o silêncio:

— Tem certeza de que quer mesmo ficar aqui? Não gostaria de ir lá para casa, ficar com as meninas? Elas mandaram dizer que gostariam que você fosse.

"Mentira", ele avaliou. E respondeu:

— *Merci*. Preciso desse tempo para mim. Sei que a família está irritada com minha ausência no *Réveillon*, mas…

— *Non*! — fez ela com energia. — Ninguém está bravo com você, Kim. Apenas preocupados.

— Estou bem.

Alannah suspirou. Ele não pretendia convidá-la para sentar-se, ela sabia.

— Imagino que você não tem se alimentado muito bem, *n'est-ce pas*? — ela procurou dar um tom jovial à indagação.

Kilaim deu de ombros.

— *Comme vite.* — Ela fez sinal com as mãos, um sorriso brejeiro no rosto. — Venha me ajudar a pegar algumas comprinhas no carro.

As “comprinhas” davam para Kilaim se alimentar por pelo menos uma semana.

— Que exagero, *tante*! — exclamou Kilaim ao abrir o porta-malas do carro. — Não vou ficar com tudo isso. Vai estragar e terei que jogar no lixo.

— Boa parte do que preparei pode ser congelado. Também trouxe algumas coisas da ceia para você provar. E umas guloseimas do mercado, é claro. Assim a casa fica abastecida, já que dispensamos os caseiros. Eles fazem falta!

Kilaim não gostava do casal Verdoux. Depois do enterro, ele mesmo se incumbira de dizer que não havia mais necessidade de entrar na casa, de modo que apenas cuidavam da parte externa. Devido a tantos anos de trabalho, e pelo apreço que a família toda tinha pelos serviçais, o salário foi mantido.

— Sei que você vem aqui toda hora — Alannah deu uma piscada para ele. — Os alimentos frescos já estão lavados e cortados: vegetais, frutas. Coma o quanto quiser. Trouxe também leite, chá, café. Não vai estragar. Tem peru da ceia, sobremesa… uma caixa de chocolates… biscoitos de canela, *parce que* sei que você gosta. Pão, *croissants*, queijo, manteiga. *Enfin*… aproveite!

Kilaim teve que esboçar um sorriso.

— *Da*! Você venceu.

Ele carregou as sacolas e os *tupperwares* para a cozinha, depositando na bancada. Alannah guardou tudo, deixando para fora somente uma travessa de *cannelloni* de ricota caseiros, que colocou no forno.

— Assim você almoça direito. O que é essa panela no fogo?

— Ah, eu ia fazer um macarrão.

— Bem, *alors* eu cheguei em boa hora!

— *Merci*.

Mais uma vez os dois ficaram se olhando, em pé, ao lado da bancada. Kilaim não a convidou para comer com ele, e Alannah sabia que era hora de

ir. Aproximou-se do sobrinho enorme, abraçando-o carinhosamente pela cintura. Kilaim ficou dando tapinhas no ombro dela, desconfortável.

— Esta casa está muito vazia… — disse ela por fim, ao se afastar. E desabafou: — Não sei como você aguenta ficar aqui. Tem mesmo certeza…

Kilaim a interrompeu, mas foi sincero, sem nem saber por quê.

— Aqui eu me sinto mais próximo de minha mãe.

Alannah assentiu de leve com a cabeça.

— Acho que eu entendo você. Eu também sinto muita falta dela.

Kilaim percebeu que os olhos de Alannah marejaram, mas ela se virou rapidamente e caminhou de volta para a sala. Pegou seus pertences na mesinha e, apertando a alça da bolsa fortemente contra o ombro, esperou que o sobrinho abrisse a porta da rua.

— *A bientôt* — murmurou Alannah. — Cuide-se, *mon fils*.

A palavra "*fils*" penetrou no coração de Kilaim como uma seta aguda. Ele fechou a porta sem responder, uma lágrima gorda como granizo escorrendo pela face. Não percebeu, dessa vez, que muitas lágrimas escorriam dos olhos de Alannah.

* * *

Kilaim ficou parado no vestíbulo, desacorçoado. Ele sempre gostara de Alannah, mas agora, por causa dele, ela conviveria com uma culpa que jamais seria redimida. Kilaim só voltou a si quando sentiu o cheiro saboroso do *cannelloni*. A fome tinha desaparecido, mas foi à cozinha, fez um prato enorme e se sentou na bancada para comer. Estava muito bom! O *cannelloni* de Alannah só perdia para o de Ethan, que adorava fazer massa caseira.

Kilaim olhou para o azulejo rachado que fora atingido pela máquina de cortar macarrão, e deu um muxoxo. Não sentia um pingo de arrependimento quanto àquilo.

Depois de terminar, ele empurrou a travessa com os restos do almoço para dentro da geladeira e voltou para o sofá. Seus pensamentos continuaram exatamente do lugar onde tinham sido interrompidos, e ele se lembrou do *Grimories*, que Lucipher lhe trouxe aos doze anos e sobre o qual não explicou muita coisa, a princípio. Disse apenas que aquela leitura seria de extrema importância para ele, e deveria realizá-la quanto antes.

O *Grimories* original fora escrito pelos druidas, portanto estava em céltico. Mais tarde foi traduzido para o aramaico, mas não da forma convencional, prensado em gráfica. Todo *Grimories* era copiado à mão com uma tinta que levava sangue humano em sua composição. Cada vez que se necessitava de um exemplar em determinada língua, era preciso encomendar e esperar a cópia ser feita. A circulação destes volumes dava-se exclusivamente nas bibliotecas da Organização; cada base ou sub-base tinha um exemplar próprio, e somente os membros mais graduados poderiam ter acesso a ele, desde que com autorização do sumo sacerdote local.

Kilaim não sabia destes detalhes, mas intuía o valor do que tinha em mãos. Ficou de boca aberta, literalmente. O interesse visual do *Grimories* era alucinante. Cerca de um metro e vinte de altura por cerca de quase um metro de largura quando aberto, e uns vinte centímetros de espessura, já que as páginas eram feitas de couro virgem de carneiro, muito grossas. O título estava escrito em relevo, com ouro, e havia pedras preciosas nas bordas da capa.

“Este livro é… *eh, bien*! Quanto tempo ele tem?”, havia perguntado Kilaim.

Esta foi a única pergunta a que Lucipher respondeu:

“Não é o original celta, se é isso que deseja saber. Esse eu ainda não posso lhe mostrar. Mas o que eu trouxe é uma cópia muito rara, que tem sido passada de geração em geração. Empenhe-se bastante, e depois poderá ver o original.”

Kilaim aquiesceu, sem palavras. Lucipher sempre lançava aquela centelha de que havia algo maior por vir, de que se ele se empenhasse, teria mais privilégios. Ficou muito animado. Era desnecessário dizer que todo cuidado com o livro era pouco, e que ninguém deveria vê-lo, jamais. O adolescente escondeu o volume no fundo do guarda-roupa, dentro de um saco escuro, por trás de diversas caixas, e só o retirava de lá com a porta do quarto muito bem trancada. O que acontecia, na maioria das vezes, na alta madrugada.

Ficou bem claro, logo nos primeiros dias de estudo, que o Lord das Trevas estava, na verdade, lhe propondo um desafio. O aprendizado que vinha do *Grimories* não era algo que um aprendiz comum pudesse fazer sozinho. Muito pelo contrário: era necessária a presença de alguém experiente para ensinar, um mestre da Magia. Pedir a alguém para entender a profundidade do que estava exposto, era o mesmo que esperar de um estudante de segundo grau a resolução, sozinho, de complexas equações que poriam um foguete em órbita.

Mas Kilaim não era comum. Se permitisse a seus instintos guiarem-no, chegaria a lugares inesperados. Havia se saído muito bem nas leituras da bíblia negra, da Bíblia Sagrada, dos relatos de Salomão. Agora, mais uma vez, parecia que o Príncipe estava querendo ver até onde seu filho poderia chegar. Sozinho.

O enfado que a vida causava em Kilaim, de vez em quando, foi totalmente dissipado ante a curiosidade aguda de ler o *Grimories*. Sentia-se estimulado como poucas vezes na vida, e se dedicou ao estudo febrilmente.

* * *

Kilaim remexeu-se no sofá da sala, sentindo uma das pernas dormentes. Foi até a cozinha e bebeu água, trazendo depois a garrafa consigo e deixando-a apoiada no chão, ao seu lado. Lembrava-se com muita clareza de que havia sido nessa ocasião que percebera. Gostava mesmo dele! Do Príncipe. Nutria

admiração pelo líder da Rebelião, e até carinho. Lucipher não era apenas seu pai, era seu amigo. Que grande privilégio. Justo aquele que fora capaz de confrontar Deus e trazer com ele a terça parte dos anjos do Céu! Agora estava ali, junto com Kilaim.

Esse era um dos motivos principais porque se entregou aos desafios do *Grimories* — a expectativa de surpreender o Príncipe com seu sucesso. Kilaim dificilmente se lembrava de comer, tomar banho, relacionar-se com pessoas, e até dormir. Quando muito ia à escola, mas muito de vez em quando; os pais, preocupados com o excesso de faltas, insistiam para que não exagerasse, mas Kilaim não ligava. Entrava por um ouvido e saía pelo outro. Só queria saber de ficar debruçado sobre o *Grimories*. Era um ótimo programa para o fim de semana!

Quando notava os olhos cheios de areia e a cabeça enevoada, às vezes já se tinham passado quase dois dias inteiros. Então ele caía na cama como estava; de jeans velhos e camiseta, e dormia algumas poucas horas.

A questão — ele percebeu, depois de algum tempo — é que existiam segredos codificados no *Grimories* que iam bem além das palavras. Estes segredos, uma vez descobertos, eram como chaves que abriam portas novas. Ele não percebeu na primeira leitura. Kilaim só começou a suspeitar da existência de códigos quando, certo momento, ao ler várias vezes um texto de cunho poético, subitamente, saltando diante de seus olhos, algo apareceu. Foi de fato surpreendente.

Eram palavras escritas em longas diagonais. Kilaim não estava procurando por aquilo; ele apenas viu. As palavras sequer tinham relação com o assunto do texto poético, mas eram como uma seta: apontavam um caminho novo.

“A serpente que rasteja,

Nas sombras encontrará sua presa,

Que, indefesa,

Não terá reação.

O sangue frio é sua camuflagem
O veneno, sua arma,
A velocidade, sua força.
Ao que se despede da vida,
Há de restar breve sussurro,
É tudo que sobra,
Ao que diante da morte,
Se inclina.”

As palavras estavam escritas em *enochian*, uma das linguagens mágicas usadas em rituais. Kilaim conhecia o alfabeto e o poder da *enochian language*, pelo menos teoricamente. Ela tinha sido chamada de *adamic language* ou *language of angels*, pois, afinal, teria sido a linguagem por meio da qual Deus criou tudo que existe. Tinha, portanto, poder em si. O jovem lembrou-se do texto bíblico que dizia: “*No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus*”.

Verbo. Palavra. Palavras mágicas poderosíssimas que vinham da mais íntima essência de Deus, e por meio das quais tudo o que existe foi criado. Adão conhecia essa linguagem também, pois se comunicava com o Criador; contudo, após sua expulsão do Paraíso, ele perdeu a capacidade de falar a *enochian*.

Uma nova linguagem foi criada, desta vez pelo Homem Caído; muito mais básica, bem menos poderosa, uma vaga lembrança da Linguagem Santa. Depois, até mesmo esta se perdeu na Torre de Babel. Para que os humanos voltassem a ter contato com essa linguagem mágica, foi preciso que as entidades a trouxessem.

Seu uso vinha desde o século XVI, quando os primeiros textos escritos em *enochian* resultaram no *Liber Loagaeth*, ou “Fala de Deus”. Kilaim sabia que o significado das palavras em *enoquian*, associadas à sua qualidade, tinham o poder de se unir para formar um desenho de sons que podiam causar reações sobrenaturais, um efeito mágico que ele ainda

desconhecia. Nesse sentido, iria precisar de um mestre que ensinasse a correta pronúncia porque, sem ela, o efeito das palavras se invalidava.

Depois do *Liber Loagaeth*, outros textos do *enochian* trouxeram a base do seu vocabulário. Esses textos foram organizados em 48 versos poéticos, chamados de *Claves Angelicae* ou *Angelic Keys*, e estavam relacionados à Magia. Deveriam ser usados para abrir as Portas do Entendimento para compreender o que estava contido no *Liber Loagaeth*. Embora estes textos contenham a maior parte do vocabulário, dezenas de palavras novas são encontradas escondidas em textos paralelos, e milhares de palavras indefinidas ficaram ainda no *Liber Loagaeth.*

Kilaim sabia que as verdadeiras Chaves de Enoch constavam apenas na bíblia negra, mas só poderiam ser aprendidas oralmente, com a presença de um mestre. E, para isso, tinha que esperar o tempo certo.

Mais atento ao *Grimories*, ele encontrou outras informações — textos dentro de textos — e compreendeu seu significado com base nos ensinamentos de textos de Salomão.

“Eureka!”

Kilaim sorria, satisfeito. Era a mesma alegria de um estudante aprendendo que a Terra é redonda, quando ninguém mais sabia disso. A diferença é que Kilaim descobrira a redondeza da Terra sem que ninguém lhe dissesse isso, com base apenas em inteligência e observação. Então havia coisas para procurar no *Grimories*! Segredos. Informações ocultas que estavam ali. Ele só tinha que encontrá-las.

Imediatamente veio à mente de Kilaim a história de John Nash, um gênio da matemática, ganhador do Prêmio Nobel de economia. Ele se lembrou do filme “A Beautiful Mind”, sobre a vida de Nash, sua extrema inteligência e sua doença psiquiátrica. Nash desvendava enigmas, trabalhando para o serviço de inteligência americano, mas essa era uma realidade que só existia dentro de seu mundo delirante.

Com Kilaim, ao contrário. Sua percepção era verdadeira, e o levou à descoberta da verdade por trás das palavras. Os códigos, as senhas e os comandos de voz escondidos, como num passe de mágica começaram a vir à tona. Ele podia enxergá-los; simplesmente brotavam do papel.

Com disciplina e organização ia anotando tudo num caderno. Na medida do possível, associava as palavras à sua tradução, quando era possível fazê-la literalmente, ou, pelo menos, o seu significado simbólico.

O "caça-palavras" durou bom tempo. A palavra-chave — ou palavras — podia estar numa extensa diagonal; podia estar separada por conjuntos equivalentes de letras ou sílabas; dentro de uma sequência numérica; ou dispersas em forma de pentagramas, hexagramas ou outros símbolos.

Ele entendeu a perfeição de tudo aquilo. O fato de as palavras mágicas estarem codificadas se traduzia numa proteção, para que apenas os escolhidos da Sombra pudessem ter acesso ao cerne da Magia. Mas era também uma paródia ao modo como Deus age. Deus também tem os seus códigos, e eles vêm de muito, muito longe.

Kilaim lembrou-se de um exemplo: no original Bíblico o nome Adão é "Yodi", e Eva é "Chavah". Dentro do nome deles aparece o tetragrama que representa o nome de Deus, YHVH — Y de Yodi; e HVH de Chavah. Uma letra vem de Yodi porque ele foi o primeiro a ser criado. Três letras procedem de Chavah porque ela era a mulher — a segunda a ser criada —, e mãe de Caim e Abel. Isso se repete na Palavra de Deus inúmeras vezes, embora os cristãos nem mesmo saibam disso.

Kilaim não teria palavras para descrever o tamanho da satisfação e orgulho por quebrar os códigos e chaves do *Grimories*. Descobriu muitos segredos, ao longo de horas e dias e semanas, e viu como tudo fazia sentido!

"Vamos ou não vamos para a aula?" —, Kilaim se lembrava de Camille, perguntando sorridente, batendo na porta de seu quarto.

Ele não respondia, apenas dava de ombros. A mãe tocava no rosto dele com um gesto de carinho:

“*Hé*! O que é que você está aprontando desta vez, Kim?”

E ele dava de ombros outra vez, não conseguindo reter um sorriso maroto. Camille suspirava e insistia em saber, pelo menos, qual o assunto que o estava empolgando tanto. Ela sabia que, em se tratando de Kilaim, não eram algumas faltas que iriam impedi-lo de ter um diploma.

“Astronomia”, respondia Kilaim, só por dizer.

Camille dava um beijo nele, ou um abraço. A lembrança daqueles gestos de amor de sua mãe foi tão doída que uma lágrima escapou de seus olhos de novo. Ele a enxugou rapidamente, com medo de que algum demônio a visse e fosse direto contar ao Lord que ele estava “em lágrimas” na casa de seus pais. Chorar porque Alannah lhe despertara um sentimento de lembrança era uma coisa; ficar chorando do nada, melhor não.

Sem saber exatamente o porquê, levantou-se de chofre e tirou de dentro de sua mochila um punhal pequeno que lhe havia sido dado pelo Príncipe, de cabo de osso humano revestido de ouro, cheio de entalhes minuciosos. Kilaim sempre o trazia consigo, dentro de um estojo de couro. A lâmina especial era capaz de cortar um fio de cabelo.

Foi até o lavabo, tirou a camiseta e se olhou no espelho. Sem parar para pensar na dor, riscou com precisão o lado esquerdo das costelas. Kilaim era ambidestro, mas usava a mão esquerda quando queria aquela precisão. Um corte embaixo do outro. Três vezes.

“666”

— À Besta, ao anticristo e ao falso profeta — ele murmurou. Ergueu a faca: — *Shemforash*.

Mais uma vez ele não quis avaliar o que significava, dentro dele, aquela autoflagelação. O Satanismo jamais pede que o homem se mutile. Jamais. Quem faz isso é Deus.

O sangue escorreu dos ferimentos, chegando até o cós dos jeans, mas Kilaim não os lavou e nem fez qualquer espécie de curativo. Colocou de volta a camiseta, que logo ficou empapada pelo sangue. Ele não ligou. Vestiu o agasalho de moletom por cima e tratou de desviar o curso de seus pensamentos da figura de Camille.

Pegou outra garrafa de vinho e a levou para o sofá. Bebeu no gargalo enquanto o sangue coagulava em suas roupas.

* * *

Havia muitas outras leituras específicas, material exclusivo da Organização. Tanta coisa! Era até difícil relembrar tudo de forma ordenada. Instruções minuciosas para rituais, estudo de ervas para confecção de venenos e poções, estudo de neurotoxinas, hipnose, neurolinguística, técnicas de persuasão comportamental, dinâmicas da personalidade humana e da sua psique, técnicas de desdobramento, técnicas para entrar em estado de catalepsia, técnicas de meditação e concentração, telepatia, radiestesia, telecinesia, e muito mais. Era um oceano de conhecimentos. Aprendidos e experimentados ao longo de anos.

Kilaim era uma esponja. Sempre queria mais, nunca estava satisfeito.

O estudo dos venenos e a arte do envenenamento o atraíam muito. Ele aprendera a extrair o veneno de rãs, peixes, cobras, escorpiões, aranhas e a combiná-los com ervas, criando venenos ainda mais poderosos que causavam desde delírios e alucinações até danos cerebrais permanentes, ou morte rápida.

Quando tomou conhecimento dos princípios da alquimia, queria descobrir a pedra filosofal. Na prática, parecia fácil. Mas ele não conseguiu, afinal, o que o deixou frustrado. Mas logo ficou feliz de novo aprendendo a levitar objetos e a usar as técnicas de persuasão em pessoas. Kilaim sempre conseguia fazer com que elas acreditassem no que queria. Isso funcionava ainda melhor se associado ao contexto sexual.

O desenvolvimento desse aspecto da personalidade dele, de início, não o entusiasmou muito. Estava bem mais interessado nos pequenos ritos que vinha aprendendo diretamente com o Príncipe. Foi somente depois dos doze anos que percebeu como aquilo era importante para atrair as “mariposas” que desejava. Funcionava como um chamariz, o que o divertia. Contudo, antes do Rito de Iniciação, aos treze anos, ele nunca havia participado de uma orgia sexual, comum em ritos eróticos do Satanismo.

Por isso Kilaim, às vezes, pedia ao Príncipe esse tipo de água para dar ao alvo de seu interesse. Sempre funcionava. A única vez em que não funcionou — e ele não sabia o porquê — foi com a estúpida secretária de Ethan, Marie.

E por que funcionava? A energia liberada nesses rituais eróticos se acumulava numa pia batismal cheia de água. A água naturalmente absorve energia. Se uma pessoa tomasse a água que esteve presente em tais ritos, sofreria um desequilíbrio energético. É como *Yin* e *Yang*. Quanto mais *Yin*, menos *Yang*, e vice-versa. Se a saúde é resultado do equilíbrio de energias, o desbalanceamento cria condições favoráveis para atuação de outros encantamentos, ou demônios.

Os feromônios completavam tudo. São substâncias químicas que funcionam como mensageiros entre indivíduos da mesma espécie, desencadeando respostas fisiológicas e comportamentais previsíveis. Originalmente eles foram descritos em insetos, onde têm importância fundamental para a preservação da espécie. Contudo, neurocientistas admitem que o ser humano produz e pode ser influenciado por essas substâncias também. Cientistas procuraram recriar a essência dos feromônios humanos, e a indústria de cosméticos divulgava perfumes estimulantes à base deles, mas nenhum conseguiu encontrar a verdadeira chave sobre o assunto. A Organização — com a intervenção dos demônios — podia produzir perfumes realmente afrodisíacos, perfumes com feromônios sexuais que despertam a libido no sexo oposto.

Embora Kilaim tivesse o Príncipe como mestre pessoal — um privilégio inigualável —, dos sete aos treze anos o foco do seu aprendizado concentrou-se no material conceitual. Havia pouca ênfase na prática da Magia propriamente dita, e ele jamais participou de um ritual, muito menos conheceu pessoas ligadas à Organização.

Mesmo assim, excitadíssimo com suas descobertas, Kilaim tratava de ver se tudo aquilo que estava aprendendo funcionava. Selecionou alguns ritos mais simples, que poderia fazer sozinho, e foi atrás dos ingredientes. Alguns eram muito difíceis de ser encontrados, especialmente certos tipos de ervas, como meimendro e mandrágora. Ele não conseguia encontrar meimendro fresco, apenas na forma de medicamentos.

Esta planta era utilizada desde tempos remotos no Egito Antigo, segundo consta no papiro de Ebers, escrito em hieróglifos. Esta solanaceae, empregada no alívio da dor e para produzir estados de total inconsciência, era também um poderoso veneno quando utilizada em grande quantidade. Na Grécia Antiga, seu uso era voltado para este fim, e também para intervir nos estados de loucura. Há indícios de que as sacerdotisas de Delfos faziam suas profecias sob o efeito do meimendro. Até na obra de Shakespeare essa planta foi citada, já que o pai de Hamlet morreu com o suco da erva colocado no ouvido.

A mandrágora também é uma solanaceae. A raiz-do-diabo, ou pequeno-homem-enforcado, ou outras infinidades de nomes, era ainda mais difícil de achar. Inúmeras lendas cercavam a planta. Nativa do Mediterrâneo, as referências sobre seu uso vêm desde antes das Sagradas Escrituras ou dos manuscritos orientais. Era considerada uma planta mágica com diversas virtudes, e já foi retratada na literatura, em filmes e em manuais de “magia”.

Na Antiguidade, a raiz da mandrágora era considerada calmante e analgésica, mas podia ser tóxica quando usada em grande quantidade, provocando alucinações tão intensas que beiravam a loucura. Circe, célebre

feiticeira mitológica grega, usava a mandrágora como ingrediente muito frequente em suas poções de amor, e em feitiços. Em “Romeu e Julieta”, Shakespeare faz referência à mandrágora, e o mesmo acontece no livro de J. K. Rowling *Harry Potter and the Chamber of Secrets*, quando as mandrágoras da estufa de Herbologia dão um escândalo quando são retiradas do solo pelos alunos de Hogwarts.

O grito das mandrágoras tem uma explicação folclórica. Uma lenda medieval conta que a raiz da mandrágora era como um pequeno ser — macho ou fêmea — dormindo dentro da terra e, ao ser retirado de seu descanso, dava um grito tão agudo que era capaz de deixar surdo, enlouquecer e até mesmo levar alguns homens à morte.

Segundo o Antigo Testamento, a mandrágora tinha o poder de induzir a gravidez por ser um excelente afrodisíaco; por ela brigavam Lia e Raquel, as duas esposas de Jacó, devido à intensidade do desejo de gerarem filhos. Vários povos acreditavam no poder da mandrágora de curar a infertilidade.

Kilaim, porém, não estava interessado nas lendas e crendices, mas ficou extasiado ao notar como o uso da planta era antigo e difundido em tantas culturas. O verdadeiro poder da mandrágora e do meimendro estava em serem fortíssimos alucinógenos em função da presença dos alcaloides tropânicos nestas ervas, que levam a profunda alteração das percepções sensoriais.

O uso de alcaloides se perde na história do Tempo e atinge o apogeu na Idade Média, sob a forma de venenos e poções mágicas usados nas práticas de feitiçaria, ou para matar os inimigos. Os alcaloides tropânicos apresentam efeitos que diferem dos alucinógenos naturais usuais. A atropina e a escopolamina, presentes na mandrágora e no meimendro, são extremamente tóxicas e seu consumo leva a amnésia durante a intoxicação, além da perda de sentido da realidade e a um profundo sono.

Kilaim percebeu logo que, mesmo nos mercados naturais da França, que eram dos mais completos, não iria conseguir essas plantas. Ficou claro que

precisava do auxílio do Príncipe, ou de alguém. Mesmo assim, tentou improvisar, fazendo algumas substituições. Não funcionou.

Ele estava frustrado. Depois de tanto aprendizado teórico, ele estava morrendo de vontade de realizar algo prático. Um feitiço de verdade. Ficou fascinado pela questão dos *Golens*, descritos como seres artificiais míticos que, primeiramente, estavam associados ao misticismo judaico, muito embora as primeiras histórias de *Golens* sejam ainda mais antigas que o próprio Judaísmo. No folclore judaico, o *Golen* é criado a partir da matéria por meio de processos mágicos. Acreditava-se que as pessoas que podiam criar um *Golen* eram santas, caminhavam com Deus e eram dotadas de muita sabedoria.

Satanás é igualmente um ser cheio de sabedoria; a própria Palavra de Deus o admite, no livro do profeta Ezequiel. Parte dessa sabedoria é Divina, vem do Criador. A diferença é que ele partilha seus conhecimentos com o Homem, a fim de perverter a Criação. Satanás acumulou poderes que, mesmo sendo frações do poder de Deus, são expressivos. Um desses poderes é a criação da vida, mesmo sendo esta apenas uma sombra de qualquer criação de Deus.

Para os adoradores de Lucipher, criar um *Golen* é apenas uma demonstração de poder, já que os tais seres míticos têm um tempo muito limitado de vida e sua energia se esgota rapidamente. Mas fica claro, com essa demonstração, que o conhecimento gera poder. É como a energia atômica: ela poderia ser produzida por reatores nucleares e se tornar uma fonte alternativa de energia para todo um conjunto de cidades. No entanto, o mau uso da fusão e da fissão nuclear criaram as bombas atômicas.

A maior parte dos teóricos que estudaram as propriedades do átomo não imaginavam os fins abomináveis de suas descobertas, inclusive Einstein, que apesar de saber das intenções de se utilizar a energia nuclear para fins militares, não contava que a Segunda Guerra Mundial estourasse de fato e

nem que esse tipo de energia fosse realmente utilizado para a destruição em massa.

O poder de criar os *Golens*, muito a princípio, era facilitar a espionagem de inimigos. Mas a técnica de desdobramento — ou "projeção astral" — era muito mais eficaz nesse sentido. Assim, os *Golens* não tinham qualquer serventia real, a não ser pela demonstração pura de poder.

Kilaim teve êxito em criar o seu *Golen*, que era como um pequeno elfo, e se desfez em poucos minutos. Decidiu depois que era mesmo melhor aprimorar a técnica de desdobramento. Por meio dela, ele conseguiu enviar seu espírito para visitar a casa de pessoas estranhas. Depois, curioso, acabava indo pessoalmente ao lugar, durante o dia, a fim de averiguar se não tinha sido coisa de sua cabeça.

"Eu já morei aqui quando era menor…", começava ele no portão da casa em questão, com ar angelical. "Gostaria tanto de ver de novo por dentro."

Persuasivo ao extremo, ele usava de muita simpatia. Técnicas que também havia aprendido e dominado. Então caminhava pelo interior da casa, conversando, e vendo tudo pela segunda vez. A primeira em espírito; a segunda em corpo.

Ele viu que funcionava, e sua admiração e alegria eram enormes.

* * *

"Como pode o avião erguer-se do solo e voar livremente em meio às nuvens, mesmo sem ver o horizonte, seja dia ou noite, em meio ao vento e à chuva, conseguindo vencer alterações de pressão, densidade, temperatura? Vencendo a própria gravidade?"

Existe uma combinação de princípios físicos e matemáticos complexos que, associados a inúmeras tecnologias, permite o voo. O avião vence a inércia, a gravidade e a resistência do ar em decorrência de diversas forças que agem sobre ele. É necessária a tração dos seus motores, o impulso de

suas turbinas, o fluxo de ar em suas asas e nos estabilizadores da cauda, além da ação de superfícies móveis que permitem curvas, subidas, descidas, desacelerações e outros movimentos da nave.

Mas isso somente não basta. É necessária a presença de um piloto com experiência, à frente do comando da nave, e em posse de um plano de voo com as informações das rotas a seguir e das condições meteorológicas da origem e do destino. Também é preciso uma torre de comando, com controladores de tráfego aéreo. E esse controle depende de radares e satélites.

Kilaim foi percebendo que a Magia era como esse avião e seu conjunto de complexas tecnologias. Ela funcionava de maneira semelhante, isto é, também dependendo de não apenas um, mas todo um conjunto extenso de fatores.

O conhecimento destes "fatores" chegou até o Homem de maneira fragmentada, ao longo de milhares de anos. Veio espalhado em alguns pedaços de livros aqui, certos papiros acolá, algumas práticas religiosas e de feitiçaria, receitas milenares etc. O conjunto teórico da Organização — feito da compilação de todo este material escrito ao longo de milênios — somava 40% do conhecimento total que era possível adquirir. Tudo o que havia de maior e melhor, em termos do conhecimento humano e demoníaco, compunha aquele material exclusivo de treinamento.

O restante — 60% — vinha dos demônios. Histórias, conhecimentos, receitas exclusivas passadas de boca em boca, ao longo de gerações. Era algo transmitido apenas oralmente, e que nunca foi escrito.

Porquoi?

Se, hipoteticamente, um leigo tivesse acesso a todos os 40% de material teórico dos filhos do Fogo, seria como dar a uma pessoa comum um avião e pedir-lhe que o pilotasse. É o mesmo que tentar aprender a dirigi-lo apenas lendo o manual. O material teórico — por si só — não funciona. Faz-se

necessária a presença de uma pessoa para instruir o aprendiz. A Magia necessita de um Mestre que a ensine.

Por outro lado, somente a presença do Mestre — sem a leitura e a compreensão prévia do material conceitual pelo aprendiz —, também é nula. É como ter um instrutor de voo, mas sem o avião; o professor da autoescola, sem o carro.

Kilaim tinha o melhor do melhor. Sua inteligência e percepção incomuns o faziam drenar do material teórico toda a substância, até a última gota. E quanto a seu Mestre, Lucipher, dispensavam-se as palavras.

De "pedaços do avião" originaram-se pequenas seitas. É como se, por exemplo, a *Wicca* tivesse ficado com uma parte da asa; as seitas africanas, com uma roda; a Maçonaria com uma hélice, e assim por diante. Elas detêm *algum* conhecimento, uma pequena parte da verdade. No entanto, estas seitas jamais permitirão a seus adeptos a arte plena do voo. Eles nunca sairão do chão.

"Você não pode sair do chão apenas com o pedaço de uma asa, por mais que a asa faça parte do avião. A potência, a força, a velocidade e o poder só podem ser sentidos dentro de um avião completo."

O avião completo — o *Airbus* — pertence aos filhos do Fogo.

* * *

Foi nesse momento que Lucipher começou a falar mais insistentemente nos sacrifícios humanos.

Depois da Grande Rebelião nos Céus, os demônios ficaram aprisionados na Terra, mas sem acesso a ela. Tempos mais tarde, segundo se descreve no Livro de Jó, "quando os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor, veio também Satanás entre eles. Então, perguntou o Senhor a Satanás: Donde vens? Satanás respondeu ao Senhor e disse: De rodear a Terra e passear por ela". Significava que estava livre.

Por onde tinha passado? Quer dizer, como os demônios se libertaram?

Um dos portais dimensionais mais antigos são as pirâmides. As principais são as de Gizé; por ali entidades do Mal tiveram acesso ao mundo dos vivos. Os sacerdotes egípcios eram os mais poderosos da sua época, sendo capazes de, por meio de Magia, enfrentar parte do poder de Moisés, que havia sido comissionado pelo próprio Deus.

Foi aí que Kilaim entendeu melhor que a Magia era o fluir deste poder.

Os portais dimensionais eram poucos na Antiguidade, mas foram sendo aumentados em número. Em troca da colaboração humana, os demônios trouxeram poder aos escolhidos. Algo jamais experimentado antes.

Ele aprendeu que uma parte da equação dos portais tinha a ver com o sacrifício, embora ainda não entendesse como tudo funcionava. Mas ficou contente em dar mais um passo na sua trajetória rumo ao crescimento, e o preparo para o primeiro sacrifício teve início. Ele estava com doze anos, e em breve, aos treze, passaria pelo Rito de Iniciação. A escolha de Ethan não lhe passara pela mente, isso nem se cogitava; porém Kilaim era incentivado, sempre, a oferecer o melhor.

Embora o jovem esperasse que o Príncipe fosse lhe dar alguma sugestão a respeito, não o fez. Não falou o que ele considerava “o melhor”.

O estudo de anatomia — bastante profundo — fascinou Kilaim. Primeiro lhe foram dados os livros, tanto de imagem quanto de texto, que ele leu e decorou cada palavra. O conhecimento teórico anatômico que adquiriu, em pouquíssimo tempo, era singular. Digno de um mestre em anatomia. Conhecia cada músculo, cada osso, cada feixe vasculonervoso, cada órgão em detalhes.

Não via a hora de começar a parte prática, dissecando cadáveres que eram facilmente conseguidos em hospitais-escola e universidades de medicina, onde havia pessoas da Organização que podiam fornecer o material necessário e ensiná-lo pessoalmente.

A primeira aula prática foi dada pelo doutor Pierre Lefréve; depois, ele e Davenport se revezavam para ensinar Kilaim. O jovem lhes prestava

grande admiração, não apenas pela profissão, mas por serem filhos do Fogo. Escolhidos de Lucipher. Os primeiros a quem era apresentado.

Nas madrugadas que passaram juntos, no laboratório, os dois médicos ensinaram-lhe de tudo porque a curiosidade de Kilaim não tinha limites. O estudo não se atinha apenas às vias de acesso aos *chakras* e à maneira correta de realizar o processo de tirar a vida. Tudo Kilaim queria ver, queria tocar, queria aprender. Davenport, cirurgião de cabeça e pescoço, ensinou-lhe tudo sobre a região em que era especialista. Lefréve era cirurgião plástico, e atendeu às curiosidades do jovem filho de Lucipher.

Ainda não satisfeito, Kilaim manifestou seu desejo em conhecer melhor as cirurgias cardíacas, e para tanto acompanhou o trabalho de um terceiro médico da Organização. Quando voltava ao laboratório, queria ver tudo de novo, por ele mesmo, e passava horas entretido em dissecações, remexendo nas caixas enormes de “peças”, retirando partes e mais partes do corpo humano, que boiavam em formol. Ele fazia questão de adquirir um conhecimento amplo de tudo a aproveitar ao máximo a estadia no laboratório.

“Quem sabe, mais tarde, me tornarei médico? É uma profissão fascinante!”

Lucipher designou vários outros profissionais da Organização para lhe mostrarem os segredos do corpo humano, já que Kilaim estava tão interessado. Ele adorou estudar as “bolachas” do sistema nervoso central — cortes muito finos que mostravam os mínimos detalhes de todas as estruturas encefálicas. Foi um pulo para ficar particularmente interessado no estudo de imagens: radiografia, tomografia computadorizada, ultrassonografia, ressonância magnética, medicina nuclear.

Mas o que mais intensamente o deliciou foi o estudo feito com um cirurgião ortopédico, especialista em mãos. A complexidade de sua estrutura era impressionante. Ele nunca tinha pensado realmente em como a gama de utilidades das mãos era imensa: pegar, escrever, desenhar, tocar

piano, quebrar a cara de alguém, fazer uma carícia, sentir, construir coisas…

Talvez ele pudesse oferecer a Lucipher as mãos de alguém que precisasse muito delas, como um grande instrumentista. Poderia fazer isso como um “algo mais” em seu Ritual de Iniciação; dar as mãos, e também a outra pessoa, a que seria escolhida para ser morta.

Nunca ninguém tinha pensado nisso. Isso era dar o melhor, *n´est ce pas*?

Expert em anatomia humana, ainda assim Kilaim não tinha nenhuma experiência prática com a morte. Mas agora havia chegado o momento.

Ele se lembrava da experiência com muita riqueza de detalhes porque, na verdade, não gostou do que teve de fazer.

9

Sang

Kilaim acordou tarde na manhã seguinte. Era o quarto dia.

Ele se espreguiçou. Reviver a sua trajetória toda na memória era como vivenciá-la novamente. Sentia-se entorpecido, então se levantou e foi até o piano, esticar os dedos e sossegar a alma.

Dedicou-se a peças sem apelos furiosos ou exacerbações emocionais, sem conteúdo aflitivo. Algo apenas belo, muito melódico. Um pouco do "Cravo bem Temperado", de Bach, seguido da "*Tocatta e Fuga in D minor*", que adorava. A genialidade do músico alemão que compôs mais de mil obras era indiscutível.

Fluindo junto com as notas, Kilaim se lembrou do orgulho por tudo quanto tinha feito. Podia-se dizer que sua ascensão fora meteórica e, seu posto, de muita honra desde o início. Claro que essa constatação deveria pôr um ponto-final em tudo, em todas as suas indagações dos últimos dias. Ele deveria subir agora, tomar um banho na banheira de Camille, aproveitar para pensar em Claire e em como seria ficar com ela na banheira, e… *hasta la vista*, *baby*! Apenas deveria seguir adiante.

"Seguir adiante", ele continuava repetindo. "Sem olhar para trás."

Mas, Kilaim não conseguia parar de refletir, de relembrar, de avaliar e reavaliar. Isso não era muito comum quando estava ao piano. Tocar, produzir música, era uma forma de abstrair-se, de sublimar emoções negativas e transmutá-las em uma névoa rala que, finalmente, se dissipava. Contudo, como havia sido desde o primeiro dia ali, a mente dele não se aquietou.

Junto com a melodia de Bach, ele ouviu a voz longínqua de Lucipher, que veio até ele certa madrugada, sem nenhum aviso. Kilaim acordou e, ainda sonolento, escutou a ordem que lhe foi dada:

“É tempo de aprender algo novo”, disse o demônio.

Kilaim sentiu o hálito cortante dele, o odor almiscarado. Fazia frio, apesar de ser primavera. Era final de março, dia 27, lua nova. Ele plagiava o calendário lunar usado pelos judeus. Kilaim saiu da cama e se vestiu sem reclamar. Colocou o casaco verde-escuro de lã e um gorro na cabeça.

“Devo ir à clareira?”, perguntou ao Príncipe.

“*Non*. Use a moto de sua mãe.”

Obediente, Kilaim foi até a garagem. Camille já raramente usava a *Dame* naquele tempo, mas a mantinha em perfeito estado. Agora ela tinha um carro só dela — um carro de mamãe —, mas ele usara a moto, escondido, por várias vezes.

Segundo a orientação do Príncipe, acelerou a moto e desceu as alamedas até a portaria, de onde ganhou a estrada que ia para o interior. Acelerou ainda mais, sentindo o vento gelado no rosto e a adrenalina no sangue. Dirigiu por cerca de quarenta minutos, até onde Lucipher lhe indicou uma saída para uma estradinha menor que, depois, virou de terra. Era um lugar bastante ermo, distante de tudo. Parecia um sítio, ou algo do gênero, mas estava abandonado. Depois de mais dez ou quinze minutos na estradinha, deu num galpão de madeira.

Desceu da moto, olhando em volta. Estava muito escuro, e ele tropeçou nas raízes expostas de um carvalho imenso.

“Tem uma chave no seu bolso que abre o galpão”, explicou o Príncipe.

Kilaim enfiou a mão no bolso do casaco e, realmente, a chave estava lá. Lucipher a trouxera, facilitando seu trabalho de ter de arrombar a porta. Ele se aproximou do portão do galpão e enfiou a chave no cadeado.

“Que lugar é este?”, Kilaim perguntou, sentindo o odor de palha suja, terra e cocô de pombos.

“Não importa. Está abandonado. Hoje nós precisamos estar isolados de tudo.”

“O que devo fazer?”

“Hoje é o dia de seu primeiro ritual.”

“*Oui*”, Kilaim respondeu, sentindo o sangue bater um pouco mais forte nas têmporas.

“Olhe por trás das pilhas de feno.”

Kilaim caminhou alguns metros, passando por várias pilhas muito grandes de feno. Num cantinho ali atrás, sozinha, deitada sobre a palha, estava dormindo uma ovelha. Kilaim ficou tão surpreso que sua boca se abriu para falar, mas ele não encontrou palavras.

Agora sabia por que estava ali.

“*My Lord*… disseste-me que haveria alguns treinamentos práticos depois das aulas de anatomia. Mas, não vejo o porquê de…”

“Não quer matar a ovelha?”

Kilaim pigarreou de leve.

“Imaginei que o treinamento seria em um ser humano. Há tantas sub-raças, tantos indesejáveis, tantos párias. Que dificuldade haveria em trazer um deles para cá? E eu o mataria com muito gosto.”

“Sei disso.”

Kilaim fez um gesto de “e então?”.

“Se esqueceu dos sacrifícios levíticos? Esqueceu-se da matança de animais que Deus instituiu dentro do Tabernáculo, e para sempre? Das

regras rígidas e sem sentido que, supostamente, estabeleciam as bases do relacionamento pessoal com Deus?”

“Eu já sei”, resmungou Kilaim, meio mal-humorado. “Se meu Príncipe mesmo diz que é sem sentido, resta saber por que quer que eu faça algo igual, aqui e agora.”

“O sacrifício de animais inocentes lhe parece perda de tempo, e por isso é repulsivo; você não quer matar uma única ovelha. Imagine então as sessões de holocaustos a que os judeus estavam acostumados, na única intenção de poderem se relacionar com Deus. O Livro de Levítico, com exceção de dois trechos históricos, compõe-se inteiramente de leis que visam à santificação individual e nacional. Um dos tipos de ritos individuais era o holocausto. *Holocaustum* vem do termo hebraico ‘*Olah’*, que significa ‘fazer subir’. Significava que a oferta era totalmente queimada, nada consumido como alimento. Daí surgiu a expressão ‘aroma suave ao Senhor’. É importante notar que o fogo diante do altar nunca se apagava.”

Kilaim permaneceu ouvindo, embora já conhecesse aquilo de cor.

“Deus só se relaciona com os ‘puros’. Aquele sangue inocente tinha por objetivo cobrir os pecados do povo, expiando a culpa de quem o oferecia, pela morte em seu lugar. Segundo está escrito: ‘E porá a sua mão sobre a cabeça do holocausto, para que seja aceito a favor dele, para a sua expiação. Depois degolará (o animal) perante o Senhor; e os filhos de Arão, os sacerdotes, oferecerão o sangue, e espargirão o sangue em redor, sobre o altar que está diante da porta da tenda da congregação. Então esfolará o holocausto, e o partirá nos seus pedaços. E os filhos de Arão, o sacerdote, porão fogo sobre o altar, pondo em ordem a lenha sobre o fogo. Também os filhos de Arão, os sacerdotes, porão em ordem os pedaços, a cabeça e o redenho sobre a lenha que está no fogo em cima do altar; porém a sua fressura e as suas pernas lavar-se-ão com água; e o sacerdote tudo isso queimará sobre o altar; holocausto é oferta queimada, de cheiro suave ao Senhor’. Este é um dos cinco ritos estipulados por Deus, sendo que em

apenas um deles — a oferta de manjares — não havia derramamento de sangue. Como eu já disse antes, essa atitude de derramar sangue partiu de Deus. Os rituais levíticos foram entregues ao povo de Israel através de Moisés, tornando-se estatuto perpétuo perante Deus desde então. Até a destruição do segundo Templo de Jerusalém, os sacrifícios foram feitos de forma contínua, do mesmo modo como o fogo ardia no altar de forma contínua. Como você sabe, uma das grandes intenções em reerguer o Templo de Jerusalém, hoje, é restaurar o sistema de sacrifícios."

"Quanta integridade e retidão", observou Kilaim em tom jocoso. "Entregar o justo pelo injusto."

"Como quase tudo que procede Dele, não se vê nem lógica nem amor. O holocausto era um ato voluntário, porém, mais adiante na história de Israel, o povo passou a entregar ofertas queimadas duas vezes por dia, uma pela manhã e outra ao entardecer, quando aparecia a primeira estrela. Conforme está escrito no Livro de Números: 'E dir-lhes-ás: Esta é a oferta queimada que oferecereis ao Senhor: dois cordeiros de um ano, sem defeito, cada dia, em contínuo holocausto; um cordeiro sacrificarás pela manhã, e o outro cordeiro sacrificarás à tarde'. Era uma atitude contínua de reconciliação por causa dos pecados do povo contra Deus; uma oferta de dedicação contínua. Diante disso, não acha que eu estou lhe pedindo pouco? É apenas um treinamento."

E Kilaim percebeu a nota de indignação que acompanhava a declaração.

"Imagine o holocausto dos judeus", disse ainda o Príncipe. "Uma pessoa traz um touro, um bezerro, um cordeiro ou aves. Sempre machos e perfeitos. A pessoa 'culpada' coloca a mão sobre a sua cabeça. É claro que os animais estão assustados. Sentem o cheiro de sangue e escutam os gritos e uivos dos animais que foram mortos antes. Então, essa pessoa — cujo preparo para matar um animal de forma indolor é questionável — imolará o animal. Para o sacrifício ser aceito, deveria ser feito de acordo com certas regras. Há cinco causas de desqualificação: a demora; pois deve haver um

contínuo movimento para frente e para trás da faca sem qualquer interrupção. A pressão; o corte deve ser feito com suavidade, sem o exercício de qualquer força. Inserção; a faca não deve ser inserida na carne, mas puxada transversalmente pela garganta. A penetração do corte deve ser por uma seção prescrita do pescoço. Não se deve deslocar a traqueia ou a garganta. Qualquer uma destas ações deixaria o sacrifício impróprio. Depois os filhos do sacerdote aspergiam o sangue sobre o altar que está diante da porta da tenda da congregação, e o restante era derramado na base do altar. Imagine a quantidade de sangue! Eram muitos sacrifícios, uma vez que se tratava de um ato individual."

"*Vraiment sympa*!"

"Quanto às aves, têm seu pescoço destroncado com a unha e o seu sangue é escorrido na parede do altar. O papo é arrancado, as penas também. A ave é rasgada pelas asas e queimada sobre a lenha do altar. Isso era feito 'para que o homem fosse aceito perante o Senhor'. Mas era também uma forma de adoração, compromisso e completa submissão. Além destes sacrifícios, Deus também pedia as ofertas pelo pecado, as ofertas pela culpa e as ofertas pacíficas. O que significava mais degolações, mais esquartejamentos, mais animais queimados. Embora as ofertas pacíficas fossem atos voluntários de adoração, como o holocausto e a oferta de manjares, o sistema sacrificial ordenava que os outros dois ritos — a oferta pelo pecado e a oferta pela culpa — eram obrigatórios."

"Na oferta pelo pecado — o *Chatat* —, se levava em conta os pecados não intencionais. Utilizavam-se fêmeas: cabras, cordeiras ou ovelhas de modo geral, rolas ou pombinhas no caso dos pobres, e farinha no caso de muito pobres. O touro era para o sumo sacerdote, o novilho para os sacerdotes, e o bode para o príncipe. Um cordeiro no caso dos juízes. No caso de qualquer pecado dessa natureza porventura ter sido esquecido, havia ainda ofertas para a nação e para o sumo sacerdote que cobriam esses delitos de um modo coletivo: isso era feito no Dia da Expiação — o *Yom*

Kippur dos judeus. O sumo sacerdote aspergia sangue no propiciatório para os seus próprios pecados e pelos pecados da nação.”

“Quanto à oferta pela culpa, *Asham*, sacrificava-se carneiro ou cordeiro sem defeito, tirado do rebanho e avaliado em *siclos* de prata. Assim acontecia se alguém cometesse uma transgressão ou uma infidelidade a Deus, involuntariamente. Esta oferta constitui-se um sacrifício de reparação que exigia uma compensação financeira. A pessoa restituiria o que tirou do santuário, com um quinto a mais, que seria entregue ao sacerdote. Geralmente, porém, tal oferta não podia expiar a culpa se não fosse oferecida em conjunto com uma oferta pelo pecado.”

“E qual a diferença? Pecado… culpa… não é tudo a mesma coisa?”

“O pecado, aqui, significa condições de impureza e fraqueza. Algo inerente ao ser. Uma condição indelével. Já a culpa é um ato, uma dívida. A culpa ocorre quando, em função desta natureza pecaminosa, o homem escolhe errar. Pecador é o que ele é; culpa é a atitude de agir errado.”

“Ah.”

Kilaim caminhou um pouco pelo galpão, olhando as pilhas de feno, agora que sua vista estava bem acostumada à penumbra da noite.

“Destas práticas é que derivam os nossos ritos?”, indagou.

“De certa forma. O sistema sacrificial foi instituído por Deus. Era uma Lei. Quem estipulou que a comunicação espiritual entre seres de dimensões diferentes deveria ser regida por essas regras — a regra do sangue — foi Ele. Então, os demônios não podem mudar essa Lei. Seria como querer alterar a Lei da Gravidade. Não se pode fazer isso. O único que poderia mudar a ordem das coisas seria o próprio Deus. Todos os demais apenas vivem e agem, sempre, debaixo desta realidade.”

“Esquisito, não acha? *Porquoi* Deus pedia tanto sangue ao Homem, afinal? Não bastava Ele apenas se manifestar? Que diferença faz, espiritualmente, derramar sangue de pombos no altar e queimar a gordura de carneiros?”

“Deus não quis alterar a ‘Lei da Gravidade’, muito embora pudesse fazê-lo. Nisso se revela o caráter Dele, aliás, mais uma vez. Todavia, o que nos interessa diante dessa ‘Lei’, nesse momento, é que nós *podemos* nos comunicar; nós, os demônios, e os nossos escolhidos dentre os filhos dos homens.”

“Mas você não está aqui, agora”, brincou Kilaim. “*Porquoi* preciso matar a ovelha, se você está aqui?”

“Nem sempre eu estive aqui. E para que nosso contato seja cada vez mais íntimo você precisa criar pontos de contato espiritual, para que o meu poder, e a minha força, sejam drenados para você. Você quer poder, não quer? Quer ver os encantamentos e feitiços funcionarem, e não depender de criar *Golens* para mostrar o seu valor. Estou errado?”

Kilaim fez que não com a cabeça.

“Você tem a chance agora de somar forças conosco. Comigo. Seu pai. A forma de os demônios transmitirem poder ao homem é uma somente: por meio da abertura dos seus *chakras*. Assim como o homem ajudou o Demônio a libertar-se da prisão imposta por Deus, o Demônio agora ajuda o homem a abrir janelas espirituais em si mesmo. Essas janelas funcionam, em última análise, como pontos de contato para canalização de energia demoníaca. E esta, agindo no homem, o capacita ao poder. A canalização é uma forma de os demônios ‘usarem’ o corpo humano. É isso que dá ‘Poder à força’, entende melhor agora? Poder aos homens e mulheres fortes, aos escolhidos, por meio do poder demoníaco.”

“Magia é o fluir deste poder. Isso eu já entendi, em teoria. Mas e a canalização? É uma espécie de possessão?” indagou Kilaim.

“Não exatamente. ‘Possessão’ implicaria num uso indevido do corpo, feito à sua revelia; já a canalização de uma entidade é resultado de parceria, um ato voluntário tanto do ser humano — que cede o seu corpo —, quanto da entidade — que soma seu poder ao corpo doado. Trata-se de uma aliança, estabelecida por meio de sangue, que não pode ser rompida.”

“Qualquer um pode canalizar um demônio? Dentre os seus escolhidos, quero dizer.”

“Não. A canalização de um principado nunca pode ser completa: o ser humano não suportaria a totalidade da energia de um demônio destes. Entretanto, eu tenho preparado alguns filhos especiais, geneticamente modificados, que poderão suportar muito, muito mais energia. Até mesmo a canalização completa do próprio Lucipher. E, assim, mostrarão muito mais poder aos olhos de quem puder ver.”

Kilaim ficou bastante impressionado, e a imaginar se seria uma dessas pessoas. Como o Príncipe não mencionava nada, ele ficou quieto. No tempo certo viria a saber.

“Portanto, se você acha que os nossos ritos envolvendo seres humanos são por demais sangrentos, a verdade é que Deus derramou muito mais sangue. Ele mandava seu Povo invadir as cidades inimigas e, muitas vezes, matar a todos. Não somente os guerreiros, mas também as mulheres, os idosos, as crianças e até os animais. Um completo extermínio de tudo que tem vida. Já imaginou esse tipo de cena? O que aconteceria a um exército destes, em nossos dias: soldados matando civis indefesos, matando crianças ao fio da espada, até ter uma pilha de mortos para incendiar juntamente com a cidade? Seriam todos julgados por crimes de guerra, e condenados. Até mesmo os despojos, em determinadas circunstâncias, eram descartados, exceto toda prata e ouro, e utensílios de bronze e ferro, como foi na conquista de Canaã. Jericó foi totalmente destruída, e na cidade de Ai os israelitas mataram doze mil homens e mulheres em um dia somente, sem contar as crianças, e enforcaram o rei, ficando apenas com o gado e os despojos, desta vez. Depois disso, um altar foi erigido por Josué no Monte Ebal, onde se ofereceram mais holocaustos e ofertas pacíficas. E eu pergunto: no que esse povo era diferente dos povos pagãos da época? Porque serviam ao Deus Único e não faziam sexo grupal? Os pagãos também tinham seus códigos de honra e conduta. Difícil achar que um Deus

como esse seja o Deus da Justiça e da Bondade. Ou o Deus de Amor. Não para por aí. Davi — o homem segundo o coração de Deus —, quantos ele matou? Foram tantos, e havia tanto sangue em suas mãos, que não pôde edificar o Templo que seria dedicado a Deus, como gostaria. Não acha que era uma carnificina de inocentes bem pior do que a nossa?"

Kilaim refletia naquilo. Era verdade.

"Muito em breve iremos abrir o seu primeiro *chakra*", volveu o Príncipe, aparentemente encerrando o assunto que envolvia Deus. "O que você está aprendendo aqui, hoje, vai ser importante para o seu Ritual de Iniciação."

"*Chakras* são, afinal, centros de energia, *n'est-ce pas*?"

"Sim. A palavra *chakra* vem do sânscrito e significa roda, disco, centro, plexo. Você entenderia melhor se eu dissesse que eles são como 'redemoinhos' de energia vital, girando em alta velocidade, fazendo vibrar pontos vitais do corpo humano. Há cerca de 3.500 anos, as comunidades na região do vale do Indo começaram a organizar um dos sistemas religiosos mais antigos do Mundo, o Hinduísmo. Essas crenças foram transmitidas oralmente de geração em geração por muitos séculos até serem transcritas nos Vedas, em torno de 2.000 a.C., sendo considerados como o primeiro livro sagrado da História e influenciando mais de um bilhão de pessoas hoje. Os Vedas contêm os mais antigos registros sobre *chakras*, admitindo a existência de sete principais no corpo humano, que se dispõem desde a base da coluna vertebral até o alto da cabeça. Na verdade, são nove. Os *chakras* estão associados ao funcionamento de certas glândulas e têm estreita relação com funções físicas, mentais, vitais ou espirituais. Num corpo saudável, todos esses 'redemoinhos', ou vórtices, giram a uma grande velocidade, permitindo que a '*prana*', a energia vital — ou o *Yin* e o *Yang*, conhecido pelos chineses —, flua. Mas se um desses centros começa a diminuir a velocidade de rotação, o fluxo de energia fica inibido ou bloqueado. Disso resulta a doença e, segundo os Vedas, a dificuldade de

conexão com o divino. Os indianos admitem que os *chakras* são conectados entre si por uma espécie de ‘tubo etérico’ principal, que se estende ao longo do eixo central do corpo humano. Os nadís — ou meridianos, segundo a medicina tradicional chinesa — conduzem e regulam a energia vital, que caminha pelo corpo. Esses *nadís* são os principais eixos, entre milhares, que percorrem o corpo em todas as direções, encontrando-se e fundindo-se nos *chakras*. Segundo os conceitos do tantra, os *nadís* são sagrados, e é por meio deles que o corpo físico entra em contato com os planos superiores trazendo para o seu cérebro físico a memória das experiências.”

“E aquela história de Kundalini?”, perguntou Kilaim, que ouvia com interesse, absorvendo o conhecimento e já até esquecido do animal que dormia no canto do galpão.

“Os *chakras*, quando abertos, fazem fluir energia não somente do corpo, mas dependendo do lugar e da situação, recebem a energia que é produzida pelo próprio planeta Terra. O primeiro *chakra — o Muladhara —*, localizado na base da espinha, é o responsável por manter o fluxo de energia ascendente da Terra para o corpo. Nos pés, há *chakras* secundários que se relacionam diretamente ao *Muladhara*, o qual, quando estimulado, pode fazer a troca das energias e levá-la pelo corpo. A energia da Terra absorvida por esses *chakras* e modificada pelo *Muladhara*, em seu caminho ascendente aos demais centros de energia, é o que se denomina *Kundalini*. Em suma: você verá a diferença entre ter, ou não, *chakras* abertos.”

* * *

Kilaim matou a ovelha. Não foi fácil. Percebeu que abrir uma via de acesso perfeita num cadáver era o de menos. Num ser vivo, era bem diferente, e ele teve dificuldade em fazer um trabalho bem-feito.

O motivo de estarem tão afastados de tudo ficou claro rapidamente. O animal fazia um escândalo monumental, esperneava, balia sem parar em tons inimagináveis e externava sua agonia em fortes espasmos, o que

incomodava Kilaim sobremaneira. Ele apenas desejava terminar logo com aquilo.

Depois do sacrifício, irritado consigo mesmo — e insatisfeito com seu desempenho naquelas condições —, jogou longe o punhal, as cordas e os instrumentos de corte para esquartejá-la.

* * *

Ao lembrar-se daquilo, na mente de Kilaim surgiram novamente os olhos da ovelha. Ele os havia perscrutado muito de perto naquela noite, no galpão — eram olhos inocentes, apavorados.

Mas, de repente, o olhar de Claire apareceu também, e relampejou na memória dele. Kilaim parou de tocar abruptamente, cometendo um erro de dedilhado e fazendo soar uma nota totalmente fora do tom. Ele fez uma careta. Bem no fundo pinicava aquela ideia, que o estava pondo louco. A de que Claire poderia vir a ser morta.

E a grotesca possibilidade de que ela pudesse morrer de forma ainda pior do que a ovelha foi absolutamente terrível. Kilaim fez todo o esforço possível para não pensar naquilo.

Por um lado, ele não desejava deixar Lucipher irado, o que só terminaria mal. Por isso era necessário avaliar tudo muito bem. Por outro, sentia-se desconfortável em ter que se separar de Claire sem nem mesmo tê-la conhecido direito.

A contragosto, Kilaim percebeu que sua memória era invadida pelas cenas da primeira vez em que vira o Príncipe furioso. Foi naquela noite, no galpão. O problema não tinha sido sua dificuldade de fazer o trabalho bem-feito no sacrifício da ovelha, mas por jogar longe o punhal de cabo de ouro com uma serpente entalhada, com lâmina de quinze centímetros, e os demais instrumentos usados no rito.

Lucipher odiou aquela atitude dele e, chegando bem perto de Kilaim, a mão negra penetrava em seu peito, comprimindo-o, e comprimindo seu

coração, tirando dele uma porção bastante considerável de sua energia vital. Kilaim sentiu a brusquidão do demônio, o frio intenso, a sombra gigantesca, e a mente ficando escura.

Caiu no chão ao lado da ovelha, completamente sem forças. O Príncipe retirou sua mão.

“Que pensa que está fazendo? Enlouqueceu?! É assim que me retribui os ensinamentos que lhe dei?”

Kilaim não conseguia responder, esforçando-se apenas em respirar. E mesmo sem ver o Príncipe, sabia que ele estava gritando, colérico, porque podia sentia sua própria energia vibrando numa intensidade até então desconhecida. E ele teve muito medo. Se não fosse filho dele, se não tivesse o DNA dele, talvez agora estivesse morto devido à sua falta de respeito com o senhor do Fogo.

Sentiu uma lufada de ar gelado vinda do Príncipe como uma chicotada, e tudo ficou vazio. Quieto como a superfície de um lago congelado. Escuro como o poço do Abismo. Solitário como a morte.

A única fonte de calor era o corpo da ovelha, cheio de sangue recém-derramado, ali perto. O casaco verde-escuro havia sido tirado antes do sacrifício, de modo que, agora, estava vestindo apenas uma camiseta de mangas compridas. Ele não tinha forças para se levantar, quanto mais procurar o casaco. Seus braços e pernas não queriam responder ao seu comando.

Kilaim continuava com medo. Estava muito frio. E se o Príncipe o tivesse abandonado para morrer congelado na noite úmida?

Com esforço, conseguiu arrastar seu corpo para perto do da ovelha, e ali ficou. Pensou em chamar Lucipher de volta, em implorar por perdão, mas seu orgulho foi maior. Além do quê, perdão não fazia parte do vocabulário do Príncipe.

Então ele ficou lá. Esgotado, dormia por pura exaustão, mas acordava tiritando de frio. Um frio enregelante, não apenas pela perda de sua energia

vital, mas pelo vento que entrava pela porta aberta do galpão. O demônio não pretendia matar seu filho, não depois de tanto investimento, e foi nisso que Kilaim se alicerçou. Passaria por aquela disciplina e tudo ficaria bem de novo.

Pouco antes do alvorecer, em meio a sua infelicidade, percebeu que já podia se mover. Com dificuldade, é verdade, mas conseguiria sair dali.

O corpo da ovelha estava frio, e o sangue dela, grudado em suas roupas. Parecia que ele é que tinha sofrido um sério acidente, mas a verdade é que não estava ferido. Pelo menos, não no corpo; o mesmo já não se podia dizer de suas emoções. A satisfação que sentiu ao cruzar a porta do galpão foi semelhante ao alvorecer que iluminava seu rosto. Talvez até o fim do dia, ou no dia seguinte, já houvesse recuperado completamente suas forças.

Ele aprendeu a lição, mas da pior maneira. Lucipher já lhe havia dito que brevemente seria apresentado à Organização. Havia um cronograma minucioso e previamente estipulado para isso, e todos estavam à espera do filho de Lucipher. Aquele que fora gerado pelo Príncipe e estava sendo treinado diretamente por ele. Ou seja, Kilaim *tinha* que estar pronto. Era uma obrigação; pois dele se esperava muito. Estava destinado a galgar altos patamares e ocupar as primeiras posições hierárquicas. Isso tem um preço. A quem muito é dado, muito também é cobrado.

Kilaim não podia falhar. Era sua honra e a honra de quem o treinara, seu pai. De modo que, naquela manhã, naquele momento, ele queria uma coisa mais que tudo na vida: acertar; fazer diferença; ser motivo de orgulho. Mais que tudo ele queria ser apresentado, conhecido e reconhecido por ser quem era. Não só o “filho do chefe”, mas ele mesmo, Kilaim. Alguém especial.

“Vou fazer valer a pena. Onde eu estava com a cabeça? Era somente uma ovelha!”

Ele percebeu a importância daquele primeiro treinamento prático. Uma das lições fundamentais que o capacitariam ao sacrifício do Ritual de Iniciação: saber lidar — e não se afetar — com a presa que grita, urra,

chora, implora, se contorce. Aqueles que lutam pela vida. Ele haveria de não se desconcentrar. Não se importar. A frieza e a determinação até o fim são a marca dos grandes.

"Você vai aprender a matar olhando nos olhos", ele prometera a si mesmo.

Kilaim lembrou-se vividamente dessa promessa e da vergonha ao sair do galpão, cambaleante, todo sujo de sangue. E sozinho. Ele viera em companhia do senhor das Trevas, do Príncipe deste Mundo, da própria Sombra, e o desonrara. Por sorte — *realmente* por sorte — ainda estava vivo. Mas sozinho.

Quando chegou a casa, invocou *Satan* conforme aprendera, usando as palavras mágicas. Mas ele não veio. Teria que esperar. Não havia outro modo. Quanto tempo?

"*Cachu*… quanto tempo… eu não sei de nada…"

* * *

Depois de nove dias, o Príncipe finalmente apareceu.

"Espero que você esteja pronto desta vez", ele disse.

Kilaim assentiu com segurança, os olhos muito compenetrados.

O sacrifício, desta vez, foi ali mesmo, na clareira. Era um cordeiro. Grande, forte, bonito. Mas que não oferecia resistência à morte. A dor e a tristeza estavam cruamente estampadas em seus olhos dóceis quando a morte o ceifou; e ele morreu em silêncio.

Kilaim ficou muito impressionado pela inacreditável aceitação que presenciou naquele animal, e que trazia quase maior emoção do que a ovelha. Aquele animal simbolizava o Cordeiro de Deus. Lucipher disse que era importante ele estar preparado para as duas situações. Porque também existem pessoas assim. Aquelas que, sendo cristãs verdadeiras, aceitam seu destino como o fez seu Mestre. Morrem como Jesus morreu: com aceitação.

Nesse dia, Kilaim ganhou um anel de ouro com uma pedra de rubi; uma representação de que, agora, ele dominava o poder do sangue. Haveria muitos outros poderes a serem descobertos e desenvolvidos em sua jornada. Mas não agora.

Depois disso, no Ritual de Iniciação propriamente dito, aos treze anos, ele teve o seu primeiro *chakra* aberto. Fora quando ceifara a vida de Ethan. Ethan era "o melhor" a ser entregue, e oferecê-lo tinha sido ideia de Kilaim. Motivo de orgulho.

Assim, a oferenda ritualística, dentro do contexto ritual, abriu a primeira "janela" no corpo de Kilaim, o primeiro ponto de contato: o *chakra* do coração. O mais importante de todos. Em troca do coração de Ethan.

Ele fechou os olhos, respirando devagar, com as mãos sobre o teclado do piano. E era como se estivesse lá, escutando novamente o seu pedido:

"Entra no meu coração", ele disse, segundo as normas do rito. "Para isso eu te ofereço o coração daquele que me criou como filho."

* * *

Kilaim ingressara formalmente na Organização. Agora, Lucipher e seu filho estavam unidos de uma maneira nova, como nunca havia acontecido antes. O *chakra* tinha sido aberto e, aos poucos, Kilaim notava diferenças em si mesmo. Para começar, havia muito mais vigor, em todos os âmbitos. Precisava, cada vez menos, de horas de sono. Percebia o seu intelecto mais amplo e aguçado, de forma que passou a compreender melhor coisas que ainda não compreendia, apesar de sua inteligência fora do comum.

Casualmente, ele notou também que sua força física aumentara. Kilaim já era bastante forte, mas, certo dia, tendo saído com o carro de Camille às escondidas, estacionou numa vaga apertada e o carro não ficou bem colocado. Geralmente, quando isso acontecia, ele erguia a traseira do veículo alguns poucos centímetros, e conseguia um resultado melhor. Nunca tinha sido fácil, o carro era bem pesado. Mas agora, depois do Rito

de Iniciação, embora ainda fosse difícil, é claro, tinha ficado *menos* difícil. E ele se surpreendeu porque a mudança foi bem evidente.

A atitude dos demônios também mudou. Passaram a respeitá-lo de outra forma. Algumas vezes, Kilaim havia visto as entidades cumprimentarem os grandes sumo sacerdotes, em rituais, com um gesto de cabeça. Uma reverência. Qual não foi sua surpresa ao perceber que, quando se materializavam diante de todos, lhe honravam com o mesmo gesto! Inacreditável!

Da primeira vez, o jovem achou que estivesse enganado, que a pequena reverência não fosse para ele. Olhou de soslaio para os lados, mas logo viu que era mesmo endereçada a si. Ele retribuiu, confiante. A partir daí, os demônios sempre o cumprimentavam desse jeito. Aquilo remetia a uma honra enorme, o que significava, igualmente, mais poder.

Contudo, a maior mudança — e a melhor de todas! — foi em relação à música, sua maior paixão. Kilaim era brilhante musicista, mas, como todo superdotado, muito perfeccionista também. Não se agradava da maneira como tocava algumas das composições, especialmente aquelas consideradas as mais difíceis escritas para piano. Embora cada pianista tenha seus próprios desafios técnicos, a grande questão não é apenas tocar as notas com perfeição, mas, sim, a expressão da musicalidade. Técnica pura pode ser fundamental para alguns, mas extrair da música a sua *alma*, e vertê-la diante de si, requer grande sensibilidade. Esse pode ser um talento conferido a poucos. É a diferença entre ser Mozart, ou Antonio Salieri.

Embora houvesse composições mais contemporâneas consideradas absurdamente complicadas, de modo geral Kilaim não lhes conferia grande valor. Dava preferência àquilo que já fora consagrado pelos anos, pelos séculos, jamais ficando fora de moda em função de sua riqueza. O maior desejo de Kilaim era reunir os melhores compositores de todos os tempos em seu repertório, a fim de tornar-se um grande intérprete.

Embora haja algumas variantes, o consenso entre os pianistas sobre quais seriam as peças mais difíceis já escritas incluía algumas das que Kilaim vinha procurando aprimorar. A maioria concordava que os *Transcendental Études*, de Liszt, eram bastante difíceis; mas não impossíveis, com a prática. Kilaim ainda não estava plenamente satisfeito com a execução de alguns, mas não eram esses os piores, na sua avaliação. O *Concerto para Piano n. 3*, de Rachmaninnov, era terrível. O jovem ficava sempre muito irritado ao executá-lo, pois engastalhava em algumas passagens apesar de suas mãos grandes, fundamentais para alcançar todas as notas dos acordes.

Kilaim admirava muito Rachmaninnov, já que ele fora, talvez, um dos pianistas mais tecnicamente exigentes e magistrais de todos os tempos. Portanto, aquilo em que Rachmaninnov encontrasse dificuldade, com certeza faria jus às peças mais difíceis. Diga-se, de passagem, que o compositor russo não tocou a grande *cadenza* de acordes de seu próprio *Concerto n. 3*, nem a gravou. Josef Hofmann, o pianista a quem Rachmaninnov dedicou o *Concerto*, nunca o executou publicamente, dizendo que "não era para ele". Por outro lado, Horowitz o apresentou, e foi muito elogiado. Rachmaninnov queria contar nessa obra, musicalmente, a história da sua depressão; e dizia que, quem ousasse tocar o *Concerto*, teria que interpretá-la como um tigre, em completa rendição, e como se fosse a última vez.

Ciente de como a veia artística podia ser visitada pelos transtornos psiquiátricos, às vezes Kilaim se avaliava. Teria, ele mesmo, algum "traço estranho" em sua personalidade? Decerto. Mas não era patológico. Lembrou-se de Van Gogh, de sua segregação social, de ter cortado a orelha e, mais tarde, tirado a própria vida. Como disse Allan Poe, "Resta saber se a loucura não representa, talvez, a forma mais elevada de inteligência". Fato: genialidade e loucura muitas vezes podem andar intimamente entrelaçadas. Platão foi um dos primeiros a creditar a uma "loucura divina" a base

fundamental de toda criatividade e, hoje mais do que antes, esse poder criativo pode caminhar lado a lado com uma instabilidade psíquica.

Mas não era o caso de Kilaim. Fosse qual fosse a sua "loucura", por certo que não vinha de Deus. Quando muito, viera de Lucipher, e o que vem de Lucipher é sempre bom. Por isso, aceitaria que o "Poder fosse acrescentado à força", já que lhe interessava muito tocar o *Concerto n. 3*. Que continuava sendo respeitado, e até mesmo temido, por muitos pianistas. Era por isso que Kilaim vinha se esforçando tanto para conseguir tocar essa preciosidade da música erudita.

E, de repente, Kilaim conseguia tocá-la! E não apenas *tocá-la*, mas o fazia com incrível habilidade, quase como se seus dedos se movessem sozinhos, voando, sem o seu comando. Tocou exemplarmente, e ainda incrementou a composição, acrescentando níveis de dificuldade. Era espantoso! Na verdade, era impossível…

Quando terminou, Kilaim estava estupefato. Olhava para as próprias mãos, e sabia que Lucipher tocara por meio dele. Quer dizer, ainda era o seu talento nato, mas agora estava associado ao poder do talento de Lucipher. Quem melhor que o Querubim Ungido da Guarda para entender a música?

"*Genial*!". Era tudo que ele poderia dizer.

Apressou-se a estudar a *Rhapsody on a Paganini Theme* (absurdamente linda), também de Rachmaninnov, de quem, agora, ele pretendia tocar a obra completa. Especialmente a última variação da *Rhapsody* apresentava grande dificuldade técnica, o que levou o compositor a confessar o seu receio em interpretá-la. Kilaim queria absurdamente tocá-la com perfeição. E tocou!

Depois, veio *Islamey*, de Balakirev, e *Gaspard de la Nuit*, de Ravel. *Islamey* teve um impacto duradouro sobre a música para piano *solo*, mas obteve mais repercussão depois que Ravel, desejando rivalizar com ela, compôs *Gaspard de la Nuit*: a peça que seria "ainda mais difícil do que

Islamey”. De fato, a técnica que se exigia do intérprete era quase transcendental.

A inspiração de Ravel veio de um livro de poemas em prosa dedicados à linguagem de horror — “*Gaspard de la Nuit*”, de Bertrand —, e que eram também obscuros e alucinatórios. Dessa composição Ravel esperava o ápice do piano virtuosístico e, ao fazer isso, ele realmente contribuiu para o repertório pianista, criando novos recursos musicais para criar os efeitos que desejava. Ou seja, as sonoridades, as harmonias e os ritmos conseguiram trazer à vida os poemas de Bertrand, de modo impressionante.

Kilaim estava perplexo e feliz. E ia se saindo muito bem!

* * *

Foram muitas mudanças, e isso era somente o começo de sua jornada. A partir daí, fazia-se necessário começar a aprender melhor a pronúncia das palavras mágicas. Kilaim conseguia compreender o sentido dessas palavras, mas era imprescindível adquirir a pronúncia perfeita, especialmente do *enochian*.

“*Gah de sdiv chis em,*
Micalzo pilzin de sobam;
Casarm taviv HArg ta mir IAD,
Od obloc nore od pasbs
De Satanás, dlvgar malprg ar caosga
Od los canal fbliard zar Sobol
Caosga, od chis netaab od miam.
Solpeth bien!”

Somente assim poderia começar a *praticar* a Magia. Agora ele entendia perfeitamente o conjunto: o conhecimento da Magia — teórico e prático —

seria como “pegar as peças” e depois “aprender a montar” o *Airbus*. Montado este, resta saber como “pilotá-lo”. É aí que entram as palavras mágicas e os comandos de voz. O ritual como um todo é o *Airbus*, uma nave muito sofisticada, cujo complexo painel de controle é ativado por comandos de voz e palavras mágicas. Sem eles, o ritual não funciona. Em suma: o *Airbus* não voa.

“Posição na pista;

Acionar os *flaps* e acelerar motores;

Preparar para decolar.”

E o avião obedece automaticamente porque reconhece os comandos do piloto.

“Decolar!”

E funciona!

Kilaim começou a entender onde entravam os códigos, as chaves e os segredos codificados. Tão importante quanto preparar adequadamente o local e os elementos do ritual, era fundamental aprender a interpretar a linguagem das entidades, de forma a poder se comunicar com elas. Sem todo esse aparato, sem todo esse conjunto, o *Airbus* da Magia não decola. A seta não voa. E o real poder não existe.

“E por que o poder vai funcionar para você, Kilaim?”, perguntara o Príncipe. “Se alguém — uma pessoa qualquer — inteligente e capaz obtivesse, por acaso, acesso a tudo isto: pudesse ler os livros, ter acesso aos materiais necessários, isto é, tivesse à mão tudo de que é preciso. O avião vai decolar?”

“*Non*”, o jovem respondeu com total convicção.

“E por quê?”

“*Parce que* não existe aliança. O poder funciona para mim *parce que* eu tenho aliança com as entidades, por meio de sangue. O avião nunca vai voar apenas porque um desavisado conseguiu ter acesso ao material, e acha que

vai dar as ordens. Os demônios não têm nenhuma obrigação de fazer nada. Isso é para os seus filhos.”

* * *

O primeiro feitiço, o mais fácil de todos. Criar fogo do nada. Kilaim já sabia que podia pedir ao Príncipe que pusesse fogo em alguma coisa, recitando um encantamento e sinalizando. Mas, agora, seria diferente. Ele poderia dominar o fogo, e isso era, em parte, pela manipulação de sua própria energia. Aos poucos, ele seria capaz de realizar vários encantamentos. O poder para isso já lhe tinha sido dado. Estava dentro dele!

Uma vez pronto, Kilaim escolheu um pedaço de madeira na clareira, na hora nona. Tocou as extremidades dela, cada uma com uma mão. Recitou as palavras mágicas com perfeita entonação e pronúncia. Quase de imediato começou a sentir a madeira ficando quente. O centro, tingido por uma coloração rubra, deixava desprender fumaça escura. De repente, tendo apenas o silêncio como expectador, uma labareda saltitou do centro afogueado e incendiou a madeira.

Kilaim ficou olhando fixamente para as chamas. Sempre gostara de olhar o fogo, gostava do barulho que fazia. Então, estendendo a mão, pegou uma das labaredas. A chama saiu da madeira, e veio para ele, flutuando. Kilaim ergueu-a diante dos olhos, fascinado, virando a mão de um lado para o outro. “Filho do fogo, o Fogo não queima.” Essa máxima ganhava novo colorido agora.

Ele assoprou de leve a chama, fechou a mão. Quando a abriu de novo, o fogo estava azul. E, depois, vermelho. Podia fazê-lo mudar de cor! Podia passá-lo de uma mão para outra. Lançá-lo longe, e incendiar um arbusto. Percebeu que, se quisesse, poderia causar um incêndio. Ficou muito feliz!

Nonca gohvlim: Micam Adoian de Satanás, acroodzi Bliorb, chis soba ooaona luciftias Aoiveae; das abraasa noncf Netaaib caosgi, od Tilb damploz, Tooat noncf g micalz oma, lrasd tolglo Marb yarry de tox bogpa

oxiayal londoh babage od torzulp acroodzi, gohol: Caosga, saanir tabaord. Elzap Tilb, Parm qvasahi gi, od ta qvrlst Booapis Satanás.

* * *

DIÁRIO DE CLAIRE

Tenho estado preocupada com ele, agora. Cada dia mais, e não sei dizer por quê. Além das saudades que me matam, às vezes sonho…

Um sonho enevoado, onde ele sempre está em perigo. Não sei avaliar que tipo de perigo, mas acordo muito assustada, como se algo fosse lhe acontecer. Tenho pedido a Dieu *todos os dias, não sei o que fazer. Peço a* Dieu *que o proteja, que o faça vir até mim de novo. Isto é, caso seja essa a Vontade Dele.*

Mas como poderia não ser?!

Sinto como se ele fosse para mim, como se Dieu *tivesse escolhido Kilaim há muito tempo, e estivesse apenas esperando a hora certa de nos encontrarmos.*

Fico perplexa em constatar o que já não posso evitar: que eu o amo.

Estou com medo…

Onde ele pode estar?

Claire Cécille.

10

Audasse

Após o Ritual de Iniciação, um mentor foi escolhido para acompanhar Kilaim. Zodhocare — ou Zor, seu codinome. Sumo sacerdote da Organização. Kilaim escolheu o seu codinome com orgulho: “Kill”. Nessa época, ele ficou sabendo que *monsieur* Bourgundy, pai de Adrien, a quem conhecia de passagem, era sacerdote da Organização sob o codinome Orion.

Depois da Iniciação, Kilaim fora muito louvado por sua ousadia, coragem e lealdade ao Grupo, e adquiriu seu primeiro título de honra. Era um mago agora, mas um mago-mestre, dado seu amplo conhecimento, bem acima do que o cargo exigia. Poderia dar aulas, se quisesse, e era chamado muitas vezes de “*Rabi*”. Como Jesus.

Lucipher deu-lhe de presente um símbolo de poder: um cetro feito com fêmur humano, em cuja ponta superior havia um crânio humano submetido à técnica de encolhimento. O cetro inteiro era revestido de ouro e o crânio tinha rubis no lugar dos olhos. Por dentro, na parte que antes era ocupada pela medula óssea, o fêmur foi também preenchido com ouro, tornando-se muito pesado. Nem parecia que era feito de osso humano verdadeiro.

Junto com o cetro, ele ganhou um bracelete de ouro em formato de serpente que se enrolava em todo o antebraço. Kilaim adorava o bracelete; usava-o sempre, em todas as reuniões importantes. Tinha também um sinete — um anel de selar — com o emblema de Lucipher, cravejado de diamantes.

Zor, como sumo sacerdote da Organização, tinha a função de tirar dúvidas — que quase nunca existiam — e adiantar novos tipos de

informações. Sua presença era um algo mais no aprendizado de Kilaim. Lucipher incumbiu também um dos grandes príncipes, Leviathan, como guardião de seu filho.

No entanto, a colaboração de Zor e Leviathan era de apenas 1%. Funcionava como um apoio. Os outros 99% do aprendizado de Kilaim vinham por meio de Lucipher, sempre cioso de sua cria. E Kilaim estudava com afinco e dedicação.

Ainda apegado à ideia de um dia tornar-se médico, ele se firmou no tipo de disciplina que se faz necessária a este profissional, para balizar seu aprendizado mágico. Como o médico, que estuda dez anos ou mais para se formar especialista em uma área, ele estudava também. Como o médico, que detém conhecimentos teóricos e práticos que estão espalhados em diversos livros e manuais, e que se submete a outros médicos mais experientes para aprimorar-se, Kilaim também o faziam. Como o médico, cujo estudo e prática clínica num grande hospital são constantes, Kilaim se dispôs a fazer da Magia e do contato com as entidades a sua razão.

Para tornar-se excelente, o médico necessita “nunca perder a prática”. Para tornar-se um mestre em medicina, vai-se ainda além, usando de ferramentas como mestrado e doutorado; e talvez abraçar a carreira acadêmica. Isso depende de vocação e dedicação exclusiva. O verdadeiro mestre em medicina vive para a Medicina.

O verdadeiro mestre da Magia não é diferente. Cada um tem seu lugar definido na ampla rede global da Organização. Magos, feiticeiros, recrutadores; bruxos, sacerdotes, sumo sacerdotes, mestres em Magia.

Kilaim estava disposto a fazer disso a sua vida. O crescimento viria de acordo com o dom e a dedicação. Associado ao conhecimento progressivo, a cada dia ele estaria mais perto de seu destino espiritual.

* * *

A *Overture* 1812, de Tchaikovsky, que comemorava o fracasso da invasão francesa à Rússia e a subsequente devastação do "*Grande Armeé*" de Napoleão, estava tocando bem alta. Mesmo narrando a derrota dos franceses, a música o empolgava, com sua sequência de tiros de canhão no final. Certa ocasião assistira a um concerto ao ar livre, executada com canhões de verdade.

Depois Kilaim ouviu a *Nona* de Beethoven. *Le Quattro Stagioni*, de Vivaldi. Uma coletânea de músicas de bela sonoridade tocadas por Yasha Heifetz.

No final do dia, então, ele tomou um banho. Estava pronto. Quatro dias inteiros haviam se passado, e no dia seguinte haveria várias providências a tomar.

Sabia o que deveria fazer.

* * *

Como Lázaro, Kilaim ficou enterrado por quatro dias; e então saiu do túmulo para a vida. Seu coração estava limpo, e sua mente, clara.

A primeira medida foi sacar de sua conta bancária todo o dinheiro, o que era bastante, levando em conta aplicações financeiras. Depois de uma conversa pessoal com o gerente, fez também um empréstimo usando toda a linha de crédito disponível.

Havia alguns bens que podia transformar em dinheiro, como relógios e objetos de ouro que recebera da Organização. Guardou apenas o anel de selar, o bracelete de serpente e um pentagrama de ouro que usava no pescoço, às vezes. Alguns itens valiosos da casa dos pais também puderam ser transformados em *cash* em um ou dois dias.

Era uma atitude perigosa, pois poderia chamar atenção dos demônios, especialmente no que dizia respeito às joias rituais. No entanto, era tudo ou nada. Tinha que arriscar.

A última providência era recolher os valores do cofre escondido em seu quarto, onde Kilaim tinha mais dólares e euros que, junto com o restante, guardou dentro de uma mochila de viagem. Por fim, telefonou para o aeroporto e comprou duas passagens aéreas.

Agora, não tinha mais volta.

Parecia incrível que Lucipher estivesse ausente, haja vista todos aqueles planejamentos. “Será mesmo que ele não está ciente de nada?”, indagou-se o rapaz.

Se Lucipher tivesse vindo, ele já havia preparado uma boa desculpa sobre viajar para esfriar a cabeça depois da *Saturnália*.

Caía a tarde. O voo estava marcado para as 21h15. Só faltava mais uma coisa a ser feita. Pediu um táxi, que o deixou num local de fácil acesso para ônibus. Achou melhor estar incógnito dentro do transporte coletivo, do que evidente demais num veículo particular.

Carregando nas costas a mochila de tecido bem grosso e levando atrás de si uma pequena mala com rodinhas, ele se dirigiu à casa de Claire.

* * *

Quando chegou, carregando sua bagagem, era início da noite. Após tocar a campainha, ele viu o rosto dela surgindo na janela, e um sorriso inundou seu rosto. Era uma casa simples, e Claire abriu a porta com um só movimento. Depois se atirou contra ele naquele abraço forte, carinhoso e urgente a ponto de surpreendê-lo.

Por alguns instantes ele não soube o que dizer, nem como explicar sua ausência. Sentia-se constrangido, especialmente por estar carregando uma mochila grande e a mala de viagem.

— *Mon Dieu*, Kim… Onde você esteve todo esse tempo? *Mon Dieu*… Se você imaginasse quanto me culpei por não ter lhe pedido um celular, algum contato qualquer. — Suas mãos estremeciam ao apertar-lhe o pescoço.

Percebendo que estava agindo de maneira inapropriada, Claire esforçou-se para ficar um pouco mais contida. Estava falando com o amigo como se ele lhe devesse alguma satisfação. Fez menção de afastar-se, porém ele não deixou; correspondeu ao abraço puxando-a para perto de si com muito mais força do que ela.

Ela encostou a cabeça de encontro ao peito dele, e ficou quieta. Ambos sabiam, mesmo sem terem nunca tocado no assunto, que a ligação que os unia era incompreensível. Tudo o que as palavras não haviam dito se estabelecia naquele gesto.

— *Pardon*, Claire… Desculpe minha ausência. Também senti muito sua falta — ele murmurou. — Mas não pude vir antes.

— Que bom que está aqui agora.

Ela se afastou, por fim, um pouco desajeitada, e o tomou pela mão puxando-o para dentro. Foi somente aí que viu a mala e a mochila, e a alegria em reencontrar Kilaim se turvou imediatamente. Um tremor incontido percorreu seu corpo.

— Você vai sair em viagem? — indagou, inquieta.

— *Oui*.

Claire não respondeu. Sentiu uma profunda tristeza, mais do que poderia — ou queria — admitir. Ao invés de procurar saber mais detalhes, fez um gesto com a mão e pediu que Kilaim se sentasse no sofá da sala. Quanto a ela, ocupou uma poltrona de estofado vinho diante dele. Não sabia o que dizer.

— Quer beber alguma coisa? *Une thé*? Água?

— *Non, merci.*

Mais um silêncio embaraçoso. Claire torceu os dedos das mãos, esperando que ele falasse alguma coisa sobre a viagem. Ou, pelo menos, quanto tempo ficaria fora. Mas Kilaim não dizia nada.

— Como você está de saúde? — ele perguntou. — Tem passado bem?

— Muito bem, *Dieu Merci*! Na verdade, sinto-me ótima.

— *Great*! — Ele sorriu com sinceridade. — E sua *tante*, como vai?

— Também vai bem. Logo chegará do serviço. Aliás, preciso preparar o jantar. Gostaria de ficar comigo lá na cozinha?

— *Bien sûr*.

Mal se tinham sentado ali na sala e já se erguiam de novo, cheios de mesuras desconfortáveis. Uma sensação de inquietação enchia o coração dos dois. Encaminharam-se para os fundos da casa, onde ficava a cozinha antiga, de azulejos brancos e azuis já gastos. Esquecido de que recusara a água oferecida antes, Kilaim se serviu sozinho de um copo bem grande. Sua garganta estava ficando seca.

Decidiu que não iria usar de subterfúgios ou delongas para dizer a que vinha. Mais uma vez, era tudo ou nada.

Ela tirava da geladeira vários tipos de vegetais, calada demais para o gosto dele. Kilaim se aproximou de Claire enquanto ela estava de costas, e a abraçou mais uma vez. Claire encostou a parte de trás da cabeça contra o corpo dele e lutou contra a vontade de chorar.

“Agora ele vai se despedir de mim”, antecipou.

Kilaim baixou a cabeça e aspirou o cheiro suave dos cabelos dela, falando simplesmente:

— Venha comigo, Claire.

O impacto daquela frase curta gerou uma taquicardia palpável no coração que batera no peito de Camille. Claire se voltou para encará-lo, os olhos azuis-claros muito grandes e surpresos.

— *Pardon*?

— Venha comigo!

— Como assim, Kilaim?

— Eu preciso contar a você uma coisa.

Os dois se sentaram frente a frente na mesa da cozinha, e Kilaim segurou as mãos dela entre as suas. Os vegetais ficaram literalmente esquecidos no meio da pia.

— Eu não sei realmente como foi que eu consegui fazer o que tinha para fazer, e estar aqui hoje. Na verdade, eu achava que não iria conseguir.

— *Porquoi*?

— Achei que os demônios iriam impedir-me — ele falou de uma vez.

Claire não sorriu. Por um motivo qualquer, ela sabia que não era uma força de expressão.

— Eu sabia que você estava correndo perigo. Sonhava com você. O que foi que aconteceu?

— Para ser sincero, Claire, acontece há muito tempo. Desde que eu era criança.

Uma pequena pausa.

— Você acreditaria se eu dissesse que sou um filho das Trevas? Que eu sirvo ao Príncipe das Trevas? Que fui gerado por ele? — disse Kilaim de supetão.

Os olhos de Claire continuavam grandes, fixos nele. Inspirou fundo.

— Isso não é uma metáfora, *n´est-ce pas*?

— *Non*.

Mais uma inspiração profunda por parte dela.

— Eu só sei, Kilaim, que de repente eu vinha sonhando muito com você. Não eram sonhos bons, sabe? *Alors*, eu pedia que *Dieu* te protegesse. Que te trouxesse para mim, de volta, em segurança. Sabia que alguma coisa estranha estava acontecendo. Pensei que talvez pudesse ser coisa da minha mente, mas agora vejo que não.

— Eu preciso ir embora daqui. Sair de Lyon, e da França.

Disso Kilaim tinha certeza. Com ou sem Claire, ele ia se afastar de tudo aquilo, pelo menos temporariamente.

— O fato é que eu consegui me preparar para essa viagem sem sofrer nenhuma intercorrência. Pode ser que eles estejam sabendo, e na última hora…

— “Eles” quem?

— Pessoas muito poderosas que fazem parte… de uma Organização Secreta. Eu também fazia parte. *I mean*: faço. Mas, por ora, eu não quero mais.

— *Porquoi*?

— *Parce que* existe uma implicância em relação a você, e… — ele escolhia as melhores palavras — eu não gostei dessa imposição.

Claire coçou a ponta do nariz, pensativa; que estranho saber que havia pessoas (do mal?) que sabiam dela. Por outro lado, estava também muito alegre porque, afinal, ele a *queria.*

Sonhara tanto com isso! E a alegria ameaçava ofuscar a perplexidade. Mesmo assim, fez a pergunta:

— O que você quer dizer com “Organização Secreta”?

Ele deu de ombros.

— Quero dizer isso mesmo. Adoradores do diabo.

— Tem certeza de que não está exagerando? Essas coisas não existem. — Claire olhava para ele, piscando várias vezes.

— Sei que parece uma loucura, mas é verdade. Hoje os adoradores do diabo são muito mais poderosos do que em qualquer outro momento da História, *parce que* os dias de agora são os últimos. Não falta muito.

— Não falta muito para quê?

— Para o Apocalipse.

Kilaim olhou fundo nos olhos de Claire.

— Você acredita no que eu estou te dizendo? — ele indagou com veemência.

— A Bíblia fala do Apocalipse. Fala do diabo. No entanto, quanto a existir uma seita de adoradores compromissados com tudo isso… — Ela meneou a cabeça. — Não sei.

— Posso te garantir que digo a verdade. E, se eu quero uma vida a seu lado, Claire… quer dizer… — ele se engasgou, sem jeito.

Aquilo era muito diferente de tudo que já tinha experimentado na vida. Confessar o seu amor por ela era mais difícil do que enfrentar os demônios. Kilaim tinha quase certeza de que Claire desistiria de tudo, ali e agora, depois do que ele dissera. Ele não tinha o direito de levá-la sem esclarecer os motivos de estar indo embora.

Mas Claire deu um sorriso tão aberto que o jovem sentiu uma fisgada no peito.

— Eu *quero* ficar com você — disse Claire com convicção, apertando a mão dele.

— Mas… você entendeu que não pode ser aqui, *n´est-ce pas*? Aqui em Lyon.

— *Oui. Je sais*.

Kilaim achou que tinha sido fácil demais.

"Acho que ela não entendeu direito a situação. *Dieses problem*!"

— Claire. É perigoso — volveu Kilaim. — Eles são muito perigosos. Você está entendendo?

— *Oui*.

— Se eles me encontrarem, vão me matar. O caminho que leva à Organização é um caminho sem volta. Os demônios estão em toda parte, eles sempre sabem de tudo.

— Nesse aspecto, tenho que discordar de você. Os demônios, como você diz, estão onde Deus permite que estejam, e sabem somente o que Deus permite que saibam.

Mais uma vez Kilaim deu de ombros, dessa vez com certo desprezo. Que bobagem.

— Isso já é por sua conta e risco. Eu não acredito em tal coisa. E você deveria pensar melhor, afinal, é a *sua* Bíblia que diz que "o mundo jaz no maligno". É assim que é. Lucipher é o Maligno, e ele sempre sabe de tudo.

— Como você explica, *alors*, que esteja aqui comigo, e de malas na mão?

— Não explico. Como eu disse, pode ser que estejam me esperando no aeroporto.

Os dois se calaram por alguns segundos.

— Eles matariam mesmo você? — inquiriu Claire, um tanto aflita.

— Se me pegarem…

Ele evitou contar tudo: que seria morto com requintes de crueldade. Nisso Kilaim pensaria depois, e contaria a Claire se necessário.

— Mas eu tenho que tentar — continuou o jovem. — Estou cansado de rituais, e de sangue, e de mortes. E de buscar o poder, e manter o poder, e dar satisfações de minha vida. — Os olhos dele ficaram muito escuros.

Claire ficou imaginando o que ele queria dizer com sangue, mortes, poder. Sacudiu a cabeça. Não poderia ser literal, era só um modo de dizer. Claro. Como quem diz que está "morrendo" de dor de cabeça, e que seu sangue "ferve". Além disso, "poder" era outro termo que não passava de força de expressão.

— Se você quiser me perguntar alguma coisa, Claire… *qualquer* coisa! Agora é a hora.

Kilaim fez um gesto com a mão, incentivando-a, e ficou a encará-la fixamente. No seu entender, Claire era uma pessoa realmente boa, capaz não somente de ouvir o que ele tinha a dizer, mas de compreender. Entre a compreensão e o medo absoluto — uma situação que poderia ocorrer, é fato —, havia uma gama enorme de outras situações.

Desconfiança. Inquietação. Menosprezo. Era justificável. Mas ele havia se preparado para tudo isso. O que realmente não podia acontecer era faltar com a sinceridade naquele momento. Não seria nada justo para com ela.

Por isso ele ficou esperando, de sobreaviso.

— Acho que o principal eu já sei — respondeu Claire, ensaiando um sorriso.

— O principal é que eles são perigosos — Kilaim repetiu. — *Oui*. Bastante. E eu também sou.

— *Non*. Não é isso — ela respondeu suavemente. — O principal é que você quer que eu vá. Que você veio me buscar.

Kilaim escutou as palavras. E achou que não tinha escutado bem. Uma grande parte dele queria que Claire aceitasse o convite, e outra parte — bem menor — queria apenas protegê-la; e por isso aceitaria a recusa corajosamente. Ele deu ouvido a essa parte pequena porque a sua querida tinha que saber o que a esperava. Que junto com o amor dele, talvez herdasse perseguição.

— Claire, você também ficará na mira deles. Entenda. Você entendeu isso? A sentença de morte, se existir, não estará somente sobre mim, mas também sobre você. Eles são perigosos e eu quero que você entenda bem…

— Eu entendi, Kilaim — ela interrompeu. — Eu entendi.

— *Da*. — Por alguns instantes ele se calou. “Ela entende, mas logo vai vir com uma negativa”.

E alto:

— O fato de eu ter vindo aqui não significa que você tem por obrigação me acompanhar. Mesmo que você não venha, eu viria me despedir.

— Você não disse que está dando esse passo também por minha causa? Para podermos construir algo, juntos? Quer dizer, foi isso que eu entendi…

— É isso. Você entendeu certo, eu simplesmente preciso… de você… mas eu compreendo se você não quiser… a mim…

Era melhor não falar mais nada. Kilaim parou em meio à frase e deixou o som das palavras morrerem no ar, como distantes toques de sino.

— Vou arrumar algumas coisas — Claire afirmou, erguendo-se com convicção. — Imagino que está indo hoje.

Kilaim parecia estar num sonho enevoado. A voz dela vinha de longe.

— *Oui*, estou indo hoje. Quer dizer, estamos. Você está certa disso? E sua *tante*? — ele inquiriu, preocupado, erguendo-se também.

— Quando ela chegar, explico tudo.

— E se ela se opuser?

— Eu sei que ela quer o melhor para mim.

Kilaim questionou-se internamente sobre o que era o melhor para Claire, e o que não era. Ela foi saindo da cozinha, pronta para ir até seu quarto.

— Leve pouca coisa — murmurou Kilaim, perplexo. Tinha sido fácil demais.

— *D´accord*.

Inundado por uma sensação de gratidão, ele segurou o braço dela antes que sumisse pelo corredor, e perguntou com sinceridade:

— Você não tem medo de mim, Claire?

— Há motivos para isso?

— *Oui*. Eu não sou uma pessoa boa.

Ela parou a meio caminho da porta e voltou até ele, com lágrimas nos olhos. De pé ao seu lado, timidamente afagou seus negros cabelos de índio, depois o abraçou. Percebia nele, pela primeira vez, uma fragilidade. E isso a comoveu.

— Você tem sido bom para mim, e isso é o bastante agora. É cedo para pensar no amanhã. Um dia de cada vez. E hoje eu posso te dizer que amo você de uma maneira inexplicável. E sei que *Dieu* colocou você em meu caminho. Ele me deu uma segunda chance na vida, e essa segunda chance… foi para te abraçar.

Ele não respondeu. Ficou abraçado junto com Claire por alguns momentos, até ela se desvencilhar e sair para cuidar das coisas. Kilaim voltou a se sentar em seu lugar, e ficou olhando fixo para o tampo da mesa. Em seu íntimo, um misto de sentimentos se revolvia. Surpresa. Alegria. Temor.

Amor.

Ele amava Claire. Não tinha mais dúvida em seu coração. E, por amá-la, estava prestes a cometer uma insanidade, pois é claro que o seu plano de fuga era insano. E insana era também a ausência do Príncipe e das pessoas

da Organização, que ele não conseguia compreender. Será possível que nenhum demônio havia se dado conta do que ele estava fazendo? Que nenhum deles havia comunicado os líderes? Que Zor não desconfiava de nada, nem Lucipher?

Para quem fora vigiado pelos demônios desde o nascimento, aquela situação era um tanto inexplicável. E bizarra. Não era possível que uma oraçãozinha banal feita por Claire em sua casa pudesse interferir na sequência dos fatos a esse ponto. É claro que havia de ter *outra* explicação para o fato de ele ter uma enorme soma em dinheiro e duas passagens aéreas no bolso, para o fato de estar ali, na casa de Claire, sem nenhum impedimento. Ao que parecia, nem mesmo a carta que deixara nas coisas do *Nonno* fora descoberta.

Kilaim havia dito apenas que precisava partir. Agradecia pelo amor que lhe fora dedicado e explicava que "um dia, o *signore* vai entender". Pedia que não se preocupassem com ele, que estaria bem e, quando possível, faria contato. Terminava mandando um beijo para a irmã.

O barulho de chaves cortou a linha de seus pensamentos, fazendo com que desviasse os olhos para a porta da frente. Ouviu a porta ser aberta e fechada, e o tilintar das chaves apoiadas sobre a mesinha.

— Claire! *Je suis arrivé*!

Era *tante* Charlotte.

Kilaim sentia-se pregado à cadeira, imaginando qual seria o desenrolar dos acontecimentos a partir de então. Foi bem difícil levantar-se e ir ao encontro da dona da casa, mas o fez mesmo assim. Ele entrou na sala no momento exato em que a mulher pendurava seu casaco no vestíbulo.

— Você por aqui, Kilaim? *Ça va*? Como esteve sumido!

— *Bonne nuit*, *tante*. Como está fazendo frio, *n'est-ce pas*?

O comentário servia para esquivar-se de dar qualquer explicação. Quanto menos ela soubesse, melhor, para sua própria proteção. Claire

entrou em seguida na sala, sorridente, e deu um beijo estalado na bochecha fria da *tante*, salvando Kilaim de ter que entabular uma conversa.

— Aí está você, minha bênção… — disse a *tante* retribuindo o beijo. — O que seria de mim sem você?

Um pequeno incômodo formou-se na garganta de Kilaim. Agora, ele seria o responsável pela bênção. Por Claire. Ele deveria cuidar dela. Ficou com os olhos parados, olhando as duas se abraçarem, ainda tomado pela incapacidade de dizer qualquer coisa coerente. Entretanto, por saber que deveria estar parecendo muito esquisito (como sempre, mas esta vez ainda mais), esforçou-se por esboçar um sorriso tímido.

Claire pediu que *tante* Charlotte a seguisse, segurando-a pela mão.

— Quero mostrar uma coisa a você — falou sorridente, mal se contendo.

As duas entraram no pequeno quarto de Claire, onde havia uma maleta sobre a cama, já praticamente pronta. Claire abraçou de novo a *tante*.

— Eu estou partindo…

Charlotte, estupefata, pôs as duas mãos sobre a boca.

— Eu vou ficar com ele, *tante*! Ele veio por minha causa. E vamos fazer uma viagem longa. — Ela brilhava por inteiro ao dizer tais palavras. — Estou tão feliz…

Não cabia em si de contentamento.

— Você me deixa ir, *tante*? Eu não vou voltar tão cedo. Você me perdoa por deixar você, assim, desse jeito?

Tante Charlotte puxou a sobrinha para perto fortemente.

— Claire… E o acompanhamento médico?

— É claro que vou continuar. Assim que chegarmos, vamos procurar um médico — um bom médico —, *parce que* eu quero viver muito ainda, *tante*, muito!

— Você está certa de sua decisão? — Charlotte falou ao ouvido dela, apertando-a.

— Nunca estive tão certa.

A voz da senhora soou embargada.

— Você encontrou seu amor, *n´est-ce pas*? — E suspirou.

— Eu encontrei meu amor, *tante.* — Claire apoiou a cabeça no ombro da mulher mais velha, como sempre fazia.

— Eu sabia, Claire. Sabia só de olhar vocês dois. E, *Dieu*, confesso que tive medo, mas, ah, *cher*… a vida lhe privou de tantas coisas. Mas, agora, tudo vai ser diferente. Corra atrás do seu amor, persiga o sonho, *ma fleur*. *Dieu* te deu uma segunda chance na vida. Aproveite-a, filha… quem sou eu para me colocar como empecilho? Claro que vou sentir muito a sua falta — ela enxugou duas lágrimas. — Mas quero a sua felicidade mais que a minha, e acredito no plano de *Dieu*. Faça a sua vida valer a pena. — Ela apertou os ombros da moça. — Você tem a minha bênção para isso.

Claire começou a chorar.

— *Tante*, você sempre foi tão boa para mim. Mas antes, nunca apoiou a intenção de um relacionamento entre nós…

— Eu tinha medo de que ele se cansasse de você, Claire; depois de perceber que estar ao seu lado era apenas uma forma de se sentir mais perto da mãe. Quando notasse que isso nunca a traria de volta, iria embora e faria você sofrer muito. Eu estava apenas tomando conta de meu maior tesouro.

— Eu sei. Entendo-a perfeitamente. Também vou sentir sua falta.

— Eu já estou velha. E você sabe que me viro muito bem sozinha. Terei mais tempo para a "*Maison*". — Ela riu entre lágrimas mais copiosas. — Trabalho é o que não me faltará!

Charlotte era voluntária na instituição filantrópica. Para arrecadar fundos para a "*Maison-École Saint François*", junto com outras senhoras voluntárias, a *tante* trabalhava durante o ano todo fazendo muitos tipos de *crochets*, *tricots*, bordados, *patchworks* e outros tipos de costuras que resultavam em lindos itens para o Bazar Anual, que agrupava esses e outros

trabalhos manuais. O valor arrecadado era revertido em fundos para a instituição, a fim de ajudar a manter crianças deficientes na "*Maison*".

— Ainda bem que me enganei. E agora ele está aqui. Veio buscar você — falou a *tante* baixinho, apertando a sobrinha de novo nos braços.

As duas ficaram em silêncio, abraçadas no meio do quarto.

— Telefone-me de vez em quando — pediu *tante* Charlotte, passando as mãos suavemente pelo rosto cheio de lágrimas de Claire. — Agora, vamos fazer um jantar gostoso para todos nós, antes da viagem. Vocês vão hoje, ainda?

— *Oui*.

Por algum motivo desconhecido, Charlotte não fez qualquer pergunta sobre o lugar para onde os dois iam, e nem qual seria o motivo da pressa.

Claire pegou a mão da *tante*:

— Já estou indo para a cozinha ajudar você. Não consegui adiantar quase nada do jantar.

— *Bien*. Termine suas coisas com calma.

Apesar de soar extremamente *cliché*, Claire sentia seus pés "pisando nas nuvens" e uma sensação de felicidade etérea, fluida, quente. Em meio a pulinhos e frases soltas no ar, ditas para si mesma, ela colocou os itens de higiene pessoal, um pequeno frasco de perfume e uma jaqueta *jeans* na bagagem. A maior parte de suas coisas iria ficar ali, no seu quarto de menina. Mas não tinha importância.

Olhou em derredor. Restava acomodar o item mais importante: seu diário.

O caderno de capa dura vermelha foi colocado por cima de tudo e então Claire fechou a maleta. Olhou para seu próprio rosto, de relance, refletido no espelho da penteadeira antiga. Era um rosto afogueado. Cheio de expectativa.

Ela sorriu para si mesma. Sabia que estava fazendo a coisa certa.

Optou por não pensar nas coisas terríveis que Kilaim tinha contado sobre a tal seita. Não queria que seu coração se turvasse com preocupações. Não naquele momento. Era bem provável que ele estivesse *mesmo* exagerando.

"Tudo dará certo!"

— Estou tão feliz, *mon Dieu*!… oh, *merci beaucoup*! Você ouviu minhas preces.

* * *

No caminho para o aeroporto estava tocando *The Lumineers*. *Ho Hey*. Kilaim segurou a mão de Claire e cantou baixinho, um pouco desafinado. Tinha tentado acertar; mas sua vida fora solitária. Estivera dormindo.

Não sabia a que lugar pertencia. E havia sangue para sangrar ainda.

Mas ele pertencia a ela, e ela pertencia a ele. Ela era seu amor; seu doce. Amor é o que mais precisavam agora. E esperança.

Porque eles ainda iriam sangrar. (Estavam sangrando, mesmo sem saber.)

I've been trying to do it right
I've been living a lonely life
I've been sleeping here instead
I've been sleeping in my bed
Sleeping in my bed

So show me family
All the blood that I will bleed
I don't know where I belong
I don't know where I went wrong
But I can write a song

I belong with you, you belong with me
You're my sweetheart
I belong with you, you belong with me
You're my sweet

I don't think you're right for him
Think of what it might have been if we
Took a bus to chinatown
I'd be standin on canal and bowery
And she'd be standin next to me

I belong with you, you belong with me
You're my sweetheart
I belong with you, you belong with me
You're my sweetheart

Love we need it now
Let's hope for some
Cause oh, we're bleeding out

I belong with you, you belong with me
You're my sweetheart
I belong with you, you belong with me
You're my sweet

Parte II

DIÁRIO DE CLAIRE

Tenho apreciado muito a nossa nova casa, é bonita, bem ampla, e gosto muito dela mesmo que Kilaim diga, às vezes, que não se compara à casa de seus pais. Apesar dessas reclamações esporádicas, e da comparação que faz com Lyon, a verdade é que ele está "mais leve". Não sei bem definir o que seja isso, nem mesmo posso afirmar que é algo novo em sua personalidade, já que eu não o conheço bem ainda. Mas uma coisa é certa, ele espelha um brilho diferente no olhar, o que, definitivamente, não havia no Hôpital *durante as visitas.*

Sinto falta de minha tante*, mas estou feliz demais para pensar nisso. Os dias têm sido quentes — bem quentes! —, embora chuvosos. Fico assustada com a quantidade de enchentes que assolam diversos lugares, e que presenciamos nos noticiários. Não consigo entender quase nenhuma palavra da língua, mas Kilaim já a domina fluentemente, e me vai contando os ocorridos.*

Dieu Merci, *aqui em nosso bairro não alaga! Não me parece normal que pessoas tenham que ser resgatadas de dentro de um ônibus inundado com um barco do corpo de bombeiros. Que coisa impressionante. O que nos fez rir, apesar da situação calamitosa, era o bando de crianças que simplesmente nadava ao redor do ônibus, em grande diversão, inclusive subindo ao teto do veículo para mergulhar, do alto, naquela água suja.*

Acho que nunca estiveram em uma piscina. Ou, se estiveram, a enchente era bem melhor.

As enchentes são comuns em vários estados nessa época do ano. Aqui em nossa cidade, que já não consegue dar conta de tanta gente, tantos carros e tanto trânsito caótico, a situação só piora com as chuvas. Nesse último fim de semana, o noticiário informou que já choveu aqui o esperado para metade do mês. Vimos pela televisão casas completamente inundadas. Num estabelecimento comercial, o dono havia conseguido amarrar os seus refrigeradores nas pilastras de concreto da loja para que elas não saíssem nadando com a correnteza. Só Dieu *sabe o que ele vai encontrar quando a água baixar.*

Há muitas famílias sendo retiradas das suas casas, inclusive um bebezinho recém-nascido, de poucos dias. Fiquei muito penalizada. O número de desabrigados só cresce a cada dia; e as famílias de baixa renda perdem tudo nas enchentes.

Fiquei sabendo que os casos de leptospirose e dengue crescem muito nessa época. Em relação à leptospirose, felizmente estamos protegidos. É preciso entrar em contato com a urina dos ratos; isso acontece com mais facilidade em regiões que alagam e onde os bueiros transbordam.

No estado vizinho ao nosso as coisas estão ainda piores. Noticiaram que em 24 horas choveu o dobro de todo o esperado para o mês inteiro! Várias pessoas morreram no desabamento de casas e vimos retroescavadeiras tirando toneladas de lama junto com todo tipo de coisas soterradas no meio. Uma desolação…

Esse mesmo local foi palco de verdadeiras tragédias no ano anterior. Houve vários desabamentos terríveis de terra, onde muitos perderam a vida. Várias cidades vizinhas estão em estado de alerta e a prefeitura disponibilizou abrigos públicos para milhares de famílias que estão vivendo em áreas de risco. Uma das imagens mais tristes foi a de uma mulher no telhado de sua casa, que estava quase desabando. Uma corda

havia sido lançada sobre a ferocidade do rio, de cima de um prédio. A mulher atirou-se nas correntezas caudalosas com o cãozinho nos braços, mas não conseguiu suportar a forças das águas e, infelizmente, o bichinho de estimação foi levado enquanto a mulher era içada para o prédio do lado oposto. Fiquei tão triste que chorei. Ela tentou. Amava o seu cãozinho…

*No litoral houve doze quedas de barreiras em pontos diversos da rodovia, e muitos estão desabrigados por lá também. Turistas e moradores estão isolados. Vimos bairros inteiros ilhados, e as ruas viraram rios. O pessoal daqui fala às vezes uma palavra engraçada, referindo-se a uma chuva muito forte: "*Toró*". Não é engraçada? Pena que as consequências dos* torós *sejam tão calamitosas.*

*Se me tranquilizei em relação à leptospirose, fiquei muito assustada com a dengue. Aprendi que as larvas do mosquito "*Aedes aegypti*" (vê como estou informada?) podem se reproduzir em pequenos espaços que acumulem água limpa, até mesmo num pratinho debaixo de uma planta, ou numa garrafa de plástico velha. Vi um comercial que fazia campanha contra a doença e que mostrava vários vasinhos de violeta numa janela. A câmera revela que, nos pratinhos, já existem larvas do mosquito. E aí, quando a câmera mostra o que há por trás da janela aberta, vemos o bercinho de um bebê! Que assustador!*

A forma hemorrágica da dengue pode matar. Segundo as estatísticas, triplicou o número de incidências quando comparado ao mesmo período do ano passado, somando mais de duzentos mil diagnósticos. O número de casos fatais levou algumas cidades a decretarem estado de emergência.

Mais uma vez, Dieu Merci, *não é o caso do lugar onde estamos. Tudo aqui é limpo e bem-cuidado. Mesmo assim, há um* outdoor *na entrada do nosso condomínio que diz: "Vamos continuar combatendo a dengue juntos. A larva é o ponto fraco do mosquito". Isso quer dizer que não devemos deixar a água limpa se acumular, seja no lugar que for.*

Noutro dia, Kilaim atendeu à porta e era um inspetor da vigilância sanitária. Eles fazem vistorias periódicas às casas do condomínio para ver se está tudo em ordem. Aqui em casa, tudo bem. Colocamos areia nos pratinhos das plantas e não deixamos nenhum objeto fora de casa que possa acumular água da chuva. A piscina também é muito bem-cuidada. Entretanto, Kilaim sinalizou que a piscina da casa vizinha — que está desocupada há anos — não estava recebendo manutenção adequada.

"Pulei o muro para ver", Kilaim disse ao inspetor. "Ninguém vem para cuidar da água. Também havia latões destampados, provavelmente de alguma reforma que fizeram na casa. Tenho ido várias vezes até lá e jogado bastante cloro na água da piscina. Desinfetante também. Avisei a segurança do condomínio, e eles me disseram que não podem entrar na casa sem autorização do proprietário. Têm que, primeiro, mandar uma notificação. Parece-me estranho que, com tantas campanhas, algo assim aconteça."

O inspetor agradeceu, dizendo que ia notificar, ele mesmo, a segurança do condomínio. A verdade é que, dias depois, uma equipe de jardineiros veio cuidar da casa, juntaram todo o material esquecido da reforma, puseram no lixo, e cuidaram da piscina. Desde então, eles têm vindo regularmente, o que me deixa muito mais tranquila. Aqui é tudo muito limpo, diferente de certas regiões da cidade onde existem muitos favelões *que crescem desordenadamente, cheios de sujeira e de lugares onde o mosquito pode se reproduzir.*

Se por um lado chove tanto aqui no sul e no sudeste do país, por outro, a região nordeste está enfrentando mais uma de suas prolongadas secas. Fiquei muito entristecida ao ver as carcaças de gado jogadas num pasto sem água e sem vegetação, de terra rachada. A reportagem dizia que já se perderam mais de trezentas e cinquenta cabeças de gado leiteiro na região, e os pequenos produtores não têm o que fazer, exceto assistir ao pesadelo.

Durante um tempo, alguns conseguiram alimentar o rebanho com cana-de-açúcar, mas o frete estava muito caro, e tiveram de parar. Também não havia água. Oh, eu vi um bezerrinho recém-nascido, e o dono disse que ele estava com os dias contados. Se não conseguisse vendê-lo, não havia meios de salvá-lo, e nem à sua mãe.

Acabei chorando por causa do bezerro. Kilaim não gosta de me ver chorar, por isso tive que pensar em outra coisa. Fiquei com pena das pessoas também.

É um paradoxo isso tudo, n'est-ce pas*? Enchentes de todo tipo, ao lado dessa seca terrível. Aliás, o paradoxo maior é que, apesar de toda essa chuva por aqui, talvez haja necessidade de haver racionamento de água na região. As principais usinas hidrelétricas no sudeste e centro-oeste do país estão com seus níveis bem abaixo do normal, acerca de 49,9% de sua capacidade máxima. O percentual é considerado baixo, já que o período chuvoso vai durar mais algumas semanas e, nessa época, os reservatórios costumam chegar a níveis mais elevados.*

Kilaim leu que por causa desse baixo nível dos reservatórios das usinas hidrelétricas nos últimos meses, o governo teve que acionar as usinas termelétricas movidas a gás natural, óleo diesel, carvão ou biomassa, que produzem energia muito mais cara e são mais poluentes.

Mudando um pouco de assunto, quanto à minha saúde, tudo ótimo. Sei que tenho muitas chances de uma ótima sobrevida parce que *todos os meus órgãos estão indo muito bem, minha pressão está praticamente normal e não tenho diabetes, outra das consequências do tratamento imunossupressor. A chance de uma rejeição diminui a cada dia, a cada semana. Sinto-me realmente bem. Ganhei um pouquinho de peso, e Kilaim sempre me aperta e diz que sou "gostosa". Nunca ninguém me disse isso, e nem eu me considerava tudo isso.*

Oh, como me sinto feliz! Acho que nunca fui tão feliz…

Amanhã escreverei mais, pois não quero deixar escapar nenhum detalhe de minha nova vida nesse momento tão ímpar.

Claire Cécille.

1

Désaccord

Kilaim assistia ao *Jornal da Globo*, um dos noticiários da maior emissora de televisão do país, que era transmitido tarde da noite. A *Rede Globo*, segunda maior rede de televisão comercial do Mundo, ficando atrás apenas da norte-americana ABC, era diariamente assistida por 150 milhões de pessoas, no Brasil ou no exterior.

Só que ele não conseguia prestar atenção. Naquela tarde havia levado Claire ao médico — sua primeira consulta — e, apesar de ela estar bem, Kilaim sentia sobre ele o peso da responsabilidade. Nunca antes ele fora responsável por alguém.

Repassava mentalmente as decisões que havia tomado e questionava se foram acertadas. Teria sido correto arrastar Claire junto com ele? Foi uma decisão arriscada, em todos os sentidos. Em contrapartida, como poderia ter vindo sem ela? Aquilo lhe tirava o sono. É verdade que sempre fora de pouco sono, mas desde que eles haviam chegado não dormia mais que quatro horas por noite.

Claire estava feliz. Ele podia ver isso em cada sorriso, em cada gesto de delicadeza para com ele, em cada conversa infinita, no amor trocado todas

as noites com a brisa entrando pela janela. Isso o tranquilizava. Saber que ela estava bem.

Fazer amor com Claire era diferente, de modo que lançava sombra sobre boa parte do que Kilaim já vivenciara antes. Ele conseguia perceber, e experimentar, uma gama de novidades na arte de amar. Em face da inexperiência de Claire, que tateava um terreno inexplorado, ele se sentia ao mesmo tempo como professor e aluno. Professor ao tomar as rédeas, ao ensinar, ao fazê-la experimentar; e aluno ao descobrir, perplexo, sensações que só podiam existir através do prisma do amor.

Percebeu como gostava de beijá-la na boca, descobrindo infinitas maneiras de fazer isso.

Kilaim nunca havia tido prazer em beijar. Se desejava sexo, era só sexo, e beijos pareciam dispensáveis; na verdade, eram tão desnecessários como pedras de gelo numa banheira de água quente. Todavia, ao beijar Claire pela primeira vez, sentindo a maciez dos lábios dela, a língua morna, a doçura do movimento, foi invadido por uma mescla de desejo insuportável e ternura. Duas coisas que, ele achava, não podiam coexistir juntas, mas que aquele primeiro beijo tímido mostrou ser possível, num ínfimo instante.

Acontecera dentro do avião, logo depois de fazer o pedido do vinho, quando Claire segurou sua mão e disse, baixinho, que o amava. O tom da voz, a intensidade do olhar e o toque delicado fizeram com que Kilaim se inclinasse na direção dela, beijando-a. Afastou-se logo em seguida, virando para o outro lado, desejando que Claire não olhasse para o seu rosto, muito quente. Sentia os lábios formigando e o corpo subitamente preparado. O poder de tudo aquilo foi surpreendente. Segurou os apoios das poltronas com mãos firmes, como que para segurar a si mesmo. Se não estivessem no avião, teria sido difícil parar; ele teria apertado Claire nos braços e mergulhado num terreno que, incrivelmente, era-lhe estranho.

O vinho foi servido. Ele pegou a taça, girou o conteúdo encorpado, experimentou o aroma. Mas não bebeu. Durante a meia hora seguinte, ficou

em silêncio.

Era o mesmo silêncio pétreo e cinzento que Kilaim mantivera durante a corrida de táxi da casa dela até o aeroporto, e também durante o *check-in* no guichê da companhia aérea. Sabiamente, Claire não o importunara com perguntas, ciente de sua apreensão — embora não a compreendesse bem —, e deixou que cuidasse dos preparativos para o embarque. Respeitou o silêncio dele e distraiu-se observando tudo em derredor.

Volta e meia, porém, na intenção de fazer Kilaim se sentir melhor, externava pequenos gestos de carinho. Arrumava o cabelo dele, colocando as mechas desarrumadas atrás da orelha, segurava sua mão e acariciava-a com a ponta dos dedos, encostava a cabeça suavemente em seu ombro.

— Eu estou aqui, Kim — ela disse carinhosa. — Estou com você.

Kilaim tentava sorrir, mas olhava em derredor constantemente. Tinha impressão de que a qualquer momento alguém da Organização iria aparecer, ou receberia ordens expressas dos demônios para não embarcar. Aquela inquietação só crescia, e o esforço da moça em ajudá-lo fazia apertar ainda mais o seu coração. Ao ouvir as palavras de Claire, involuntariamente uma lágrima indiscreta escorreu pela sua face. Ele ergueu a mão depressa para limpá-la, virando o rosto de lado, mas Claire, atenta, percebeu.

O gesto rápido dele não secou a lágrima perfeitamente, de modo que Claire ergueu sua mão para fazê-lo melhor. Em silêncio. A despeito da ausência de palavras, o elo de comunicação entre eles nunca estivera tão forte.

Kilaim estava apreensivo também pelo fato de estar levando em sua mochila meio milhão de dólares — todo o montante que conseguira arrecadar — não declarados. Contava com a sorte. Não queria deixar nenhum rastro, e apenas optou por guardar a soma na mochila e ficar com ela, como se nada fosse.

“Tanta gente transporta droga, e nada acontece.”

Ao embarcarem na classe executiva, Kilaim olhou em derredor e achou que tinha gente demais ali. Sentou-se, mas estava desconfortável.

"*Porquoi*? O que deu na cabeça dessa gente de ir justamente para o mesmo destino que eu, e na mesma hora?", pensou, sentindo a raiva, agora, sobrepor-se à inquietação.

E mencionou seu desagrado enquanto Claire terminava de acomodar sua bolsa no compartimento de bagagens:

— Tem muita gente aqui, Claire. Não estou me sentindo bem. Acho que vou ver se tem espaço na primeira classe, ou alguém para trocar de lugar conosco.

— Imagina, Kim. Aqui está bom. Ninguém vai trocar com você. As pessoas já compraram o lugar que desejavam.

— Ah, *oui*? — fez ele, um pouco indignado. — O dinheiro compra as pessoas, sabia? Eu vou te mostrar.

Kilaim levantou-se. Uma comissária de bordo muito jovem logo estava ao lado deles:

— Em que posso ajudá-lo, *monsieur*?

— Eu vou até a primeira classe, *mademoiselle* Julianne — respondeu Kilaim, muito confiante e simpático, olhando o crachá da funcionária. — Preciso falar com uma pessoa.

A mudança de ânimo por parte dele foi tão grande que surpreendeu Claire. Ela ficou olhando em sua direção, piscando várias vezes.

— Com quem *monsieur* deseja falar? — perguntou Julianne abrindo seu maior sorriso.

Kilaim pensou em usar os seus poderes, e esperou alguns segundos a fim de ver se os demônios falavam o nome de alguém da primeira classe. Contudo, não funcionou. Ele ficou no vácuo.

— *Well*… se eu te disser que é Benjamin Franklin… — ele sacou do bolso um maço de notas de cem dólares, retirou uma e estendeu à jovem, sorrindo —, você acreditaria em mim?

A comissária deu outro largo sorriso. Apanhou a nota e concluiu:

— Claro que eu acreditaria, *monsieur*. Decerto! Acompanhe-me à primeira classe, *s´il vous plaît*.

Ao caminhar pelo corredor, Kilaim olhou por cima do ombro para Claire, exibindo um sorriso zombeteiro como quem diz: “Viu?”.

Ela, por sua vez, escondeu a risadinha e ficou olhando o jovem seguir a comissária, ele muito grande atrás da pequena silhueta feminina.

— Fique à vontade — falou Julianne ao deixar Kilaim.

Kilaim entrou e avaliou a primeira classe. Escolheu um par de poltronas que o agradava. Havia um homem sozinho lá, espalhado nas duas, cheio de revistas em derredor e uma pasta de couro. Provavelmente havia comprado tudo só para ele, com o intuito de ter paz durante a viagem. Quanto ao restante dos lugares, estavam ocupados. Kilaim se aproximou do homem, que estava com o nariz enfiado em uma *National Geographic*.

— *Pardon, monsieur*. Você poderia ficar na classe executiva e ceder voluntariamente o seu lugar para mim? — Olhou fixamente nos olhos dele, tentando usar seus conhecimentos de hipnose. O homem deveria dizer que “*Oui*, é claro”, sem demora.

— É claro… — foi a resposta, mal-humorada — que *não*. Mas o que é que você está fazendo *aqui*?

Kilaim ficou muito irritado. Não somente porque seus poderes não estavam mesmo funcionando, mas também porque aquele homem não tinha um pingo de modos.

— Estou aqui esperando que você troque de lugar comigo — Kilaim repetiu, fixando os olhos ainda mais.

— *À bientôt! On se voit la semaine prochaine!* — respondeu, mais uma vez, o sujeito. E voltou a enfiar os olhos na revista, tampando o rosto com ela.

Que resposta atravessada! Por uns instantes, Kilaim fechou as duas mãos e teve vontade de matar aquele imbecil. E não era uma figura de

linguagem. Ficou quieto, pensando. Na sua mente, imaginava o homem levando a mão ao peito naquele exato instante, e tendo um ataque cardíaco fulminante. Era muito fácil.

Entretanto — *cachu*! — se lembrou de que os demônios não estavam respondendo. Sem eles, ficava difícil causar um infarto. Então se imaginou abaixando e enforcando o homem em minutos, com as próprias mãos e sem fazer esforço, vendo desaparecer da cara dele aquele ar de despeito. Mas se o matasse, teria problemas para se livrar do corpo…

Assim, ao invés de colocar as mãos ao redor do pescoço do homem, colocou uma delas no teto do avião, refletindo. Era ruim abdicar de seus poderes. Não era possível que não houvesse nem um único demônio nas imediações que pudesse ajudá-lo. Ele tinha uma marca de Lucipher na mão esquerda, e todo o Reino Espiritual podia reconhecê-la. Baixinho, Kilaim insistiu:

— *Allez*! Digam-me alguma coisa desse idiota, para que ele concorde em trocar de lugar.

Nada.

Aquilo era mesmo *muito* ruim. Então foi pelo caminho das pedras:

— Pois bem. Diga-me quanto você pagou pelas passagens — Kilaim suspirou.

O homem riu.

— Paguei muito caro.

— Pois me diga quanto.

O outro informou uma quantia bem exorbitante.

— *Alors*, dou-lhe o dobro — informou Kilaim de volta. E imediatamente retirou do bolso as notas de dólar, contou-as e as estendeu na direção daquele passageiro chato. — Por gentileza, posso acompanhá-lo até a classe executiva?

Surpreso, o homem pegou o dinheiro e foi se levantando de sua “cama”. Não imaginava que o jovem de aparência estranha realmente pagasse tudo

aquilo.

— Mas é claro! Vamos até lá. — O homem da *National Geographic* enrolou sua revista embaixo do braço, sorridente. — Será que posso deixar minha mala aqui? Já está guardada.

— *Ça va* — concordou Kilaim. E ficou pensando: “Deve ter dinheiro nessa mala. Vou pegá-lo e recuperar meu investimento”.

Quando chegaram até Claire, Kilaim anunciou:

— Acabamos de ser favorecidos com um *up-grade* em nossas acomodações, *mon amour* — falou Kilaim alegremente. — *This gentleman* — e enfatizou o “*gentleman*” — generosamente nos cedeu o seu lugar.

Estendeu a mão para ela.

— *Mademoiselle*?

Claire olhou para Kilaim, entre divertida e surpresa. E indagou baixinho, de costas para o visitante:

— Mas o que foi que você fez?

Ele respondeu:

— Benjamin Franklin tem persuasão de sobra. Isto é, quando a minha não dá conta…

E para o homem:

— *Au revoir*! — cantarolou Kilaim. — Esses dois incríveis bancos da classe executiva são seus.

E, pegando Claire pela mão, puxava-a:

— Venha ver. Você vai gostar!

De volta à primeira classe, a primeira coisa que Kilaim fez foi arrastar para baixo a mala do antigo ocupante. Era o tipo de coisa que seu instinto natural o levava a fazer.

— Kim.

— *Qu´est que c´est*? — ele perguntou, lutando com o fecho. — Mas o que foi?

— *Porquoi* você vai fazer isso? Não faça, Kim, ele já nos cedeu o lugar. Deixe as coisas dele aí.

— Ele não “cedeu”. Eu tive que pagar por isso.

Ao vislumbrar o olhar dela, porém, as mãos que pegavam a mala arrefeceram. Kilaim se sentiu envergonhado subitamente, mesmo não sendo essa a intenção de Claire.

— Ah. *Va bene*.

Ajeitou obedientemente a mala de volta no lugar e se sentou ao lado de Claire. Olhou em derredor, satisfeito. Foi o primeiro momento desde a saída da casa de Claire em que se sentiu dono da situação.

— Vamos pedir um vinho? Você gostaria?

Era a primeira vez que iriam degustar uma bebida juntos. Um momento de celebração!

— *Oui* — ela respondeu com alegria. — Sabe… nunca viajei na primeira classe.

Kilaim pediu a carta de vinhos a outra comissária, uma moça de rosto afilado e sobrancelhas espessas muito bem delineadas, e fez o pedido. Claire o observava, sem perder nenhum detalhe do rosto, da voz, do jeito. Ele era tão lindo! Feliz, apertou a mão dele, olhando em seus olhos e murmurando que o amava. Foi nesse momento que Kilaim a beijou.

Um beijo inesperado — *tão* esperado! —, quente e doce. Ela gostou de retribuir-lhe. Nenhuma outra parte do corpo dos dois se tocou, nem mesmo as mãos. Apenas os lábios.

Mas, então, de repente, Kilaim se afastou. Olhou para o outro lado. Claire não entendeu. O vinho foi servido, mas ele não o bebeu. Por isso Claire esperou também, quieta, sem tocar na própria taça. Recostou a cabeça na poltrona e respirou fundo, pausadamente, aos poucos sentindo desvanecer a sensação quente no abdome, resquício do beijo, e a lembrança dos lábios dele.

Depois, mais contida, pôs-se a observar as pessoas mais próximas deles: um casal com uma criança de uns seis, sete anos, e outro casal na faixa dos quarenta. Claire sorriu para si mesma, sabendo que agora ela e Kilaim também eram um casal.

Olhou para ele. Kilaim apenas chacoalhava o joelho, inquieto como antes, um desconforto pungente e áspero. Depois de um tempo, Claire achou melhor intervir, e perguntou suavemente:

— O que está te incomodando, Kim?

Ele voltou-se na direção dela, e procurou uma boa resposta, que não veio. Claire admirava o formato da boca dele, de modo muito fixo, esperando outro beijo. Mas Kilaim desconversou.

— Sabia que minha mãe também me chamava de “Kim”?

— É mesmo? Eu acho que combina com você.

“*Kill* combina mais”, ele refletiu.

Mais alguns momentos de silêncio.

— Você está arrependido de ter me trazido junto? — insistiu Claire.

— *Non*. É claro que não.

— É que o seu coração não está aqui ainda.

Kilaim balançou a cabeça.

— O meu coração está, Claire… é a minha mente que não está.

— *Porquoi*? — Mais uma vez, a boca de Kilaim lhe chamava toda a atenção.

Ele suspirou. Não tinha mais como não falar no assunto. E foi extremamente sincero, sem saber exatamente que reação causaria nela.

— Tenho medo de estar tomando a decisão errada. Até hoje eu fui sempre muito bem orientado quanto a decisões importantes; sempre havia alguém para me ajudar a seguir o caminho certo. Porém, desta vez, não tive o conselho de ninguém — ele sentiu um aperto na garganta, repentino e intenso, como um gêiser. Um gêiser de angústia. E acrescentou: — Tenho receio também por você, na verdade. Acabou de passar por uma cirurgia

complexa, e… não precisa de nada que venha a prejudicá-la… quer dizer, *alors*…

Ele se engasgou na explicação.

— Você tem medo de quê, exatamente?

Kilaim não respondeu. Foi interrompido pela comissária, que voltava com o vinho. Ela colocou as taças sobre as mesinhas, e serviu a bebida. Sem pensar, Kilaim pegou lentamente a taça de vinho e olhou o seu conteúdo, virando-o de um lado a outro, observando como o líquido escuro tingia levemente as bordas.

— Eu tenho medo do meu sangue dentro desse cálice.

Claire esperava ouvir qualquer coisa, menos aquilo. E o jovem o disse de um modo tão soturno que um arrepio correu pela coluna dela.

— Como assim? — indagou Claire, perturbada. — Sei que você falou sobre uma perseguição que poderia acontecer, mas…

— Eu tenho medo de que o meu sangue venha parar numa taça como essa. É isso. Que meu sangue seja drenado num ritual e se esvaia, junto com a minha vida.

— Que exagero, Kim. E tudo *porquoi* você resolveu se afastar um pouco, e fazer uma viagem? Eu entendi o que você contou sobre a seita, mas…

O rapaz não respondeu. Claire ficou esperando, em silêncio, e quando pensou que Kilaim não diria mais nada, ele acrescentou:

— Eu lhe disse que eles são perigosos. O caminho que leva à Organização é sem volta. E estou falando a verdade.

— Teríamos que chamar a polícia, *alors*.

Ele riu daquela solução idiota, uma única risada alta que escapou. E tornou a ficar calado.

— Você tem medo da morte? — Claire fazia de tudo para dar rumo àquela conversa desconjuntada.

— Medo de morrer? *Non*. Não é isso. A questão — ele inspirou fundo, lutando para reconquistar seu autocontrole — é o que vem depois disso. O que acontece depois da morte, Claire?

Ele sabia o que ela ia responder. A resposta-padrão. Era melhor desviar o assunto dele e fazê-la pensar noutra coisa. Então insistiu:

— Quando morre, acaba tudo?

— *Mais non*! É aí que começa. A vida aqui nesta Terra é curta demais, um mínimo ponto na linha da Eternidade. Sabe… um dia, para *Dieu*, é como mil anos. E mil anos…

— "Como um dia". *Je sais.* — Ele suspirou.

— O que eu quero dizer é que o nosso tempo aqui é uma pequena fração do Todo.

— Se a vida é essa miséria que você diz, *porquoi* quis tanto ficar curada? *Porquoi* não partir logo para o delicioso Céu e ficar bem perto desse amável Deus? — Kilaim não conseguia se controlar.

— Eu não disse que a vida era uma miséria. Falei apenas tratar-se de um ínfimo segundo. Mas, mesmo ínfimo, é dádiva de *Dieu*, digna de ser aproveitada e vivida com intensidade. Quando eu estava doente — o semblante de Claire se turvou um pouco —, não podia viver como alguém da minha idade, e o que eu mais queria era poder voltar a ser como era. Voltar a ter saúde. Voltar a estudar. Ter amigos. E eu pedi a *Dieu* muito, *muito*, que me ajudasse a sobreviver até o transplante.

— Se Ele fosse tão bom, teria lhe poupado todo esse sofrimento. Já parou para pensar que Deus apenas *finge* amar a Criação, mas suas leis insanas só demonstram que, no fundo, Ele é um sádico?

Claire ficou estupefata com aquele comentário. Mais ainda com a centelha de raiva que saltou de dentro dele. Ela nunca contemplara essa faceta de sua personalidade. Deveria haver um forte motivo para aquele rancor todo, o que, por certo, viera dos conceitos recebidos da tal seita.

Mas Claire optou por ignorar o acesso de raiva, e só segurou a mão de Kilaim com carinho, sem tecer comentário.

— Eu já sabia que você é cristã — Kilaim continuou, olhando-a com mais atenção. — Daquelas que *gosta* de ser cristã, de fazer tudo direitinho, de levar a Bíblia ao pé da letra. Estou errado?

— *Non.* — Ela riu. — Pode parecer antiquado, mas não é.

— *Alors*, se você é uma cristã fiel, *porquoi* Ele te tratou assim, com tanta *consideração*, roubando anos importantes de sua já "ínfima" existência?

— Jesus disse que passaríamos pelo Mundo, e teríamos aflições. O que Ele prometeu foi estar presente durante as situações mais terríveis. Sempre. E Ele esteve comigo.

— Estaria presente nos piores momentos, você diz? Que tal na Cruz? Quando Jesus agonizava, e perguntou ao Pai *porquoi* o abandonara, não houve nenhuma resposta. Se Deus fez isso com o próprio Filho, imagine o que fará ao resto dos mortais.

Claire balançou a cabeça devagar.

— *Non*… na verdade, o silêncio de *Dieu* não significava ausência, Kim. Era dor. Esse foi o momento em que Ele e o Filho estiveram separados em função do pecado do Homem, que Cristo trazia sobre Si.

Ela olhava para o rosto de Kilaim, tentando verificar se ele entendia sua explicação. Como o jovem apenas a olhasse de volta, Claire indagou, de repente:

— *Porquoi* você vê *Dieu* desta forma? — ela não conseguia entender bem. — Quem te ensinou essas coisas?

— Eu apenas bebi de outra fonte de conhecimento.

— Na seita. Eu sei. Mas, você acredita nisso literalmente? De verdade?

— É claro.

Claire ia dizer alguma coisa, mas hesitou. Deixou que Kilaim continuasse.

— Você já parou para pensar que nós somos produto da energia das estrelas? — ele disse.

— Como assim?

— Se você se lembrar que “Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”, vai entender. Embora Lavoisier tenha elaborado esse princípio assim, uma pequena parte da matéria se perde, sim, nas reações químicas. Mas, como Einstein demonstrava, massa e energia são dois lados da mesma moeda. A massa que se perde é transformada em energia. Resumindo: a energia que flui no nosso planeta é sempre a mesma, ela apenas se modifica. As plantas captam a luz solar para crescer e se reproduzir. Essa energia do sol é transformada em madeira, em folhas, em flores, em frutos. Depois, quando um animal come essas plantas, a energia do sol que estava nelas acaba sendo parte importante do processo de formação de células, músculos, calor, sangue, energia cinética, térmica, acústica etc. Nós entramos nessa corrente energética também, ao consumirmos nosso alimento de origem vegetal e animal.

— É verdade! Eu nunca tinha pensado assim.

— A luz foi a primeira coisa que Deus criou. É a forma mais pura e refinada de energia que existe em todo o Universo. E Jesus é comparado à estrela da manhã. Lembra? Ele também diz “Eu sou a luz do mundo”. Só que satanás também é comparado à luz: ele é a estrela da alva, ou filho da alva. E “Lucipher” significa também “o portador da luz”. Não lhe parece interessante?

— Originalmente Lucipher era um Anjo; por isso era luz.

— Ele continua sendo. Só que Lucipher tornou-se uma “luz” negativa, uma energia negativa. Ou melhor, não “negativa” em termos absolutos. Ela só é negativa quando comparada à positiva; pois são forças opostas. Complementares, na verdade. Lucipher é complementar da luz “positiva”. Mas ambas são luz, e ambas vieram da mesma fonte: de Deus. A questão é que eu aprendi a seguir a energia negativa.

— Mas…

— Deus, que era expressão do Bem, criou o Mal. Só que se você parar para pensar, o "Mal" já não é uma alternativa. Pelo contrário, é o único caminho de sobrevivência neste Mundo. Pois o Mundo "jaz no maligno", não é assim que está escrito? A sua Bíblia atesta esse fato, que o Mundo é dele. Os governos, os poderes, até as instituições religiosas. Tudo está impregnado com essa energia que um dia veio de Deus, mas que se transformou.

— *Hãã*… — arriscou Claire, diante daquelas afirmações. — Esses conceitos estão um pouco equivocados, a meu ver, Kim.

— Claire, imagine água pura e vinho. Água pura é boa para tomar; vinho puro também é bom. Mas misture água com vinho, e estragou tudo. Fica horrível. Essa é a mistura que o Mundo toma e que, *oui*, traz malefício, *parce que* é uma fonte contaminada. Lembra que, em Apocalipse, Deus disse que estava a ponto de vomitar os "mornos"? Os que não eram nem frios, nem quentes? Pois é. Quem dera "fosses frio, ou quente", não é assim que Deus diz? Eu aprendi isso muito cedo. E tive o privilégio de beber de uma fonte realmente pura.

— Pura? A fonte do Mal é pura?

— *Oui*. É pura. Ela não sofreu contaminação de outras fontes. Já a sua fonte é impura. *Parce que* você bebe da Bíblia, e a Bíblia foi escrita, reescrita, remexida, manipulada para que se adequasse aos mandos e desmandos da Igreja. Tornou-se desvirtuada de tal forma que Lutero engendrou a Reforma. Mas, que ocorre depois? A Igreja Protestante racha e se divide em inúmeros pedaços e vertentes que, de novo, não são puros. E hoje o meu sangue borbulha quando tenho que me deter nos retrógrados conceitos cristãos, uma enorme mistura de bobagens inadequadas a um Mundo como o nosso.

— *Ça va*. Eu entendo que a Cruz de Cristo pode parecer loucura, e de fato é: para os que se perdem. Mas Ele salva os que creem. Os que creem na

“loucura” da pregação.

— Acredite em mim… eu tenho um cálice puro para te oferecer — falou Kilaim com orgulho.

— A mim? — Dessa vez Claire sorriu. — Eu acho que não…

Kilaim sorriu de volta, dando uma piscadinha.

— Vai querer continuar seguindo o Todo-Poderoso? *Porquoi* Deus apenas não impediu que o homem fosse mau, para começar? Ele não era o Onipotente, o Onipresente, o Onisciente? — Kilaim se recordava das acaloradas argumentações do Príncipe. — Mas Deus nunca faz nada, apenas assiste a desgraça crescer.

— Não foi *Dieu* que projetou as coisas desse modo. A Criação sofre por causa das escolhas erradas do Homem…

— Ah, Claire — ele interrompeu. — Como eu fui me esquecer? O Pecado Original, é claro.

— É. O Pecado Original. O afastamento de *Dieu*. Viu como você sabe disso…

— O que eu sei é: *porquoi* Deus colocou Adão diante de algo a que ele não poderia resistir? Só para puni-lo depois? Não acha que, agora, o Mundo necessita mais de soluções do que explicações para sua desgraça? — Ele deu um tapa leve na testa, fingindo desconcerto. — Ah, quase me esqueci de que essa vida na Terra é somente um “ínfimo” suspiro. Tudo bem sofrermos aqui, é só um momentinho.

Claire olhou para ele, e Kilaim dessa vez fazia uma cara engraçada, de modo que ela se esforçou para não rir no meio de um assunto sério. Nunca tinha ouvido ninguém falar como Kilaim falava! Era estranho. Não exatamente por opor-se a Deus, mas pela intensidade com que o fazia.

— Você é muito esperto com essas argumentações, *hã*? Mas não está me convencendo, pode desistir! — ela brincou. Mas depois, concluiu: — Eu não tenho resposta para tudo, Kim, seria muita pretensão de minha parte. Mas de uma coisa eu sei, e estaria sendo ingrata com Ele se não dissesse a

você: que O Amor de *Dieu* nunca muda. E que Ele nunca, jamais, abandona os Seus.

— Não abandona? *Ok*. E os setenta milhões de cristãos que já foram mortos nesses vinte séculos da Era Cristã?

— A morte também pode ser libertação. Consentir nela, às vezes, é livramento. Eu pensava nisso, quando estava muito mal… esperava que Ele viesse me buscar…

— Você preferiria estar morta? — ele se fez de desentendido.

— É claro que não, bobo! Como eu poderia estar morta e estar aqui com você, ao mesmo tempo? Minha hora ainda não chegou.

— E se chegasse?

— Se chegasse, eu a aceitaria.

— Mesmo sob tortura? — Kilaim foi adiante, nas suas suposições, só para saber o que Claire responderia. — Jesus morreu na Cruz, e muitos cristãos estregaram o seu próprio sangue.

— Não somos maiores que o Mestre, por mais que desejemos isso quando convém.

— *Alors*, você estaria disposta? — Ele a encarava, estupefato agora, avaliando a mínima possibilidade de que aquilo pudesse soar falso. — A se entregar *assim*?

Ela pensou por alguns instantes, depois inclinou a cabeça, aquiescendo.

— *Oui* — foi a resposta. E não havia falsidade na declaração. — Se for pela Glória Dele.

— Glória? — Kilaim sentiu uma pontada de aflição misturada com aquela sensação de perplexidade. — Claire…

— A história dos mártires atravessou os séculos, Kim. Se aqueles que morreram se houvessem negado a fazê-lo, se houvessem negado a Cristo para se salvar da morte física, então tudo isso não seria História até hoje. É preciso aprender a atravessar a Porta Estreita. Pela fé. Há pessoas que

permanecerão fiéis para sempre. E, entre estas, eu me incluo. *Dieu* sempre foi bom comigo!

Kilaim nem soube o que responder. Ficou olhando o vácuo. Era uma conversa muito bizarra aquela; Claire falando que morreria em nome de Deus, que seria capaz de entregar sua vida…

— Se eu tivesse morrido, não estaria aqui com você, agora… — ela repetiu, percebendo a reação vazia dele. E deu um sorriso límpido, doce, que derretia o gelo. — E não há nenhum outro lugar onde eu desejasse mais estar, do que aqui.

Passou a ponta dos dedos de leve no rosto dele, olhando-o muito de perto. Por fim, acabou rindo:

— Kim, você leva tudo isso muito a sério. Relaxe um pouco, *mon amour*…

"*Mon amour*…" Kilaim não imaginou que seria tão bom ouvir aquilo vindo dela. E dessa vez foi Claire que se debruçou na direção de Kilaim e encostou os lábios sobre os dele, movimentando-os devagar, tateando, sentindo. Aquilo o desarmou completamente. Colocou uma das mãos por trás da nuca dela, puxando-a para si, trazendo seu corpo para mais perto.

Depois, quando cada um estava de novo em sua poltrona, viram o filho do casal da frente espreitando-os por entre a fresta dos bancos. Claire acenou para o garoto, e os dois riram. O clima ficou bem mais leve, de repente, e era bem melhor assim. Nada de falar em morte, em tortura, em sangue dentro de cálices. Claire simplesmente foi se aconchegando perto de Kilaim, colocando a cabeça de encontro ao pescoço dele.

— Estou tão feliz, Kim, que você tenha ido me buscar!

— Não quero discutir com você, Claire. — Ele a acariciava, desajeitado, mexendo nos cabelos dela. Não estava acostumado a ter uma garota assim, derretida, nos braços. Não daquele jeito. Era algo muito novo.

Então ele ficou em silêncio, apenas experimentando a sensação que lhe causava ter Claire tão perto dele, o perfume de seus cabelos, o suave vai e

vem de sua respiração. Era isso o que importava, e não uma conversa amalucada sobre Deus. Poderia deixar isso para mais tarde, principalmente porque começou a entreter-se com o modo como Claire, aparentemente, se entretinha bastante em observá-lo.

— *Non*… não estou sonhando — ela murmurou.

Pegava a mão de Kilaim na sua, abria cada um de seus dedos, apertava-os entre os dela. Soltava. Apertava de novo. Comparava o tamanho dos dedos dele com os dela, e depois, punha a mão espalmada na mão espalmada dele. Esticava o seu antebraço ao lado do antebraço dele, quase como se estivesse brincando. Kilaim se deixou levar, em silêncio, acompanhando o pensamento dela.

Claire tomava uma mecha do cabelo dele entre as mãos, sentia a textura, ajeitava a mecha com cuidado. Depois alisava as sobrancelhas dele num desenho perfeito enquanto olhava dentro dos olhos de ébano com ternura e calor. Por fim, voltou a se encostar ao ombro do rapaz, colocando o braço sobre seu abdome.

— Estou muito feliz.

Ele pousou o braço sobre o braço dela.

— Eu também estou.

Ficaram assim um tempo, sem falar nada. Mas depois, arriscando, Kilaim perguntou, só para ter certeza:

— Você não está mesmo com medo, *alors*?

— *Non*.

Kilaim esticou o braço, satisfeito, e pegou a taça de vinho esquecida sobre a mesa; mas Claire não fez o mesmo. Ficou parada, olhando na direção dele e, de repente, seu semblante se iluminou.

— AH, estou entendendo agora!

— Entendendo *quoi*?

— O motivo de você não gostar de Deus. Você acha que Ele não te perdoaria, *n'est-ce pas*? Seja lá o que for que você tenha feito. Agora eu

consigo perceber isso melhor.

Eles se entreolharam. Então Kilaim pousou o vinho sobre a mesa de novo, sem bebê-lo. Ficou imóvel, pensando em que resposta deveria dar.

— Você fez alguma coisa muito ruim? — continuou Claire, ingênua. — *Parce que* se fez, olha, eu não estou preocupada com isso…

— Pois deveria. *Oui* — respondeu Kilaim, firme, e optando por falar sem rodeios. — Eu fiz *muitas* coisas ruins. *Eu* sou ruim. Está no meu DNA, Claire.

De repente a aeronave taxiou, apontou lentamente o bico na direção da pista cheia de luzes, e acelerou. Os dois ficaram em silêncio, esperando que o *Boeing* saísse de solo francês, rumo à esperança de uma nova vida. O céu estava escuro, com poucas nuvens. Eram 21h38, quase vinte e cinco minutos de atraso.

* * *

O primeiro quarto de hora da viagem foi feito em silêncio. As taças de vinho estavam esquecidas sobre as mesinhas e Claire se culpava por ter perguntado algo tão pessoal daquela maneira abrupta. Falara sem pensar e queria muito consertar as coisas. Por isso quebrou o silêncio.

— *Pardon*, Kim… Não quis soar altiva, nem te desmerecer de alguma forma.

— Para dizer a verdade — fez Kilaim, olhando direto para frente —, eu não sei o que você está fazendo aqui comigo. Talvez seja mesmo só por causa do transplante, *parce que* o coração da minha mãe está aí dentro e isso só pode ter alterado a sua mente, a sua psique. Ou então é uma atitude de gratidão para comigo. É isso. Você está confundindo gratidão com amor.

— Gratidão e amor caminham juntos, não separados. Mas você se equivoca em relação aos meus sentimentos, pois o que eu sinto por você *é* amor. Como é!

Kilaim virou o rosto para Claire, e dessa vez não conteve um sorriso esmaecido; embora um pouco sombrio também. Aquela história de perdão lhe soava desagradável. Mesmo assim, pegou a taça de cima da mesa, e a ergueu um pouco. Claire pegou a sua própria taça, sorriu para ele, e esperou:

— Ao amor — disse Kilaim.

— Ao amor… e à vida.

Eles beberam. Mas havia um leve incômodo que pairava no ar.

— Claire, eu sei que lhe devo respostas — o jovem disse finalmente, depois de alguns goles. — Nada mais justo.

— Tudo bem, não precisa me dizer nada agora…

— Estamos começando uma vida a dois. Fale, pergunte. Serei mais cordato.

Então, Claire pediu com jeito, dessa vez.

— Só me conte a sua história. Eu gostaria muito de ouvir você…

Não era bem uma pergunta. Claire imaginava que, assim, ele se sentiria mais confortável para falar do modo como achasse melhor, mas Kilaim refletia no pedido. Os olhos de menino mostravam uma tristeza acinzentada, como galhos secos de inverno.

— *S´il te plaît*? Deixe-me tentar ajudá-lo — ela pediu de novo.

— Ninguém pode me ajudar, Claire. De onde eu vim, só existe a porta de entrada. Jamais a de saída. Eu já disse.

— Mas eu posso te garantir que há saída para tudo!

— Você é uma *meuf* muito inteligente, o que me agrada. — O rapaz inspirou fundo, sentindo uma pontinha de irritação. — Contudo, em se tratando de religião, você abraça ideias um pouco rudimentares, e que *jamais* poderiam me ajudar, pelo contrário. Você apenas repete o que ouviu, o que a Igreja ensina.

— Quem disse que aprendi sobre *Dieu* na Igreja?

— *Non*?

— *Non*.

Ela fez ar de mistério.

— Então, você se converteu sozinha?

— *Voilá*, pode-se dizer que sim. — Claire não explicou mais nada, e Kilaim ficou com ar de interrogação.

"Claire até que tem ideias sólidas. Interessante, para alguém tão nova. Interessante… ou um problema?" Kilaim revolvia aquelas ideias como quem remexe um caldeirão de lava.

— O que você estudou na faculdade? — perguntou de chofre.

— Psicologia. Não cheguei a terminar, por causa da doença. É uma pena.

— Talvez você ainda possa finalizar o curso, se quiser. Poderemos ver isso.

— *Merci*. Seria muito bom!

Silêncio. Claire esperava para ver se Kilaim lhe contaria, afinal, alguma coisa; ou, se não o fizesse, pelo menos…

— Você estava falando em perdão… — ele tentou começar por ali.

— *Oui*. Acha que Deus não te perdoaria? — Claire interrompeu, ansiosa para poder dizer o contrário.

Foi quando ela percebeu que aquela raiva estava ali de novo. Enterrada por baixo dele, profundamente. Era como um poço de petróleo inexplorado.

— *Por supuesto que no,* Claire! E nem eu quero complacência Dele, de qualquer modo. Essa história de perdão! Por acaso Ele perdoou o meu pai? — continuou Kilaim, alçando um pouco o tom de voz. — O meu pai foi banido da Sala do Trono! Meu pai foi banido da presença deste "Deus de Amor"!

— Pai? — fez Claire, confusa.

— *Oui*. *Vater*.

— *Quoi*?

— *Oui*, pai.

— Mas o seu pai não morreu?

Kilaim meneou a cabeça.

— *Non*, Claire, você não entende… não entende. — Ele passou a mão pelos cabelos, num gesto de impaciência. — Meu pai é… — então resolveu ir por outro caminho: — Você não chama Deus de "Pai", você não tem o seu Pai? Eu tenho o meu. E ele foi banido, ele sofreu…

Uma onda de tristeza inundou o coração de Kilaim, e o seu semblante ficou tão empalidecido que Claire ficou preocupada. Tocou o ombro dele, sacudindo-o de leve.

— Calma, Kim. Olha só… — e procurava as palavras certas. — Não leve isso tão a sério.

— Estou te explicando! Ele só queria estar perto, só queria estar junto… Mas foi banido — era um monólogo. — Deus fez Lucipher, e ele foi banido do Céu, mandado embora como um criminoso. Depois Deus fez Adão, e ele também é banido do Éden. Você consegue imaginar isso? Ser banido? Esse é o Deus que faz o Mal. Não o admite Ele mesmo? Diz abominar aquele que "corre para o mal", mas afirma: "*Eu formo a Luz e crio as trevas; faço a Paz e crio o Mal; Eu, o Senhor, faço todas essas coisas*".

Olhou para ela, e no meio do semblante pálido, os olhos negros queimavam. Como Claire não respondeu, ele insistiu na pergunta:

— Você sabe o que é ser *banido*? — a voz se elevou ainda mais, e ele não conseguia controlá-la. — Você nunca foi banida, Claire! Não sabe o que significa, não entende a completa inexistência de amor nesse gesto de intolerância.

Kilaim contemplava não o presente, mas, ao contrário, traspassava aquele longínquo passado, avaliava a balança Divina da Justiça vergada sob um peso inimaginável.

— Meu pai foi criado por Deus. *Imagine*! Você consegue imaginar ser criado por Deus, conviver com Deus, e então, *parce que* você cometeu um

pequeno erro — o tom de voz aumentou vertiginosamente, tomado pela indignação —, um *pequeno* erro! E daí você é *BANIIIDO*!

Foi quase um grito, impensado, vindo do meio da garganta.

— Kim, você está vendo essa situação distorcida… — ela falou baixinho, e tentava segurar a mão dele, em vão.

Kilaim nem escutava. De repente, a taça que vinha sacolejando para lá e para cá durante o inflamado discurso, derrubando pouco a pouco o seu conteúdo, não aguentou a força imprimida contra o vidro e explodiu em pedaços, ruidosamente. O líquido vermelho-escuro espalhou por todo canto. Na roupa de Kilaim, na mesa, no estofado da poltrona e até alguns respingos no rosto de Claire.

Na palma da mão dele ficou um corte grande que deixou pingar sangue por cima do vinho. Um pouco assustada, Claire pegou imediatamente o guardanapo e apertou-o contra o ferimento.

— *Mon Dieu*. Você se machucou.

Kilaim não sentia dor alguma, exceto a dor causada pela injustiça cometida por Deus, tantas vezes contada e recontada dentro da Organização. A comissária de bordo — a mesma que servira o vinho, a de rosto fino — apareceu rapidamente com uma toalha. A outra — a que recebera o “Benjamin” — providenciava água.

— *Monsieur… s´il vous plaît.* — As duas estendiam os objetos.

— *Leave me alone*! — respondeu Kilaim entredentes, rude.

As duas deram até um passo para trás, uma olhando no rosto da outra e imaginando o que deveriam fazer. Kilaim ignorou-as totalmente e se ergueu, na intenção de ir à *toillette*. As pessoas em derredor olhavam cada movimento dele, virando as cabeças em sua direção, curiosas e perplexas com o ocorrido. Até porque o veemente discurso sobre o banimento de Adão e do diabo fora ouvido em todo o compartimento.

— E vocês estão olhando o quê, pode-se saber?! — gritou Kilaim para os passageiros, o dedo em riste. — *Vont tous se faire foutre*!

— *Monsieur*, tenha calma! — grasnou a comissária de rosto fino. — Não queremos ter que avisar ao piloto. Se assim formos obrigadas, logo que esse avião pousar, *monsieur* irá direto conversar com a Polícia Federal por importunar o voo.

Kilaim não respondeu e atravessou o corredor sem nenhuma cerimônia. As pessoas fizeram cara de paisagem enquanto o gigante passava num forte deslocamento de ar.

— Vê? — murmurou uma *madame* mais idosa, com a mão balançando várias vezes para provar o que dizia, dirigindo-se à mulher que viajava ao seu lado. — É por isso que eu digo: nunca discuta nem Religião, nem Política, minha querida. É uma bosta.

A comissária de rosto afilado, encarregada de servir o casal, fingiu que não escutou e aproximou-se de Claire.

— *Ça va*, *mademoiselle*? Deseja alguma coisa? — ela indagou solícita, mas com um olhar especulativo que dizia: “Esse sujeito é maluco. Por que cargas d’água você está com ele?”.

— Estou bem, *merci beaucoup* — respondeu Claire, esboçando um sorriso.

2

Lumière

Trancado na pequena *toilette*, Kilaim respirou ofegante. Depois, se esforçou para ir respirando fundo e pausadamente durante alguns minutos, na tentativa de desacelerar. Por fim, lavou o rosto e o pescoço, várias vezes, e jogou água na cabeça também, espalhando tudo em derredor. Aquilo teve um efeito quase mágico.

Mais calmo, ele olhou para o corte na palma da mão, que ainda sangrava um pouco. Pegou papel-toalha e comprimiu o lugar. Custava a cessar o sangramento, por isso ficou com um chumaço de papel na mão e voltou para o seu lugar. Tinha tirado o blusão de moletom que usava, e que ficara cheio de manchas, e estava apenas com a malha fina que trazia por baixo.

Percebeu que os rostos da primeira classe se erguiam para ele de novo, embora mais furtivamente. Não queria ninguém olhando em sua direção, por isso encarou todo mundo de volta, com ar de poucos amigos. As pessoas disfarçaram de imediato, voltando o rosto noutra direção, e falando alto sobre outros assuntos, como se nada houvesse acontecido.

"*Hum.*"

Ele se sentou ao lado de Claire, quieto. O blusão de moletom ficou no colo.

— Está melhor? — ela indagou sem ligar para os olhares que, volta e meia, ainda lhes lançavam, e não fez qualquer reprimenda. — Deixe-me ver a sua mão.

Ela afastou o papel que ele segurava com a mão direita e observou a mão esquerda. Tinha algumas manchas róseas de sangue misturado com água.

— Não foi um corte profundo. Ainda bem, *mon amour*. Acho que é melhor você sentar no meu lugar. Fique aqui na janela — ela pediu.

Kilaim continuava quieto, amuado; mas gostou da atenção dela, e obedeceu. Quando Claire foi pegar o blusão de moletom sujo para colocá-lo no compartimento de bagagem, antes de se sentar, sentiu um volume dentro do bolso. Achando que poderia ser algo importante, comentou:

— Kim, tem alguma coisa aqui, quer que eu pegue?

— Pode pegar. É pra você.

Surpresa, Claire enfiou a mão no bolso do blusão e sentiu um pacote pequeno, alguma coisa embrulhada. Quando viu, eram balas de goma em formato de dentadura de vampiro, de coraçõezinhos, de minhocas, de ursinhos…

— Ah, Kim, que fofo! — Ela riu. — *Merci*!

Foi se sentando, destacando o adesivo da embalagem transparente.

— Tinha se esquecido de me dar?

— *Non*. Na verdade, acabou parecendo um presente idiota…

— Imagine! Eu adorei.

Ela deu um beijo de leve nos lábios de Kilaim antes de colocar uma dentadura rosa de vampiro na boca.

— Meu namorado é um doce…

E foi a palavra “namorado” que caiu com sabor doce dentro dele.

— É isso que nós somos? — Kilaim perguntou, bem satisfeito.

— *Non*?

— Claro que sim — ele afirmou. — *Bien sûr*. Namorados.

Totalmente esquecido do corte na mão, Kilaim queria usar o tempo para descobrir tudo sobre ela, tudo que não sabia ainda, de que Claire gostava, de que não gostava. Como pensava. Que sonhos ela tinha. Por isso, começou com um tipo de pergunta que nunca fizera antes, totalmente amena e descompromissada.

— Diga-me uma coisa que você adora fazer, Claire.

Ela pensou um pouquinho.

— Cinema. Sem dúvida. Adoro um bom filme.

— Qual é o seu predileto?

— Essa é uma pergunta muito difícil. Gosto de histórias de vida, gosto de um panorama de outras culturas. Gosto de algo que me acrescente. Que tal… *Adoráveis Mulheres*? Também li o livro, melhor que o filme.

— *Adoráveis Mulheres*. *Ok*. Bem coisa… de mulher.

— E você? Diga um de que gostou muito.

— *Dracula* — ele falou com voz grave, de propósito —, de Bram Stoker.

Claire fez uma careta.

— Sangue demais. Prefiro a *Saga Crepúsculo*.

Foi a vez de Kilaim arregalar os olhos.

— Aquele vampiro não convence ninguém. Se você visse um de verdade, entenderia.

Claire ficou imaginando o que Kilaim haveria de querer dizer com aquele comentário, mas deixou passar.

— Será que conseguiremos ir juntos ao cinema, nem que seja só uma vez? — foi a pergunta bem-humorada.

— Vamos tentar com todas as forças… quem sabe, um filme francês?

— *Le Concert* — exclamou Claire de imediato. — Esse poderemos ver juntos.

Claire já tinha assistido de tudo. Os dois passaram um bom tempo falando sobre os filmes de que gostavam, os atores, e seus gostos pessoais. Ela também gostava de ler, embora o tipo de literatura que lhe agradasse não tivesse nada a ver com a que Kilaim gostava. Eles davam risada um do gênero do outro.

— Compêndios de Matemática? Computação avançada? *Non.* — Claire ria. — Não é o meu forte! Gosto de romances, de uma boa história. Ou um romance histórico! Já leu *Médico de homens e de almas*?

— Já ouvi falar.

— Foi um livro *tão* bom, Kim! Você deveria lê-lo.

E ela começou a contar um pouco da história.

— Não gosto de nada muito cristão.

— Não é "cristão", é um romance histórico. A autora levou quarenta e seis anos para escrevê-lo.

— Com a ajuda de um demônio, o faria em quarenta e seis meses. Nada como uma boa testemunha ocular.

Claire de novo olhou para Kilaim, e avaliava se ele estava falando sério, ou era brincadeira. Pareceu sério. Pelo visto, ele falava aquele tipo de coisa sem pensar.

— E você? Gosta de que tipo de livro? — ela perguntou em seguida. E dando um gritinho: — Já sei, já sei! *O Homem que calculava*.

Kilaim riu.

— É um livro interessante, mas não é esse. Prefiro algo mais intenso, do tipo *A escolha de Sophia*. Já leu?

— *Non*. Mas vi o filme. É triste demais. Sabia que Meryl Streep ganhou o *Oscar* de melhor atriz pelo papel de Sophia?

— Você deveria ter lido o livro. Isso que é bom nele: a intensidade.

Aos poucos eles se soltavam. A conversa ia de um lado para outro, como que levada pelo vento, ou pelas ondas, num ritmo constante, de modo natural. Agradável. Kilaim fazia Claire dar risada, e a observava todo o

tempo: os olhos azuis de contas de cristal, o contorno do rosto quando ria, a forma que mexia as mãos ao falar. E Claire sentia-se radiante. Achava Kilaim “diferente e exótico” — como já tinha escrito em seu diário, certa ocasião —, além de “superlindo”. Estar ali, diante dele, era quase como assistir a um filme inacreditável, em que ela era a protagonista. Embora não soubesse o final, tinha esperança de que a história deles fosse a melhor de todas.

O jantar foi servido. Claire não tomou mais vinho, preferindo suco de laranja e achando tudo ótimo. Kilaim viu que o ponto da carne não estava tão de acordo com o pedido, mas não ligou muito, mais interessado na conversa. Era a primeira vez que ficavam realmente à vontade, sem horários de visita a seguir, enfermeiras entrando e saindo, ou *tante* Charlotte olhando no relógio.

E o assunto parecia não ter fim. Mesmo quando as primeiras pessoas começaram a apagar suas luzes, os dois continuaram conversando, baixinho, e dando risadinhas abafadas, até tarde. Kilaim nunca tinha ficado assim, relaxado e contente, na companhia de uma menina.

Lá pelas tantas, tentaram assistir a um filme. Havia um do *007* e *Mamma Mia*. Claire até deu um gritinho sufocado:

— *Adoro* esse filme! É com a Meryl Streep. Já vi todos os seus filmes!

Kilaim não compartilhou daquele entusiasmo, mas concordou em assistir um pouco. Assim que os atores começaram a cantar, ele deu um pulo na poltrona.

— É um musical?!

— *Oui*. Só com músicas do ABBA.

— Mas que… legal — ele disse, afundando de volta no lugar enquanto Claire se apoiava em seu ombro.

“Pela Sombra de Lucipher…”

Kilaim não aguentou muito tempo, embora concordasse que era um filme “alegre e divertido”, pela definição de Claire. Eles desligaram o filme

antes da metade. Depois, pediram um chá, e o tomaram devagar, comendo os biscoitos de gengibre que Claire trouxera na bolsa. Já era mais que tarde.

— Que bom que você veio comigo, Claire — disse Kilaim enquanto tomava o último gole de chá. — Já nem imagino como seria fazer essa viagem sozinho. Aliás, se você não viesse comigo, não haveria motivo para viajar. Eu ficaria onde estava. — Segurou a mão dela com força. — Fiz o que fiz, pensando em você…

Claire pediu, ainda mais uma vez, sem entender direito a real dimensão de tudo aquilo.

— Eu queria escutar a sua história.

Ela não entendia que não era tão fácil assim.

— É difícil resumir, *baby*. Mas eu já lhe expliquei alguns conceitos pelos quais aprendi a me nortear.

— Mas isso me disse pouca coisa. Me conta…

— Você não iria querer saber detalhes, não importa.

— Mas… só me responda uma coisa, *sil vous plaît*… não fique bravo. Você acha… que não tem perdão para você?

— Você fala em perdão… — Ele estava sério. — E eu digo que, se você queria ouvir minha história, estou contando. E a primeira coisa a ser dita é que o Deus que eu conheço amedronta os Seus filhos, prometendo-lhes punições, maldições e toda sorte de castigos caso não seja obedecido à risca. O Deus que eu conheço coloca o desejo de liberdade no coração do homem, mas o limita com uma infinidade de regras que vão contra a natureza que Ele mesmo estabeleceu dentro do ser humano.

— Kim, você fala “o *Dieu* que eu conheço”, mas você não O conhece… está enganado. Se eu apenas puder te dizer…

— Se Deus criou Lucipher, e disse que o amava — e Ele *disse*, ouviu? —, mas depois o mandou para longe de Sua presença como lixo, é *parce que* esse perdão no qual você tanto insiste é relativo. E se o perdão é

relativo, é *parce que* não existe Amor de verdade. E eu posso afirmar a você, Claire, que Lucipher me deu muito mais amor do que Deus.

— Mas você se apoia nessa história de Satanás para afirmar que não há perdão para os *seus* próprios erros. Como aparentemente não há perdão para Lucipher, decerto também não há para você. Mas é tão diferente!

— Eu lhe garanto que não é tanto assim. Sou filho dele.

Ela fez um gesto com a mão, aquiescendo por mero protocolo.

— Que seja, Kim. Chame-o de pai, se quiser. É só uma nomenclatura.

Ele olhou-a profundamente.

— Não é.

— *Ça va* — ela não ligou para o comentário. — Mas Cristo trouxe a Redenção não apenas para nós, humanos; aos Anjos caídos ela se aplica também, *parce que* eles continuam sendo filhos de *Dieu*, da mesma maneira. Quando Jesus pregou aos espíritos em prisão, foi somente aos homens que pregou? *Non*. Você acha que se Lucipher se arrependesse, ele não teria perdão?

— Você é bem ousada em suas afirmações, Claire — respondeu Kilaim. — *Sérieu*. Que ideia! *Non*. Lucipher jamais será perdoado, *parce que* Deus é mau. Já ouviu falar em lago de fogo e enxofre?

— Mas, e a parábola do filho pródigo, Kim? *Dieu* aceitou o filho pródigo de volta quando ele chegou arrependido, dizendo que não merecia nem mais ser chamado de filho, e que o tratassem como um empregado. *Dieu* não só aceitou o filho de volta como deu uma grande celebração em sua homenagem. Ele continuava amando aquele filho!

— Isso é uma alegoria.

— Que seja! Mas a alegoria existe para revelar a Verdade. E a Verdade é que *Dieu* aceita os filhos de volta. Não importa o que tenham feito antes; é o verdadeiro arrependimento que muda tudo. — Claire suspirou, encostando a cabeça no espaldar da poltrona. — Talvez um dia Lucipher

acabe percebendo que perdeu tudo o que tinha. Como o filho pródigo. E aí, ele vai olhar para *Dieu* de novo, em busca de Redenção.

Kilaim riu de novo, mas com certo desconforto.

— Cada ideia você tem.

Mas depois, ele ficou pensativo, olhando para frente. A questão não era a explanação dela em si, mas o modo como falava. Sempre com delicadeza, com gestos de carinho, mas sem medo de expor suas ideias. Ele virou para o lado de novo, olhou pela milésima vez nos olhos da moça. Olhos como o céu sem nuvens e brilhantes como estrelas, que se afundaram dentro dos dele em resposta. Sem medo.

"Os olhos de Claire são estranhos", constatava Kilaim, mais uma vez, procurando a chave.

Havia alguma coisa indecifrável neles, algo perturbador. Uma centelha efervescente bem no fundo, que Kilaim não conseguia definir, um refulgir suave, como se estivesse amanhecendo e o sol brilhasse lá no fundo. Durante um tempo ele olhou, e ela olhou de volta, para os olhos tão negros dele. Ambos tentavam decifrar o que estavam vendo. Eram tão diferentes!

— "*Escolhe a Bênção, para que vivas*"… — murmurou Claire, baixinho, de repente, quase sem perceber.

Kilaim escutou.

— O que você disse?

— Kim. Sabe, eu escolho a Vida que vai além da vida. E embora você fale de Lucipher desse jeito… como se ele fosse tudo para você… eu nunca soube de Satanás entregando a sua própria vida e o seu próprio sangue por amor a ninguém.

Kilaim ficou em silêncio, perplexo, como se tomasse um choque. Depois, resmungou:

— *Allez*, Claire. É hora de dormir, a viagem vai ser longa.

— Eu disse alguma coisa errada de novo?

— *Non*.

Eles ficaram quietos, cada um se ajeitando melhor na poltrona. Até que uma dúvida se agitou no coração de Claire, repentinamente.

— Kim, diga-me uma última coisa, *sil vous plaît*. Sempre houve adoradores do diabo, mesmo que, antes, talvez essas pessoas não entendessem direito o que isso significava. Hoje em dia, quantos há?

— Adoradores do diabo? Os verdadeiros?

— *Oui*. Quantos são?

— Isso não posso lhe dizer. São miríades. Como nunca houve antes na face da Terra. E aguardam pelo *Gran Finale*.

— O Apocalipse?

— *Da*.

Sem esticar a conversa, Kilaim virou-se para o lado da janela. Contemplou a escuridão impenetrável, densa e profunda. Não havia Lua. As emoções dele estavam mescladas por uma profusão de nuanças. Não imaginara que o Cristianismo fosse tão forte em Claire, aparentemente um Cristianismo imaculado. Era incrível, e também muito perturbador.

* * *

Claire, do lado do corredor, ficou olhando também para fora, por sobre o ombro de Kilaim; noite sem Lua…

Aos poucos, começou a sentir sono. Seus braços estavam mais pesados, e os olhos se demoravam mais para abrir. Mas então, subitamente, da escuridão ali fora brotou luz em movimento. Uma explosão, clara como um relâmpago dourado, que refulgiu em cores e se tornou como o contorno de asas gigantescas.

Por uns poucos segundos, ela viu. E aí foi desaparecendo devagarzinho, como uma pintura que ficasse transparente. Claire continuou de olhos arregalados, surpresa, num leve sobressalto. Aproximou-se um pouco da janela, perscrutando, mas agora era de novo somente a noite. O manto da paz cobriu seu coração. *Dieu* lhe enviava um sinal, e o Seu Anjo estava ali.

Aonde quer que ela fosse o Pai estaria presente. Sua alegria foi infinita naquele momento.

Alheio ao cintilar da luz, Kilaim permanecia imóvel em seu assento, a cabeça apoiada no encosto que era um pouco baixo para ele. Claire queria poder lhe contar, queria poder dividir aquela sensação de tranquilidade e conforto; mas não podia. Não ainda. Então ela tocou no ombro de Kilaim. O jovem se virou e encontrou um sorriso aberto no rosto da moça.

— Eu vou orar por você, Kim. Será que eu posso? Para que você consiga entender o Amor de *Dieu*, e perceber que o perdão existe. Até mesmo para você.

“Embora ele não tenha contado o que aconteceu…”, Claire refletiu, em silêncio.

Kilaim não soube o que responder. Nunca ninguém orara por ele, nem sabia o que era isso. Não queria ser alvo daquelas parafernálias cristãs, então procurou um modo de dizer que a ideia não lhe agradava. Só que o rosto de Claire estava tão brilhante que não encontrou palavras.

Ela interpretou o silêncio como aquiescência, e colocou a mão direita sobre o coração dele. As palavras foram poucas, breves, apenas alguns instantes; mas a suave pressão sobre o peito de Kilaim transformou-se numa estranha quentura, que ia além do calor da pele dela; uma sensação desconhecida, completamente desconhecida. Poderia dizer que era até boa. Mas trazia uma inquietação fria que não combinava com o calor no peito.

Ele tinha certeza de que as palavras de Claire eram puras e verdadeiras. Emotivo, voltou o rosto na direção da janela, sem olhar para ela, e nem agradecer.

Uma lágrima escondida rolou dos olhos de Kilaim.

* * *

A noite passou, e Claire, que começara a cochilar ajeitando a cabeça no peito de Kilaim, depois se virou para o lado e dormiu profundamente.

Kilaim, ao contrário, passou parte do tempo lendo, e a outra parte, pensativo e imóvel.

A escolha do Brasil tinha sido feita porque Claire mencionara o país de origem de seu pai, mas também porque havia rumores de que a polícia brasileira era pouco eficaz, e facilmente corrompível. Ele não era o primeiro a se exilar no país. Havia o fato de Leviathan ser o principado que dominava sobre aquela nação, entre outras da América Latina. A serpente marinha e o gigante haviam sido muito amigos. Kilaim imaginava que, estando ali, quem sabe, pudesse contar com a ajuda dele.

À medida que se aproximavam do destino, ficava mais surpreso. Eles haviam conseguido. Haviam saído da França e chegado à América Latina sem qualquer intercorrência. Kilaim não entendia bem por quê. Tinha sido fácil demais, o que era bem estranho.

Teria a Organização alguma carta na manga? Ele não sabia. Era questão de esperar.

Pouco antes do amanhecer, Kilaim acordou Claire e trocou de lugar com ela. Queria que visse o dia novo que logo emergiria e aproveitasse a chegada em todas as suas cores. Afinal, tinham deixado o inverno europeu para trás.

Quando o avião se preparou para descer no Aeroporto Internacional de Guarulhos — ou *Cumbica* —, localizado a cerca de trinta quilômetros de São Paulo, clareava. Os dois experimentaram uma forte sensação de satisfação. O alvorecer lançava formas nas nuvens alaranjadas, e os dois podiam perceber que o dia seria radiante.

— *Que c’est beau*! — murmurou Claire, tomada de uma radiante expectativa.

Kilaim igualmente sentia-se expectante. Aproximou-se dela para poder olhar o céu através de sua janela, até a descida.

* * *

O Aeroporto de Cumbica era grande, e mesmo àquela hora da manhã havia gente para cima e para baixo. Depois de pegar a pouca bagagem que haviam trazido, o casal saiu pelo portão *International Arrivals* empurrando o carrinho. Kilaim olhava tudo e todos, pronto para tomar Claire pela mão e fugir ao menor sinal de perigo. E se estivessem à espera deles?

Contudo, não havia ninguém. Nenhum perigo aparente. Nada, exceto passageiros com ar de sono e gente à espera.

Kilaim respirou, aliviado, e tomaram rapidamente um táxi para São Paulo. Ele sabia que os dois seriam apenas mais dois no meio da multidão da grande metrópole.

* * *

Kilaim já pesquisara o itinerário. Do aeroporto rumaram para um *flat* em Alphaville, um bairro planejado de classe média alta localizado na região metropolitana de São Paulo. O mais famoso bairro de condomínios fechados brasileiro tinha tudo de que necessitavam: hotéis, restaurantes, assistência médica, bancos, comércio variado, *shoppings*. Alphaville era também um dos maiores polos industriais e comerciais do estado de São Paulo, e oferecia o item mais importante de todos: segurança. Mostrava-se o lugar certo para aportar, com uma tranquilidade que a capital propriamente dita, naquele momento, não podia oferecer.

Por esse motivo, por ora, permaneceriam ali no *flat* até encontrarem um lugar definitivo para morar.

Depois de se instalarem — Kilaim havia feito a reserva em Lyon —, nenhum dos dois conseguiu descansar da viagem. Estavam agitados demais para isso. A ideia partiu de Claire, depois de avaliar a pequena cozinha que estava disponível no apartamento.

— O que você acha de nós dois prepararmos alguma coisa? Para comemorar!

Kilaim deu de ombros, pensando no beijo dado no avião e no que gostaria de fazer com Claire naquele *exato* minuto.

— Eu não sei cozinhar nada — ele respondeu.

— Não tem problema. Tudo de que preciso é de sua companhia. O que acha de irmos comprar alguns mantimentos?

— *Now*?

— *Oui*. Vamos?

— *Da*.

— O quê? — Ela riu.

— *Ok*. *Come on*. Quer dizer, não sei se o mercado já abriu. Acho que teremos de esperar até umas oito, talvez.

Claire aproximou-se da janela e olhou. Era um lugar bonito. Ao longo da Alameda Rio Negro, onde estavam hospedados, uma das principais de Alphaville, havia vários edifícios altos, espelhados. Do outro lado do canteiro central, refrescado por sibipirunas e quaresmeiras, enfeitado por moitas de *onze-horas*, *bananeiras-de-jardim* e pequenos pés de manacás floridos, eles podiam ver um *shopping* pequeno. Ao lado, um conjunto de pequenas e variadas edificações que se seguiam umas às outras, a perder de vista.

Era o Centro Comercial Alphaville, conforme explicou Kilaim. Um conjunto de aproximadamente mil e seiscentos estabelecimentos que prestava todo tipo de serviço — desde gráfica e farmácia de manipulação até várias clínicas médicas, escola de línguas e pequenos restaurantes —, e onde centenas de lojinhas vendiam roupas, sapatos, *bijoux* e bugigangas ao longo de um labirinto de ruazinhas estreitas e congestionadas de trânsito o dia todo. Apesar disso, era um lugarzinho charmoso e bem organizado.

Depois de um tempo, Claire saiu da janela e encarregou-se de fazer uma lista de compras, sacando de sua maleta a única caneta que trouxera e usando uma página arrancada do diário. Queria fazer algo especial,

marcante, para celebrar a nova vida que estava começando ao lado de Kilaim.

— Adoro culinária! — ela foi falando depois de guardar a lista no bolso da calça *jeans*. — Adoro mesmo cozinhar! Deixa-me muito feliz. Onde será que tem mercado?

— Vamos encontrar um na avenida de baixo, onde também tem farmácia, floricultura, padaria…

— Como você sabe? Andou se informando?

— Ainda quando estava em Lyon. Consultei mapas pela *Internet*, e sei de tudo que há nos arredores. Como a palma de minha mão. — Ele sorriu orgulhoso.

Claire, então, começou a perguntar um pouco de tudo, ao que ele ia respondendo com absoluta precisão, dando nomes de ruas e até a numeração dos estabelecimentos.

— Mas você decorou tudo! — ela exclamou, surpresa. — Que notável.

Claire já tinha percebido que Kilaim tinha uma inteligência fora do comum, associada a diversas idiossincrasias. Porém, a cada momento, era novamente surpreendida pelas habilidades dele.

— Pelo visto, você não deixou escapar nada — comentou.

— Estamos vivendo um momento em que não é propício deixar escapar nada. Ah, inclusive você tem consulta agendada com um excelente cardiologista. Mas não fica por aqui. É em São Paulo, lá pelos lados da Avenida Paulista, daqui quinze dias.

Claire ficou até emocionada pela maneira como ele cuidara de tudo, preparando cada detalhe pensando no conforto dela. Aproximou-se para abraçá-lo, encostando a cabeça debaixo de seu pescoço, aninhando-se como um filhote.

— *Merci*, Kilaim. Estou tão feliz!

Ele a enlaçou pela cintura, e ambos permaneceram alguns instantes abraçados, cada um imerso nos próprios pensamentos. Foi quando ela

notou, agora que o jovem tinha tirado seu agasalho, o número 9 tatuado na face interna do seu antebraço esquerdo. Ela nunca o tinha visto de manga curta, e admirou a pele branca, a musculatura. Claire já havia reparado em uma pequena cicatriz na base do indicador esquerdo, o que não lhe chamara maior atenção antes. Entretanto, por algum motivo desconhecido, ela agora parecia achar que poderia haver uma associação entre a cicatriz e o número tatuado.

— Kim, o que significa isso? — perguntou, deslizando a ponta dos dedos de leve sobre a tatuagem.

Era um número 9 em preto e cinza, mas com alguns detalhes azuis-escuros, bastante estilizado; uma tatuagem incrivelmente bem-feita.

— Ah… é meio complicado para eu tentar te explicar agora — ele se esquivou, passando o braço mais apertado nas costas dela e escondendo a tatuagem.

Na verdade, Kilaim não tinha nenhuma vontade de falar muito mais sobre a Organização. Já o fizera. Havia feito Claire entender um pouco melhor a maneira como ele pensava, e isso já era o suficiente.

Por ora.

— *Porquoi* 9? — ela insistiu.

Ele falou o mínimo possível.

— O meu pai recebeu nove pedras. — Aquilo não tinha muita importância.

— Que pedras? — Claire já sabia que Kilaim não estava fazendo menção ao pai carnal.

— A Bíblia, no Livro de Ezequiel, diz que Lucipher recebeu de Deus nove pedras. Sárdio, topázio, diamante, berilo, ônix, jaspe, safira, carbúnculo, esmeralda. Com os engastes e ornamentos feitos em ouro. Posteriormente, os sacerdotes do Tabernáculo também são ornados com pedras preciosas. As pedras sacerdotais são as mesmas, engastadas em peitorais, com acabamento em ouro e divididas em quatro grupos de três

pedras. *Porquoi* quatro grupos? *Parce que*, além destas — que Lucipher também recebeu —, havia mais três, somando doze: jacinto, ágata e ametista. A realidade espiritual do número doze vem de antes de a Terra existir, e antes de haver sacerdotes de Deus no meio do povo de Israel. As doze pedras foram originalmente destinadas a linhagens sacerdotais angelicais, e o meu pai era um guerreiro. Por isso, recebeu nove.

— Cada pedra representava uma das doze tribos de Israel, e o valor que elas tinham para *Dieu* — comentou Claire, mostrando conhecimento sobre o texto.

— Você gosta mesmo de Bíblia, *n´est-ce pas*?

— *Bien sûr*! — Ela apertou o corpo contra o dele. — Eu realmente gosto muito. Mas e as nove pedras de Lucipher? Por que ele as recebeu?

— Desde que foi criado, essas pedras também foram preparadas para o Querubim Ungido da Guarda. Cada uma tem seu simbolismo. Mas é um pouco complicado — ele desconversou. — Talvez outro dia eu lhe fale sobre isso. Hoje não. Mas essas nove pedras remetem a uma homenagem feita ao meu pai.

— *Oui*. É uma homenagem ao seu pai — ela repetiu.

Claire, mesmo sem notar, mencionou pela primeira vez a paternidade de Lucipher em relação à Kilaim, e ele se sentiu surpreso e enternecido ao mesmo tempo. Aquilo mostrava que ela havia dado valor a tudo quanto ele contara, mesmo que não entendesse.

Os dois ficaram ali, perto da janela, ainda olhando para fora e fazendo um ou outro comentário. Por fim, cansada de ficar em pé, Claire sentou-se no sofá da saleta, e Kilaim tomou o lugar ao seu lado. O silêncio caiu entre eles enquanto ela apoiava a cabeça contra o ombro do jovem. Distraidamente, Claire acariciava a sua mão. Sentiu a textura da pequena cicatriz na base do indicador, ligeiramente elevada.

— Isso aqui tem a ver com a tatuagem — afirmou.

— *Voilà* — Kilaim assentiu, mas retirou a mão. — Claire, nós vamos mesmo ficar falando sobre isso? Olhe o belo dia que está começando lá fora. Vamos deixar para outra hora? Estamos viajando… e eu larguei tudo por sua causa, pelo sentimento que está tomando o meu coração. Mesmo assim, há um conflito dentro de mim, um conflito entre os meus sentimentos e a minha razão. Você não vê?

Claire olhou para ele com uma leve surpresa estampada no rosto, em virtude do tom áspero. Ele falava do amor que sentia, mas de maneira rude. Era estranho.

— Você não percebe que eu estou traindo valores, traindo a confiança de pessoas que me criaram, e dando as costas para coisas que você não tem nem ideia? — ele continuou ainda em tom firme.

A perplexidade de Claire foi tanta que os seus olhos se encheram de lágrimas, grossas como gotas de orvalho, e inoportunas, de modo que se apressou a passar a mão sobre elas. Percebia, novamente, quantas coisas profundas e escondidas ele teria guardadas consigo.

— Não é minha intenção especular. Foi só uma pergunta boba…

Kilaim sentiu-se a mais vil criatura. Como ela poderia saber, se ele não lhe contara? Desgostoso, abraçou-a forte, puxando-a de encontro ao peito.

— Claire, *baby*, não me entenda mal. Eu fiz tudo isso, larguei tudo… *parce que* eu vi algo diferente em você! Eu estou arriscando muita coisa, mas é por você. *Você* vale mais, e por isso eu decidi caminhar ao seu lado. Eu escolhi você. Não importa para onde vamos, onde vamos estar; o que importa é estarmos juntos! Isso eu estou aprendendo, já que nunca caminhei com ninguém do modo como estou me dispondo a caminhar com você.

Acariciou os cabelos dela.

— De repente, ao seu lado eu me sinto preenchido. Alguma coisa você tem no seu caráter, na sua essência, que me preenche. Eu não sei dizer o que é. Mas eu gosto…

A voz dela saiu abafada em meio ao abraço dele, a boca encostada em sua camiseta. Estava triste.

— Ah, Kim, isso é por causa do coração da sua mãe. Você achou que eu estava confusa, mas acho que é você que está. Será que você tem certeza do que está fazendo?

— Não é apenas o coração da minha mãe. Você tem uma alma… diferente. Eu não entendo direito o que é, e nem sei se vou entender, mas você é singular. — E baixo, mais para si que para ela: — Vejo cada vez melhor *parce que* eles não me queriam perto de você.

Intimamente, Kilaim se dispunha a mostrar à Organização, e aos demônios, e a Lucipher, e até a Zor que estavam todos errados. Que ele e Claire podiam ficar juntos e isso em nada seria deletério ao seu futuro. Se pudesse ter Claire junto a si, viveria o futuro proposto por eles com muito prazer. Todos somente precisavam perceber que uma coisa não excluía a outra. Aquilo em que fora ensinado e a verdade na qual acreditava, em algum momento, iria entrar no coração de Claire, e ela acreditaria também.

Porém, embora nenhum dos dois pudesse perceber isso ainda, as palavras dela, doces e suaves, eram como garoa fina. Talvez, um dia, pudessem fazer transbordar os rios do coração dele.

Claire ficou quieta, aproveitando o calor do abraço. Depois, interrompendo os pensamentos dele, ela falou bem baixinho, quase sem se mover:

— Kim. Nunca se esqueça de uma coisa. De tudo que conversamos no avião, há algo realmente importante. A Redenção. O Amor de *Dieu* expresso por trás disso. E o arrependimento, essa é a chave para a Redenção, seja dos homens, seja dos anjos caídos; e eu creio totalmente nisso.

— Essa história de Redenção. Claire — ele não conseguia não refutar. Mas o fez com voz branda. — A Serpente enganou o Homem. Por causa dela, o Homem perdeu sua inteligência, sua capacidade cognitiva, sua

beleza, suas potencialidades natas. E agora, mais do que nunca, também por causa da Serpente o Homem está vulnerável a qualquer influência espiritual. É muito fácil enganá-lo. Enganar um ser que só usa cinco, sete por cento de seu potencial cerebral. Essa história de Amor e Redenção é o mais puro engano! O Homem deixou de compreender a natureza Divina, por isso se perde em doutrinas que ele mesmo criou. “Redenção” é apenas um reflexo da indiscutível necessidade de se acreditar em algo maior, em Alguém que pode tudo e que, no fim, fará algo de bom acontecer. Precisamos acreditar desesperadamente que o Mundo que nos cerca é só um pesadelo ruim que vai terminar bem. Pois eu te digo: não vai terminar bem.

— Você já leu a Bíblia, Kim, *n´est-ce pas*? Isso é bem óbvio — ela falou, erguendo o rosto na direção dele.

— É *claro* que já. Várias vezes.

— *Alors*, você é tão inteligente. O que eu não entendo: *porquoi* não crê no que leu?

— A Bíblia está cheia de erros. *Voilà*! Eu posso te mostrar alguns, se você quiser.

Claire refletiu alguns instantes. Depois acabou dando de ombros e, com um longo suspiro, afastou-se.

— *Non*. Deixa para lá. Essa conversa de erros não me interessa.

— Está fugindo da raia! Quer dizer que os erros da Bíblia não te interessam?

— *Non*. Quando quiser finalmente me contar o que aconteceu com você, ao invés de nós ficarmos discutindo eternamente, eu estarei pronta para ouvir.

Kilaim detestou aquela atitude, significava discordância, de qualquer modo. Claire não julgava importante dar continuidade à conversa. *Porquoi*? *Porquoi* não lhe permitia mostrar que estava errada?

Ela não parecia se preocupar. Cantarolando, já refeita, abriu a *nécessaire* e se pôs a remexer em suas coisas. A tentativa de ser brando

terminava saindo pela culatra, e ele estava irritado. As doutrinas que pincelava diante dela nortearam toda a sua vida, e Claire não queria escutá-lo! Desacorçoado, entrou no banheiro e fechou a porta à chave atrás de si.

Olhou para o seu reflexo no espelho. Sempre gostara de seu rosto, da beleza incomum de seus traços; porém, naquele instante, parecia estar mirando um desconhecido. Claire o atingia no âmago de diversas maneiras.

Abriu a torneira com força e o jato espirrou para fora da pia. Sem se importar, jogou água no rosto, no pescoço e nos braços durante bastante tempo, molhando toda sua camiseta pela segunda vez. Não conseguia parar com aquela lavagem.

Porquoi?

Ele não sabia. Já que tinha molhado toda a roupa e todo o chão do banheiro, deu meia-volta e abriu o chuveiro impetuosamente, deixando água fria jorrar em abundância. Entrou debaixo dela, e ficou ali, as mãos apoiadas nas paredes e o corpo imóvel.

3

Amour

O sol jorrava pela janela da saleta, e como Kilaim não saía da *toilette*, Claire se aproximou outra vez da janela e tratou de admirar as primeiras visões do Brasil com mais cuidado. O dia estava radiante.

"*Que c´est beau…*"

Kilaim havia lhe contado alguns detalhes sobre a fundação da cidade de São Paulo durante a viagem, alguns românticos e exóticos, outros muito cruéis. A maior cidade do país começara, na verdade, como um Colégio dos Jesuítas. As Ordens Religiosas, principalmente a Companhia de Jesus, foram elementos importantes no processo de colonização do Brasil e, depois, na catequese cristã. O primeiro grupo de jesuítas, contando com apenas seis padres, chegou ao Brasil em 1549. A primeira escola foi fundada em Salvador apenas quinze dias depois da chegada, e deu início à história da educação no Brasil nos moldes europeus.

Cinco anos depois, subindo a Serra do Mar — um maciço rochoso, de cerca de 1.000 km, que percorre quase toda a extensão do litoral sul e sudeste brasileiro, e que recebe nomes diferentes, dependendo do local —, alguns padres procuravam um novo local seguro para se instalar. Gostaram da região onde seria, futuramente, a cidade de São Paulo: o planalto de

Piratininga, que tinha “ares frios e temperados” e mostrava-se “uma terra *mui* sadia, fresca e de boas águas”.

O povoado de “São Paulo de Piratininga” começou com a presença de doze padres, dentre eles Manuel da Nóbrega e José de Anchieta — o noviço, que seria o mais importante jesuíta de São Paulo. Um Colégio Jesuíta foi construído no alto de uma colina escarpada, entre os rios Anhangabaú e Tamanduateí. Tal Colégio, que passou a funcionar num barracão feito de taipa de pilão, tinha por função catequizar os índios que viviam na região, e essa era a parte mais romântica para Claire.

Ela achou lindo terem escolhido o nome “*São Paulo*” para o povoado, porque o dia da inauguração do Colégio deu-se em 25 de janeiro, data na qual a Igreja Católica celebra a conversão do apóstolo Paulo de Tarso. O padre José de Anchieta conta o fato em carta aos seus superiores da Companhia de Jesus: “A 25 de janeiro do Ano do Senhor de 1554 celebramos, em paupérrima e estreitíssima casinha, a primeira missa, no dia da conversão do Apóstolo São Paulo, e, por isso, a ele dedicamos a nossa casa!”.

O dia 25 de janeiro marca o aniversário de São Paulo até hoje. Quase cinco séculos depois, o antigo povoado de Piratininga tornou-se uma cidade de mais de 11 milhões de habitantes. Essa herança é devida aos jesuítas, mas também aos índios tupiniquins, que povoavam o planalto e o litoral da região. Foi graças às suas trilhas que os portugueses puderam chegar facilmente à região, vindos da costa pela Serra do Mar até o planalto. Foi também graças às trilhas que Manoel da Nóbrega e José de Anchieta conseguiram chegar ao local que consideraram apropriado para o Colégio, que funcionava ao mesmo tempo como proteção natural contra possíveis ataques de tribos inimigas e ainda proporcionava uma boa visibilidade da área.

Quanto à catequese, não funcionou exatamente como eles esperavam. Os índios não foram favoráveis a abraçar o Deus dos católicos. Além dos

padres, começavam a surgir exploradores interessados em aprisionar os índios e arrastá-los para o garimpo de ouro no interior inexplorado do país. Isso só piorou as coisas, e os nativos acabaram entrando em conflitos sangrentos com os colonizadores.

Durante muito tempo esses exploradores, conhecidos como bandeirantes, foram encarados como “heróis” — eram os valentes desbravadores que contribuíram para a construção do país, expandindo suas fronteiras do litoral para oeste. A maioria dos bandeirantes era filho de portugueses com as mulheres índias da terra. No início eles saíam principalmente de São Paulo e dos arredores e viajavam por florestas e rios, ficando historicamente conhecidos como responsáveis pela conquista de grande parte do território brasileiro. As expedições tinham como objetivo predominante capturar os índios e procurar por pedras e metais preciosos, e ocorreram do século XVI ao século XVIII. Depois que os escravos começaram a chegar ao Brasil, os bandeirantes se tornaram responsáveis também pela captura de negros fugitivos.

Essa imagem heroica acabou dando lugar a outra, oposta: os bandeirantes foram, na verdade, indivíduos cruéis e sanguinários que dizimaram milhares de nativos, saquearam aldeias indígenas matando crianças, violentando mulheres, escravizando e tratando a todos como animais, obrigando-os a trabalhos árduos.

Nessa altura, os jesuítas se colocaram contra os interesses dos colonizadores e do governo português e, na intenção de afastar os índios deles, criaram as Missões. Nelas, os nativos, além de passarem pelo processo de catequização, também eram orientados ao trabalho agrícola, que garantia aos jesuítas uma de suas fontes de renda. Mas as Missões acabaram por transformar os índios — antes selvagens e livres, e até mesmo nômades — em sedentários, o que contribuiu decisivamente para facilitar sua captura pelos colonos. Às vezes, tribos inteiras eram dominadas nestas Missões.

Os portugueses, pouco a pouco, foram substituindo a mão de obra indígena pela mão de obra escrava, que vinha das suas colônias na África. Trazidos nos porões dos navios negreiros, amontoados em condições inumanas, muitos negros sequer sobreviviam à travessia, morrendo antes de aportar no Brasil; e seus corpos eram lançados ao mar. No continente, eram vendidos como mercadorias.

Os portugueses começaram a usar o trabalho escravo — dando o primeiro impulso à economia brasileira — nos engenhos do Nordeste, que produziam açúcar. A escravatura brasileira foi regida por crueldade e falta de humanismo, sendo uma das mais longas da História: mais de 350 anos. Quanto aos Jesuítas, ao longo do tempo foram-se perdendo em seus princípios motivadores. Os missionários migraram da pura intenção do Cristianismo para o desejo de alcançar poder e riqueza. Vinte e um anos após a chegada deles ao Brasil, sua rede de ensino já era composta por cinco escolas de instrução elementar — em Porto Seguro, Ilhéus, São Vicente, no Espírito Santo e em São Paulo de Piratininga —, e três Colégios — no Rio de Janeiro, em Pernambuco e na Bahia.

Todas as escolas jesuítas eram regulamentadas por um documento escrito por Inácio de Loyola — fundador da Companhia de Jesus —, o *Ratio Studiorum*. Durante duzentos e dez anos, estes religiosos foram os únicos responsáveis pela educação no Brasil, de 1549 a 1759.

Os jesuítas não se limitaram ao ensino das primeiras lições; havia curso de letras e filosofia, além de teologia e ciências sagradas para formação de sacerdotes. Também era possível estudar gramática latina, humanidades e retórica; lógica, metafísica, moral, matemática, ciências físicas e naturais. Quanto aos profissionais liberais, deveriam seguir para a Europa: a Universidade de Coimbra, em Portugal, e a Universidade de Montpellier, na França.

O século XVIII alvoreceu, e o Brasil era cenário da luta entre a força da Igreja e do governo. Os jesuítas haviam aumentado sua influência e

passaram a usufruir de certa independência em relação ao Estado, e até da própria Igreja Católica, tornando-se eficiente congregação religiosa. Com poder ilimitado, o que era afrontoso, os jesuítas controlavam boa parte dos interesses econômicos nacionais, além das tarefas de cristianização. Os cofres do Estado não refletiam a riqueza e o fausto da Igreja, já que o comércio era de fato dominado por ela, e não pelo Estado.

Em 1750, quando o rei dom João V de Portugal morreu, essa nação encontrava-se em grave crise econômica. Fora isso, um terremoto seguido por tsunami e incêndios deixou milhares de mortos e igrejas destruídas na devota Lisboa, ironia que impactou o pensamento da época uma vez que aconteceu na manhã de 1º de novembro de 1755, Dia de Todos os Santos. Foi uma das maiores tragédias portuguesas da História.

Atrasado em relação às duas grandes potências europeias, França e Inglaterra, Portugal precisava avançar. O novo rei, dom José I, havia nomeado, em 1750, como primeiro-ministro, o futuro Marquês de Pombal, que durante vinte e sete anos comandou a política e a economia portuguesa. Descrito como reformador e autoritário, voluntarioso e despótico, tirano esclarecido, ele se empenhou em vários aspectos, desde reconstruir Lisboa e lançar reformas que visavam transformar Portugal numa metrópole capitalista, como adaptar as diretrizes da Colônia no Brasil, uma peça importante na política econômica de Pombal. Uma das mudanças foi a ampliação das fronteiras, tanto no norte quanto no sul do Brasil, o que levou a um confronto direto com as Missões jesuíticas. Pombal acusou-os de conspirar contra o Estado, e foi além.

Em 1755, os jesuítas não contavam com a promulgação das novas leis que partiram do primeiro-ministro: a declaração da liberdade dos índios no Brasil, que poderiam agora tornar-se cidadãos brasileiros. Pombal incentivou o casamento entre índios e portugueses, uma forma de “europeizar” a América. Era um povoamento estratégico.

Havia forte rivalidade entre as ideias iluministas de Pombal — difundidas rapidamente na Europa — e a educação de base religiosa jesuítica. De forma que ele passou a considerar o afastamento dos jesuítas da região como algo fundamental para assegurar o futuro da América Portuguesa.

Em 1759, a Ordem dos Jesuítas foi expulsa por decreto do Marquês de Pombal, que declarou os jesuítas como “desnaturalizados, proscritos e exterminados” em Portugal e nas suas colônias. A Coroa apropriou-se dos bens da Companhia de Jesus, e no Brasil seguiu-se a deportação dos religiosos para os Estados Pontifícios, outros para a África e outros para prisões em Lisboa. No momento da expulsão havia quase setecentos religiosos na Colônia, que contavam com dezenas de residências, Missões, Colégios e Seminários, além de seminários menores e escolas primárias que vigoravam em todas as cidades onde havia casas da Companhia de Jesus. Um dos missionários do nordeste brasileiro foi condenado pela Inquisição como herege, e queimado vivo em praça pública de Lisboa.

O sentimento antijesuítico do Marquês fê-lo afirmar que todos os males de Portugal se deviam aos jesuítas, ideia que foi acolhida na Europa por outros adversários da Companhia. Assim, os jesuítas foram expulsos de Portugal e do Brasil.

“A educação brasileira, com isso, vivenciou uma grande ruptura do modelo educacional já implantado”, Claire lembrou-se da conclusão de Kilaim. “Com a expulsão dos religiosos, a metodologia eclesiástica foi substituída pelo pensamento pedagógico da escola pública e laica, em Portugal; e deveria ter sido assim também no Brasil. Apesar de o ensino jesuítico ter sido útil no período inicial do processo de colonização, já não conseguia atender aos interesses dos estados modernos em formação, e deveria ser simplesmente eliminado. Nascia o embrião do ‘ensino público’ daqui, uma educação mantida pelo Estado e sem atrelamento a uma Ordem religiosa, mas que até hoje é deficiente.”

“*Alors*, na prática a educação sofreu um grande recuo?”, ela indagara.

“*Oui*. Para você ter ideia, vinte anos após a expulsão dos jesuítas, em toda a Bahia não havia mais que dois professores. Várias escolas foram fechadas e as bibliotecas dos conventos foram abandonadas ou destruídas. Na prática, Pombal não conseguiu substituir a poderosa homogeneidade do sistema jesuítico que estava fundamentado em todo o litoral latifundiário, com ramificações pelas matas e pelo planalto. Era dali que vinham os grandes focos de irradiação da cultura na Colônia. Insatisfeito com os próprios resultados, o marquês atribuiu à Companhia de Jesus todos os males da educação, seja na metrópole ou na Colônia. O controle das Missões acabou passando para os funcionários do governo, as capelas tornaram-se paróquias com vigários nomeados pelo rei, e os indígenas deveriam abandonar os ‘nomes bárbaros’ e serem adequadamente chamados por nomes portugueses. Como cidadãos brasileiros, as línguas nativas foram proibidas aos índios e a língua portuguesa tornou-se obrigatória.”

“E de que adiantou isso tudo?”

“Na visão de Portugal, este seria o fim do ‘atraso’ no Brasil, mas na realidade traduziu-se em grande prejuízo para os povos indígenas e para todos os que residiam aqui, de modo algum solucionando qualquer atraso. Na verdade, o incentivo à miscigenação e o desmantelamento da proposta educacional consolidada não foram seguidos por uma reforma que garantisse um novo sistema eficaz.”

“E o que aconteceu com o Colégio Jesuíta daqui de São Paulo? O do dia 25 de janeiro?”, Claire perguntou, um pouco entristecida.

“Depois que os padres saíram do país, entre 1765 e 1909, o Colégio passou a ser usado para abrigar os governadores e representantes da Coroa Portuguesa. Nesse período, um desmoronamento resultou na perda do precioso patrimônio. Após um longo período — durante o qual a Companhia de Jesus chegou a ser extinta em quase todo o mundo, e

somente depois voltou a ganhar força —, o *Pateo do Collegio* retornou às mãos dos jesuítas, já no século XX. Em 1953, foi-lhes devolvido o sítio histórico da fundação de São Paulo como um dos marcos iniciais da comemoração dos 400 anos da cidade, em 1954. O prédio do palácio dos governadores foi demolido. E hoje há um museu lá, o Museu Anchieta, abrigado numa réplica da construção de 1556, e o *Pateo do Collegio.*"

Claire ficou pensativa. Tudo no mundo era assim, e o ser humano é capaz de tudo. Sempre há uma justificativa. E dão-se indulgências e perdões a quem dificilmente pode obtê-los. Como o poderoso e severo Marquês de Pombal, que liderou Portugal como ditador após um atentado ao rei dom José I e, sendo adepto do absolutismo, castigava inimigos e críticos com penas perpétuas, exílio e morte. Só não foi, ele mesmo, condenado à morte em função da idade avançada, mas terminou seus dias sem conseguir se defender das acusações de corrupção. Retirado em seu palácio, ficou ali até morrer, aos 83 anos.

* * *

Claire saiu da janela e percorreu de novo o bonito *flat* com os olhos. Espaçoso, confortável. Ela se sentia feliz. Percebeu que Kilaim talvez fosse realmente se demorar no banheiro. Ouvia o ruído do chuveiro, e deixou-o quieto consigo mesmo. Resolveu ocupar o tempo desfazendo toda a bagagem e, cantarolando novamente, começou a arrumar tudo dentro do armário do quarto.

Estava entretida nessa tarefa quando a porta do banheiro se abriu numa lufada de vento e um Kilaim com a toalha enrolada na cintura, ainda meio molhado, pés descalços e cabelos escorridos nas costas, saiu em passadas largas e se sentou na poltrona defronte à televisão. Sintonizou num noticiário. Claire olhou para ele muito surpresa, mas em seguida abaixou o rosto, pois o sentia ficando corado. Depois, observando-o de rabo de olho, não disse nada. Continuou na sua tarefa, mas já não estava concentrada.

Ficou olhando para ele disfarçadamente o tempo todo. Não sabia o que dizer, e nem o que fazer, por isso ficou ali inventando coisas para arrumar.

Quanto a Kilaim, nem notou os olhares dela, completamente abstraído com o noticiário, fixo na tela plana.

O português não era muito diferente do espanhol, idioma que ele já falava fluentemente, de modo que antes de saírem para o mercado, meia hora depois, Kilaim já o dominava o suficiente. Embora com um pouco de sotaque. Quanto a Claire, o tal noticiário poderia estar em árabe, que não faria qualquer diferença. Ela estava feliz por ter dobrado cuidadosamente as poucas peças de roupa que trouxera e escapara para o banheiro a fim de arrumar alguns cosméticos na prateleira.

Quando foi pegar a mala de Kilaim para arrumar as coisas dele, ouviu sua voz. Como por encanto a concentração na TV se desfez por alguns segundos, e ele disse:

— Não mexa nas minhas coisas. Farei isso depois. — E acrescentou em seguida, com mais solicitude: — *Merci beaucoup*.

Havia coisas na sua bagagem que era melhor ele mesmo cuidar. Como um exemplar da bíblia negra em aramaico.

Ele se levantou, tirou da bagagem uma roupa parecida com a da viagem, *jeans* e camiseta marrom, e trocou-se ali mesmo. Claire correu de novo para o banheiro e fechou a porta, encostando-se contra ela. Primeiro o sorriso lhe surgiu nos lábios e lá ficou, imutável, enquanto ela arquivava as imagens do corpo dele, forte e perfeito, procurando gravá-las em sua mente. Depois riu baixinho, encantada por ele ter feito aquilo de forma tão simples, como se estivesse acostumado a vida inteira a se despir na frente dela. Aquele despudor e naturalidade a encheram de uma alegria perplexa que pulsava.

Olhou-se no espelho. Por que ele a escolhera? Ela era bem comum, por sinal, em sua avaliação. Não muito alta — 1,67 metro —, cabelos castanho-claros, lisos e cortados na altura do queixo, um rosto bonito, é verdade, e olhos azuis espetaculares. Mas havia uma infinidade de outros rostos e

olhos mais bonitos que os dela, os quais Kilaim poderia escolher sem nenhum esforço. E quanto a seu corpo? Estava magra demais, ainda convalescente. Sem falar naquela enorme cicatriz no meio do peito, que nunca a incomodara, pois significava uma marca de saúde e vida, mas que, naquele momento, deixou-a insegura.

"Ah…!"

E era um muxoxo de incômodo. Abriu a torneira, jogou água no rosto. E se ele não gostasse de seu corpo?

"E se ele não me julgar atraente para… *ah*!"

Aquilo a encheu de um sentimento inquietante, gelado, como se mergulhasse de repente num lago de dúvidas em meio a *icebergs*. Ela não tinha pensado nessa possibilidade até ver Kilaim nu na sala do *flat*.

O máximo que ela podia fazer, no momento, era não pensar no assunto. Uma coisa de cada vez. Lavou o rosto, penteou o cabelo, passou um batonzinho e, feito isto, foi ao encontro de Kilaim, já pronto. Os dois fecharam a porta do quarto, desceram de elevador e saíram a pé, de mãos dadas. Nunca tinham passeado assim antes, de mãos dadas, e sorriam um para o outro. Claire foi completamente inundada por uma felicidade que quase lhe tirava o fôlego, e o sentimento da alma se estampou em seu rosto e olhos. Se ela imaginasse como ele a julgava absolutamente atraente quando estava assim feliz, não precisaria ter pulado no lago dos *icebergs*, e nem sentir qualquer insegurança.

Kilaim se sentia igualmente realizado segurando a mãozinha de Claire na sua; mesmo assim, continuamente avaliava o ambiente com olhos de lince, à procura de qualquer sinal de perigo. Não parecia assustador. Pelo contrário, até sentia-se livre e em paz.

* * *

Eram mais ou menos nove horas da manhã e o trânsito, de repente, tinha ficado caótico na Alameda Rio Negro. Caminharam pela calçada até

poderem atravessar na faixa de pedestres. Os motoristas brasileiros raramente paravam para os pedestres, isso eles verificaram logo. O farol não dava para atravessar de uma só vez os dois lados da avenida, separados pelo grande canteiro central cheio de árvores. Então eles esperaram mais uma vez, no meio do canteiro, ao lado de outros brasileiros vestidos para o trabalho, ansiosos em dar andamento ao seu dia.

Claire olhava-os com curiosidade, avaliando o rosto das pessoas, sorrindo ora para um, ora para outro, dando bom-dia em inglês. De vez em quando recebia uma resposta:

— *Good morning*!

O relógio no centro do canteiro informava não só as horas, mas também a temperatura: 22 graus.

— Está quente — Kilaim comentou, apontando o relógio. — E vai esquentar mais.

— Gosto bastante de calor. Era coisa do meu pai, que sofria com a neve, os ventos e as baixas temperaturas. Acho que foi por isso que acabei gostando mais do calor que do frio.

— Você era muito apegada a ele, *n'est-ce pas*?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Mais que com minha mãe, é verdade — respondeu.

— *Alors*, você vai se divertir por aqui.

No mercado, Claire ficou um pouco decepcionada por não encontrar tantos produtos frescos quanto gostaria, especialmente verduras e ervas.

— É uma pena, teremos que comprar a maior parte dos temperos em vidrinhos.

Mas logo em seguida já estava animada outra vez, colocando algumas frutas no carrinho.

— Olha, Kim! *Vários* tipos de mangas! — E ia recitando: — Tommy… Palmer… Haden… — Então olhava para o lado: — E vários tipos de bananas: Nanica, Prata, Maçã, Ouro… qual você prefere?

— Sabia que entre as espécies cultivadas e as selvagens, são quase mil tipos de banana espalhadas pelo mundo? As *Musas*.

— *Musas*? O que é isso?

Ele riu.

— É o nome científico da banana. Elas têm os mais variados tamanhos, desde esta aqui — ele pegou a pequena banana-ouro brasileira —, a adorável *Musa sapientum*, que não ultrapassa 10 centímetros e 50 gramas.

— E qual é a maior?

— A *Musa ingens*, das florestas da Nova Guiné. Quase um quilo e 50 centímetros de comprimento.

— *Oh lala*! — E Claire desatou na risada. — É incrível o tipo de coisas que você sabe. Quem poderia imaginar uma aula sobre bananas em pleno Brasil?

— Alguns historiadores acreditam que ela possa ser a fruta mais antiga do Mundo. Provavelmente veio do sudeste asiático pelas mãos dos romanos, chegando à Europa ainda antes da Era Cristã. A novidade aportou no Brasil pelas mãos dos portugueses, embora haja relatos de espécies nativas por aqui. Ela está tão adaptada ao clima do país e ao paladar do brasileiro, que eles consomem 27 quilos de banana por ano, 16 a mais que a média mundial.

— *Alors*, qual pegamos?

— Pegue um pouco de cada para experimentar!

Além das bananas e mangas, os dois escolheram um melão Cantaloupe, algumas uvas Thompson, meia melancia já cortada, uma dúzia de laranjas-pera para fazer suco e uma caixa de figos. Entretiveram-se bastante com as compras, procurando os melhores produtos. Foi o primeiro momento de real descontração para Kilaim, que acompanhava a namorada dando sugestões. Depois Claire escolheu as batatas — olhando bem uma a uma —, também cebola, alho, coentro, cebolinha, pimenta-do-reino, limão, além de vegetais variados. Pegou um vidro de palmito e outro de alcaparras. Por fim, parada

diante das prateleiras onde estavam outros temperos e especiarias, escolheu com cuidado por algum tempo.

— Olha só, encontrei esse frasco de *Herbes de Provence*. Claro que não vai ser como o original, mas talvez quebre o galho. E *curry*. Fica bom com tudo, e realça o sabor! Já experimentou sal rosa do Himalaia?

— Meu pai era fã.

— Mas e você?

— Não vejo muita diferença.

Claire já havia notado certa indisposição na maneira como Kilaim fazia menção ao pai. Era bem diferente quando ele falava da mãe. Mas ela não fez comentário algum.

— O sal rosa do Himalaia é simplesmente o sal mais puro existente no planeta. Ele não passa por nenhum tipo de refinamento. — Ela estava contente por poder dar, ao menos, uma aula sobre algum assunto. — Ele é livre de toxinas e poluentes, e vem mesmo do Himalaia, dos depósitos de sal que se acumularam por milhares de anos, antes da formação da cordilheira. O Oceano Thétys, localizado na região atual da Índia e que desapareceu com a movimentação dos continentes, é considerado o responsável pelo sal que acabou ficando acumulado a mais de três mil metros de altitude. Por isso ele é conhecido como “sal das montanhas”.

— E essa cor? — perguntou Kilaim, querendo ver o que ela diria.

— A cor rosa vem dos altos índices de minerais em sua composição, o que mostra a sua pureza e valor nutritivo. Ele tem oitenta e quatro minerais importantes ao bom funcionamento do organismo. Com o passar do tempo, ele vai ficando alaranjado.

— Ah, disso eu não sabia.

Claire ficou radiante, e tirou da prateleira um frasco grande e lindamente róseo do sal do Himalaia.

— Que bom encontrarmos isso!

Na sessão de carnes, decidiram-se pelo peixe — filés de *Saint Peter* —, que estava com aparência bem bonita.

— Vamos fazer esse peixe com ervas e especiarias, batatas assadas e legumes, arroz integral e frutas de sobremesa — falou Claire com entusiasmo. — Você gosta?

Ele estalou a língua, e aquilo dizia tudo. Claro que *hamburgers* com batatas fritas e refrigerante também estaria bom, mas a ocasião pedia algo mais elaborado. Mesmo assim procurou algumas coisas boas para o paladar, como *biscuits* recheados, salgadinhos e cerveja escura, colocando um bom estoque no carrinho, ao lado das frutas.

— Cuidado com as gorduras hidrogenadas — brincou Claire, olhando para os *biscuits* e salgadinhos.

Era um gesto de delicadeza e preocupação para com ele, ao invés de policiamento, já que ela estava em franco frenesi por ter encontrado queijo *cottage* e leite fermentado na sessão de laticínios. Ele sorriu.

“Com razão”, pensou. “Costuma comer direito em virtude de sua doença.”

Antes de passarem no caixa escolheram algumas panelas, *tupperwares*, uma forma refratária, um conjunto de pratos e um jogo barato de talheres, o único que havia disponível. Kilaim lembrou-se de pegar alguns copos de vidro, garrafas de suco industrializado, água e refrigerantes.

— Guaraná *Antarctica* — Ele tirou da prateleira uma lata verde de refrigerante, observando. — Com açaí. Estranho, *hã*? Que gosto será que tem?

— O que é açaí?

— Uma frutinha que se pode achar em boa parte da América do Sul e Central. Aqui no Brasil ela é produzida principalmente na Amazônia e em outros estados do norte do Brasil.

— Como sabe tudo isso?

— Nada que uma boa leitura pré-viagem não resolva — Kilaim falou, com certo orgulho. — Tenho muita facilidade para memorizar coisas.

— Estou percebendo — ela respondeu com admiração.

— *Bien*, quanto à sua pergunta sobre o açaí, ele tem alto valor nutritivo e é bem importante na dieta dos nortistas. É colhido diretamente dos açaizeiros, uma palmeira tropical muito alta. Os trabalhadores sobem nas árvores apenas com o auxílio de um trançado de folhas da própria palmeira amarrado nos pés, na época de colheita. Para ser consumido, o açaí é despolpado, amassado manualmente e misturado com água para virar um suco grosso: o vinho do açaí. Nesse ponto ele pode ser usado na forma de bebidas, mas também no preparo de doces, geleias e sorvetes. Na Amazônia, o açaí é consumido tradicionalmente junto com farinha de mandioca ou tapioca, de preferência gelado. Mas também se pode fazer um pirão de açaí com farinha para acompanhar peixe assado e camarão. Aqui no sudeste do Brasil, onde nós estamos, o açaí chega principalmente na forma de polpa congelada, que é batida com xarope de guaraná e resulta numa pasta parecida com sorvete. Essa pasta é servida com frutas e cereais, e é conhecido como “açaí na tigela”. Caiu no gosto de esportistas, dadas as propriedades nutritivas e poder estimulante semelhante ao café ou bebidas energéticas, e também ganhou força em todo o litoral. É muito saudável. Vai ser ótimo para ajudar na sua recuperação.

Claire ficou boquiaberta.

— Não é possível que tenha decorado tudo isso só de alguns dias para cá.

— Quando estamos nos inteirando sobre um país novo encontramos várias outras informações, não tão importantes, pelo caminho.

— Imagine se tivesse importância.

— Vamos procurar a polpa na sessão de congelados. Quanto ao guaraná com açaí, vamos levar?

Ele foi pegando várias latas.

— Eu não tomo refrigerante, mas posso provar. Acho que duvido um pouco do valor nutritivo do açaí em refrigerantes — ela brincou. — Mas hoje é dia de celebração. E a tal pasta de açaí… será que não conseguimos encontrá-la? Você disse que é boa para comer na tigela com frutas e cereais.

— A pasta é mais comum em lanchonetes de produtos naturais. Com certeza vamos achar. Mas, por ora, levamos a polpa para fazer suco. Teremos que arrumar um liquidificador. Pena que aqui não tem.

— Podemos fazer o suco, ou, quem sabe, um pudim de açaí. Você disse que serve para fazer doces.

— *Va bene*! Por sinal, Claire, falando em valor nutricional — já que você citou as gorduras hidrogenadas —, apesar do alto teor de gordura do açaí, trata-se em grande parte de gorduras monoinsaturadas, do mesmo tipo do abacate e do azeite de oliva, e também poli-insaturadas, como as encontradas no salmão. São as gorduras benéficas, que auxiliam na redução do colesterol ruim e no aumento do bom, e que…

— As monoinsaturadas diminuem o LDL e aumentam o HDL. Já as poli-insaturadas diminuem os triglicerídeos. Isso eu sei! Como não saber, aliás, *n'est-ce pas*? Contribui para a prevenção de doenças cardiovasculares.

— É isso. Portanto, é bom para você, que precisa se alimentar bem e ganhar mais um pouco de peso.

— *Tu est trés mignon*, Kim — fez Claire com ternura, passando a mão no rosto dele. — Fofo…

O elogio fez Kilaim sentir seu rosto ruborizando. E não conteve um sorriso gentil em retribuição. Ele percebia que era uma grande responsabilidade, mas igualmente um prazer tomar conta de Claire.

— Vamos escolher um bom azeite de oliva extravirgem — ele disse, para disfarçar. — Também é ótima fonte de gorduras boas.

Em seguida, enquanto ela voltava para a sessão de frutas e legumes, em busca de cenouras, que esquecera, ele ficou um bom tempo no corredor de doces. Queria escolher uma caixa de bombons para presenteá-la. Mais uma

vez, viu que não havia muitas opções. Seria mais fácil encontrar algo de qualidade em casas especializadas. Mesmo assim, olhou e olhou, e por fim decidiu-se por uma caixinha de Ferrero Rocher.

Ao reencontrá-la, estendeu a caixa, sentindo-se subitamente encabulado. Outra vez. Claire abriu um sorriso lindo, os olhos transparentes brilharam de alegria, e Kilaim não sabia o que dizer. Timidez ainda era algo novo para ele.

— Gostou? Não sei se são bons.

— É claro que são! — Ela apertou a mão dele enquanto olhava para a caixa com bombons embrulhados em papel dourado. E deu um selinho nele.

A última aquisição foi uma garrafa de *champagne rosé*. Claire fazia questão de que fosse suave. Diferente de Kilaim, que teria preferido um *Brut*, mas não ligou em tomar o *rosé*.

Depois de pagar pela compra, ficou claro que era muita coisa para carregar até o *flat*, de modo que o jovem chamou um táxi. Ele sabia o número do ponto de táxi mais próximo de cor, o que surpreendeu Claire novamente. Ainda mais do que ouvi-lo falar um português praticamente perfeito.

— *Mon Dieu*, que memória você tem… sem mencionar a aula de açaí e de bananas.

Kilaim acabou rindo da expressão estampada no rosto dela. Ele tinha a impressão de que nunca havia rido e sorrido tanto na vida como desde a véspera, desde que Claire dissera que viria com ele para o Brasil. Era algo novo. Como se, de repente, descobrisse uma fonte nova a jorrar do seu interior, totalmente desconhecida.

Chegando ao apartamento, colocaram tudo sobre a pequena mesa, guardando primeiro os itens de geladeira, que ficou abarrotada.

— Esqueci-me de comprar uns jornais — notou Kilaim. — Não posso ficar sem eles.

— *Allez*! Vamos comprá-los!

— *D´accord* — ele respondeu. Mas depois, conjecturando, olhou para ela preocupado. — Você não está muito cansada?

— *Mais non*. Vamos a pé ao *shopping* aqui em frente.

Saíram novamente, animados e falando sem parar, fazendo planos. Esperaram na faixa de pedestres como antes. O sol agora estava ardido. Claire virou o rosto para cima, fechando os olhos, deixando os raios baterem direto na face.

— Oh, ontem mesmo era pleno inverno em Lyon, e agora estamos aqui, nessa terra tropical! Oh, *merci, mon Dieu*!

Algumas pessoas olharam para ela com simpatia, sem entender o que dizia, mas percebendo sua contagiante alegria.

— *Morning*! — cumprimentou Claire, olhando as pessoas ao redor, como fizera mais cedo.

— *Shhh*. Não fique falando com estranhos — admoestou Kilaim dessa vez.

— Mas, *porquoi*? Que mal tem nisso? Você está aqui comigo, e ninguém vai me maltratar.

Kilaim não soube encontrar uma boa resposta, por isso deu de ombros, e deixou-a em paz com seus cumprimentos. Atravessaram a Rio Negro de novo, a passos largos, dando uma corridinha. Subiram os degraus que davam na entrada do *shopping*. Havia uma revistaria logo ali. Ficaram algum tempo olhando o que havia, mas Claire logo se desinteressou, já que não entendia as manchetes. Sentou-se no Café ao lado e pediu um suco em inglês.

As moças do balcão ficaram olhando. Ninguém entendeu.

Ela fez um gesto de “já volto”, e correu atrás de Kilaim para perguntar como pedir.

— Eu peço para você — respondeu ele.

— *Non*, eu é que quero pedir. Diga-me como é.

— “Me vê aí rapidinho um suco de laranja”! — ele falou bem rápido.

Foi a vez de Claire ficar olhando sem entender, até que ambos riram.

— É brincadeira — disse Kilaim. — Diga: “Um suco de laranja, por favor”.

— Um suco de *laranjua*, porr… favorr.

Desta vez, foi atendida com simpatia. Sentou-se, satisfeita, e ficou olhando as pessoas passarem com extrema atenção, avaliando o modo como se vestiam e se comportavam, sorrindo sempre que podia. Quanto a Kilaim, recolheu os jornais, a Revista *Veja* e uma *Marie Claire* para Claire.

Enquanto pagava, bateu os olhos em alguns livros numa prateleira perto do caixa. Eram livros bem populares. Ele reconheceu um volume de J. K. Rowling, *Harry Potter and the Prisoner of Azkaban*; *Breaking Dawn*, de Stephenie Meyer; *Millenium — The Girl with the Dragon Tattoo*, de Stieg Larsson; *Eat, Pray, Love*, de Elizabeth Gilbert. E chamou-lhe atenção, pela capa, um livro de autores brasileiros: *Filho do Fogo*, de Daniel e Isabela Mastral.

Estupefato, Kilaim foi esticando a cabeça e estreitando os olhos, subitamente esquecido de onde estava, e do que fazia. Assim que recebeu o troco, teve que chegar mais perto para olhar.

— *Filho do Fogo*. Mas não é possível! É o livro do desertor… é *mesmo* o livro dele. *Cet type*! — grunhiu Kilaim, baixo, entredentes.

Pegou o volume para folhear. Tinha ouvido falar muito nele. Daniel Mastral. Que fora perseguido implacavelmente pela Organização depois de ter feito parte dela. Uma peça-chave ele era lá dentro, e se tornou quase uma lenda. Tinha simplesmente jogado tudo para o alto, tudo no lixo, para servir o Deus dos cristãos.

Pela mente de Kilaim passaram em sequência ultrarrápida, turbulenta, todas as histórias que ouvira sobre aquele estranho homem que estava predestinado a ser um dos chifres da Besta.

“Ele deixou tudo para trás, fugiu…”, refletia Kilaim.

O mais intrigante era que nenhum dos mais poderosos encantamentos da Organização fora capaz de derrubá-lo, segundo se contava. A ele e a tal da Isabela Mastral, sua esposa. Escaparam dos terríveis ataques.

"Esse livro… *bullshit*…"

Kilaim não parou para pensar que estava fazendo a mesma coisa, isto é, afastava-se da Organização. A única coisa que conseguia sentir era o que sempre sentira: irritava-se com o fato de alguém ter tido a coragem de revelar segredos da Organização, de publicá-los, e não pagar caro por isso. Ou seja, com a própria morte, regada de agonizantes sofrimentos.

Tão entretido estava, que nem viu Claire se aproximar.

— Achou algo interessante? — ela indagou, esticando a cabeça.

— *Hã*?

Ele parecia estar em outro mundo. Olhou para Claire sem enxergá-la.

— O que foi? — voltou ela, aflita. — Aconteceu alguma coisa?

Kilaim não respondeu. Ela pegou o livro da mão dele.

— O que é isso? *Filiô… de Fogô*?

Ele achou por bem tomar logo as rédeas da situação.

— Isso não é importante. — Pegou o volume e o devolveu à estante. — *Allez*. Você não gostaria de comprar um livro de culinária? Haverá uma livraria por aqui?

Claire não perguntou mais nada, porém arquivou na mente a capa do livro: um pentagrama em um chão de pedra, rachado pelo meio, e fumaça saindo de dentro dele.

"Será que tem algo a ver com a tal da Organização?", indagou-se Claire, em silêncio.

Ela percebeu que, durante um tempo, Kilaim ficou quieto, distante, respondendo por monossílabos. Passearam um pouco, olhando as lojas, mas o rapaz estava estranho. Como não houvesse livraria disponível naquele *shopping*, que era muito pequeno, um livro de Jamie Oliver — que era o que Claire queria — estava momentaneamente fora de questão.

— Sabe que estou ficando com fome? Aquela comida de avião não dá para nada. E se a gente comesse algo naquele *restaurantezinho* por quilo no final do corredor? Vai demorar para cozinhar o que compramos.

Claire concordou.

Depois da refeição, comeram o lendário brigadeiro brasileiro que é capaz de conquistar qualquer estrangeiro; e com eles não foi diferente. Comeram o que aguentaram, e levaram o restante para viagem, arrematando o estoque do restaurante.

De novo na rua o cansaço da viagem de súbito bateu em Claire, firme e calorento, e ela pediu para voltarem ao *flat*.

— Vamos indo? Agora estou bem cansada.

— Você está bem? — perguntou Kilaim aflito, saindo de seu mutismo e passando a mão pelos cabelos dela.

— Estou, estou. É só cansaço mesmo — Claire ofereceu-lhe seu sorriso, tocando nas mãos dele de volta.

Era quase meio-dia, e a temperatura estava em 31 graus. Não estava muito agradável agora, quente demais.

Chegando ao *flat*, acalorada, Claire entrou direto no chuveiro, deixando a água morna bater direto no rosto durante bastante tempo. Quando saiu, Kilaim estava imerso em sua leitura, não parecendo nem um pouco cansado.

Exausta, ela se deixou cair na espaçosa cama de casal, coberta apenas com o lençol, e dormiu durante várias horas. O corpo, pesado como chumbo, derreteu-se, insensível e quieto. Foi um sono profundo, sem sonhos.

* * *

Quando Claire acordou, era já final da tarde.

Levou um pouco de tempo para se situar. O quarto de paredes alvas, cor de salmão, exibiam dois quadros que ela não conhecia. Pinturas de flores e

paisagens malfeitas, meio borradas e subjetivas, numa tentativa de imitar o expressionismo. Na parede da direita havia a janela, coberta por cortinas claras, e na parede da esquerda, o armário embutido. Ela se mexeu, sentindo um colchão bem firme, diferente. Pela porta entreaberta podia escutar o som da televisão baixinho, numa língua desconhecida. Ela se lembrou, então, e a lembrança parecia um sonho, sua imagem flutuante e translúcida ganhando contornos de realidade novamente. Claire sorriu, espreguiçando-se.

Nesse instante, Kilaim enfiou a cabeça no vão da porta. Olhou com cuidado e, ao vê-la desperta, foi entrando.

— Vim vê-la duas ou três vezes, para checar se estava bem. Agora você acordou! Dormiu bem?

— Muito bem, *merci* — Claire falou, e recebeu de volta um sorriso afetuoso.

Kilaim havia trocado de roupa — usava agora uma surrada calça de moletom azul-escuro, e uma camiseta simples, branca, com logotipo da Levi's. Os cabelos estavam soltos, lisos e escuros, despenteados. A luz do pequeno *hall* que antecedia o quarto desenhou um caminho suave de luz no carpete.

— Não quis acordá-la. Você parecia um anjo dormindo. — Apesar da comparação, tão distante da sua realidade ao lado dos demônios, Kilaim não encontrou definição melhor.

Ele se sentou ao lado dela na cama, e a olhava profundamente. Estava linda com aquele arzinho de quem acabou de acordar.

— E você? — ela indagou de volta, um pouco encabulada por ser olhada com tanta intensidade. — Não dormiu nada?

— Ainda não. Ainda estou muito *aufgeregt*!

— *Quoi*? — Ela riu.

— Ah, *pardon*. Quis dizer que estou agitado.

— *Porquoi* você faz sempre assim? Mistura expressões em outros idiomas?

— Acho que é só vício. Nem me dou conta.

— Quantas línguas você fala?

— Praticamente qualquer uma que eu queira. É muito fácil para mim.

Ele falou sem nenhuma ponta de exibicionismo.

— Você é muito inteligente. Até demais! Haveria de querer uma mulher mais inteligente do que eu como companheira — ela acrescentou, fazendo um pequeno bico com os lábios.

— É isso que você acha?

— E não é?

Kilaim observou os lábios cheios de Claire movimentarem-se num riso franco e fácil que mostrava seus dentes alvos. Quando ela ria assim, na mente de Kilaim vinha sempre a ideia de um pássaro colorido; não sabia por quê. Ela se sentou na cama e apoiou as costas no travesseiro, que colocou em pé. Os cabelos castanho-claros estavam desalinhados, caindo no rosto, e quando ela se ergueu Kilaim pôde perceber claramente o contorno dos seios contra a camiseta, e o movimento macio deles.

O desejo que o perseguia em ondas desde o avião — ora quase desaparecendo, ora aflorando num jato de pura excitação — foi imediato e avassalador.

— Preciso de uma mulher que fale uma língua, apenas uma: a da linguagem corporal.

E ele mostrou a que se referia, surpreendendo Claire com um beijo incandescente, um movimento delicioso da língua, e braços que puxaram seu quadril para frente com força. Claire viu-se enredando os dedos nos cabelos de Kilaim, atraindo-o para si sem conseguir pensar. O lençol que ainda cobria as pernas de Claire foi empurrado para longe, e Kilaim, tomado por sensações completamente desconhecidas, pressionou seu corpo contra o corpo quente dela, puxando sua coxa e trazendo-a para si.

— Kim… — murmurou Claire, sem fôlego, agora um pouco assustada com a rapidez de tudo aquilo. — Kim, espera…

Ele não deu atenção, beijando-a ainda mais fundo.

— Kim… Kim… eu nunca…

Kilaim ergueu a cabeça e olhou dentro dos olhos de Claire, desta vez, surpreso. A pressão do corpo dele diminuiu um pouco, e sorriu levemente. Então tocou o pescoço de Claire com os lábios, mais lentamente, em meio a carícias delicadas. Retirou a camiseta dela em silêncio, depois o *short* que usava e a *lingerie* azul-bebê. Ele olhou a cicatriz longitudinal que cobria o seu peito, e passou os dedos de leve por toda sua extensão.

— Dói? — perguntou.

— Quase nada — ela respondeu, num fio de voz.

Kilaim admirou-a com atenção, na penumbra do quarto. Os belos contornos de suas pernas, apesar da perda de peso, e a barriga macia, a curvatura do quadril. Seu pescoço era suave e delicado, e pela primeira vez viu o desenho bem-feito das clavículas, uma das partes que ele achou mais lindas. O olhar demorado deixou Claire com o coração batendo forte e as palmas das mãos frias, ainda tímida, esperando que ele a conduzisse. Cobria de leve os seios com as mãos, e Kilaim pegou uma mão de cada vez, entrelaçou seus dedos nos dela. Ele sorriu.

— Você é muito linda…

Tocou a boca dela devagar com os lábios, o pescoço, e de repente em Claire havia um calor incompreensível, e seu corpo começou a responder com movimentos quase involuntários, impossíveis de parar; era como mergulhar num profundo mar, quente e fluido. Todo o receio esvaiu-se como que levado por uma cascata, para bem longe.

Kilaim ergueu-se depressa, olhos fitos nela, e em segundos jogou longe suas próprias roupas, com displicência.

— Só sente… só se entrega… — ele disse baixinho.

O beijo queimava. O calor dele, das suas mãos. Ela se viu correspondendo a todo aquele fogo, enlaçando-o com as pernas e apertando os dedos em suas costas. De repente, seu corpo se movia sozinho.

4

Calme

Zor desceu pela escada que ficava escondida detrás da última estante da biblioteca — naquela sala, de pé-direito muito alto, ele estivera com Kilaim pela última vez.

Como todo sumo sacerdote da Organização, ele tinha em sua residência um salão subterrâneo oculto, especialmente reservado para rituais e invocações pessoais. Mais uma vez era uma alusão profana ao Santo dos Santos, local sagrado do Tabernáculo, e, posteriormente, do Templo de Jerusalém. No Santo dos Santos, uma vez ao ano, o sumo sacerdote escolhido por Deus era convidado a entrar, no dia da Grande Expiação. Ali se manifestava a *Shekinah* — a presença palpável da Glória de Deus.

Zor deu os últimos passos que antecediam o salão negro, e foi envolvido por sua energia. Aquele era um lugar auspicioso, estrategicamente planejado segundo a numerologia cabalística e outros inúmeros detalhes, onde poderiam se materializar os demônios diante do sumo sacerdote da Sombra.

Zor olhou para a cruz invertida, iluminada suavemente pela luz das velas que nunca se apagavam. Elas eram feitas de gordura animal e gordura

humana, extraídas dos corpos utilizados nos rituais com sacrifício, e duravam exatos quarenta dias até queimar totalmente.

O pentagrama também estava iluminado com a luz mortiça das velas, bem como parte dos muitos desenhos esotéricos espalhados pelas paredes e as palavras em aramaico. O chão, de mármore, era coberto por vários tapetes persas originais, espessos e com incríveis desenhos, e havia um principal, de pele de urso. De um lado e de outro do salão, uma cabeça de leão e uma de tigre, empalhadas. Eram animais que, junto com o urso, simbolizavam força, poder e ferocidade.

No centro do salão estavam os tronos. Nove. De três metros de altura, esculpidos em madeira-de-lei muito polida e revestidos com estofamento de veludo vermelho, eram capazes de comportar verdadeiros gigantes. As pedras preciosas chamavam a atenção pelo seu brilho e qualidade, e também os apoios para os braços — totalmente folheados a ouro, terminando num formato de mãos humanas com garras.

Quatro destes tronos eram para os quatro grandes príncipes do inferno, Belzebu, Asmodeo, Astaroth e Leviathan — os principados mais poderosos e de maior hierarquia —; e outros quatro destinavam-se aos seus principais escudeiros.

O nono — o principal — era para o próprio Lucipher. Feito de madeira da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal: o carvalho.

As bases eram como patas de urso, com garras à mostra, e eram nove ao todo. Três de cada lado, dois na frente, e um atrás. No espaldar alto, havia um crânio humano entalhado, bem como o número 666 dentro de um triângulo, e um pentagrama abaixo deste. O apoio dos braços terminava numa cabeça de bode com chifres e o estofamento do trono era púrpura, da mesma cor do manto que foi dado a Jesus para vestir, durante seu flagelo, junto com a coroa de espinhos.

Dependendo da entidade que viesse a se apresentar ao sumo sacerdote, ocupava um ou outro trono no salão, de acordo com sua posição

hierárquica. Para Zor, e possíveis convidados humanos, havia mesas, poltronas e sofás espalhados pelo salão. Tudo esbanjava o luxo e a riqueza que cabiam somente aos governantes deste Mundo. Era como uma sala presidencial, um local para audiências da alta cúpula dos poderes das Trevas.

O silêncio fazia-se sepulcral. Quando Zor caminhou, cruzando o salão, até mesmo suas passadas soavam quase inaudíveis. Ele se aproximou da porta do sacrário — semelhante a um pequeno cofre como o que é usado pela igreja Católica. Com a diferença de que o sacrário negro era todo de ouro, muito ornamentado. Ali ficava guardada a taça com o sangue do último sacrifício, misturado com um pouco de anticoagulante para que permanecesse na forma líquida. A taça que Zor retirou, de ouro puro, se assemelhava ao cálice com tampa usado em igrejas católicas para guardar as hóstias, o cibório.

Zor abriu o cibório e tocou o líquido escuro com a ponta do dedo, fazendo, em seguida, o desenho de uma cruz invertida na testa.

— Pelo sangue dos mortos eu evoco o senhor da Sombra, para que dê força à minha vida e me proteja na escuridão do seu manto.

Guardou o cálice e selou o sacrário. Especificou o nome das entidades com quem desejava conversar, e esperou. O silêncio continuava denso, parado.

— "*Vaoan*! *Zodacare, eca, od zodameranu*! *Zodoreje, lape zodiredo Noco Mada, hoathahe Saitan*!" — falou o sumo sacerdote Zor quando percebeu a presença dos três poderosos principados. A energia deles era intensa, quase palpável, e o ar ficou impregnado por aquela mescla de odores característicos.

Abadom. Belphegor. Behemoth. Não havia ainda necessidade de incomodar os grandes príncipes com aquele assunto. Zor ergueu a vista para os demônios. Eles estavam lá. Materializados, grandes, fortes.

— *Cicale qaa* — falou Zor, saudando. — Poder à força! Que a Sombra me cubra.

Como nenhum deles tinha direito de ocupar os tronos, permaneceram em pé, lado a lado. Zor também permaneceu em pé.

— Por que nos chamaste? — indagou Abadom, o destruidor, cravando olhos penetrantes no fundo dos olhos de Zor e exalando nuvens de vapor gelado de sua boca.

O sumo sacerdote sentiu o frio intenso que emanava dele, e da simples presença dos demais. Notava-se que os demônios esperavam um assunto deveras importante.

— A questão é Kilaim — explicou Zor em tom firme, devolvendo o olhar a Abadom.

— Não há motivo para preocupação — afirmou Abadom sem preâmbulos, a voz em timbre muito grave, reverberante. — Permitimos que ele "saísse". Ou você acha que Kilaim pode fazer alguma coisa escondido, que nos escape ao conhecimento? É evidente que percebemos sua mudança desde antes da *Saturnália* e desse *ultimatum* que ele pensa que deu. Suas atitudes já vinham estranhas. Ou vá dizer que o sumo não percebeu?

— *Bien sûr*, decerto que notei. Tentei demovê-lo. Dissuadi-lo da tentativa de ir atrás daquela *meuf*. — Zor deu um longo suspiro, uma mistura de irritação e desdém. — Imaginei que ele me daria ouvidos. Ou, pelo menos, daria ouvidos ao Grande Príncipe. Mas ele é muito teimoso.

Abadom continuava fixando em Zor olhos poderosos. Suas mãos estavam cruzadas sobre o peito — mãos tatuadas com figuras de serpente —, e os antebraços mostravam seus adornos: braceletes de ouro vazados por diversas figuras. Não estava usando o costumeiro manto que o cobria, de modo que Zor podia ver a cabeça raspada dos dois lados e o couro cabeludo com palavras tatuadas em uma linguagem que não se conhecia na Terra. O resto do cabelo, como um moicano, descia do alto da cabeça até a cauda.

— A cobiça, por si só, é uma virtude — continuou Abadom, juntando as espessas sobrancelhas. — Deixe-o cobiçar essa moça, por ora. Kill não é alguém que possamos manejar facilmente. Ainda. Está muito acostumado a receber privilégios, e pensa que pode ditar ordens. As asas dele precisam de uma “poda”, mas feita com classe. E no tempo certo.

O ambiente estava ainda mais gelado, e das narinas de Zor agora também saíam fiapos de vapor a cada expiração. Ele se aconchegou melhor em sua própria capa. Abadom exalava a frieza da morte, sugando toda a energia térmica do ambiente.

— A direção do Grande Príncipe é esta: vamos deixá-lo por si só — o demônio concluiu. — Vamos ver até onde essa história ridícula chega.

— *My lord* não julga por demais arriscado? Não seria mais conveniente intervirmos antes?

— São as diretrizes do Grande Príncipe — atalhou Belphegor, o minotauro, pela primeira vez. — Assim foi dito, assim vai ser. Kill é filho dele, ensinado por ele desde a tenra idade. Quem melhor para dizer o que fazer nesse momento?

Zor se remexeu, incomodado, e mordeu discretamente o lábio superior. Se dependesse dele, deflagraria imediatamente as estratégias que reconduziriam de volta à Organização aquele inconsequente. Nada como colocar uma pessoa contra a parede, e torturá-la um pouco. Isso o Grupo sabia fazer com grande maestria. Logo Kilaim acabaria num beco sem saída, onde haveria apenas uma de duas escolhas: ou retornar, ou morrer.

Morrer pelas mãos das entidades não era agradável.

— Ninguém sai daqui desse jeito. Ninguém vira as costas para nós — grunhiu Zor, pesado, ainda descontente. Sentia-se pessoalmente ofendido pela atitude de Kilaim. — Não haveria de ser esse *gamim*, esse jovem mimado até as orelhas, a ditar as novas regras por aqui — fez uma pausa incômoda, e por fim, aquiesceu. — Entretanto, vou acatar as ordens do Príncipe; e esperar.

— Não se preocupe — volveu Belphegor, dando um sorriso. — Deixe-o desfrutar da experiência. Logo estará arrependido do que fez. Ela não vale isso tudo, não vale o que ele está jogando para o alto.

O demônio meio homem-meio touro, capaz de uma fúria sem limites, era muito grande. A aparência negra, suas enormes narinas que resfolegavam e a língua bifurcada de serpente impunham respeito.

— Kill vai cair do pedestal onde se colocou, e se estatelar num chão de pedra. — Para dar mais ênfase ao que dizia, a entidade movimentou suas duas caudas num rápido movimento de chicote, enquanto as garras ficavam à mostra.

— Nós deveríamos ter acabado com essa menina de uma vez, ainda mesmo no hospital — reclamou Zor. — Isso, *oui*, teria sido a coisa certa.

— Eu teria me divertido bastante — disse Abadom com um sorriso cruel. — Mas não será preciso usar de recursos tão drásticos. Aguarde, e você verá. Kill em breve terá tanto ódio dessa tal Claire que fará o serviço por nós; ele mesmo vai matá-la.

Foi a vez de Zor sorrir de leve ante a perspectiva.

— Conhecemos a essência dele, não é mesmo? — falou Behemoth pela primeira vez, respeitando as hierarquias, e cravou seus negros olhos no sumo sacerdote.

O mais forte nem sempre é o mais poderoso, mas o “hipopótamo” definitivamente tinha uma aparência imponente. Seus *piercings* de ouro espalhados pelo rosto e orelhas brilhavam muito contra a pele espessa, bem como seus enormes braceletes.

— É claro que conhecemos — o sumo sacerdote respondeu.

— Abadom falou com propriedade — Behemoth continuou. — Ele cobiçou essa *meuf*, e seguiu seus impulsos. Por um lado, eu gosto disso. É como Acã.

Behemoth sempre gostara de induzir os homens à ganância e ambição. À “gula” pelas coisas. O pecado de cobiça de Acã, mencionado no Velho

Testamento, fez com que todo o povo de Israel fosse derrotado em batalha.

— Kill “acha” que precisa dela, mas não vai conseguir conviver em sua companhia. Como Acã, ele cobiçou a coisa errada. É como colocar o fogo e a água lado a lado — disse Abadom. — A água poderia apagar o fogo, mas não será assim. O *nosso* fogo vai fazer a água dela evaporar, secar como um riacho no deserto. E quando evaporar, ela vai estar tão vazia, tão seca e sem vida, totalmente podre — como aquele seu coração antigo, que foi jogado no lixo. É só uma questão de tempo.

— Vamos deixar que Kill dê algumas cabeçadas e perceba o grande erro que está cometendo — Belphegor ricocheteou as caudas, dessa vez com mais força. — Não apenas ele não vai suportar viver ao lado dela, mas a “boazinha” também em breve perceberá *quem* é o nosso Kill. Essa história de “Kim” para cá e “Kim” para lá logo vai acabar. E vai acabar em tragédia, sacerdote. Garantimos-lhe.

Zor apenas ouvia. Cabia a ele tomar decisões acertadas, e o conselho das entidades lhe dava a direção de que precisava.

— Ele volta… — A risada de Abadom foi tonitruante, e o ar à volta rodopiou como se assoprado pelo vento, fazendo balançar as orlas do manto de Zor. — Como o “filho pródigo” da ridícula parábola bíblica. Mas, com certeza, Kilaim não vai receber uma festa e um anel de honra pelo seu feito.

— Ele volta — concordaram confiantes, Belphegor e Behemoth. — Isso está debaixo da permissão do Grande Príncipe, e da nossa também.

* * *

Nos dias que se seguiram, Kilaim e Claire começaram a procurar uma casa em Alphaville para se estabelecerem com espaço e conforto, de modo mais definitivo.

Era começo da tarde quando o corretor da imobiliária se preparou para apresentar ao casal as primeiras oportunidades de acordo com as especificações recebidas.

O corretor era um jovem muito falante, como a maioria dos brasileiros. E ficou olhando com curiosidade e simpatia para Claire, ouvindo-a falar em francês.

— É muito bonito o seu idioma — ele disse, olhando ora para Claire, ora para Kilaim. — Não é comum vermos um brasileiro casado com uma jovem francesa.

— Não sou brasileiro — admoestou Kilaim com certo mau humor. Não gostava que ficassem olhando para sua namorada.

— Oh! Verdade? Mas fala tão bem o português.

Kilaim não respondeu, apenas fez um aceno curto com a cabeça.

— Desejam alugar ou comprar um imóvel?

— Queremos primeiro dar uma olhada. Num primeiro momento estamos querendo alugar, para experimentar se nos adaptamos por aqui. Se gostarmos, certamente efetuarei a compra.

— O contrato-padrão para aluguéis é de trinta meses. Mas, naturalmente, a qualquer momento o *senhor* pode entrar em contato conosco e fazer uma proposta de compra do imóvel. Estão se mudando definitivamente?

Kilaim não respondeu a pergunta.

— Gostaríamos apenas de olhar um pouco.

O homem estava bastante animado com a possibilidade de em breve vender uma casa para o casal de estrangeiros que, decerto, eram endinheirados, apesar de muito jovens. O rapaz era muito alto e bonito, mas antipático, como boa parte dos estrangeiros que vinham procurar residência em Alphaville. A moça, no entanto, mesmo sem falar português, sempre sorria e olhava o corretor nos olhos. Tendo perguntas a fazer, ela as fazia para Kilaim, que transmitia polidamente.

A primeira casa que foram ver era muito espremida, na avaliação de Kilaim. Cercada de vizinhos dos lados, na frente e atrás. Ele nem quis entrar para ver. Gente demais com quem conviver. Infelizmente o

condomínio não tinha muitas áreas verdes preservadas, e as casas eram bem próximas uma da outra. De modo geral eram casas boas, mas ter a janela do vizinho a poucos metros da sua era impensável, pior ainda se essas janelas estivessem voltadas para a sua piscina.

— Não gosto deste aglomerado — disse Kilaim, com ar de desagrado. — Não existe algum lugar com um pouco mais de espaço, e privacidade? Quero mais espaço interno na casa, mas também espaço em relação aos imóveis vizinhos.

Os olhos do corretor brilharam.

— Estamos aqui para servi-lo, *senhor*, e ajudá-lo a encontrar o melhor. Tenho uma oportunidade muito boa que surgiu esta semana na imobiliária. É no Nove.

— Nove? — indagou Kilaim. — Gosto bastante deste número. — Ele colocou os braços atrás das costas, descontraído, assentindo várias vezes com a cabeça.

— Então, *senhor*, talvez dê sorte!

— *Quoi*? — fez Claire.

— Acho que vamos ver uma casa — Kilaim sorriu para ela —, no Nove!

— Ah! — Ela não fez nenhum comentário sobre o número, nem sobre o sorriso sugestivo de Kilaim. — Mas que bom!

— A casa tem três lotes — explicou o corretor. — É um sobrado, mas tem um terceiro andar de tamanho menor que é apenas para o casal. Um desbunde. O sobrado ocupa quase dois lotes, portanto é bem maior e tem uma margem de distância igualmente bem maior em relação à casa vizinha. Quanto ao restante do terreno, foi inteiramente transformado em belíssima área verde com piscina aquecida, sauna e churrasqueira. É uma residência muito maior que a maioria. O vizinho mais próximo é o da lateral esquerda, mas o terreno dele é duplo: a casa ocupa um lote e o canil ocupa o outro.

Por sorte, o canil é que fica ao lado do muro de vocês. Quer dizer, se vocês ficarem com a casa, é claro! — O corretor deu risada.

— Melhor ser vizinho dos cachorros que dos humanos — fez Kilaim, impensadamente, sem se preocupar com o tom rude do comentário.

O corretor deu uma risadinha chocha e concordou.

— Os animais são tudo de bom, *né*? — ele falou, por falar. — Quanto ao vizinho da direita, a casa está desocupada há anos. Os filhos estão brigando pela herança e nenhum deles pode ocupar o imóvel sem o desenlace do processo judicial. Acho que isso vai longe. Defronte, mora um casal de aposentados, com vários gatos. O único inconveniente seria um dos gatos molhar o seu jardim. — Ele riu de novo.

Claire perguntou a Kilaim o que o corretor dizia, e, inteirada, ela logo respondeu:

— *J'adore chats*!

— Ela adora gatos — repetiu Kilaim.

O corretor riu de novo, encantado.

— *Hum* — resmungou Kilaim, voltando ao assunto principal. — Isso é o melhor que você pode nos oferecer? Já quero ir direto ao melhor, sem perder tempo com aquilo que não vou escolher.

— *Senhor* Mastrangello, o Brasil é o Brasil. Alphaville transforma tudo em lotes, em edifícios e em empreendimentos, porque mato não dá dinheiro. No início dos anos 1970, isto aqui era somente um terreno de 500 hectares, e a ideia foi criar artificialmente um bairro de grandes proporções no Brasil, a princípio para fins empresariais. Mais adiante, vieram os Residenciais — mais rentáveis —, que se consolidaram lado a lado com os grandes centros industriais e empresariais, que continuam crescendo. Alphaville é mais que um bairro: é uma pequena cidade. Por isso vai ser difícil o *senhor* encontrar algo muito mais espaçoso ou bucólico. Mesmo assim, aqui ainda há uma área verde preservada de 1,8 milhão de metros quadrados. Tenha certeza de que está diante de um dos bairros planejados

de mais alto nível. E uma mansão na capital é bem mais cara, com muito menos segurança e tranquilidade.

— Preço não é o problema para mim — respondeu Kilaim. — Quero encontrar o lugar ideal.

— Bem, *senhor*, o bairro de Alphaville fica a apenas vinte minutos da capital. E, em se tratando do lugar ideal, a vida por aqui imita bem a da capital, mas com mais conforto. Não sei se o senhor sabe, mas a Região Metropolitana de São Paulo, o que inclui Alphaville — bairro dos municípios de Barueri e Santana de Parnaíba —, é o maior polo de riqueza nacional.

— É claro que eu sei disso — admoestou Kilaim com certo desdém. — O seu PIB atingiu, sozinho, mais de 600 bilhões de reais há quatro anos, o que corresponde a mais ou menos 57% do total do Estado de São Paulo. Já deve ser mais agora.

— Como o senhor sabe disso? Andou pesquisando, *né*?

Kilaim esforçou-se em esboçar um sorriso.

— Então, estou falando com gente grande — exclamou o corretor, entusiasmado. — Como a densidade demográfica da região é alta, não sobra muito espaço para áreas desocupadas, como eu já disse.

— *Oui*, eu sei o que significa. Gente demais para pouco espaço. — Kilaim aproximou-se do corretor e deu uma palmadinha em seu ombro. — Agora: mera curiosidade. Não sei se o *senhor* tem ideia disso, mas a Região Metropolitana de São Paulo já é a terceira mais populosa do Mundo. Cidades do interior do estado de São Paulo e também do litoral, como São José dos Campos, Campinas e Santos são consideradas regiões metropolitanas. Estas áreas apresentam aglomerações e estão em processo de conurbação, assim como mais duas cidades do interior do estado, Jundiaí e Sorocaba. Somando-se a população destas áreas à da capital paulista chega-se ao exorbitante patamar de vinte e nove milhões de habitantes vivendo no que se chama Complexo Metropolitano Expandido. Aí está 75%

da população de todo o Estado. As áreas metropolitanas das cidades de São Paulo e de Campinas formam a primeira macrometrópole localizada no hemisfério sul, pois, juntas, agrupam cerca de sessenta e cinco municípios nos quais se encontram 12% de toda a população brasileira.

O corretor, notando a ironia, disfarçou bem.

— Impressionante! Pois é o que digo: estabelecer-se aqui é realmente um ótimo investimento! Contamos com excelentes escolas — para quando vier o rebento —, faculdades, academias, restaurantes, cinemas, *shoppings*, hotéis, hospitais, clínicas médicas e todo tipo de serviços. Aqui em Alphaville os *senhores* podem chegar em casa de manhã, à noite, de madrugada, e descer tranquilamente de seu carro sem medo nenhum de que alguém vá botar uma arma em sua cabeça. Não há necessidade de trancar portas e janelas, colocar grades, fazer um muro de seis metros de altura e, mesmo assim, correr o risco de ter sua moradia invadida. É perfeito para as crianças, que usufruem de liberdade e segurança. Vocês, como pais, haverão de querer manter seus filhos seguros, não é mesmo? A capital é uma cidade perigosa. Os índices de violência só aumentam: os latrocínios, os estupros, os homicídios… *gente*, ainda nestes dias houve um assalto numa mansão do Morumbi, e ainda fizeram as *senhoras* da casa reféns, estavam sozinhas, mãe e filha, imagine só uma coisa dess…

— *Va bene.* — Kilaim fez um gesto firme com as mãos e o corretor entendeu que era melhor falar menos. E ficou olhando para Kilaim com expectativa. — A questão da segurança me agrada, por isso já de antemão me interessei por esse local. É bom ter patrulhamento interno, câmeras, portarias, tudo que um cidadão de bem tem direito.

— E dê graças a Deus, *senhor* Mastrangello, por não estar no Rio de Janeiro, porque aí, sim, o problema seria bem maior, com todas aquelas favelas nos morros. As Unidades de Polícia Pacificadora não estão dando conta da bandidagem por ali. Nem na praia um turista pode caminhar sossegadamente sem o risco de ser assaltado em plena luz do dia. — O

corretor não conseguia se segurar, num esforço claro para convencer o casal de que estavam no lugar certo.

Ele coçou a barbicha mal-aparada.

— Enfim! Gostariam de ver a casa que mencionei?

— Vamos vê-la — respondeu Kilaim.

Claire, percebendo que iriam ver algo mais, ficou alegre e cheia de expectativa.

— Posso lhe fornecer um panorama dos valores…

— Não se preocupe com valores. Vamos ver a casa — grunhiu Kilaim espremendo-se no carro popular, pequeno demais para o tamanho de suas pernas e a altura de sua cabeça, que esbarrava no teto.

Claire deu risada.

— Puseram muito fermento em sua massa, *mon amour*…

Animadíssimo ao entrar no Residencial Nove, o corretor percorreu as alamedas, sempre falando muito. Kilaim, porém, continuava monossilábico. Claire olhava para os lados, achando tudo muito bonito e sossegado. Lindo! Quando o carro estacionou, ela até cobriu a boca com as mãos, estupefata.

Desceram diante da casa e, enquanto a moça a olhava, Kilaim, primeiro, avaliou a distância dos vizinhos laterais. De fato, ficavam a uma distância aceitável. Na frente, do outro lado da rua, havia a residência do casal dos gatos e ao lado deles uma área verde cheia de pinheiros que lhes pertencia. Pouco mais adiante era a esquina, e uma casa espaçosa tinha sua entrada virada para a outra rua.

Percebendo o olhar de Kilaim, o corretor se adiantou:

— Na esquina mora um casal de médicos, com dois filhos adultos. Passam a maior parte do dia fora, uma família de bem, sem motivos para arruaças. Sou sincero em dizer que, se o senhor acabasse vizinho de algum figurão do samba, ou jogador de futebol, realmente poderia estar entrando numa fria. Mas este pedaço por aqui é muito sossegado.

Agora que estava vendo o local, Kilaim começou a gostar um pouco mais. Era tudo bem verde, aliás. Poucas pessoas. Silêncio.

Sem se preocupar com os vizinhos, Claire não tirava os olhos da imponente fachada da casa. Admirou as vidraças, que se estendiam por paredes inteiras, bem como as janelas com sacadas do andar de cima. Espantoso e *superchic*! Um muro baixo de tijolinhos, repleto de primaveras coloridas enroscadas, estabelecia os limites do jardim da frente. Coqueiros, arecas e arbustos podados perfeitamente em formato de bolas completavam o paisagismo. Claire amou o telhado de ardósia azul-escuro, bem diferente de tudo que ela já tinha visto.

O corretor foi pegando as chaves e ela colou o rosto no vidro da janela antes que o homem destrancasse a porta. Sentia-se pisando em um sonho. Só que não era sonho, era *real*. Ela deu os primeiros passos para dentro da sala. Ou melhor, para dentro do sonho.

O piso de madeira era impecável, brilhante. Enquanto Claire andava delicadamente sobre ele, sem bater o saltinho das sandálias, o corretor ia mostrando os detalhes para Kilaim. Desde o piso em madeira-de-lei ao perfeito acabamento em gesso no alto das paredes, o tamanho e solidez da lareira, separada da área principal por um lance de dois degraus, e a beleza das vidraças.

Uma escadaria dominava o centro da sala, com degraus de mármore *rosé*.

— Veja a beleza desta sala, *senhor* Kilaim. Três ambientes. Estar, jantar, e o espaço da lareira. Olhe estas vidraças. Garantem muita luz natural!

“Quanto custará essa casa?”, indagava-se Claire, perplexa.

Curiosa, deixou o homem falando com Kilaim e foi percorrer os espaços, sozinha. A cozinha era perfeita. Ampla, bem-iluminada, com muitos armários e balcões que se encaixavam perfeitamente. Os azulejos do chão — cinza claros e pretos — faziam desenhos de losangos e contrastavam com alguns detalhes vermelho-vivo nas paredes. Dava um

toque de elegância. Ela abriu as gavetas perto do balcão central: deslizavam *perfeitamente*! Bem diferente das gavetas emperradas da casa de sua *tante*. Mas o melhor de tudo era a ilha, bem comprida, com balcão de granito marrom absoluto, brilhante. Devia dar para uma meia dúzia de pessoas.

Ela ia saindo quando o corretor entrava com Kilaim:

— Todo o encanamento é novo, e de primeira linha. Não vai dar problema pelo menos até a próxima década. Quanto ao aquecimento da casa — o que é raro aqui no Brasil, excetuando, talvez, no Sul —, é um luxo, feito por caldeiras de condensação. Elas têm rendimento energético superior às mais comuns, o que vai garantir-lhe uma economia considerável. Gostaria de vê-las?

Kilaim aquiesceu, e os dois sumiram. Claire nem ligou, preferia perambular como bem entendesse e saiu da cozinha para correr pelo restante do primeiro andar. Descobriu um banheiro de corredor, dois quartos — um deles com uma suíte — e um ambiente no final do corredor perfeito para um escritório. Kilaim haveria de gostar, ela pensou, pois possuía móveis planejados feitos sob medida, e um lavabo particular. Defronte a este aposento havia outro espaço que ficaria perfeito como biblioteca. Era bem-iluminado, com duas enormes portas de correr, envidraçadas, que davam para o jardim do quintal.

Ela olhou, e dali podia ver parte do jardim: gramados entremeados por pequenos caminhos cobertos de pedrinhas brancas, árvores, flores. Ela deu gritinhos de exaltação, mas antes de sair e se deleitar na área externa, queria ver o andar de cima. Voltou apressada para a sala e subiu correndo a escadaria. Estava louca de vontade de ver o quarto do casal!

A escada fazia uma suave curva para a esquerda e terminava num amplo espaço que poderia ter mil utilidades. Encontrou um quarto mais espaçoso que os do andar de baixo, e fez com que Claire pensasse que se tratava da suíte do casal. Contudo, o banheiro ficava defronte, do outro lado do corredor. Havia mais um quarto e outra sala. Então, ela percebeu que a suíte

principal ficava no final do corredor. Ali havia outra escada, um pouco mais estreita e não tão alta quanto a principal, que levava ao quarto dos sonhos.

Ela subiu, sentindo suas pernas tremerem. Ao abrir a porta da suíte deu mais gritinhos ainda, batendo palmas. Com pé-direito alto, o teto era inclinado e revestido com madeira, e o piso frio cor de marfim ficaria lindo com tapetes coloridos. Havia janelões que deixavam a luz do sol escorrer pelo chão e uma porta de correr envidraçada que dava para uma sacada. Porém, o mais fascinante de tudo era o vitral colorido que encimava a porta, fazendo reluzir um arco-íris. Claire ficou quieta, embevecida. Era muito lindo.

Pendendo do teto havia um lustre grande de ferro e, aparentemente, cristal; além de meia dúzia de arandelas de *design* bem moderno. Pena não poder acender tudo, com a eletricidade desligada. Ela abriu a porta da sacada, pensando no motivo que fizera o dono da casa deixar o lustre ali.

"*Bien*, para quem é podre de rico, certamente enjoou deste e irá comprar outro, ainda maior."

A sacada dava vista para a piscina, em forma de jujuba, e o jardim interno. Dali de cima a vista era melhor. Perto da piscina tinha uma churrasqueira coberta, com balcão circular e banquetas altas. Os olhos dela pulavam como passarinhos, de uma árvore a outra do quintal. Havia dois pinheiros enormes, dois ipês muito floridos que lançavam ao chão um carpete de flores amarelas, uma sibipiruna frondosa e um jacarandá não muito grande. Havia outras espécies vegetais que Claire não conhecia, mas que depois o corretor explicou serem pés de árvores frutíferas: uma amoreira que já ultrapassava o primeiro andar da casa e que tingia o chão de azul; um pé de jabuticaba, carregado de frutos negros e suculentos; e também pequenos pés de acerola, maracujá, mamão e abacate.

De repente, porém, Claire prendeu a respiração e observou a imagem mais espetacular que já tinha visto na vida: um caramanchão de alamandas absurdamente floridas e completamente exuberantes. Quase não se via

folhagem, mas um tapete suspenso de flores cor-de-rosa-arroxeadas sobre uma estrutura de metal.

“De tirar o fôlego essa planta…”

Debruçando-se o quanto pôde sobre a sacada, pôde entrever que, na parte de baixo, parecia haver uma varanda. Saiu da sacada saltitante e, antes de deixar o quarto, percebeu as portas de correr que davam para dois *closets*. As cores e disposição dos móveis utilitários, além do tamanho — um deles pouco maior que o outro —, mostrou-lhe qual seria o dela. Claire nunca tinha visto nada igual, nem em filme. O seu *closet* era uma sala, literalmente, e pronta para guardar a sua meia dúzia de pecinhas de roupa e dois ou três pares de sapatos. Ela acabou dando risada, sozinha, uma risada de pura adrenalina; mas depois passou devagar os dedos sobre a madeira escura e elegante dos móveis, embasbacada.

A saída de ambos os *closets* terminava no banheiro do casal, e ali realmente foi o ápice do deslumbramento.

— *Mon Dieu*, mas isto aqui é fenomenal!

Parecia haver todos os itens de conforto imagináveis num ambiente moderno, de paredes marrom-escuras e mármore claro no chão. Se Claire tivesse imaginado que era um piso aquecido, teria dançado no banheiro. Era uma das coisas de que mais gostava, e nunca imaginaria encontrar algo assim num país tropical.

O *box* tinha duas duchas de diâmetro majestoso, uma defronte a outra. Mas quem roubava a cena totalmente era o balcão de quartzo *stone* vermelho — com duas cubas — que ia de parede a parede, encimado por um espelho gigante. Ao redor do espelho, ela notou os tons de dourado em motivos de folhagens do papel de parede, e inúmeras luminárias embutidas. Do outro lado, havia uma banheira de hidromassagem dupla com acabamento em madeira escura que dava vista — através de sua enorme janela — para o jardim dos fundos. Aquele recinto era digno de Hollywood, até então sua parte preferida da casa.

Ela não notou outros detalhes menores, dada sua afoiteza, mas ficou claro que o terceiro andar da casa era exclusividade do casal. Saiu correndo para ver de perto o quintal e o jardim interno. Desceu aos trambolhões a escadaria principal, esbarrando em Kilaim e no corretor, que subiam.

— O *senhor* há de ficar muito satisfeito também com a parte elétrica da casa…

Claire escutava o corretor falando, de orelhada, mas não entendia. Nem importava. *Ver* tudo é que importava.

— *Ça va, mon amour*? — ela gritou, esquecendo a polidez diante do corretor, e sem interromper a descida. Houve apenas tempo para enviar a Kilaim um sorriso brilhante, junto com um beijinho assoprado.

Kilaim, muito surpreso, virou o rosto e parte do corpo para observar Claire terminar de descer a escada e sumir quase que imediatamente. Ele sentiu, num repente, como se o sol brilhasse dentro dele também. E se alegrou.

— Creio que sua esposa está muito satisfeita — comentou o corretor, com um sorriso.

— Deveras.

Havia duas portas que davam para fora. Uma era a da cozinha. A outra — a maior — era da sala onde Claire imaginara uma biblioteca. A moça saiu para uma gostosa varanda de lajotas de cerâmica azul, espaçosa, rústica na medida certa, com ganchos nas paredes para estenderem redes e espaço para agradáveis poltronas de jardim. Um forno à lenha tinha sido construído num dos cantos e o espaço todo era rodeado por uma mureta de tijolos trabalhada.

A piscina de jujuba ficava defronte à varanda. Claire caminhou até lá e olhou para cima. Lá estava a sacada da suíte principal, onde estivera antes. Era bem alta, já que ficava um pouco acima do segundo andar da casa. Por esse motivo a hidromassagem podia ficar ao lado de janelas enormes, pois nada se via dali debaixo.

Amante de plantas e flores, Claire caminhou, agora devagar e atentamente, sobre as alamedazinhas de pedregulhos brancos ladeados delicadamente por matinhos de diversas cores: roxo, verde, e outro acinzentado, quase branco. Ela desconhecia aquelas folhagens. Depois, fazendo sombra com as mãos, ficou a observar as árvores, pensando em como seria agradável ver e ouvir os passarinhos. Estava já a pensar onde deveria colocar potinhos de água açucarada para os beija-flores, quando prendeu a respiração.

O caramanchão tinha uma pequena fonte no centro. Era quase uma cabana de flores ao sol. O impacto do lugar, o ruído doce da água, aquilo foi de tal maneira intenso que Claire se sentia como que adentrando um lugar sagrado.

5

Tomb

Depois de uma conversa minuciosa com o corretor, Kilaim deixou-o esperando na sala principal:

— Vou ver onde está minha esposa.

Era melhor usar o termo “esposa”. Menos especulação.

— Não gostaria de ver a área externa antes?

— Eu irei vê-la. Minha esposa deve estar lá, tomando sol no meio das flores, como uma borboleta — ele gracejou, saindo um pouco do seu usual naquelas situações. Talvez porque notasse, todo o tempo, a vontade do corretor em agradar.

— Por certo que sim. Bem, fique totalmente à vontade. Enquanto isso, eu verei se entrou alguma outra oferta na imobiliária que possa agradar-lhes mais, *senhor* Kilaim.

E passou a fuçar furiosamente em seu *tablet*.

Antes de sair para o quintal, entretanto, Kilaim voltou a percorrer a casa, sozinho. Por que motivo? Não sabia direito. Só parecia que suas pernas haviam ganhado vida própria e desafiavam sua razão. Ele observava tudo com muito mais atenção, avaliando espaços e recônditos, e se

perguntando se não haveria na casa um local que pudesse servir para invocação. Quer dizer, onde pudesse mandar construir um quarto secreto.

Por um lado, isso parecia completamente ridículo, ele bem sabia, já que viajara mais de oito mil e quinhentos quilômetros só para se ver livre da Organização, dos demônios e dos que queriam controlar sua existência. Entretanto, ele percebia muito bem aquela realidade inexorável, explodindo dentro dele como lava incandescente: sua ligação com tudo aquilo era extremamente sólida. A doutrina que o norteara desde os primórdios fazia parte do mais íntimo de seu ser, de tudo que sua vida significava, quer estivesse na França ou no Brasil. Era uma incrível dualidade.

Claro que julgava lícita sua ligação com Claire, e iria provar isso aos que pensavam o contrário. Mas ainda amava os amigos que deixara para trás, os únicos que conhecera. Especialmente os demônios, muitos dos quais eram seus amigos pessoais. *Especialmente* Lucipher, que o acompanhara por toda a vida, que o ensinara, que lhe revelara tantos segredos e lhe preparara um futuro ímpar.

Embora custasse um pouco admitir isso, a verdade é que estava ansioso por fazer algum contato com seu pai.

“Ficaram bravos comigo, mas acho que foi coisa passageira”, Kilaim refletia. “Estão bravos por causa de Claire, e *parce que* eu os desafiei, e sumi… mas vão acabar se acostumando com ela, e com tudo isso. É claro que sim. Afinal… *franchement*! É impossível não gostar de Claire. Ela é uma boa pessoa. E ainda tem o coração da minha mãe! Quer dizer, de certa forma ela tem, agora, parte da minha genética. Eles não irão matá-la! Não farão isso. Foi o que falaram, mas só para me assustar e me fazer desistir, mas como eu não desisti é só uma questão de tempo para que tudo se ajeite. Existe também a possibilidade de eu conseguir fazer com que a Claire venha a fazer parte da seita. Isso, *oui*… ah, *It would be perfect*!”

Kilaim passava devagar as mãos pelas paredes enquanto sonhava com o final perfeito, e às vezes batia em alguma delas. Foi então que, sem

qualquer espécie de aviso, uma voz soou ao seu ouvido esquerdo. Por um milésimo de segundo, Kilaim tomou um susto, mesmo diante daquela voz tão conhecida. Logo em seguida, porém, foi tomado por uma onda de alegria.

— É você?! — exclamou baixinho, o sorriso estampando no rosto. — Precisava me assustar? Nem senti o teu cheiro.

“Por aqui, meu filho”, disse a voz do pai.

Então, Lucipher lhe mostrou o caminho. Kilaim agora podia sentir a vibração da energia dele, mas muito de leve. A sua força também parecia vir de longe, tênue, como se ele não estivesse realmente ali. Quanto ao cheiro conhecido desde a infância, às vezes era captado pelas narinas de Kilaim, às vezes apenas desaparecia no ar. A presença do Príncipe, estranhamente, era como ouvir ressoar um cântico coberto por um manto.

O jovem inspirava fundo e aguçava os sentidos desconhecidos aos mortais, numa tentativa de *reter* Lucipher, de captá-lo, de sentir ecoar dentro de si as emoções dele. Contudo, por mais que se esforçasse, tudo parecia estar envolto em neblina, ou debaixo de espessa camada d’água. Como se o demônio estivesse ali, mas ao mesmo tempo se escondesse dele; e nunca tinha sido assim. Muitas vezes, ele e Lucipher haviam sido um só, e isso não era uma metáfora.

Envolto nessas sensações e no sentimento conflitante que elas traziam, Kilaim, por fim, encontrou.

“É aqui”, ouviu a voz lhe dizer.

Mesmo sem receber qualquer instrução, sabia do que seu pai estava falando. Atravessou a porta da sala com móveis planejados — aquela onde Claire imaginara montar um escritório — e seus olhos correram o ambiente em segundos, detendo-se no lugar certo, como se o Príncipe lhe apontasse. Havia uma lareira.

Kilaim sentiu-se invadido por um sentimento indecifrável. Apertou os olhos, virando de lado a cabeça, incrédulo.

“Será possível…?”

Com passadas largas aproximou-se da lareira e procurou o mecanismo secreto. Não foi difícil de encontrar, não para ele, que sabia o que estava procurando. Ninguém de fora da Organização conseguiria abrir a passagem que levava ao subterrâneo e, se casualmente tivesse a infelicidade de fazê-lo, seria morto pelos demônios rapidamente. Afinal, pedreiros morrem em acidentes, *n’est-ce pas*?

A parede dos fundos da lareira abriu lentamente e com o mínimo de ruído, desvendando os primeiros degraus da escadaria. Kilaim entrou rapidamente, sabendo que a lareira se fecharia assim que passasse. A escuridão era percebida com algo além dos olhos. Era como mergulhar em águas profundas, mas conhecidas. A energia de Lucipher atravessava as paredes, o que alterava um pouco a percepção do espaço, mas em alguns minutos o jovem começou a antever tênue penumbra vinda do fundo.

Um pensamento agulhava a mente de Kilaim:

“Eu pensava estar escondido de todos, pensava ter conseguido sair de Lyon sem que suspeitassem, mas ele sabia o tempo todo. *Ele* me guiou até aqui… *da*. Alguém da Organização já morou nesta casa.”

E ali ele estava. Era um salão sacerdotal.

“Acendi algumas das velas para você”, falou Lucipher, desta vez parecendo não estar tão submerso naquele manto invisível, sua aura e poder mais palpáveis.

Kilaim entrou no salão com reverência, dando passos devagar. Reconheceu as pinturas nas paredes, e olhou-as todas, uma a uma, aproximando-se. Depois chegou perto do altar. Toda a sua estrutura estava pronta, o pentagrama, e os nove tronos. Tudo estava ali, ao alcance de suas mãos.

— *Merci beaucoup, my Lord…* — ele agradeceu, um tom de surpresa na voz. — É sem dúvida um grande presente.

Novamente a voz no ouvido esquerdo, desta vez um pouco zombeteira:

“Na casa do pai há muitas moradas. E aqui você é bem-vindo.”

Estava pairando no ar uma pergunta que não ia calar. Antes que Kilaim pudesse fazê-la, de repente o vulto negro estava ali, sentado no trono principal. Como a imagem permanecesse indistinta, particularmente o rosto, Kilaim estreitou os olhos tentando vê-lo com clareza.

— *Porquoi* não consigo ver o teu rosto? — indagou.

— No momento você não pode me ver porque o seu coração está dividido.

Kilaim ficou quieto. Era verdade. Mas não do jeito com que ele estava dizendo.

— Estou feliz por tê-lo aqui, agora — disse Kilaim com sinceridade. — Nada mudou no meu coração em relação a você.

Foi a vez de Lucipher se calar. E o silêncio dele dizia tudo. Falava de sua decepção, de seu desapontamento. E que se fosse outro no lugar de Kilaim — o jovem gigante tinha certeza —, nessa altura estaria morto.

Como o demônio realmente não dissesse nada, Kilaim fez a pergunta, um pouco cabreiro, rodeando:

— *Alors*… justamente agora, pai? Justamente agora você me presenteia com um lugar assim? — fez uma pausa, tentando avaliar a situação. E arriscou: — Quer dizer que não está bravo.

— Quer dizer que este lugar é apenas um lembrete. De quem você é, e para onde deve caminhar. Algo para você ter em que pensar enquanto está aqui. E também para se refugiar.

— *Hum* — veio o grunhido do rapaz em seguida. Lucipher não respondera nada. Se estava bravo, se não estava…

Kilaim continuou olhando na direção do rosto do Príncipe, e desgostando muito de não poder ver a sua figura de modo perfeito, e não sentir o poder e a grandeza que emanavam de sua presença, como se fosse um aprendiz ainda e não pudesse suportá-la.

— A vida é feita de escolhas, e cada uma delas conduz a um caminho diferente. E a consequências diferentes — disse Lucipher por fim, com voz firme.

Kilaim ficou pensativo. Podia sentir os olhos negros cravados nele, mesmo sem vê-los. A chama das velas parecia estar completamente imóvel, exatamente como o senhor do Fogo, esperando sua resposta.

— *D´accord*. Eu gostei muito de tudo por aqui. Vou ficar nessa casa — Kilaim optava por encerrar o assunto, sem saber exatamente o terreno em que estava pisando.

A figura de Lucipher estava ainda mais indistinta, mas Kilaim percebeu um sinal de aquiescência por parte dele, como quem diz: “Fique. A casa é sua”.

— Vocês… não vão matá-la, *n’est-ce pas*?

Mais um silêncio sepulcral por parte do demônio. E, quase imediatamente, Kilaim percebeu que ele se fora.

— *Cachu*…

Aquela saída inesperada e sem qualquer despedida o incomodou muito. Se Lucipher esperava uma queda de braço, haveria de tê-la. E perceberia que ele não estava disposto a ceder. Teriam que entrar em um acordo.

Kilaim subiu as escadas novamente e saiu pela parede da lareira, preocupado por causa de Claire. Na pressa de fechar o porão secreto, acabou cortando o dedo na pedra da lareira. Sem pensar, esfregou o dedo ali mesmo, no mármore.

— *Shit* — murmurou. E só então se deu conta do que fizera. — Os rastreadores vão me localizar logo. Se ainda não sabiam onde estou, agora não será mais segredo. Será que me atacariam? — Ele terminou de limpar o sangue no mesmo lugar. — *Hum*… acho que não.

Os demônios de fato chegaram, em frações de segundo. Vinte e um. Três grupos de sete. Pairando ao redor da casa, viram Claire no jardim. Imediatamente foram na direção dela, na intenção de atacá-la ferozmente.

Mas perceberam a barreira ao redor, e estacaram. Os Anjos estavam ali, bem perto. Ficou claro que não podiam tocar nela (!).

Mesmo assim rodearam-na, ansiosos, indignados, esvoaçando e procurando alguma fenda, alguma maneira de seguirem com sua intenção. Mas não encontraram nada. Então foram até Kilaim, mais irritados do que quando chegaram. Contudo, chegando mais próximo, encontraram outra entidade, mais poderosa que eles, e que já estava ali, observando.

— Não há ordem de Lucipher para tocá-lo — disse o príncipe territorial, abrindo suas asas. — Podem ir embora.

* * *

Kilaim saiu de dentro da casa e foi ao encontro da namorada.

Havia visto a moça pela janela há pouco, entretida com alguma coisa, agachada perto de um canteiro de camélias. Ele se aproximou, abraçou-a com força e a beijou, como se aquilo pudesse protegê-la. E como não queria que Claire notasse o incômodo que sentia, foi falando logo:

— Conversei com o corretor e me inteirei das condições. Tanto do aluguel quanto da venda da casa. Ele está nos esperando para voltarmos à imobiliária. — Olhou dentro dos olhos dela e indagou novamente, com carinho: — Você *gosta* daqui?

Ela se aconchegou no ombro dele, apertou os braços em volta de sua cintura.

— *Beaucoup*. Gosto muito. Só fico receosa em relação aos valores. Não será excessivo? Não precisamos de uma casa tão grande só para nós dois.

Kilaim sorriu diante das preocupações dela.

— Não diga bobagens. Espaço nunca é demais. *Alors*, diga-me com sinceridade: quer morar aqui?

— Você também gostou? — Havia um brilho a mais no olhar azul de Claire.

— *Oui*. É uma casa boa. Não como a casa dos meus pais, mas é boa. Acho que podemos experimentar. Sentir a vizinhança, o local. Pagarei o aluguel adiantado por três meses. Se gostarmos mesmo daqui, poderemos comprá-la depois. Preciso me capitalizar um pouco mais. — E ele sorriu de novo, desta vez enigmaticamente. — Nada que alguns milhões não resolvam.

Claire olhou para ele espantada. Nunca conhecera ninguém que falasse em "milhões" como se fossem tostões, e nem com tal facilidade para adquirir coisas materiais.

— *Sérieu*! — ela exclamou, ainda incrédula. — Tem mesmo intenção de comprá-la? Assim? Sem financiamento, hipotecas?

Ele riu.

— Isso é para os pobres.

Claire olhou para ele de um modo engraçado.

— *Allez*! Estou brincando — retorquiu Kilaim. — Eu quis dizer, na verdade, que essas dificuldades para adquirir um imóvel de qualidade são para os menos afortunados.

Claire riu e deu gritinhos de felicidade, e até pulinhos. Aquela alegria contagiou Kilaim, que fez graça agitando as mãos e imitando os gritinhos dela, e depois a abraçou de novo. A sombra deixada por Lucipher se dissipou de vez do coração dele.

— *Alors*, está decidido.

Ela o puxou pela mão, arrastando-o para dentro da casa, dando ideias sobre o que iriam fazer.

— Em relação aos móveis — adiantou-se Claire, entusiasmada —, podemos conseguir algumas coisas de segunda mão, e mobiliar apenas os cômodos que vamos usar. Assim poderemos economizar um pouco e…

— Claire. *Quelle imagination elle a!* — Kilaim riu, achando a sugestão o fim. — Deixa que disso eu entendo. Até parece que vamos morar desse jeito, comprando coisas usadas, pegando o lixo dos outros.

— Mas… de onde você pretende tirar o dinheiro para tudo isso? Nem temos ainda *boulout*. Sem trabalho, sem renda.

— Vamos deixar o trabalho para depois. Precisamos de umas férias, *c'mon*! Deixe comigo. — Ele abaixou o tom de voz, mas falou de modo animado. — Estamos fugindo, Claire, *c´est vrai*. Mas será que podemos fugir com estilo? — E ele riu de novo das hilárias "sugestões de pobre" que ela dera. — Móveis de segunda mão. Só você mesmo, *amour*.

Claire não entendia por que era tão engraçado querer economizar. Aliás, pensando bem, Claire reparou que não fazia ideia das condições financeiras de seu namorado, pois Kilaim nunca falava muito dele. Tudo que sabia era que ele estava no ramo publicitário, mas só. E, sendo tão novo, ela imaginou que talvez estivesse fazendo estágio, ou, se tanto, em começo de carreira. De vez em quando Claire observava alguns detalhes, como a marca cara de um agasalho esportivo, um relógio fino, suas maneiras de se portar, coisas assim. Mas isso logo caía no esquecimento, pois o que indubitavelmente lhe chamava atenção era a singularidade, a inteligência e a beleza de Kilaim. Ela nunca tinha parado para avaliar o *quanto* Kilaim era, ou não, abastado. O que, agora, se mostrava uma verdadeira surpresa.

Antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa, o jovem se adiantou, com um dedo levantado:

— Espere um pouco, *mein lieber*, que preciso dar um telefonema — ele disse, dando uma piscadela e se afastando um pouco. — Divirta-se vendo as coisas, e já iremos ao encontro do corretor.

Enquanto Claire foi para perto da piscina, Kilaim caminhou até varanda e, sacando do bolso dos *jeans* o iPhone, ligou pra Zor. Não adiantava postergar o contato, especialmente depois da conversa curta com Lucipher. O sumo sacerdote haveria de saber o que estava acontecendo.

Ao ouvir o som do homem atendendo, Kilaim falou sem rodeios, e com animação:

— Zor! Você sabe onde eu estou?

Uma risada seca veio do outro lado, quase um muxoxo.

— É *claro* que eu sei onde você está, Kill — ele fez uma pequena pausa. — *Et alors*… encontrou a “sala do trono”?

Kilaim deveria ter imaginado que eles sempre souberam de todos os seus movimentos. Respondeu alegremente:

— *Oui*. Encontrei. Demais!

— E o seu pai falou com você?

— Falou. *Oui*. Bom, então está tudo bem, *n´est-ce pas*?

O tom da voz de Zor mudou, tornando-se áspera, a despeito da orientação recebida das entidades:

— Tudo bem? É isso que acha? Pois saiba que você vai se arrepender disso, Kilaim. Por enquanto estamos tolerando os seus desvarios, mas tenha em mente que isso terminará só deixando motivos para arrependimento.

Kilaim já ia responder à altura, mas Zor não lhe deu tempo de retrucar, e continuou:

— Muito bem. *Nós* queremos que você tenha esta experiência. Vai ser importante para o seu crescimento você sofrer uma decepção. É necessário, *parce que* sem decepção, não há crescimento. Sem crescimento, você estagna. — Zor deixou escapar um suspiro áspero. — O amadurecimento do ser humano vem quando ele cai, e, sendo forte, se levanta; e dá valor, apenas quando ele perde. Entendemos que você precisa passar por esta experiência. Portanto, fique tranquilo, nós não vamos fazer nada por ora.

— Como assim, “por ora”? — indagou Kilaim perdendo o bom humor.

O tom da voz de Zor era de deboche.

— Ah, meu caro Kill! Você acha mesmo que essa sua *petite lune-de-miel* vai durar quanto? Com essa menina? Essa menina *sem graça*, com essa vozinha de Maria von Trapp? *Franchement,* Kilaim! Vocês deviam começar a ensaiar *Edelweiss*.

Zor fazia alusão à personagem austríaca do filme *The Sound of Music*, que os brasileiros chamavam de *A Noviça Rebelde*, e o sumo sacerdote riu

sozinho com a comparação.

Kilaim não gostou, e novamente fez menção de falar, mas era Zor quem continuava, sem parar, externando sua consternação.

— Logo você! É o cúmulo do ridículo. Acha mesmo que essa noviçazinha vai aguentar viver ao seu lado? Deixe o primeiro sopro do calor do inferno bater contra ela, e você verá. Vai abandoná-lo. Deixe que ela sinta o frio mais profundo do Abismo, e ela vai desistir de você. Deixe-a olhar dentro dos olhos do seu pai, e você verá que essa tal Mariazinha nunca mais vai caminhar ao seu lado. Escute o que te digo: ela vai te abandonar assim que começarmos o nosso tratamento de choque. Ela não te ama.

— *Ok* — respondeu Kilaim com brusquidão. — Já escutei tudo que você tinha a dizer, e não compartilho de nem uma única das suas opiniões. A única coisa que quero saber é: por ora eu vou ter a chance de experimentar?

— *Oui*. *Bien sûr*. Estamos dando a você essa chance.

— E se eu experimentar e *gostar*? — desafiou Kilaim, petulante.

Zor deu um grasnado de irritação:

— Você não nasceu para isso, Kill. Como pode não entender? A Sombra não gosta da Luz, pois a Luz incomoda. Você é uma criatura das sombras, nasceu para as cavernas. O morcego nunca seria como um pássaro.

Houve um silêncio incômodo de ambos os lados.

— Você é um morcego, Kilaim — repetiu Zor devagar. — Não é um “passarinho”.

Kilaim podia adivinhar o sorriso zombeteiro do sumo sacerdote. Mesmo assim, preferiu relaxar, pois não havia perigo iminente. Riu da comparação.

— *Ok*, Zor. *Alors*, temos um acordo?

— Não há acordo entre homens e leões.

Kilaim se irritou de novo. Já bastava Lucipher ter saído sem se despedir.

— Pelas labaredas do inferno! — explodiu o jovem. — Você é bem chato, sabia?

— Não temos acordo. Apenas estamos lhe dando um tempo, para que você perceba a incompatibilidade entre vocês.

— *Ça va*, Zor, vou brincar um pouco de cantar *Edelweiss* no topo das árvores. Espero não ser importunado.

— Pois vá. Vá. "Cante" bastante. Viva sua vida — o tom era soturno, de desprezo. — E perceba como a Luz é irritante.

— *Trés bien* — respondeu Kilaim em tom de quem ouviu por um ouvido e deixou sair pelo outro. — Vocês vão me mandar algum dinheiro, ou terei que pedir ao meu *Nonno*?

Silêncio.

— Zor! — exclamou Kilaim. — Você ainda está aí? Vocês vão me dar dinheiro?

— Peça para o seu *grand-père* — foi a fria resposta —, e não me aborreça.

Seguiu-se o som de cortar a ligação. Kilaim ficou parado com o seu iPhone na mão, avaliando a conversa.

— *Da*… acho que está tudo bem. — Respirou aliviado. — Meu pai está aqui, e o Zor, pelo visto, não vai mandar me matar. Ou matar a Claire. *Oui*. Tudo vai bem. É. Acho que tudo vai bem. *Alors*… acho que vou ligar para o meu *Nonno*.

Claire havia passado por ele, segundos antes, e estava agora engastalhada na cozinha de novo, abrindo os armários planejados, admirando os detalhes de uma fileira de azulejos lindos em tom de vermelho que dava destaque nas paredes, e imaginando como ficariam as janelas com cortininhas floridas de algodão.

Dali ela podia ouvir o corretor na sala principal, falando tão alto ao celular que ela sorriu. Adorava o português! Era um idioma lindo. Mesmo

tendo sido seu pai um brasileiro, morrera cedo demais para ensiná-la, e como sua mãe não falava a língua, Claire nunca a aprendeu.

Kilaim, todo feliz, fez a ligação. O *Nonno* iria reconhecer o seu número e, por certo, atenderia, mesmo sendo já um pouco tarde em Lyon.

Dito e feito.

— Mas *onde* é que você está? — A voz de *signore* Arthuro veio alta pelo telefone, um verdadeiro alarido. Kilaim até desencostou o aparelho do ouvido.

— *Ça va*? — arriscou o rapaz.

— *Ça va*? É o que tem a dizer? Você só me mata de preocupação, *Dio santo*!

— Calma, calma… respira. Olha só: eu tenho uma boa notícia para dar.

Silêncio do outro lado.

— Eu agora sou uma pessoa independente — falou Kilaim animado.

— Até parece — rosnou o *Nonno*. — Você *não* é independente. E tem muito trabalho aqui esperando pelo *signore*! Você tem toda uma herança para administrar, tem que cuidar das coisas, tem que aprender a ter responsabilidade, tem…

— Mas será possível que…

— Trate de me escutar! Você acha que me deixar um bilhete e desaparecer, simplesmente, é aceitável?

— *Non, non*! Você não está me entendendo, *Nonno*, você não me deixa falar! Quer o *signore* me escutar por um minuto?

Um bufo, seguido de silêncio.

— *Nonno*… — a voz de Kilaim soava satisfeita. — Você já amou?

A pergunta pegou *signore* Arthuro de surpresa. De tudo que esperava escutar, certamente essa alternativa não fazia parte das opções.

— *Ma* é claro. É claro que eu já amei. Amei a sua boa e velha *Nonna*, que *Dio* a tenha.

— Mas o *signore* já se apaixonou de verdade? Já sentiu que precisava ficar ao lado dessa pessoa?

O *Nonno* estava perplexo com aquele discurso e não achou o que responder, o que era realmente incomum.

— Pois eu estou amando! É o que eu tenho a dizer. Estamos juntos, e… me deixa viver o amor!

— Kilaim, você está bem? — o patriarca, de repente, estava mais preocupado do que quando Kilaim desaparecera.

— Eu estou no Brasil! — crocitou Kilaim, ainda mais entusiasmado.

— *Porca miséria*, no *Brasil*? *Ma come*? Como é que você foi parar no Brasil?

— Estamos aqui, e vou alugar uma casa. Depois eu te mando um cartão com meu endereço, *Ok*?

— E com que dinheiro você pretende passar a sua estadia? — inquiriu o *Nonno*, ainda que um pouco menos indignado.

— Eu tenho muito mais *cash* do que você imagina. Mesmo assim, ainda é pouco. Preciso que você me transfira o dinheiro que está na minha conta da *Logos*.

Era uma conta a que Kilaim não tinha acesso direto. Só podia ser movimentada pelo *Nonno*.

— Aquele dinheiro é para o seu futuro. Não pode ser gasto com bobagens.

— Não é bobagem! — protestou Kilaim veementemente. — Preciso que você me transfira pelo menos uma parte. Afinal, eu sou herdeiro, *n´est-ce pas*? Você acabou de dizer que tenho que administrar a herança.

— Ad-mi-nis-trar — o *Nonno* frisou bem a palavra. — E não *gastar* toda a herança.

— Mas eu sou herdeiro!

— E eu estou bem vivo.

— *Nonno*! É muito importante.

— Você está delirando. É muito cedo pra administrar sozinho os seus bens, e eu seria um inconsequente se permitisse tal coisa.

— *Caraca. Nonno*! Você não está colaborando comigo nem um pouco.

— *Caraca*?

— Me adianta uma parte da herança, *allez*! E você vai se ver livre de mim. Eu não incomodo mais.

O *Nonno* suspirou, abrandando o tom de voz.

— *Ma, figlio mio*… eu não quero me ver livre de você. *Je t´aime*. Você faz falta. Diga-me logo a verdade: você está abandonando tudo?

— *Non, Nonno*! Não estou abandonando nada. Eu só quero passar um tempo aqui no Brasil.

Kilaim ainda sentia a resistência de *signore* Arthuro, mas estava quase quebrada.

— Olha só: considere isso como umas férias, *d´accord*? — continuou o jovem. — Eu acho que mereço umas férias, depois de tudo por que passei. Sofri muitas perdas, mas agora, pela primeira vez, a vida está me dando um presente. Eu *ganhei* um presente! Estou amando!

Um suspiro de conformismo veio pelo aparelho.

— E quem é que você está amando?

— A Claire, naturalmente.

— Claire? — uma pausa. — Mas não é aquela que ficou com o coração da sua mãe?

— Essa mesma.

— Kim, você está confundindo os seus sentimentos, está transportando para ela algo que sentia pela sua mãe. Mas a sua mãe já morreu, *figlio*.

Foi a vez de Kilaim suspirar.

— Eu não estou olhando para o coração dela, *Nonno*. Eu vejo os olhos. Ela tem alguma coisa nos olhos, que eu ainda não descobri. Mas eu vou descobrir! Ela tem algo… nos *olhos*… — a voz de Kilaim de repente ficou

embargada, e ele nem sabia por quê. — É algo que eu sempre busquei… mas que nunca encontrei.

— *Ça va*, Kim. Esse é o seu sonho?

— *Oui*. É o meu sonho.

— *Va bene*. Viva o seu sonho. — Entretanto, sempre prático, *signore* Arthuro acrescentou: — Mas quando o sonho acabar, e você acordar para a realidade, lembre-se de que temos aqui um escritório a lhe esperar, e uma empresa que precisa ser administrada. Consideremos sua ausência como férias. Você pode ficar aí três meses, *d´accord*?

Kilaim sorriu para si mesmo. "*Yeah*! Ganhei tempo!" E voltou à carga:

— *Trés bien*. Você então me manda dinheiro para três meses?

— Você não disse que tinha "mais do que eu imaginava"?

— Também disse que precisava de mais.

— De quanto você precisa?

— Ah, pelo menos uns quatro milhões — disparou Kilaim.

— De *euros*? — *Signore* Arthuro até riu. — Você só pode estar brincando.

— Podem ser dólares. *Da*.

— *Ma que*? O que você vai fazer com quatro milhões de dólares?

— *Nonno*! Eu preciso mobiliar uma casa e, além disso, eu vou conhecer o Brasil! Vamos viajar em grande estilo, é o mínimo a oferecer para quem se ama. Não pretendo ficar em qualquer pocilga, ou ficar fazendo contas cada vez que quiser comprar um picolé. Esse é um país tropical! Temos que aproveitar. Por sinal, sabia que a maior floresta tropical do mundo está aqui?

— É claro que eu sabia. Mas vocês pretendem se meter no meio dos índios? É bom tomar cuidado.

— A serpente adora a Floresta Amazônica… — murmurou Kilaim enigmaticamente.

— Por isso que digo para tomar cuidado! Não é aí que vive a tal da anaconda?

— *Vrai*! É a sucuri-verde, a maior serpente brasileira. Pode chegar a nove metros de comprimento e pesar 250 quilos, já imaginou? É considerada a segunda maior serpente do planeta, ficando atrás apenas da píton-reticulada, que vive na Ásia e mede até onze metros.

— Mas essa cobra come gente, Kilaim…

— É… ela tem fama de ser uma devoradora… e excelente nadadora. *Caraca, mano,* eu vou conhecer o território de Leviathan, o lugar onde ele renova suas forças.

— Levi… quem?

Kilaim nem percebeu que estava falando as coisas erradas, de tão animado que se sentia.

— Sabia que o maior rio em volume de água está aqui também?

— *Oui, je sais.* — Mais um suspiro de *signore* Arthuro. Pequeno.

— E você também sabia, *Nonno*, que o Brasil será palco de algo incrível?

— Disso não sabia. Vai ser palco de quê?

— Um terço da água potável do planeta vai acabar. Ela vai cair aqui.

— *Quoi*? Vai cair o quê?

Kilaim mudou o rumo da conversa repentinamente:

— Ah, esquece, *Nonno*. Não tem importância agora.

No seu entusiasmo, estava falando demais. Aquelas eram programações estratégicas da Organização. Eles sabiam o que ia acontecer, mesmo não podendo fazer um cometa cair do céu. Sabiam que Deus o faria. Ele havia prometido, e *certamente* o faria. Quando se trata da destruição, Ele nunca esquece, sempre cumpre. Adão errou e todos pagam por isso até hoje. E na mente dele pipocou o texto bíblico de Apocalipse:

"*… e caiu do céu sobre a terça parte dos rios, e sobre as fontes das águas uma grande estrela, ardendo como tocha. O nome da estrela é*

Absinto; e a terça parte das águas se tornou em absinto, e muitos dos homens morreram por causa dessas águas, porque se tornaram amargosas”.

— Tudo isso *é* incrível! — exclamou o jovem, por fim. — Estou bem contente!

Naquele instante, *signore* Arthuro atingiu o ápice da preocupação. Kilaim parecia febril, excitado demais. Não fazia parte do comportamento normal do rapaz.

— Kim, você está bem mesmo, *figlio*? Tem certeza de que não pegou malária, ou algo do gênero? Alguma doença… “tropical”? Estou achando você muito esquisito, estou ficando assustado. Tem certeza de que vai mesmo ficar aí, nesse lugar perigoso?

Kilaim riu abertamente.

— Estou em São Paulo. Aqui não tem malária. — E só para judiar do *Nonno* deu vazão àquele instinto maquiavélico que muitas vezes pululava dentro do seu peito: — Mas na Amazônia tem malária… febre amarela… cólera… dengue, doença de chagas, leishmanioses, tuberculose…

— *Dio mio*, Kilaim!

— Me manda esses quatro milhões de dólares, *Nonno*, *allez*. Quatro milhões não é nada para você.

— *Ça va*, *ça va*, Kim, eu vou te mandar os quatro milhões. Acho que em 48 horas estará aí. Mas considere isso como parte de sua herança. Estou computando. Estou contabilizando, *ok*? Considere um “adiantamento”. Não se esqueça da sua irmã. Não vou permitir você dilapidar todo o patrimônio.

— *Sérieu*, que ideia você faz de mim. *Merci*, *Nonno*. Mandarei notícias.

— Faça o favor.

— *Bye!*

— *Ciao, figlio.* Cuide-se. — *Signore* Arthuro não sabia ainda se era bom, ou não, que Kilaim se envolvesse com uma mulher.

Quanto a Kilaim, desligou o celular alegremente. Caminhou apressado de volta para dentro da casa, onde encontrou Claire ainda na cozinha. Abraçou-a pela cintura com força, erguendo-a do chão. Ela atirou os braços atrás do pescoço dele.

— Claire! Vamos fazer uma viagem, o que você acha?

— Viagem? Pensei que fôssemos nos mudar para cá.

— É claro que vamos. Mas precisamos decorar a casa primeiro, *n´est-ce pas*? Vou contratar o melhor decorador, e enquanto ele estiver fazendo o serviço vamos curtir nossa *lune-de-miel*. Não vou conseguir aturar gente no trança-trança aqui o tempo todo. É desgastante demais. Certa ocasião, meu pai — Ethan, quero dizer — precisou reformar o escritório dele em casa, colocar móveis planejados novos, reformar a iluminação — que ia jogar luz nas estantes, quadros, escrivaninha. Tudo foi muito bem planejado por um *designer* de interiores, e deveria ser uma coisa simples. Mesmo assim, nem queira saber como incomodou. Reforma em casa é pior do que ser tragado por um tornado. *Non*. Nós iremos viajar. Você gostaria?

Ouvir Kilaim falar em *lune-de-miel* agradou à moça excepcionalmente, que deu um sorriso enorme. Claire tinha dentes muito bonitos; perfeitos. Kilaim beijou-a com vontade.

— Adoro sua boca… — murmurou. — Vamos deixar a marca do nosso amor em todos os cômodos, quando for a hora.

Claire riu, deixando a cabeça cair para trás, e ele beijou seu pescoço, estreitando-a ainda mais nos braços.

“É tudo mesmo um sonho”, ela pensava.

* * *

De volta ao *flat*, mais tarde eles saíram para comer no *Almanara*, que servia culinária árabe. O lugar era agradável. A temperatura ambiente estava confortável, trazendo alívio do calor logo na entrada. Na rua ainda estava quente, em função do horário de verão.

— Claire, não estou mais aguentando esse calor — comentou Kilaim ao entrar no restaurante. — Um ventinho mais frio, uma nevezinha… não seria o máximo?

— Ah, eu sei que é um pouco desconfortável, mas estou adorando. Adoro o sol, o calor. Traz-me uma alegria que nem sei explicar. Abro a janela do *flat* e, ao sentir aquele calor cálido da manhã batendo no meu rosto, sou a pessoa mais feliz da face da Terra.

Kilaim sorriu:

— *Ça va*. Se gosta tanto, *mein lieber*, vale a pena, *n'est-ce pas*? O que são 32 ou 33 graus na cidade?

— Sem falar no litoral. No Rio de Janeiro, a sensação térmica pode passar dos 45 graus, até 50 graus, em função da alta umidade do ar. Vi na *Internet*. Nos dias mais úmidos, a sensação de calor aumenta porque a evaporação do suor, que resfria o corpo, diminui.

Na recepção do *Almanara*, as paredes tinham uma textura diferente, e ostentava pratos artesanais com motivos árabes. Claire achou-os lindos, e elogiou o bom gosto em inglês, arrancando sorrisos do *maître* e do gerente. A garota tinha aquele dom especial, de sorrir e olhar nos olhos, e de ser simpática naturalmente, sem esforço.

— *We must would call you ma'am or lady*? — indagou o *maître*, querendo saber se desejava ser tratada por senhora ou senhorita.

— *Lady; thank you very much* — Claire riu, agradecendo em ser chamada senhorita.

— *Are you on vacations*? — O *maître* olhava de Claire para Kilaim, querendo saber se estavam em férias, mas detinha-se mais em Claire.

— *Oui*. *Your country is so beautiful*… and… *mucho hospital*… — arranhou ela.

— Hospitaleiro — corrigiu o gerente.

— *Je ne peux pas parler*… — ela começou, em francês, mas interrompeu-se: — *I don't speak your idioma*; *and English*, *I just speak a*

little — respondeu, explicando que não falava português e só um pouco de inglês, com certa timidez.

— Ah! É francesa? — falaram os dois, sorridentes.

— *Oui*. — Ela sorriu de volta. — *And this is* Kila… — Claire, de mãos dadas com Kilaim, ia apresentá-lo, mas foi interrompida.

— Sou o namorado — falou Kilaim, polido, abrindo a boca pela primeira vez. Mas estava enciumadíssimo com a conversa. Que atrevimento daqueles dois sujeitos, cercando Claire como se fosse um pássaro raro.

— *Nossa*, o *senhor* fala tão bem o português! — disseram os dois imediatamente, olhando na direção do jovem. — Nasceu aqui?

— Não. Nasci na França, sou francês e espero que vocês dois deixem minha namorada francesa em paz, sem sorrisinhos para lá e para cá. Sou o namorado, entenderam? Essa palavra vocês compreendem, certo? Se limitem a fazer seu serviço.

— *Senhor,* não se incomode por isso, por favor — adiantou-se o *maître*, um pouco constrangido, porém no mesmo tom polido. — Pedimos-lhe nossas sinceras desculpas, mas faz parte de nosso serviço deixar os convidados à vontade.

— Pois façam com que os clientes velhos e carecas fiquem bem à vontade — ele retrucou, com um sorriso megassimpático no rosto.

Claire, sem entender patavina, alternava o olhar de um a outro, sorridente.

— E pode deixar que eu mesmo escolho a minha mesa.

— *Merci beaucoup* — agradeceu Claire, enquanto Kilaim enganchava o braço ao redor da cintura dela e a arrastava.

— Pessoas ótimas, *n'est-ce pas*? Quanta simpatia — comentou em seguida. — Diferentes da maioria dos franceses, e especialmente dos parisienses. O que foi que você disse?

— Que estamos apreciando muito o Brasil, e também o restaurante. Agradeci-lhes pela solicitude.

— Aqui, em tudo eles querem nos agradar, nos fazer sentir bem, conversar. São as pessoas coloridas que meu pai mencionava.

"'Coloridas'. Pois, sim!"

Acomodaram-se em "sofazinhos" diante de uma mesa para dois, e logo em seguida o *garçon* se aproximou com os cardápios. Kilaim pediu o vinho. Depois, escolheu boa variedade de pratos. O *Almanara* oferecia apenas a culinária árabe, mas não atrações como danças do ventre e outros *shows*.

— Uma noite dessas iremos a São Paulo conhecer o *Khan El Khalili*, uma Casa de Chá Egípcia e Cafeteria Árabe, com 14 ambientes diferentes, para comer e assistir aos *shows* de dança.

Claire bateu palmas de alegria, e depois segurou as mãos de Kilaim, tão grandes perto das dela, com gratidão. Os dois ficaram se olhando, ele para os olhos transparentes e enigmáticos dela, ela para a boca dele; e com isso Kilaim se sentiu invadido novamente por ternura e desejo ao mesmo tempo, uma sensação boa.

Depois que o vinho foi servido, os dois fizeram *tin-tin* com as taças:

— A nós — disse Kilaim.

— A nós… e ao amor!

Logo em seguida, chegou à mesa o *Homus* que haviam pedido de entrada, e Claire por fim conseguiu tirar seus olhos de Kilaim para olhar a travessa. Enquanto levava o seu pão sírio à boca coberto com a pasta de grão-de-bico, deu uma reparada melhor no ambiente em derredor. Luminárias gigantes, redondas e de tecido amarelado que, espalhadas pelo ambiente, deixavam o ambiente bem agradável. Havia espelhos em boa parte das paredes, alguns quadros e vasos grandes de plantas ornamentais.

Durante o jantar, Kilaim observava ostensivamente se algum engraçadinho ia ficar encarando sua namorada. Aquilo era novo para ele. Claire era bonita, seu riso contagiava, e o sotaque só ajudava. Eles conversaram de tudo um pouco. O temperamento soturno de Kilaim aos poucos ia se desvanecendo, e ele estava gostando daquilo.

— Claire. Você me faz muito bem, sabia? — ele disse de repente.

— Você também… sou tão grata por ter ido me buscar.

— Eu precisava de você — fez Kilaim, um pouco encabulado. — Não sei o que teria sido se você não aceitasse toda essa minha maluquice.

Ela ficou quieta uns instantes, porque sentiu que a voz ficava um pouco embargada:

— Eu iria com você até para a guerra.

"*Bien*, foi o que você fez", pensou Kilaim, com uma ponta de remorso.

Claire se remexeu em sua cadeira, ajeitando-se melhor.

— Conte-me alguma coisa, Kim. Alguma coisa que eu não saiba.

— Como assim?

— Algo sobre você. Quero te conhecer melhor.

Ele ficou parado, olhando.

— Mas o quê?

Ela deu de ombros.

— Alguma coisa verdadeira.

— *D'accord.* — Kilaim puxou o ar para dentro dos pulmões, com reverência. — Eu te amo.

Ela desatou na risada.

— Isso eu acho que já sabia. Tente uma coisa nova. Alguma coisa muito sua, que te defina — Claire pediu, enquanto sorvia o seu suco de abacaxi com hortelã com o canudinho preto, porque já tinha tomado muito vinho.

— Sempre tenho dificuldade em encontrar sapatos que me sirvam bem.

Claire riu de novo.

— Kim!

— *Da*, Claire. O jantar ainda não chegou, *alors*… já que quer uma coisa verdadeira, que tal um pequeno debate?

Claire fez ar de quem não estava tão a fim.

— Debatezinho — explicou-se o rapaz, logo. — Tudo bem?

— Como mais um debate pode definir quem você é? Ou me mostrar algo verdadeiro, que eu não saiba sobre você?

— Pode. Pode, *oui*. Há várias crenças que me definem, e mostram como minha vida se desenrolou.

O ar era de menino pidão. E Claire achou tão doce!… Então ela assentiu com a cabeça, concordando.

— Muito bom isso aqui — ela comentou, antes que Kilaim dissesse qualquer coisa, referindo-se ao seu suco. — Você deveria pedir um. *Allez*, Kim, diga.

— Vou te dizer. *Listen to me*… tenho uma pergunta para você. — Com as mãos, fez com que ela virasse o rosto bem de frente para ele, cuidadosamente. E indagou: — Salomão foi um homem sábio?

Kilaim fez uso de um tom de reverência, quase como acontecera em alguns momentos, no avião. De início, Claire imaginara que aquelas discussões não tinham tanta importância. Eram apenas divergências de opinião, nada mais; e não um cabo de guerra. Mas, pouco a pouco, ela começava a notar que, mesmo quando o rapaz aparentemente deixava de lado um assunto, na verdade, *não* deixava. Ele ficava com as caraminholas na cabeça, pronto para voltar ao tema na primeira oportunidade.

Tudo bem. Claire entendia que, como homem, Kilaim queria vencer, queria mostrar que tinha razão. E ela, por sua vez, acabava exasperando-o com suas respostas.

Entretanto, foi só ali, ao ouvir o tom formal da pergunta dele, que Claire percebeu algo mais num repentino instante, como quem recebe uma gota-d’água na testa, algo muito verdadeiro: se Kilaim não entregava os pontos, era porque aquilo tudo tinha *mesmo* relevância na sua vida. Era mais do que uma simples discussão de ideias.

Ficou claro que precisava escutá-lo melhor. Mesmo achando — não por mal, ou por despeito — que não valia a pena discutir por causa disso.

Em vez de responder à pergunta, ela esticou a mão e fez um carinho suave sobre o dorso da mão dele.

— Estou aqui para te ouvir. Sempre! Pode falar — ela estimulou, olhando-o com atenção.

Kilaim sorriu. Prometeu a si mesmo que não se deixaria tomar pela ira, como já acontecera, estragando o jantar. Tudo que vinha de Claire era feito com delicadeza, com bondade; ela não merecia ser desrespeitada.

Mas, se sua namorada queria algo verdadeiro, era o que iria ter. Sua paixão pelo Oculto *era* verdadeira! Por isso é que ele ficava voltando e voltando ao assunto, intimamente buscando as melhores formas de abordagem e em como transmitir sua verdade.

— *Alors*, responda-me. Salomão foi um homem sábio?

— *Oui* — Claire respondeu. — Decerto. O maior que já existiu.

6

Sagesse

Kilaim sorveu um gole de sua taça de vinho, apoiou os cotovelos sobre a mesa e se inclinou para ela.

— Salomão conhecia Deus. Conhecia *bem*, pois foi de Deus que ele recebeu sua sabedoria. Podemos dizer que ele tinha a mesma inteligência dos Anjos?

— Talvez. Como você disse, Salomão pediu sabedoria a *Dieu*, e *Dieu* a concedeu. Talvez ele tenha sido o único ser humano que usou 100% do seu potencial.

— *Da*! — Kilaim ficou alegre com a resposta. — E como você sabe disso?

— Por fé. *Parce que* está escrito.

— *Maktub*. Desta vez, eu concordo com você. — Ele se inclinou um pouco mais. — E Salomão errou?

— Errou. Seguiu outros deuses, afastou-se do *Dieu* Vivo.

Kilaim não esperava exatamente por aquilo. Que a afirmação viesse tão fácil, sem ponderações.

— E *porquoi*? *Porquoi* Salomão fez isso?

Ela refletiu um pouco, virando o copo de lado para beber as últimas gotas do suco.

— A sabedoria e a inteligência deveriam ter sido uma bênção para ele, e foram de fato, durante um tempo. Mas depois, ele passou a usar mal o dom que *Dieu* lhe deu.

— Ele viu-se compelido a ir além, não importava por quais meios e nem a que preço. Esta "sede de mais" traz muito inconformismo. É assim que é. Por um lado, isso é bom. Levou muitas pessoas a se superarem, trazendo benefícios à Humanidade. Por outro lado, "querer mais" pode terminar em aberração, em comportamentos e experiências tenebrosas, e justificativas pífias para as mais doentias atitudes.

— Tem razão…

— *Alors*, você já entendeu que alguns têm, ou melhor, *sofrem* dessa necessidade de "mais". Mas, se Salomão era o homem sábio de *Deus*, eu me pergunto: Deus não poderia suprir a necessidade dele? Deus prometeu suprir *todas* as necessidades de Seus filhos. Se Ele deu a sabedoria, *porquoi* não permitiu, igualmente, o prazer de satisfazê-la? *Porquoi* não deu permissão a Salomão para aprender, para criar, pensar, andar por caminhos não percorridos, realizar o impossível, viver plenamente sem restrições?

Claire sentia a leve pontada no coração de Kilaim. Aquele quê de sofrimento, mesmo que não fosse intenção dele demonstrar isso.

— Sabe, Claire? Eu sei como é pensar demais. Eu experimentei isso minha vida inteira! Olhar para o Universo e estar sempre em busca de respostas. Mas percebi que grande parte do conhecimento humano não passa de uma fagulha que escapou, inadvertidamente, da Fogueira do Conhecimento.

— Eu te entendo… — Claire escutava com atenção. — Entendo, *parce que* percebo que você é diferente da maioria. Mas, Kim — ela apertou forte a mão dele, com empatia —, você poderia escolher *qualquer* área do

conhecimento, e ser brilhante. Você tem um dom muito especial! Sua inteligência. Não é preciso buscar nada além do que já existe a seu dispor.

— Você diz que me entende, mas não… não entende — ele resmungou, meio chocho.

— Kim, você pode ser o que quiser, e fazer o que quiser.

— *Non*, Claire. Eu não posso. — Ele a encarou. — Ou melhor, eu posso. Claro. À custa da minha alma; esse é o preço. À custa de desobedecer às leis supostamente majoritárias de um Deus que não se importa com a Criação.

— Como assim, Kim? — Ela ficou um pouco assustada com a intensidade da afirmação.

— Assim como Salomão, *eu* também busquei o Ocultismo. Busquei entender aquilo que os olhos não veem. O que está envolto na Sombra. O que Deus não permitiu e amaldiçoou. Você não faz a menor ideia do que é isso, e nem do poder que representa. Algumas pessoas podem captar uma nuance efêmera dos Mundos Paralelos, mas não os entendem. Há tanto mais para ver, para conhecer, para entender! Imagine um ponto — algum lugar — onde a existência não se limita ao que conhecemos aqui. Lembra quando Deus pergunta a Jó: "*Porventura, te foram reveladas as portas da morte ou viste essas portas da região tenebrosa*?" — Pausa. E ele repetiu: — A região tenebrosa…

Claire ficou esperando que Kilaim continuasse. Mas ele só fez uma indagação diferente.

— Sabia que existem nove dimensões paralelas à nossa? Diferentes desse nosso mundinho restrito…

— Você acha nosso Mundo restrito?

— Tente ver como eu vejo! Aqui, nós estamos imersos num mundo de quatro dimensões: largura, comprimento, espessura e Tempo. Toda a realidade à nossa volta se expressa por meio desses parâmetros.

— Entendo as noções de medidas — ela respondeu, atenta —, mas não a questão do Tempo. Como assim?

— É! Para Einstein, o Tempo era a quarta dimensão. Mas nós aprendemos que o Tempo não existe em si mesmo, ele apenas avança. A verdade, porém, é que o Tempo é real. Ele *existe*. Se existe, poderíamos viajar através dele. Por exemplo, aqui da Terra, é muito difícil fazer grandes conquistas no Espaço. Até mesmo a velocidade da Luz — se a pudéssemos alcançar — seria pouca para tal façanha. A sonda *Voyager* 1, lançada em 1977, foi a que chegou mais "longe". Quer dizer, ela levou quase quarenta anos para chegar ao limiar do sistema solar. Para ir além, muito além, seria preciso pegar um "atalho" de Tempo. Pelo menos, teoricamente, os físicos reconhecem as dobras de Espaço-Tempo. Cientistas da NASA mostram que a solução para viajar pelo Universo não é tentar ser mais veloz que a Luz, mas em dobrar o espaço-tempo para, assim, aproximar os corpos celestes e direcionar espaçonaves em direção a eles. Viagens de anos-luz demorariam meses. Já imaginou? Além disso, como nossa noção humana de Tempo é retilínea, e não curva, passado, presente e futuro são muito bem delimitados. Você jamais poderia voltar ao passado, nem ir ao futuro, *parce que* o nosso modelo de Tempo não permite isso. Mas, em outros lugares… em outros Mundos… — Kilaim agora estava mais entusiasmado, e até meio comovido — *pode* ser diferente. *É* diferente! Você pode estar aqui, no presente, e pode passar por um Portal — há vários tipos — para o seu passado. Ou pode ir até onde a tecnologia humana mais avançada nunca poderia te levar.

Claire apenas escutava, observando o modo entusiasmado com que Kilaim falava agora.

— Seja como for, isso tudo ainda é ficção científica no nosso mundinho. — Ele bebeu água, recompondo-se. — Só que *há* outras dimensões, e é possível alcançá-las de outras maneiras. E, Claire, de repente, você pode voar, respirar debaixo d'água, atravessar buracos negros e sair por buracos

brancos que te levam a outro Mundo, em segundos. Imagine ver cores, ouvir sons, sentir odores e se deparar com paisagens surreais que jamais imaginou. Perceber texturas que não existem aqui na Terra, outros meios além do sólido, líquido ou gasoso. E construções faraônicas que desafiam as leis da física, *parce que* não estão sujeitas a ela. Eu costumava pintá-las, quando criança, pois as via em sonhos. Depois, não eram mais apenas sonhos. Imagine Claire, se o seu próprio corpo espiritual não estivesse mais sujeito às leis da nossa dimensão. Um minuto aqui, poderia ser várias horas lá, em Mundos ocultos; outras dimensões. Você continua sendo você, mas livre deste corpo, pronta a novas experiências. O seu espírito pode mesmo desfazer-se em vários pedaços, e cada um deles, carregando uma parte de sua consciência, torna real uma vivência diferente.

Se Kilaim não falasse com absoluta e completa convicção, Claire talvez começasse a imaginar se não seria o caso de ele ser medicado com urgência. No entanto, por mais estranho que possa parecer, ela acreditou.

— Há também — ele baixou um pouco o tom de voz, controlando seu entusiasmo — espaçonaves indescritíveis que se movem de um modo absolutamente inimaginável, e numa velocidade espetacular.

— Mas, naves? Para quê, naves? — ela achava que Kilaim estava fazendo algum gracejo.

— Ora, imagine que você quisesse ir daqui até o Rio de Janeiro. E fosse correndo a vinte quilômetros por hora, com suas próprias pernas. Mesmo que você conseguisse tal façanha, quanto tempo não iria levar? Se as cidades existem, e as construções — *parce que* eu as vi —, é sinal que essas dimensões são habitadas. E se existe inteligência suficiente para construir tanta coisa, por que não meios de transporte, *alors*? Só que eles não servem apenas para transporte. Imagine *Star Wars* nas dimensões paralelas, só que infinitamente mais sangrentas e cheias de destruição, milhares de vezes mais velozes, muitíssimo mais perigosas.

— Kim, isso não existe! — Ela achou graça.

— Existe, *oui*. Você já teve a chance de ver as espadas, as armaduras usadas pelos seres espirituais? Acha que estão de brincadeira? A guerra, *ma fleur*, surgiu primeiro nos Céus. Lamento dizer isso, mas tal crédito não pertence ao meu pai e aos seus colaboradores. É engraçado. Você encara o Bem e o Mal de maneira muito simplista. Tipo preto no branco, bê-a-bá. Coisas muito bem definidas e que se excluem mutuamente. Mas não é assim! É bem mais complexo do que isso. E se no Jardim do Éden havia a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, é *parce que* o Mal já existia. E se existia, de um lugar ele veio: de Deus. Do Reino Dele. Você tem uma ideia muito poética do Reino dos Céus. Não acha interessante que a única Árvore proibida fosse essa, a do Conhecimento? O "Mal" está em descobrir o que Ele não quer contar.

— O Mal se resume a tudo que te afasta Dele — ela respondeu, sem pensar. E voltou ao ponto anterior: — Mas essa guerra que você está mencionando. Isso não existe. Deus teria dito algo na Bíblia.

— Não é tudo que está na Bíblia. Aliás, Deus nunca teve intenção de falar sobre Satanás. Só o fez por não ter alternativa. Veja, quando Ele cita "a Serpente" do Éden, nada se sabia sobre ela. Quem era, ou o que fazia ali. Era tão somente "a Serpente". A primeira vez que o nome "Satanás" aparece é no Livro de Jó, mas, mesmo assim, quem era Satanás? Ao longo das Escrituras alguns fatos sobre ele são citados, sua patente, suas motivações…

— Suas sentenças… — Ela deu um sorriso.

Kilaim ignorou o comentário.

— *Somente* no Apocalipse faz-se a correlação completa de que o "grande Dragão, a antiga Serpente, se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o Mundo".

Claire refletia. Nesse sentido, Kilaim tinha razão.

— *Hum*… — Ela apoiou o queixo nas mãos. — Mas onde estão essas dimensões paralelas?

— Aqui. Aqui mesmo.

— Onde? — Ela olhou em volta, por puro reflexo.

— Onde Deus aprisionou Satanás e os Anjos caídos? Aqui na Terra. Mas numa outra dimensão. Lembra que os demônios podiam ver a Criação, lá no Éden? Não o tempo todo, mas de vez em quando a comunicação podia ser estabelecida, embora os demônios continuassem aprisionados. Na Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, dois Mundos se encontraram. Mas existem outros.

Ela ficou em silêncio. Kilaim podia quase ouvir o cérebro dela trabalhando. Então, ele usou um exemplo para ajudá-la a entender:

— Há outros mundos ao nosso redor, mas não os vemos *parce que* nossa realidade limitada demonstra que eles não existem. É como a sua sombra: ela tem largura e comprimento; mas não tem espessura. Ou "altura". Para ela, não existe "para cima". Do mesmo modo, a maioria de nós não aprendeu a "olhar para cima". Para fazer isso é preciso que alguém te ensine. Ou que você tenha uma inteligência tão privilegiada, que descubra por si mesmo. Foi assim que Galileu descobriu que a Terra não era o centro do Universo e foi condenado pelo Santo Ofício; que Darwin propôs a Teoria da Evolução. Que Newton escreveu "*Principia*" o livro científico mais importante que já foi elaborado, e formulou a Lei da Gravitação Universal. O mesmo ocorreu com Mendel e suas ervilhas, tornando-o o pai da genética. Pasteur revolucionou a ciência do século XX. E isso não acaba! Pitágoras e seu Teorema. Mendeleev e a primeira tabela periódica. Platão, Marx, Freud! Homens incansáveis como Gandhi, Mandela; e que dizer da genialidade de Mozart, Beethoven, Van Gogh, apesar de suas excentricidades e loucuras? Sem falar na Corrida Espacial, que nunca teria acontecido se astrônomos não tivessem visualizado a possibilidade e levado adiante o sonho de conquistar o Universo.

— *Ça va*, mas *porquoi* você está citando essas pessoas?

— São apenas alguns exemplos de homens brilhantes muito à frente do seu tempo. Foram visionários que dedicaram suas vidas a entender o Mundo, e a mudar a maneira do ser humano pensar. Ou seja: todos eles "olharam para cima". Viram o que ninguém mais viu. Contudo, eles se dedicaram, na maior parte, a entender o Mundo em que vivemos. — E Kilaim olhou para dentro dos olhos azuis de Claire. — Consegue perceber agora que é possível alguém querer conhecer o que existe em *outros* Mundos? Como Salomão quis? Como eu?

— Você disse que as dimensões são habitadas… pelos seres que constroem cidades e "naves". Mas quem são eles? — E logo se arrependeu de sua pergunta, pois parecia ridícula.

— *Ora*, um pouco você sabe. Quando Deus diz que fará acampar Anjos ao redor daqueles que O temem, de onde é que vêm esses Anjos?

— Do Céu.

— *Oui*, mas onde é o Céu? Não se trata desta atmosfera terrestre, que podemos ver. O "Céu" está em outra dimensão. O Apóstolo Paulo foi "levado em espírito" ao terceiro Céu. Os ocultistas diriam que ele fez uma viagem astral, ou, como nós o chamamos, desdobramento. Mas aconteceu, não aconteceu? Quando Jesus expulsou *Legio* do endemoninhado Gadareno — aquele que morava nos sepulcros, se cortava com pedras e despedaçava as correias —, os demônios entraram nos porcos, e os porcos morreram. Para algum *outro* lugar essas entidades foram. Onde?

— Os demônios andam por lugares áridos procurando descanso, sem encontrá-lo e…

— *Ok*, *ok* — ele interrompeu. — Mas *onde* estão esses lugares áridos? Eles existem; a sua Bíblia atesta. Fazem parte de outra dimensão. E Deus falou da Região Tenebrosa… — E de novo Kilaim fez uma pausa significativa, mas não explicou nada. — *Alors*, existem dimensões espirituais angelicais, e, naturalmente, há dimensões habitadas por aqueles que eu conheço.

— Você “conhece”?

— *Oui*. Não foi o que eu já lhe contei?

Claire olhava-o fixamente.

— *Non*. Isso, eu acho que você não me contou.

— Eles estão em dimensões inferiores. O Céu possui várias dimensões, o Abismo também. Cada ser espiritual faz o que lhe é próprio e habita regiões que lhe são próprias, podendo transitar entre elas e a Terra.

Kilaim falava sem ira, e Claire achou que talvez houvesse superestimado a má vontade dele para com *Dieu*, afinal. As Escrituras lhe pareciam claras, também, o que a impressionava. Mas aquela fixação mórbida e a naturalidade com que falava dos inimigos de *Dieu*… isso era meio assustador. E estava tudo ali, dentro dele, fresco como erva recém-nascida no campo.

— Você disse que é possível passar de uma dimensão para outra… — ela afirmou, só para ter certeza.

— Não sou eu que digo. Homens de Deus não o fizeram?

— Eu sei. Mas você disse que pintava lugares estranhos, e que eram sonhos, mas depois não eram mais. O que quer dizer? Já esteve em outra dimensão? — a voz dela soou ligeiramente aflita. — É possível ver os demônios nesses lugares, falar com eles…?

Ela nem ousou continuar. Kilaim demorou um pouquinho na resposta, e então desconversou:

— Não importa. Isso não tem nenhuma relevância. Deus não é o Único que tem propósitos legítimos, meu pai também tem. O problema de Deus é o medo de que os demônios revelassem ao Homem a verdade que Ele oculta, e mostrassem à Humanidade, “Quem”, afinal, é o Grande Mestre do Ocultismo. O Grande Pai de Mentiras!

Uma faísca daquela estranha chama saiu de dentro dele, e pululou ali; Claire quase podia pegá-la no ar, junto com as palavras dele. Estupefata, estendeu sua taça na direção dele, quieta, e Kilaim colocou mais vinho.

— Não quer outro suco? — o rapaz indagou.

— Acho que estou precisando é de vinho. — E depois de uma pausa, ela colocou a mão na cabeça, numa atitude de inconformismo. — Percebe que a forma como você buscou o conhecimento o afastou do Criador?

— Isso foi bom *parce que* eu sobrepujei a falsidade de Deus, sobrepujei a mentira que Ele transformou em Verdade Absoluta. No fim de tudo, Claire, podemos resumir assim: quando você anseia por respostas espirituais, não as encontra em Deus. *Non;* jamais. Você precisa enveredar por aquilo que ele considera "errado". Só que a prática correta do Ocultismo é a chave capaz de destrancar essas portas de entendimento. Lembra que a Mulher via a Serpente perfeitamente?

— Na Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Onde você disse que dois Mundos se conectaram. *Oui*.

— Significava que os seres humanos podiam ver as entidades espirituais. Eles viam Deus, todos os dias, no Jardim, e embora não se mencione, viam os Anjos também. O ser humano conseguia contemplar o Mundo de forma ampla, em todos os seus aspectos e suas dimensões. Mas essa capacidade foi retirada do Homem quando ele foi expulso do Éden. Ficamos restritos a apenas essa dimensão terrena, o que não deixa de ser uma forma de prisão. E sua capacidade intelectual? Você usa agora cinco, sete por cento de sua capacidade cerebral. Se tanto. Dez, se for um gênio. — Ele meneou a cabeça. — Por isso o Ocultismo é tão fascinante! Ele abre as travas que Deus colocou e se mostra uma fonte de conhecimento inesgotável, uma trilha de segredos a serem descobertos, poderes a adquirir e hierarquias a galgar. Como consequência, você passa a ver. Parece um paradoxo, *hã, mein lieber*? Que as Trevas possam lançar luz?

Ela não sabia bem o que dizer.

— Você não disse que estava saindo dessa seita?

— E estou — a resposta foi curta.

Kilaim não queria dizer que estava tentando ganhar tempo. Tentando fazer com que todos mudassem de ideia a respeito dela. Não queria admitir, nem para si — pelo menos, não agora, que seu destino como bruxo já estava traçado. É claro que, talvez, ele realmente gostasse de mudar, para isso viera ao Brasil…

"Ou não…", Kilaim ouviu como um sussurro dentro dele.

Os demônios deveriam estar por perto, ouvindo. Normalmente o jovem gigante os pressentia facilmente, mas não dessa vez. Aquilo o irritou. Não queria espectadores. Mas, era impossível fazer qualquer coisa a respeito.

Claire ainda estava esperando que Kilaim fosse mais enfático em dizer o quanto desejava libertar-se de tudo aquilo; mas o jovem estava quieto, o semblante um pouco fechado.

"Que péssimo não poder mandar esses demônios longe!", era isso que ele estava pensando.

Vendo seu silêncio, a moça começou a achar que o namorado estivesse irritado com ela, embora não soubesse exatamente por quê. Será que fora mal-educada, perguntando se ele estava mesmo deixando a seita?

— Se o assunto se torna um pouco pessoal você muda o rumo da conversa, ou não diz nada — ela arriscou. Aquilo a magoava. Mas, acima de tudo, preocupava. — Kim, *porquoi* você apenas não me fala de você?

— Se você soubesse ouvir bem tudo que estou dizendo, entenderia muita coisa sobre mim. E, a propósito, o Satanismo não é uma seita, do mesmo jeito que o Cristianismo também não é. É uma ideologia complexa, com milhares de adeptos espalhados pelo Mundo.

— Satanismo?

— *Oui*. Os verdadeiros adoradores do diabo.

— Você disse que era uma Organização Secreta.

— *Voilá*. O verdadeiro Satanismo *é* uma Organização Mundial e Secreta. Os demônios são seres da Sombra. Não se espera que ajam à luz do dia, para que todos conheçam os seus segredos.

Claire voltou a entrelaçar os dedos dela, nos dele, com força.

— Está… bem — falou devagar. — *Alors*, você foi um satanista.

— *Da*. — Um pouco nervoso agora, Kilaim perguntou logo: — Isso muda tudo para você? Eu deveria ter usado logo esse termo em sua casa, quando fui buscá-la! Claire, eu imaginei que falar "adorador do diabo" fosse o mesmo que…

— Está tudo bem. Entendi. Está tudo bem, *mon amour*, isso não muda nada.

— Você está com medo, agora? — Ele abaixou um pouco o rosto para olhar direto nos olhos dela. — Está! — constatou. — Está com medo.

Os olhos de Claire não a deixavam mentir.

— Não é medo, só estou… um pouco perplexa. — Mas ela sorriu e afagou os cabelos dele com ternura. — Eu vou ouvir tudo que você quiser me contar. *Sil vous plaît*, fale de Salomão, fale o que quiser. Continue. Mostre-me seu ponto de vista.

Kilaim suspirou, não querendo falar mais nada. Então, Claire tomou dianteira, não querendo deixar a conversa desmoronar sem chegar a lugar algum.

— Mas para que isso que você me contou serviria? — ela indagou, genuinamente.

— O conhecimento gera poder — ele respondeu, por fim. — Poder pelo desenvolvimento da Magia.

— E o que você quer dizer com Magia?

— Magia é parceria. É parceria entre homens e demônios, e disso vem o poder. A parceria entre Deus e os homens deveria gerar o fruto do espírito. Deveria gerar *poder* de Deus nos homens! Mas, nesse caso, quem permanece na Videira, Claire? A Igreja? É de morrer de rir. Se até Salomão se tornou um ramo seco.

— *Oui*, mas…

— Você pode não entender agora, mas foi como satanista que eu consegui ir além, encontrei objetivos claros para a minha existência vazia, e amigos dispostos a ajudar-me a realizar o irrealizável.

— Que amigos? — ela indagou incontinente. — Outros satanistas?

— Também — Kilaim falou por falar, pois não era verdade. Lucipher era seu melhor amigo, e havia outros demônios próximos de quem ele gostava. — A verdade é que, hoje, a luz de Lucipher está mais brilhante do que no começo da História, e eu a vejo! Ele me trouxe alívio para a sede de conhecer. Razão para existir. E um Grupo imenso de pessoas compromissadas com a mesma causa.

— Que causa? — ela o bombardeava com perguntas, na pura intenção de entender o inexplicável.

Kilaim não podia revelar o cerne de tudo. Num segundo podia sentir o cheiro acre dos demônios, e como estavam rondando perto, irrequietos, esperando para ver se ele ia mesmo falar sobre…

Mas ele não falou.

— Alguém tem que preparar o Mundo para receber o anticristo — respondeu Kilaim, habilmente desviando-se do foco principal. — De onde você imagina que ele vem? Certamente, não de outra dimensão. Há muito trabalho sendo feito pelas entidades e pelos filhos do Mal, há séculos. — Falar no anticristo era inócuo. A Bíblia já falava dele.

Mas, de repente, Claire pareceu pressentir alguma coisa no ar. Um arrepio de frio percorreu suas costas, fazendo-a tremer num único espasmo:

— Que cheiro esquisito… você sentiu? — Olhou em volta, procurando a fonte do odor. E depois: — Haverá alguma corrente de ar por aqui?

— *Non!* — Kilaim se esforçou para não soar rude, mas não foi muito feliz na tentativa. — Perdoe-me — disse logo em seguida, caindo em si. — Perdoe minha grosseria.

No Mundo Paralelo, o ser alado postado logo atrás de Claire reluziu como um relâmpago, um rugido de luz dourada; e a luz parecia explodir

numa esfera, em todas as direções. Sinal de alerta ao líder dos demônios que estavam perto de Kilaim: “Não se aproxime mais”.

O Anjo estendeu suas magníficas asas douradas ao redor de Claire, e uma de suas mãos pousou significativamente sobre a espada de empunhadura curva, toda trabalhada em ouro puro. Seus antebraços estavam cobertos por braceletes reais, do punho aos cotovelos, com inscrições numa língua não terrena. Os olhos azuis-claros agora pareciam de fogo.

Diante disso o líder dos demônios, um principado da cidade de São Paulo, afastou-se devagar, levando com ele os batedores. Ficaram a uma distância segura, porque o príncipe da Luz não estava só. Havia outros com ele.

Não era hora de nenhum confronto. Ainda.

— Eu vejo que essas coisas mexem muito com você — Claire murmurou, respirando melhor, depois de uma pequena pausa.

Kilaim engoliu em seco. Claire era sempre doce, pronta a perdoar, e ele, um verdadeiro monstro. Olhou em derredor, indignado, procurando outro foco para a atenção de ambos.

— Acho que essa comida está demorando — reclamou. — Não vou pagar dez por cento pelo serviço.

— Nem temos horário. Não fique irritado, Kim, calma.

No começo, Claire achava que o discurso de Kilaim tinha certo exagero, além de uma tendência meio mórbida. Mas agora, revelava algo realmente assustador, para o qual ela ainda não tinha nome. Melhor dizendo, tinha: Satanismo. Mas o que era Satanismo? Essa era uma palavra que não traduzia muita coisa, afinal. Só dizia que não era bom — *nem* um pouco bom.

Teria sido Kilaim um seguidor de algum maluco, criador de uma seita abominável que o teria submetido à lavagem cerebral? Talvez, algo semelhante ao que fizeram os seguidores de Charles Manson. Mas os

seguidores de Charles Manson se restringiam a poucas pessoas, não era um fenômeno mundial. Seria, então, mais do tipo Reverendo Moon, aquele coreano que criou um verdadeiro império através da seita Unificação pela Paz Mundial, e se autoproclamava “messias”? Ou como a Igreja da Cientologia, da qual faziam parte muitos atores famosos?

Non. Era muito mais macabro. Claire sentiu um mal-estar se alojando na boca do estômago. Caberia, então, a ela, apontar-lhe um novo caminho. Isso começava a ficar claro. Mas, como…

— Nem tudo é o que parece ser, Claire — Kilaim a puxou de volta, abrandando um pouco. — Já te disse: nem toda a Verdade está contida na Bíblia, eu lhe garanto. *Porquoi* somente a Verdade de Deus é que tem valor? Se a minha escolha é “errada”, isso vem do fato de Deus predeterminar o erro.

— São cuidados de Pai, apenas, Kim. Ele não impõe limites na intenção de prejudicar, de ser autoritário, de trazer desconforto. Nem tudo um Pai amoroso pode permitir, no momento em que o filho quer. Se seu filho de treze anos quer uma moto, você como pai, vai dar? Tem que esperar um pouco, *né*? Ou, se seu filho de treze anos está andando com uma gangue de bandidos, você como pai, vai permitir? Entende…?

— Uma “gangue” de bandidos. Eles seriam, num remota hipótese, os demônios?

Kilaim, de súbito, se sentiu triste. Claire não entendia! Simplesmente não entendia. Deus não era detentor da Verdade, e ela não via isso, não via que Ele *mentia*!

Claire não queria magoá-lo, não queria fechar o canal de comunicação. E agora, olhando nos olhos dele, percebeu aquela tristeza. E entendeu ainda melhor. Não o que ele estava se esforçando tanto em explicar, mas o fato de que Kilaim havia deixado muita coisa para trás. Tinha deixado o seu mundo *todo* para trás. E havia sofrimento naquela decisão.

Então, foi com isso que ela decidiu ficar. Com aquela constatação. Que era muito verdadeira. Esticou os braços por cima da mesa, pousando-os sobre os braços de Kilaim, numa atitude de acolhimento e aceitação.

— Tudo bem, eu entendo, Kim… — e soava com doçura.

O jovem lhe lançou um olhar ainda mais triste. Engoliu em seco, esforçando-se para não derrubar nenhuma lágrima. Quando Claire falava daquele jeito, ficava tão clara aquela diferença estranha dela, aquele *algo* insondável que se espelhava nos olhos azuis, e que de algum lugar vinha. Era do âmago. Do coração. Uma coisa indecifrável, e boa, que ele nunca vira em ninguém.

— Kim, não há muito que eu possa te dizer… mas, sabe? Você já ouviu aquela velha história das pessoas, dizendo que o Cristianismo é a "última esperança"? Não é assim que falam os cristãos? *Ou* você se entrega a *Dieu*… *ou* você é nada. Sem *Dieu*, você não é nada, e tudo está acabado. Não é assim?

Ele balançou a cabeça, evitando qualquer coisa além, pois não queria chorar.

— Na verdade, o Cristianismo — *Dieu* — não é uma esperança. *Dieu* é uma experiência! Como Paulo, o apóstolo, teve. Antes, ele perseguia e matava os cristãos. Esteve presente no apedrejamento de Estêvão, e o rosto de Estêvão brilhava, como de um Anjo. Mas Paulo não ligou. Ele viu, mas não ligou. Será que alguém não deve ter falado com ele, exatamente como eu estou aqui, falando com você? E Paulo deve ter escutado coisa do tipo "Jesus era bom"; ou "os cristãos não estão fazendo nada de errado". Tudo na tentativa de convencê-lo a seguir por outro caminho, mudar sua maneira de pensar e agir. Mas não adiantou. Paulo só mudou depois que teve… uma experiência. — Claire olhava para Kilaim com muita ternura. — Kim, eu consigo fazer uma pálida ideia do que você está me contando, e o que passou na vida. Te agradeço por confiar em mim. Mas… eu não posso tirá-lo daí, não posso desfazer aquilo que você é, *parce que* eu não sou *Dieu*. Só

Ele pode te alcançar. Como aconteceu com Paulo. Depois de uma experiência verdadeira, ele nunca mais foi o mesmo. — Claire inspirou fundo. — O que eu posso fazer por você é orar. Orar e pedir que a experiência simplesmente venha, e te encontre.

Claire era muito carinhosa, e aquele carinho o cortava. Suas palavras soavam estranhamente verdadeiras, cheias de amor, de confiança cega no que Deus poderia fazer. Sem conseguir mais se segurar, uma lágrima impertinente escorreu pela bochecha dele. Kilaim a enxugou com a ponta do dedo, e engasgou-se com as demais, que insistiam em sair. Com muito custo, ele lançou as lágrimas de volta para algum lugar obscuro, um lugar *qualquer*, desde que não fossem os seus olhos. Era detestável mostrar qualquer fragilidade. Absurdo, até.

Mas Claire tinha aquele dom, de fazer tocar uma nota desconhecida dentro dele, que queimava, doía. Percebendo o seu estado, ela apertou os braços dele ainda mais intensamente.

— Como você se sente? — perguntou. Era aquilo que importava de verdade.

Kilaim olhou para ela, e depois para o lado, devagar.

— Como essa planta… — respondeu.

Ele puxou um dos braços que Claire segurava e estendeu a mão sobre o vaso postado ao lado da mesa, e que fazia divisão com a janela. Ela olhou para a planta grande, sem entender. Mas, de repente, o verde já não estava tão verde. Um tom amarronzado surgia no centro de cada folha, espalhando-se como uma poça escura. A moça firmou a vista, como se isso pudesse fazer com que sua visão voltasse ao foco. Mas o marrom já cedia lugar a algo enegrecido, e as viçosas folhas sucumbiam à gravidade, caindo, murchando. Morrendo.

"*Non*. É claro que o vaso já estava murcho *antes.*"

Claire virou o rosto, de volta, perplexa. Kilaim retirou a mão, devolvendo um olhar sem júbilo e opaco.

— Como essa planta — ele repetiu. — *Parce que* não existe mais lugar no Mundo para mim.

Claire ouvia, mas olhou furtivamente, de novo, para o vaso. Passou a mão pelo rosto, esfregou os olhos. Talvez sua visão a estivesse enganando, por isso pegou uma das folhas entre os dedos. Seca e fina, como papel, ela se desprendeu ao toque.

— Você falou em ter uma experiência — disse Kilaim.

Claire se voltou para ele, ainda um pouco confusa.

— *Oui* — ela reiterou.

— Mas eu tenho a minha. Ser escolhido pelo Fogo é uma grande honra. Tornar-se filho das Trevas é ser amado, ser bem visto, ser respeitado, é fazer parte de algo importante. É usufruir de um relacionamento indelével com as entidades. É vivenciar uma união tão grande que, se alguém mexer com um de nós, estará mexendo com todo o vespeiro.

— Eu entendi, Kim. — Dessa vez ela escorregou a palma da mão sobre a face dele. E tentou animá-lo: — Mas, nada é por acaso em nossas vidas. Não é por acaso que nos conhecemos, e que estamos aqui. Você vai ver que *Dieu* tem coisas guardadas para você, *alors*, *sil vous plaît*, não fique tão triste. Pense em nossas vidas como estão agora! Há muito motivo de comemoração…

Ele deu uma fungada. Claire estava certa. Seu equívoco era dizer que Deus tinha alguma coisa guardada para ele, isso era bobagem — não era? Por outro lado, uma pequena parte dele se alegrava por Claire pensar assim, e amá-lo o suficiente para esperar alguma mudança.

— *Da*. Você tem razão. Vamos jantar e ter um tempo agradável — afirmou Kilaim, sorrindo meio sem jeito, meio encabulado, fazendo aquela cara que Claire achava *fofa*.

— Você é muito fofo, sabia? *Trés mignon*…

Ela o olhava com muita intensidade, e Kilaim olhou de volta, do mesmo modo. Um olhar de amor. Nessa hora, o *garçon* chegou com a enorme

bandeja de comida, e espalhava os pratos sobre a mesa. Os olhos dos dois se desprenderam, o clima intimista se quebrou, como gelo.

— *Merci* — agradeceu Claire olhando diretamente para o *garçon*. O cheiro estava muito bom.

— A seu dispor, *miss*. Deseja que corte o *michui* de *filet mignon* e o coloque no prato?

Claire não entendeu e Kilaim grunhiu, irritado, pensando em atirar longe a bandeja para que o *garçon* tivesse que ir buscá-la e saísse logo dali.

— Pode tirar a carne do espeto e deixar aí mesmo, na bandeja — falou.

— Pois não, *senhor*.

Quando o *garçon* se afastou, o rapaz olhou muito bem para a comida. Sempre que eles se sentavam num restaurante, fazia isso. Às vezes passava pela sua cabeça que, embora Zor tivesse acenado com uma trégua, poderiam preparar-lhes alguma armadilha. Ele cheirou cada prato, reflexivo, tentando sondar se havia algo estranho na comida.

"Nessa hora 'todos' somem, não é mesmo? Na hora em que eu preciso de uma informação importante, e não *xeretice*…"

Depois de sua inspeção, dando-se parcialmente por satisfeito, inquiriu, com certo jeito:

— Você promete que me deixa terminar o assunto outra hora?

"Quem resiste?", pensou Claire, sorrindo de volta, contente por vê-lo com um ar menos infeliz.

— Prometo — respondeu.

— Se eu demorar demais para falar, você perderá o fio da meada.

— Oh, isso eu garanto que não. Essas coisas que você fala ficam, tipo, *martelando* na minha mente.

— Martelando é bom. *Oke*! Depois terminarei.

— E você me conta o que fez com a planta?

— Não é muito difícil. Jesus também secou a figueira.

Claire suspirou: as eternas comparações com o Cristianismo. Então ela deu uma garfada generosa com um pedaço de *michui*, cebola assada na grelha com um pedacinho de tomate, acrescentou um pouco do arroz com lentilhas e, cuidadosamente, para não derrubar nada, estendeu na direção da boca dele.

Mais animado — o que sempre acontecia quando Claire o tratava com todo aquele carinho —, Kilaim esticou o pescoço e aceitou a comida.

— Está bom? — inquiriu Claire.

— Ótimo.

Os dois começaram a se servir. Claire adorava coalhada, e pôs uma colherada ao lado da salada *fatouche* no seu prato. Depois temperou o quibe cru com cebolinha, cebola picadinha, hortelã e com uma porção generosa de azeite. Kilaim foi direto para a carne — o *michui* e a *kafta*. Pegou também algumas *esfihas* e enfileirou-as na borda do prato, junto com um pedaço do *beiruth* de rosbife.

— Você está com fome, *hã*? — falou Claire.

— Faminto! Poderia comer um boi inteiro. — Mastigou o *beiruth*, e em seguida esmerou-se em espetar um pedaço para ela. — Minha vez agora! Tem pepinos em conserva dentro. Experimenta!

Ele esticou um pedaço na ponta do garfo.

— *Merveilleux*!

Enquanto se entupia de comida, Kilaim ficou bem mais feliz e mais calmo. Claire beliscou um pouquinho daqui, um pouquinho dali, para provar de tudo. Saborearam o jantar conversando sobre outras coisas, e quando só restavam as sobras nos pratos, o estresse já era coisa do passado. Estavam satisfeitos.

— Vamos pedir sobremesa? — perguntou Kilaim.

— *Allez*!

— Vou pedir o cardápio. — Kilaim olhava para ver onde estava o *garçon*. — Espero que ele seja mais eficiente desta vez, senão…

— Você não paga dez por cento.

Kilaim olhou para ela e riu.

— Viu como você aprendeu algo realmente verdadeiro sobre mim? — foi a resposta zombeteira, e Claire teve que concordar.

Ele fez um gesto de longe para o *garçon*, que veio até a mesa trazendo os cardápios. Depois de escolherem, foi a vez de Kilaim segurar as mãos dela, dando um beijo em cada uma. E ficou a apertá-las, porque eram pequeninas, gostosas.

— Pode apertar aí mesmo, estou precisando.

— Relaxe, *mein lieber*.

Até a sobremesa chegar, Kilaim apertou as mãozinhas delicadas. Claire gostava de doces, e olhou-os com satisfação. O *malabie* de ameixa era para ela, e Kilaim escolheu o *ataif*, com nozes e castanhas, além de um *arak* para acompanhar.

Claire não conhecia a bebida, um destilado árabe de uvas com infusão em anis, e deu um pequeno gole.

— *Ui*, é forte. Não sei se gosto muito. — Ela fez uma careta de leve.

Os olhos de Kilaim, de repente, não conseguiam se desviar do pouquinho de calda de ameixa do *malabie* que ficou no canto da boca dela, então ele se inclinou e a beijou bem ali, tirando a calda com uma lambida. Claire deu risada, bem mais à vontade. Tudo o que ela tinha vontade de fazer agora era namorar um pouco. Kilaim percebeu, pela alegria dela, que era a coisa certa a fazer.

Por isso o jovem pôs-se a segredar-lhe parte das coisas que fariam assim que chegassem em casa, o que começava com um banho de hidromassagem transbordante de sais de banho importados, ao som de música agradável, e terminava na cama.

O *Almanara* não era um estabelecimento compatível com agarramentos e comportamento não aceitável, de modo que os dois mantiveram o decoro,

trocando alguns beijos mais *calientes* só de vez em vez, quando parecia que a maioria não estava prestando atenção.

Terminaram a refeição com o famoso cafezinho *espresso*. Claire deu umas últimas bicadinhas no *arak*, o que a deixou ainda mais relaxada. Os dois estavam loucos para chegar em casa e entrar na banheira quente. A conta foi paga; nem esperaram pelo troco. Saíram para a noite, um apertando a bunda do outro e rindo até não poder mais.

— Você viu a cara do gerente? — Claire achava graça.

— Melhor assim. Ele já fica sabendo que você é minha, e não vai ficar de gracejos quando voltarmos aqui.

— É isso mesmo! Eu sou sua…

E dava passos até mais saltitantes sobre o calçamento. Eles haviam alugado um carro, para não ter que depender de táxis.

— E a Lei Seca? — Claire perguntou, de repente.

— Deixe de ser tão certinha! Em cinco minutos estamos em casa. Dirijo devagar, ninguém vai parar a gente. Você é que é fraca para beber. Eu estou ótimo.

No carro, ela encostou a cabeça no ombro dele, enquanto Kilaim dirigia. Claire nunca tinha estado tão feliz em toda a vida.

Era exatamente assim que um casal deveria se sentir numa noite de sexta-feira. Felizes, satisfeitos, namorando, relaxados e curtindo a companhia um do outro. O rádio FM dentro do carro tocava Luan Santana, *sertanejo* universitário, e o refrão ecoava:

"*A gente não precisa estar colado pra estar junto,*

nossos corpos se conversam por horas e horas,

Sem palavras estão dizendo a todo instante um pro outro,

o quanto se adoram!"

— Gostei da melodia dessa música — comentou Claire, a cabeça encostada no ombro de Kilaim. — Gosto da voz do cantor, também. É romântica. O que diz?

Ele traduziu o refrão.

— Concordo — ela falou. — Ainda bem que temos um ao outro em nossos mundos, Kim; e nossos corpos vão conversar por horas e horas, sem palavras. Isto é, se você aguentar… — E Claire deu risada, espevitada, brincando.

— Ah, *ça va*, engraçadinha. — Kilaim começava a gostar muito daquele tipo de atrevimento.

7

Rêves

Alguns dias depois, tomando café na padaria, Claire e Kilaim estavam animados. Naquela tarde, eles iriam conhecer o *designer* de interiores para discutir o que fazer com a bela casa alugada no Residencial Nove.

— Não vejo a hora! — falava Claire o tempo todo.

— Também estou com boas expectativas. Vamos ter que arrumar o que fazer até depois do almoço. Quer dar uma volta?

— Claro. Aonde iremos?

— Conhecer um *shopping* novo. Dez horas estarão todos abrindo! Só não podemos ir longe demais, já que temos horário marcado com o cara às três.

— *Alors*, manda!

— Vamos ao Eldorado?

— *Ok*.

Saindo da padaria, antes de pegarem o carro, eles resolveram dar um pulo ao mercado Pão de Açúcar, logo mais, na esquina da Alameda Madeira.

— Sabia que tem um túnel que atravessa aqui por baixo da Rio Negro?

— É mesmo? *Alors*, vamos por ele.

Na calçada, viram a estrutura envidraçada, novinha, e desceram pelas escadas rolantes. Parecia uma entrada de metrô, mas era apenas uma passarela subterrânea para pedestres. Havia *boxes* para lojinhas, a maioria já abertas, e bastante fluxo de transeuntes. Perto das escadas rolantes, algumas barraquinhas vendiam tranqueiras.

Claire foi passando devagar, olhando o que estava exposto. Pouco mais adiante, numa das barraquinhas, uma senhora mais idosa estava vendendo doces caseiros. Tinha pedaços de bolo de chocolate, cocadas e *maçãs do amor*.

Acostumado a prestar atenção quando andava pela rua, ali no Brasil, Kilaim olhou mais para Claire do que para as barraquinhas. Quando a garota se aproximou da senhora que vendia doces, a mulher pegou uma *maçã do amor* e a estendeu imediatamente na direção de Claire.

— *Maçã do amor* para a linda menina! — disse, empurrando a maçã caramelada para Claire.

Claire não entendeu o que ela dizia, mas sorriu, e fez que não, com as mãos.

— *Obrrigada*. Eu comer… café da manhã… *agorra* — a moça tentou explicar.

— De graça. Pra menina bonita estrangeira, de graça! — A senhora continuava brandindo a *maçã do amor,* ainda mais perto do rosto de Claire.

— Ela não quer — explicou Kilaim, chegando perto.

A mulher idosa olhou para Kilaim sem sorrir. E alguma coisa no olhar dela, o jovem não gostou. Ficou meio intrigado, embora sua mente insistisse que era altamente improvável que o Grupo usasse aquela mulher para causar qualquer mal. Mesmo assim, ele empurrou Claire com delicadeza para o lado e, parando na frente da mulher, repetiu com firmeza:

— Obrigado. Ela não quer.

— *Maçã do amor* para a estrangeira… — Em vez de olhar para Kilaim, ela olhava além dele, esticando o pescoço para Claire. — Pra você, menina! — gritou.

“Que exagero! Essa não é uma atitude normal” pensou Kilaim.

E já mais alto, dessa vez:

— Eu já disse que *não* queremos a sua maçã! — irritou-se ele, interpondo-se de vez entre a vendedora e a namorada.

Vendo a situação, Claire contornou o namorado e estendeu a mão para a mulher, rapidamente, para não ser indelicada e, de quebra, evitar também um transtorno.

— Kim, tudo bem, ela só quer me vender essa maçã… vamos comprar…

— Ela quer te dar isso *de graça*, e você não quer, eu não quero, ponto-final.

A despeito do que dizia Kilaim, a mulher quase passou por cima dele e colocou o doce nas mãos de Claire, que inclinou a cabeça, tentando dar um sorriso.

O gigante ficou muito irritado com aquela atitude, e mais desconfiado ainda. Sendo coisa da sua cabeça, ou não, o fato é que a senhora, dessa vez, olhou-o com ar triunfante. Pelo menos, foi o que Kilaim achou. Olhou-o, como quem diz: “Viu?”.

O sangue subiu aos olhos dele, junto com uma raiva cega. Ele arrebatou imediatamente a porcaria da *maçã do amor* das mãos de Claire, e a gesticulou furioso, na frente da tal senhora:

— Pensa que pode me fazer de idiota?! Sei muito bem o que está acontecendo aqui!

Num ímpeto, arremessou a maçã longe com muita força, direto na parede limpinha da “Passagem Yogiro Takaoka”, para surpresa de quem passava, aflição de Claire, e franco desespero da dona da barraca.

— Viu o que eu fiz com a sua *droga* de maçã? — gritou Kilaim. — Vá dar a *droga* da maçã para outro imbecil!

— Kim, pelo amor de *Dieu*! — Claire segurou-o pelo braço. — É só uma gentileza, Kim, *sil vous plaît*!

— Gentileza *coisíssima* nenhuma! Eu sei bem de que se trata. Será que tenho que falar com essa distinta cidadã em que *língua*? — E virando-se de novo para a mulher, que tinha agora olhos do tamanho de um pires: — Você não entende a palavra "não", é?! NÃO quero sua maçã!

Por pouco ele não chutou a barraca inteira, mandando todos os pobres doces para os ares, e quebrando cada pedacinho da madeira.

— Kim, se acalma… — Claire ainda o segurava pelo braço. — Não faça mais nada, *sil vous plaît*…

O tom de desespero dela o fez ficar quieto. Algumas pessoas foram parando ao perceber a confusão. Os mais próximos notaram que a garota falava francês, então um senhor de terno e gravata se aproximou do casal, na intenção de prestar ajuda:

— Calma, meu jovem. Aconteceu alguma coisa? Deseja prestar queixa?

— *Non*. *Rien*! — E Kilaim só usava o francês, não querendo conversar com ninguém. — *Merci beaucoup*!

A dona da barraquinha chorava, inconsolável, e outras pessoas a cercaram, olhando indignadas para Kilaim.

— Mas que sujeito sem educação! Como pode uma coisa dessas?

— Nunca vi nada igual.

— Uma pobre mulher tentando ganhar a vida…

— O mundo está mesmo perdido. Que confusão por causa de uma *maçã do amor*! — Alguém deu risada. — E logo cedo!

— O que foi que aconteceu? — perguntavam os desavisados.

O burburinho ia se formando.

— Mas essa senhora insistiu demais, eu vi — exclamou uma moça de *tailleur*, falando para sua amiga. — As pessoas precisam entender a hora de

deixar os outros em paz. Nunca vi essa mulher aqui. Não sei por que deixam essa gente vir vender tranqueiras aqui!

Várias outras pessoas fizeram que sim, com a cabeça, concordando.

— Deviam ir para a 25 de Março.

— Mas é uma senhora de idade, e olhe o tamanho desse cara. — Um rapaz de capacete na mão olhava Kilaim com certo temor. E baixinho: — Ele deveria se envergonhar. Podia ser a avó dele.

— *Allez*, Claire. — Kilaim foi empurrando a namorada na direção das escadas rolantes. — Essa senhora *agradável* não vai morrer por causa de uma maçã. E não quero nenhum segurança idiota me fazendo qualquer pergunta idiota. Sou capaz de amassar a cara dele!

Claire foi saindo ao lado dele, estupefata, olhando para os destroços da *maçã do amor* escorridos para o chão.

— Eu, se fosse você, largava desse *cara*! — ainda gritou uma garota de cabelos descoloridos para Claire, quando o casal já estava subindo pelas escadas rolantes. Ela agitava no ar uma pasta de plástico, com raiva. — Não seja burra, garota, a próxima é você! Lei Maria da Penha, Lei Maria da Penha!

Algumas pessoas fizeram "*Shhh*", e "Cala a boca!". Outros questionaram, apoiando a parafinada: "Mas bem que ela tem razão; por isso essas meninas acabam sendo mortas".

Chegando ao alto da escada, Kilaim saiu para a calçada arrastando Claire pela mão. Quanto a ela, não disse nada de imediato. Apenas olhava para Kilaim de esguelha, um pouco assustada.

— *Merde*! — o rapaz reclamou para si mesmo. — Cada uma!

Foram andando pelo estacionamento do supermercado.

— Kim… *porquoi* você fez isso? — arriscou Claire, quando já estavam mais perto da entrada do Pão de Açúcar. — O que foi que aconteceu?

— Você não queria aquela droga. E eu impedi que uma prepotente a coagisse a fazer o que não queria.

— Mas, Kim, era só… era uma bobagem. Aqui as pessoas são assim mesmo.

— Não, senhora. Respeito em primeiro lugar. Se ela não nos respeita, não tenho por que respeitá-la. E, por sinal, ela te olhou de um jeito muito estranho. Não reparou?

— Você está vendo coisas. Olhou, como?

— *Alors*, *porquoi* ela não ofereceu a maçã para mim?

— Kim, eu não sei! Às vezes você intimida um pouco as pessoas, não foi por mal…

— Ela tinha um jeito estranho. — E, por fim, ele admitiu: — E se o *raio* da maçã estivesse envenenada? Eu tenho que cuidar de você.

Claire olhou para cima, preocupada.

— Kim. Não estamos na história da Branca de Neve. Você ficou muito exaltado por bobagem.

— Ela tinha um jeito estranho.

— Era idosa. Foi com a minha cara, agiu no impulso.

Kilaim não respondeu. Só queria pensar. Era muito difícil não ter os demônios por perto para sinalizar o que ele desejava! Seria a coisa mais simples do Mundo perguntar a um deles se havia problema com o doce, nem que fosse para ouvir que Claire teria uma terrível dor de barriga no caso de ingeri-lo.

É. Era ruim não tê-los ao seu lado.

Teria agido errado? Estaria vendo o que não existia, encontrando fantasmas atrás da cortina, quando a Organização estava se lixando para ele?

Será que desistiriam dele?

* * *

Mais tarde, depois da rápida visita ao Eldorado, o casal entrava na bela casa alugada no Residencial Nove ao lado do *designer* de interiores, o *senhor*

Marcio de Arruda Paiva. Passava um pouco das três.

O excelente profissional fora contratado mediante uma pequena fortuna extra, apenas para encaixar Kilaim com prioridade em sua solicitada agenda. E, agora, era hora de explicarem o que tinham em mente para seu futuro lar.

O casal estava entusiasmado, mas Claire, outra vez, sentia-se imersa naquela sensação de irrealidade, como num sonho. Era como se, abrindo os olhos de repente, perceberia que tudo não passara de ilusão. Mas, estava acordada. Bem acordada! Felizmente! Ela sentia uma felicidade nova, incandescente, nascida no âmago do ser. Que inundava suas veias num jorro, era lançada com força pelo coração, e escorria por todos os poros do corpo. Parecia que ela podia inundar o mundo todo com aquela felicidade.

Ela percorreu os cômodos ao lado de Kilaim, conversando e gesticulando, olhando o *senhor* Arruda Paiva e sorrindo para o namorado enquanto ele traduzia seus desejos. O jovem ria esporadicamente, baixinho: Claire não tinha muito noção de decoração. Queria ambientes charmosos, o que significava cortinas de *voile* claras e uma cadeira de balanço antiga, preferia *abajoures* com luz amarela a luminárias modernas. Nada de cores escuras demais nas paredes, especialmente nas do quarto, que tinha de ser "leve e alegre". Sem luxo excessivo, não combinava com ela. Apenas conforto.

— Oui, *monsieur* Arrr… uda! — ela gesticulava, balançando a cabeça enquanto Kilaim ia explicando.

— Adora xadrez… florais… *patchwork*… — explicou Kilaim. E para si mesmo, entre divertido e preocupado, ele refletia: "Pela Sombra de Lucipher…".

O *designer* fez algumas poucas anotações, e, por fim, indagou se era somente aquilo.

— *Oui, monsieur Arrru*… da! — respondeu a moça depois de devidamente informada da pergunta. — *Merci, monsieur* Arrrud… a!

Depois que Claire deu suas pequenas sugestões, falando algumas vezes o nome do *designer* com um sotaque bem carregado acabou por entreter-se na suíte do casal e Kilaim foi novamente com o *senhor* Arruda Paiva para o andar inferior. Os dois entraram no ambiente com móveis planejados onde ficava a lareira secreta. Iria ser transformado num escritório que Kilaim desejava para si.

As orientações do jovem eram totalmente diferentes: claras, precisas, e dadas com muita firmeza.

— Gosto de elegância e sofisticação. Mas também de modernidade. A combinação destes itens me agrada bastante. Quero paredes em tom de cinza e azul-escuro; são neutros que combinam com qualquer tipo de móveis. As cortinas devem ser pesadas, em tecidos nobres. Gosto de *jacquard* combinado com forro de seda, sanca de madeira e abraçadeiras extravagantes. De metal. Não economize em nada.

— Essa escolha para as cortinas é sempre atual. Mas há outra opção que talvez lhe interesse: é a cortina celular, confeccionada em tecido-papel em forma de colmeias. Poderia agradar-lhe, pois é moderna, versátil e combina com diversos ambientes. Pode ser escura, como o *senhor* deseja. Se for confeccionada em *blackout*, funciona também como redutor acústico. O efeito geral da cortina é bastante bonito.

— Preciso conhecer o material para decidir, ver fotos de trabalhos seus com esse tipo de cortina — respondeu Kilaim. — O que é tradicional nunca falha, como eu disse; já as inovações podem ter duração pré-datada.

— É uma questão de gosto, é claro, mas o *senhor* deseja também modernidade.

— Quero deixar a modernidade para os móveis.

— De qualquer modo, vou enviar-lhe as fotos e trazer amostras, para que conheça.

— *Oke*.

Em seguida Kilaim bateu com o nó dos dedos em uma estante.

— O material destes móveis planejados não me agrada. Retire tudo isso daqui e use madeira-de-lei. Quero acabamento impecável.

— Podemos fazer sob encomenda. Há mestres-artesãos capazes de confeccionar, à mão, móveis exclusivos em madeira-de-lei nobre. Conheço artesãos com enorme experiência em marcenaria artesanal e que já confeccionaram para *designers* e arquitetos de renome. São capazes de fazer réplicas em vários estilos, releituras de móveis de época, além de móveis de criação própria. Outra opção interessante são os móveis em madeira coloridos. Uma única peça pode fazer diferença completa no ambiente.

— Quero conhecer o trabalho de um deles. Estou aberto às suas sugestões, mas já tinha em mente alguns móveis *Ora-Ito*. Encomende-os. Estou particularmente interessado em…

O *senhor* Arruda Paiva pigarreou, não querendo interromper, mas precisando fazê-lo.

— *Ora-Ito*? O famoso *designer* francês? Não sei se será possível conseguir os móveis muito rapidamente.

— Pague. Pague o que ele pedir. Mas, serei razoável e paciente, desde que veja o *senhor* usando de sua competência ao máximo. Tenho certeza de que conseguirá um prazo bem conveniente. Dinheiro não é o problema. — Kilaim olhou firme na direção do *designer*, que era de baixa estatura e mais parecia um esquilo, magro e de rosto afilado, perto do gigante. — *Ora-Ito* me agrada muito. Sempre tive vontade de adquirir algo dele, e vejo que apareceu a oportunidade.

E, subitamente mais falante, uma vez que Arruda Paiva o ouvia com muita atenção, Kilaim acrescentou:

— Sabia que, com 19 anos, *Ora-Ito* criou a primeira marca virtual? É um artista notável, conhecido em todo o mundo desde o final dos anos 1990, e já conquistou inúmeros prêmios.

— Sim, eu sabia. E ele é ainda bem jovem!

— Os talentos natos se destacam cedo — comentou Kilaim. — Conhece sua carteira de clientes? Impressionante. A visão *avant-garde* colocou-o em primeiro plano no cenário internacional. Trabalhou com a *Adidas*, a *Toyota*, a *Biotherm*, a *Levi's*, a *Nike*, a *Kenzo*, a *LG Electronics*, a *Guerlain*, a *Ballantine's*, a *L'Oréal Professionnel*, a *Christofle* e muitos outros clientes de destaque. Dos quais, agora, eu também farei parte. Por sinal, consiga-me também uma luminária dele, já que trabalha com algumas das marcas mais famosas. Gosto do seu vislumbre futurista, de sua concepção de luxo e inovação, de como faz o complexo parecer simples.

Percebendo que Kilaim estava longe de ser leigo, comentou:

— Seu gosto é muito versátil. *Ora-Ito* não é para qualquer um, algumas de suas criações não caem em todos os gostos. Às vezes as pessoas veem um objeto dele e não conseguem saber para que serve. — Arruda Paiva deu uma risadinha. — Será que sua esposa vai gostar?

— Não sei. Mas esse escritório eu farei ao meu modo.

— Realmente o *senhor* admira muito esse artista!

— *Indeed*. O melhor para os melhores. Aliás, você já esteve em Paris?

— Estive lá algumas vezes, sim, é magnífica.

— E conheceu pessoalmente o *Cabaret Club "Cab"*, na praça do *Palais Royal*? Foi projetado por *Ora-Ito*.

— Quanto a isso, não tive o privilégio.

— Pois quando voltar vá conhecê-lo. E também o *Hotel O*, outro projeto de *Ora-Ito* e sua equipe, no distrito de *Halles*, próximo ao Louvre. Conforto, bem-estar, uma mistura incrível e harmoniosa de linhas e curvas. *Fantastique*! Já esteve lá?

— *Mais non, monsieur* — arranhou o *designer*. — Mas sem dúvida seguirei suas sugestões na primeira oportunidade. Minha esposa vai amar!

— Ah. É casado?

— *Oui*. Muito bem casado, assim como o *senhor*. Sua esposa é muito bonita.

Kilaim grunhiu um pouco, por dentro, àquela menção feita sobre Claire. Mas era inocente, apenas um elogio e um modo de ser simpático. Coisa do perfil dos brasileiros. Esforçou-se em não fazer cara feia, mas talvez o *designer* tenha notado uma sutil diferença no brilho dos olhos negros, e voltou ao assunto na intenção de encerrá-lo:

— E que tal uma mistura equilibrada entre *Ora-Ito* e um artesão brasileiro? O que acha? Uma mistura do tradicional, contemporâneo, moderno e único?

— Perfeito. Confio em seu talento. Ah, mais um detalhe importante: encontre-me uma pintura original, cubista ou expressionista, e alguns objetos de arte imponentes. Tapetes, só da melhor qualidade. Gosto dos persas, mas não sou *expert* em tapetes. Se precisar ir a um leilão, seja onde for, aqui ou no estrangeiro, basta me comunicar.

— Farei o melhor, *senhor* Mastrangello. Não ficará decepcionado — afirmou com segurança o *designer*. E, já sabendo que o cliente gostava de detalhes, foi específico ao explicar sobre tapeçaria. — Os persas e os turcos, de modo geral, são os melhores tapetes do Mundo. Isso se deve aos materiais utilizados, à beleza das estampas, à resistência da malha e à qualidade da matéria-prima. Quanto mais apertados e numerosos os nós na malha de um tapete artesanal, mais denso ficará o tecido e mais definidos os desenhos. Só para o *senhor* ter uma ideia, os tapetes orientais apresentam em média cinquenta nós por centímetro quadrado. O modo como o nó é confeccionado diz muito sobre o tapete. A técnica turca, por exemplo, é feita em movimentos contínuos e circulares — dois fios para cada urdidura. Já o nó persa é mais simétrico e tem apenas um fio em cada urdidura, ficando menos resistente. Um persa legítimo pode chegar a custar quinze mil dólares o metro quadrado.

— Como reconhecer se um persa é legítimo?

— O *senhor* deve observar se o verso é tão nítido e idêntico ao trabalho frontal. Seu padrão é bem característico, marcando desenhos geométricos,

medalhões e florais, em cores de vermelho, amarelo e azul. É comum a presença de algodão e lã no corpo do tapete, e seda no contorno dos desenhos. Além disso, o tapete persa não precisa combinar com o sofá. Ficaria até um pouco inadequado, no meu entender, já que um tapete destes é considerado obra de arte. Se alguém pode investir em tal peça, não terá arrependimentos.

— Pois está muito bem.

— E, *monsieur* Mastrangello — aparteou Arruda Paiva, caprichando na pronúncia e fazendo um grande bico no "*si*". Era importante mostrar aquela desenvoltura e arrojamento —, sugiro a aquisição de um excelente espelho panorâmico, grande e refinado. Amplia o ambiente e trará um ponto a mais de luz, além da elegância que procura.

— *Da. Perfect. Alors*, estamos de acordo quanto à decoração deste escritório.

Em seguida, o jovem apoiou o braço sobre a lareira secreta, cruzou um dos tornozelos sobre o outro, e comentou:

— Pensei em colocar um piano aqui, mas seria uma ideia estúpida: a acústica ficaria muito prejudicada em virtude dos tapetes, cortinas e vários móveis. Portanto, farei a sala de música no cômodo aqui ao lado. É claro, arejado. Faça a decoração com base nos gostos de minha esposa, *ça va*. Use as cores de seu agrado, escolha algumas plantas, um ou dois quadros, uma poltrona, sem exageros. Quanto ao piano, sei que não é exatamente a sua área, mas tem que ser um *Steinway & Sons*, de cauda. Em mogno. Esses pianos são verdadeiros ícones, considerados os melhores instrumentos do Mundo pelos musicistas — no que eu me incluo. Ainda são feitos artesanalmente.

Mais um pigarrear do *designer*, desta vez um pouco aflito.

— *Oui, je sais* — exclamou Kilaim, fazendo um gesto com as mãos, como quem diz que não há motivo para preocupação. — O processo de fabricação de um instrumento desses vai levar de dez a doze meses, além do

tempo que a madeira leva para maturar. Se não conseguir me arrumar um em bom estado, encomende direto de Nova York ou Hamburgo. E, nesse ínterim, usarei outro piano. Da Europa Ocidental, naturalmente, com mecanismo *Renner*, três quartos de cauda. Acha que seria possível conseguir um com essas especificações aqui mesmo em São Paulo, ou no Rio?

— Verificarei isso — respondeu o *designer*, em meio às suas muitas anotações via noteshelf em seu iPad. — E dar-lhe-ei um retorno.

Kilaim assentiu.

— Por último, mas não menos importante — Kilaim frisou muito bem —, quero um guarda-roupa novo para minha esposa.

— O *senhor* não gostou dos *closets*?! — indagou o homem, perplexo.

— *Non*! Você não me entendeu — exclamou Kilaim com uma ponta de irritação. — Estou falando das roupas dela. Como costumam dizer por aqui no Brasil: *bregas*. As roupas dela são totalmente *bregas*.

— Oh! — fez o *designer*, sorrindo. Sem dúvida havia um charme naquela garota, o que incluía as saias compridas e largas, e blusinhas cor-de-nada. Não lhe tiravam a beleza natural, mas também não a favoreciam em nada.

Mas, isso ele omitiu. E ficou à espera, olhando para Kilaim.

— Preciso de um *personal stylist*, e você fará isso por mim, suponho. — "Suponho" era mera pró-forma.

— *Oui*. — Bico no "*ui*". — Decerto.

— Quero alguém competente, que já tenha trabalhado para clientes importantes e saiba como vestir lindamente uma moça de vinte anos. E que monte para ela um *dress-code* completo, tudo para todas as ocasiões. *Sport-chic*, *tenue de ville*, trajes sociais, *black tie*, incluindo todos os acessórios para combinar. Chega de coisas de mau gosto. Você conhece alguém à altura para me indicar?

— Por certo que sim, *senhor*. Tenho dois ou três nomes em mente e agendarei uma visita o mais rápido possível.

— *Well*, depende do que você chama de rápido. Estaremos viajando assim que eu puder me desvencilhar dos detalhes por aqui. O que inclui o prazo de imunização das vacinas, pois seria arriscado demais embarcar antes. Claire tem verdadeiro pavor de doenças tropicais, e enquanto a casa não ficar pronta, permaneceremos em viagem.

— Para onde irão, se me permite a pergunta?

— Vamos começar com Manaus.

— Boa escolha! Será um grande passeio.

— Gostaria que você expusesse ao *stylist* todas as minhas considerações. Não quero que Claire desconfie de nada, será uma surpresa para a volta. — Ele fez uma pequena pausa, pensando, e coçou o queixo onde cresciam os pelos de uma barba mal-aparada. — Gosto de Antonia Ferreti. Conhece? *Griffe* italiana. Minha mãe era estilista, e uma admiradora dela.

— Pois não. — O homem anotou devidamente no iPad. — Embora não conheça o trabalho dela, deve ser fantástico.

— E Channel. Louis Vuitton. Dolce&Gabbana. Colcci. Burberry. Cavalera. *Designers* brasileiros também. Bom gosto, conforto, sofisticação. *Enfin*, *senhor* Arruda Paiva: quero que encham o *closet* da Claire.

— *Monsieur* ama muito essa mulher, *né*?

Kilaim olhou com certa surpresa diante de uma pergunta assim pessoal. Mas assentiu, sem palavras. Seria difícil encontrar as coisas certas a dizer naquele momento.

— De uma coisa faço questão: — ele continuou — Claire viu um vestido numa *Vogue*, e fez-me um comentário a respeito, como “era lindo”, “maravilhoso”. Era apenas uma página de propaganda de perfumes, não especificava a marca do vestido. Quero dar a ela um, igual. Mandarei a foto, mas já lhe dou de antemão as especificações: um *longuete* floral vermelho e

branco, de tecido suave em camadas, bem fluido, sem alças. Muito feminino, tenho que concordar. Acompanhado por sandálias prata de salto médio. Claro que ela vai amar tudo — Kilaim ponderou, por fim. — Mas uma inovação tão grande requer certo tempo para se acostumar.

— *Senhor*, quando é para melhor, todas elas se acostumam!

— Encomende esse vestido, e mande-me as fotos para minha aprovação. Quero ver desde a escolha do tecido, até a confecção final. Anote o número de meu iPhone.

O *designer* sabia que estava diante de um desafio interessante e diferente. O jovem francês era muito exigente.

— Não se esqueça dos acessórios, e não economize: muitos sapatos, para todas as ocasiões. Não deixe faltar Louboutin, é fantástico nos pés de uma mulher. Bolsas também. Sabe como as mulheres têm esta tara incompreensível por bolsas. Gosto de Victor Hugo, mas compre várias.

O *designer*-esquilo riu, mostrando todos os dentes, e ficou ainda mais parecido com um roedor. Concordou veementemente.

— Minha mulher às vezes compra bolsas escondido de mim, para não "levar bronca". Não entendo a necessidade de dúzias destes… utensílios.

— Claire também precisa de coisas para a cama — disse Kilaim, ignorando o comentário e andando em círculos pelo aposento. E divagou: — Adoro *baby-dolls*; e *lingeries* de todo tipo, aliás, muita *lingerie*! *Agent Provocateur, Victoria's Secrets, Cosabella, Boux Avenue* — poderia lhe dar pelo menos duas dúzias de marcas famosas e *impressionnants*, mas, sejam criativos.

— O *senhor* realmente conhece muitas marcas. É um conhecimento realmente impressionante para um homem — Arruda Paiva estava muito surpreso.

— E lembre-se — novamente Kilaim ignorou o comentário —, peças para menina-moça e *femme fatalle*, *hã*? Vamos dar espaço para um pouco

de *cinéma noir*! — Ele deu um sorriso aberto pela primeira vez, imaginativo, e parou de falar por alguns instantes, parado no meio da sala.

Depois, recobrando a linha de pensamento e esforçando-se em tirar da mente a imagem de Claire com uma *lingerie* ultra *sexy*, deu sequência:

— Linha de maquiagem completa de qualidade indiscutível, e pelo menos uma dúzia de perfumes para os mais variados gostos; para o dia, para a noite, para o amor. E joias. Mande alguém gabaritado — imagino que uma mulher seja mais apropriada, nesse caso — para comprar várias, adequadas à idade dela. — Ele fez uma pausa, refletindo. — Delicadas, pois imagino que irá preferir assim; contudo, adquira também um ou dois conjuntos de arrasar. Quero fazer-lhe uma grande surpresa quando voltarmos.

— A roupa que sua esposa deixar aqui, devo fazer o qu…

— Quanto à roupa que ela deixar aqui, jogue no lixo. Faça uma fogueira com esse estilo *cafona* — ele fez uso de mais um adjetivo em português. — Ela ainda não sabe que é *cafona*, mas vai saber quando vir as roupas novas. Quero que o *closet* dela esteja abarrotado com coisas decentes, você me ouviu? Coisas de qualidade. Não me poupe despesas.

Kilaim caminhou até a janela panorâmica enquanto, às suas costas, Arruda Paiva tomava notas furiosamente, pensando a quem pediria socorro a fim de agradar plenamente ao ambicioso e requintado cliente, que falava com segurança e sabia exatamente o que queria.

— Ah, em tempo: você tira medidas? — indagou Kilaim, voltando-se para o homem de repente, as mãos à cintura.

— Pois não, medidas de qual cômodo, *senhor*?

— Medidas de minha *esposa*, criatura — novamente a nota de indignação na voz.

— *Ah*, perdão! Não possuo tal habilidade com o ser humano, *senhor* Mastrangello, mas mandarei amanhã quem faça isso. Diretamente em seu *flat*.

Um pouco contrariado por ter que esperar até o dia seguinte, Kilaim suspirou. Estava no Brasil, e o andar da carruagem era um pouco mais lento. Em Paris, seria provável que até um auxiliar de limpeza fosse capaz de tirar medidas do corpo feminino.

— *Oke* — ele concordou. — Direi a Claire que vou encomendar-lhe um ou dois vestidos. Ela não suspeitará de nada.

— Como queira, *senhor*. Farei o melhor, e vocês não ficarão desapontados.

Kilaim estendeu sua mão grande e apertou com força demasiada a mão de esquilo do *senhor* Arruda Paiva, que se esforçou em não fazer uma careta de dor, mas sorrir com confiança.

* * *

Eram quase nove da noite de sexta-feira e Kilaim teimou que precisava comer um bom *hamburger*. Claire não entendia a predileção dele por esse tipo de comida.

— *Fast-food* não é de todo mau, Claire. É uma delícia.

— *Junk food*, é o que você quer dizer — ela se preocupava com a alimentação dele.

— Ah, Claire, não seja chata. *Allez*! Vamos sair e comer um *hamburger*.

— E se a gente comer uma *pizza*?

Claire não seria capaz de comer um *hamburger* inteiro. Eles já tinham ido naquela mesma semana ao *Saint Louis*, em São Paulo, no badalado e *chic* bairro dos Jardins. Kilaim adorara. O *Saint Louis* era uma das lanchonetes mais decantadas da cidade, onde se dizia que os sanduíches não possuíam erros de nenhuma espécie.

Uma vez lá, Kilaim fez o que sempre fazia. Pediu um monte de comida, pronto a alimentar um exército, o que incluía dois do famoso *pepper crust* — um sanduíche gigante de 220 gramas com crosta de pimenta-do-reino,

queijo suíço, cebola grelhada, batata palha, picles, maionese, mostarda e mel —, acompanhados pelas maravilhosas *onion rings* e cerveja importada.

Claire provava um pequeno pedaço de sanduíche, mas evitava as *onion rings*, para desapontamento de Kilaim, que lhe dizia que meia dúzia de cebolinhas fritas não iriam lhe fazer mal. Mas, Claire preferiu uma *berry lemonade* — "sensacional", ela admitiu — e um café com torta de maçã.

Kilaim também se preocupava com a alimentação dela. Comendo que nem um passarinho, ela iria "sumir". Mas a garota dava risada.

— *Alors*, vamos ou não vamos comer a pizza? — inquiriu Claire novamente. — Você não lê a *Veja* toda semana? Vai resistir?

A Revista *Veja* circulava semanalmente oferecendo dois exemplares distintos: a Revista *Veja*, e a Revista *Veja São Paulo*. Uma com as notícias da semana e a outra falando sobre tudo que acontecia em São Paulo: *shows*, concertos, cinema, danças, programas infantis, teatro, exposições, além de páginas e páginas da melhor gastronomia que a cidade podia oferecer. Gastronomia que Kilaim queria aproveitar muito bem.

— Tá bem — ele concordou. — Sabia que a *pizza* é símbolo da gastronomia paulistana?

— Não sabia. *Sérieu*, com tanta coisa que se come por aqui…

— *Da*. São Paulo só perde em *pizzarias* para Nova York.

— *Oh lala*!

Foram conhecer a *Pizzaria Margherita*, que ficava também no meio do burburinho dos Jardins. Havia fila de espera, mas parecia que ninguém se importava com isso. Aliás, não importava o dia da semana, a *Margherita* estava sempre cheia, todos ansiosos para provar as *pizzas* sofisticadas nos ingredientes e sabores.

As pessoas ficavam paradas na calçada, conversando em grupos, os casais namorando, vendo o movimento das ruas mais badaladas da capital paulista. Parecia um *footing* moderno, herdado daquele antigo, que começou lá nos anos 1920, quando paquerar era caminhar pelas ruas das

praças-matrizes, ficar de olho, e se exibir uns para os outros na intenção de arrumar um(a) namorado(a). Era coisa das cidades pequenas. As moças colocavam os melhores vestidos e saíam, a fim de serem notadas pelos rapazes, igualmente bem-arrumados.

— Foi aqui na *Margherita* que nasceu a famosa *pizza* de frango com catupiry, Claire — disse Kilaim. — Temos que provar.

— Estou mais curiosa com as doces.

Não faltou no cardápio deles também a *burrata*, feita de *muzzarella* e tomate sem pele e sem semente, com *burrata* de búfala e *pesto* de manjericão. Para acompanhar, a melhor sangria da cidade.

Mas, certa altura, eles mudaram de mesa, porque Kilaim cismou que um homem na mesa ao lado estava olhando muito na direção deles. E se fosse membro da Organização? Ou, mais irritante ainda, e se estivesse de olho em Claire?

Kilaim olhou de lado, e encarou o sujeito. Pelo sim, pelo não: ocuparam uma mesa que tinha acabado de ser liberada por outro casal. Tiveram sorte de ficar perto da janela, onde podiam trocar muitos beijos, sem que ninguém ligasse.

— Depois, poderíamos ir dançar, o que acha? — sugeriu Claire, animada com a noite de sexta.

Kilaim ficou nervoso com a proposta no mesmo instante.

— Tenho dois pés esquerdos. Não danço nada. Vai ser um *mico* daqueles — ele respondeu, usando a expressão em gíria portuguesa que queria dizer passar um enorme constrangimento.

— Ah, mas é só para a gente se divertir. Não é um concurso de dança. Você não assistiu *Silver Linings Playbook*? Eles também não sabiam dançar.

— Sou uma negação, Claire. Verdade! Sou bom em muitas coisas: matemática, computação, línguas, desenho e pintura, música, jogos complexos. Mas não me peça para pegar numa bola, correr 200 metros ou dançar. 1-2-3; 1-2-3. *Pleeeease*, *don't*!

— Você vai se sair bem. *Allez*! Vamos! Andei pesquisando e a onda agora por aqui são as casas noturnas em espaços privados, como quintais de casarões, terraços de prédios, apartamentos alugados para isso. Como no caso da *Apartamento* Byob. Fica lá na Rua Oscar Freire, não é longe daqui, e acho que pode ser bem divertido.

— Ah, *non*, *non*… *non* me obrigue! *No me gusta*! — ele fingia desespero, colocando as mãos sobre o rosto.

Kilaim estava encurralado entre a vidraça e o corpo da namorada, de modo que, para sair dali, não teve outra opção senão concordar.

Mas deu sua condição, dividida em duas partes:

— Saímos *amanhã* à noite, e vamos para uma balada. Dessas onde os famosos aparecem e que têm uma *hostess* na porta te avaliando, esperando gente rica que vai gastar uma fábula. *Entretanto*… — e isso ele frisou bem — você não pode ficar dançando muito, Claire. Só um pouquinho, umas músicas mais lentas. Você acabou de passar por uma cirurgia. Podemos aproveitar o ambiente, a companhia um do outro, mas eu seria maluco se deixasse você sair pulando.

— Ah. É mesmo. — Ela encolheu os ombros um pouquinho. — Mas estou me sentindo tão bem.

— Isso é ótimo, mas vamos com calma, *d'accord*? É para o seu bem. Confie em mim.

— Tá.

— Aos poucos, iremos fazendo tudo que você quer. Inclusive vamos ter que lhe comprar um vestido adequado, senão a *hostess* vai dar cartão vermelho para você.

— Um vestido? — Claire perguntou, erguendo os ombros de novo.

— *Of course*! Minha namorada vai arrasar! Acho até que eu tenho que comprar algo para mim, não trouxe nada pensando em ir a um *night club*. Você me ajuda?

Pergunta certa, na hora certa.

— *Bien sûr, mon amour*, é claro que ajudo.

A musica ambiente, italiana, havia sido substituída por sertanejo, o que Kilaim detestava, na maior parte. Tocava uma canção que Kilaim considerava *cafonérrima*, mas que estava fazendo a cabeça dos brasileiros desde que o jogador de futebol Neymar Jr. — agora negociando sua compra pelo time espanhol Barcelona — foi flagrado dançando e cantando a tal música.

O cantor, Michel Teló, de repente passou de um quase anonimato para um sucesso arrasador, e *every single people* disparava a letra a qualquer hora, em qualquer lugar. O Brasil inteiro cantava, e dançava a coreografia. Inacreditável. Foi criada uma versão em mais de uma dezena de idiomas, e o *hit* simplesmente correu o Mundo. Até a orquestra de Andre Rieu, em visita ao Brasil, encerrou seu programa com um arranjo da música gravada por Teló.

— Sabia, Kim, que tem uma versão em francês? — comentou Claire, assim que a música começou a tocar.

— Ah, é *mesmo*…? — O refrão entrava fundo no ouvido de Kilaim, que fez uma careta. — Pela Sombra do Abismo…

"Nossa, nossa, assim você me mata
Ai, se eu te pego, ai, ai, se eu te pego!
Delícia, delícia, assim você me mata,
Ai, se eu te pego, ai, ai, se eu te pego!"

Claire se remexia de um lado para outro, animada. Ela não achava *cafona*, gostava do ritmo, tinha vontade de sair dançando. Kilaim não gostava. A tal música ainda tinha dado o que falar sobre quem, afinal, fora o autor dela. Várias pessoas estavam brigando na Justiça, mas era o tipo de notícia que ele nem queria saber.

Estava começando a se interessar por música popular brasileira e cantores mais tradicionais, como Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Milton Nascimento. A Bossa Nova de Tom Jobim, Vinicius de Morais e João Gilberto, que levou a música brasileira à popularidade mundial, também lhe agradava. Afinal, “Garota de Ipanema”, composta por Vinicius de Morais e Tom Jobim, chegou a ser considerada a canção mais conhecida do Mundo.

Kilaim descobriu, por fim, a obra da pianista Chiquinha Gonzaga e as peças de Ernesto Nazareth, que caíram igualmente no seu gosto.

Mas, a julgar pela animação de Claire com o ritmo de “Ai, se eu te pego”, ele já estava ciente de uma coisa: não iria conseguir fugir da noite dançante que prometera. Então, tentou ganhar alguma coisa em troca:

— Depois, você me deixa terminar o assunto que vínhamos discutindo no *Almanara*?

— Mas a música está meio alta.

— *Non*. Depois. No *flat*.

Ele tinha ar de menino carente, e fazia uma cara engraçada, para dar mais ênfase.

— *Ok*, Kim. Tudo bem, você pode falar o que quiser.

* * *

Mais tarde, depois de voltarem da *Margherita*, Kilaim estava sentado defronte a Claire e falava com propriedade, com destreza. A garota olhava para ele, ouvindo atentamente. Até mais atentamente do que ele esperava.

— A questão é a seguinte: *Porquoi* Deus não queria o contato entre o Homem e os demônios?

— Os demônios representam o Mal, *né*, Kim? Eles *são* do Mal. Não é óbvio?

— *Non*. Eles são bons para mim; eles são meus amigos. Não representam o Mal desta forma absoluta. São capazes de amar, de cuidar de

alguém, de estabelecer alianças verdadeiras, de serem leais. — Ele segurou de leve a mão dela, prendendo-a na dele. — *Alors*, talvez a motivação divina seja outra… — E, sem esperar resposta: — Será que os demônios guardam segredos de Deus, ou não?

— Mesmo que houvesse segredos — e é natural que haja —, há tempo para todas as coisas. Como deveria ter sido com o fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. A proibição em comer dela não haveria de ser eterna; ela estava lá. Mas o tempo e o modo corretos não foram respeitados. É que as pessoas não gostam de ter que esperar. Hoje, nós vemos em parte. Quando estivermos com *Dieu* para sempre, veremos face a face, tanto o Pai quanto os Seus segredos.

— Mas não seria possível que Ele estivesse escondendo detalhes que transformam o Deus de Amor, em Alguém bem diferente? Talvez, Ele não seja tudo o que diz ser. Há segredos, Claire, e tenebrosos. O Reino dos Céus era muito diferente de toda essa poesia que você lê na Bíblia. Por isso aconteceu a Grande Rebelião. E não foi a única; ela foi apenas a mais contundente. Houve muitas mais. O lugar de habitação de Deus na Jerusalém Celestial, onde fica a Sala do Trono vivia cercado por uma Guarda de Elite. Lembra-se? Lucipher era o Querubim ungido da Guarda. E *porquoi*? Qual o motivo de existir uma Guarda encabeçada pelos mais poderosos guerreiros no lugar onde Deus estava?

— Kim, de onde você tirou isso?

— Você acha que eu e meu pai nunca conversamos? Que ele nunca me contou nada? Afinal, eu também queria entender suas motivações. Se o Reino de Deus fosse mesmo um Reino de Amor, não haveria necessidade de tanta proteção. Proteção contra quem?

— Contra os demônios — respondeu Claire, um pouco confusa.

— Mas não havia demônios ainda, você não está me entendendo? A Grande Rebelião foi um *ultimatum*. Eu estou te convidando a olhar para cima pela primeira vez. Diga-me! Essa proteção toda era contra quem, já

que no Céu só havia Anjos, e tudo era um mar de rosas? *Porquoi* as guerras?

— Não sei de outras guerras, apenas da Rebelião encabeçada por Lucipher, quando o seu coração se envaideceu, e ele quis ser como *Dieu*. E por isso foi afastado do Reino dos Céus.

— *Banido* — enfatizou Kilaim. — E você acha que Lucipher haveria de querer ser como Alguém que ele não conhecia, que não admirava? Alguém com quem nunca andou? Lucipher — posso te garantir — *amava* Deus. Querer ser como Ele não significava usurpar o Seu trono. Ele só queria estar presente, só queria participar das coisas do Pai. Especificamente falando da Terra, ele queria fazer parte da criação dos animais, dos mares, da própria Terra. E também da criação da Obra-Prima de Deus, o Homem. Sabia que foi o meu pai quem idealizou o gato doméstico? E também o bode. — Kilaim sorriu, um sorriso forrado de simpatia. — O homem foi feito do pó da terra, e era excepcionalmente belo, mais que os Anjos. Se alguém olhasse Deus e o Homem juntos, seria obrigado a dizer: “Tal Pai, tal filho”. Havia aquela comunhão especial de Deus com o Homem, na viração do dia; a ele foi dado o direito de escolher o nome dos animais, de dominar sobre a Terra. Lucipher não pôde dar nenhum nome, para nada! Às vezes, os homens arrumavam apelidos um tanto pejorativos para os Anjos — *parce que*, nessa época, todos podiam se ver, como eu já comentei. Behemoth, por exemplo, era chamado de hipopótamo por causa de seu tamanho e, talvez, sua “feiura”. Era para ser uma brincadeira, mas… quando um Pai dá mais atenção a um filho que a outro, é um grande erro.

— Mesmo assim, essa sua história…

— Lucipher era um filho primogênito. Não tinha má índole, no início; mas Deus nunca o amou, nunca o ouviu, e foi sempre rechaçado, como aquela criança chata que incomoda o Pai. Ele era posto de lado, muitas vezes, *parce que* queria estar perto. Muitas vezes ele sofria castigos físicos por parte de Deus; mas ele os aceitou em silêncio.

— Kim…

— Lucipher até podia ter seus defeitos — quem não tem? Mas ele era bom, acreditava no Pai e queria ser obediente. Suas atitudes “erradas” não foram motivadas por inveja, dessa forma simplista, mas por amor. Você quer estar junto de quem ama. Só que o Pai foi cruel — Kilaim falou a última palavra com grande peso, como se a sentença caísse sobre ele mesmo. — Há tanta coisa que você não sabe!

Claire notou a angústia surgindo nele, e apertou sua mão. Mas sentia-se trêmula. Aquela angústia a contagiava de um modo estranho.

— Conte-me, eu quero saber… — pediu.

— A raiva começou a surgir dentro do coração de muitos Anjos. Mesmo aqueles que não chegaram a participar da Grande Rebelião, participaram de guerras. Eles tinham expectativas, sonhos, desejos. São como homens. Mas Deus era rígido demais, severo demais, com punições sempre exemplares, a começar pelo próprio príncipe.

Os olhos de Claire começaram a se encher de aflição. Não tanto por achar que Deus fosse tão Mau assim, mas por Kilaim acreditar profundamente naquela versão dos fatos. Como ele iria se livrar desses pensamentos…

— Quer atestar o caráter de Deus? Veja o próprio Velho Testamento, quando Deus tirou tantas vidas, homens, mulheres, crianças indefesas, idosos, até os animais. O temperamento colérico Dele sempre se evidencia, e Sua severidade. Ele quis destruir os israelitas no deserto, o Povo que deveria se tornar uma nação conforme a Sua própria promessa! Ele jurou a Abraão, mas estava pronto para descumprir o voto. Não fosse pela intercessão de Moisés, teria feito! Mas, de certa forma, Ele se vingou, *parce que* aquela geração jamais viu a Terra Prometida. O Velho Testamento inteiro mostra o Deus que mata, pune, castiga, se vinga.

— Você acreditou nisso, mas toda moeda… tem dois lados, Kim. — Ela estava dividida. Não sabia bem o que pensar. Era uma sensação ruim e

inesperada. — E o Velho Testamento também prometeu muitas bênçãos…

— Claire, o caráter de Deus revelado em sua Bíblia é só a ponta de um *iceberg*. Deus tem muita Sombra dentro Dele. Você falou em bênçãos? *Ça va*. Leia o capítulo 28 do livro de Deuteronômio: os frutos da obediência e da desobediência. As bênçãos… meia página; as maldições… três páginas. Se for desobediente, só falta você ser enterrado vivo e deixado ao léu para que as aves comam seus olhos.

— Mas Satanás é o pai da mentira. Você não pode dar crédito a tudo que ele diz.

— Não foi "Satanás" quem escreveu Deuteronômio 28. — Kilaim deu de ombros. — O engano que Lucipher promove no Mundo é para atingir os seus próprios fins, e não necessariamente para mostrar a face oculta de Deus.

— E o fim é…?

— O fim é que ele *vai* se vingar de Deus! Terá — ou melhor, já tem — um reino maior que o de Deus, e filhos que o amam mais do que os filhos de Deus O amam. Ele vencerá a guerra!

Claire puxava a pele do cantinho da unha, demonstrando parte de sua inquietação. "Se *Dieu* criou Lucipher, e ambos eram tão próximos como a própria Palavra garante, era *parce que* o Querubim ungido era bom, era leal. Senão, ele não teria sido ungido e não poderia ter andado sobre as pedras afogueadas do Céu. Não teria recebido o sinete de *Dieu*. Os dois deveriam ter rido juntos, conversado e feito planos".

Diante dela surgiu uma imagem. Pai e filho, abraçados. Depois outra: o Pai embevecido, olhando para a Sua Obra-Prima, rejeitando o desejo de participação de seu primogênito, do príncipe dos Céus. O filho caçula embeveceu os olhos do Pai. E, num repente de sofrimento, ela entendeu que era verdade. Seu rosto empalideceu, seus olhos se mancharam de tinta escura.

Quanto a Kilaim, por algum motivo conseguia seguir a linha do raciocínio dela. Teriam retornado os seus poderes?

“O que teria acarretado tamanha mudança em Lucipher? Ele não teria explicado suas razões ao Pai, conversado? Já que eram tão próximos…”, os pensamentos de Claire se seguiam uns aos outros, numa avalanche de inquietação. Ela não conseguia compreender. “E os tais castigos corporais? Será… será mesmo que Deus não cooperou de alguma maneira, mesmo que de forma pequena, com a atitude rebelde de seu filho…?”

As palavras de Kilaim ecoavam em seus ouvidos: “*Deus nunca o amou, nunca o ouviu, e foi sempre rechaçado…*”.

Ao príncipe dos Céus, *Dieu* reservara um terrível destino. A perda de sua beleza, de parte de sua inteligência, de seus privilégios e sua posição; terminaria expulso, numa prisão. O Querubim ungido da Guarda, o príncipe celestial, era agora o príncipe do Abismo. Era como se ela pudesse vê-lo… o pranto, a sensação de abandono, a tristeza. A raiva. O desejo de vingança.

— Kim, esse assunto está me deixando nervosa.

— Sei. *Parce que* você teria que rever todos os seus conceitos.

— *Non, non* é isso. Eu já revi — ela falou, lutando com ela mesma, buscando ser forte. — Eu acredito. Leve-me com você.

Kilaim não entendeu.

— Estamos juntos agora. — Ele tentou esboçar um sorriso.

— *Non.* — Ela balançou a cabeça veementemente. — Para a Organização. Apenas lá eu estarei segura.

* * *

8

Réalité

Kilaim acordou de repente. O dia estava quase amanhecendo.

Ele percebia a suave claridade que adentrava por uma fresta na cortina, e ouvia Claire ressonando tranquila ao seu lado, na cama do *flat*.

O sonho tinha sido tão real, mas ele experimentou o gosto da desilusão. Não acontecera.

Levantou devagar da cama, suave como as passadas de um gato, para não acordar a garota. Sentou-se na cadeira que ficava ao lado e quedou-se a observá-la. Ela dormia de bruços, com as mãos debaixo do travesseiro, e Kilaim acompanhou o movimento cadenciado da sua respiração. Ficava tão linda dormindo! Por que tudo não poderia ser mais fácil…?

Ele a olhava; e olhava para o sonho, com os olhos da memória.

“Eu a amo mais a cada dia, e isso é incrível”; mas Kilaim não sorria. “E absurdamente assustador.”

Ficou quieto, refletindo, e abstraiu-se de tudo ao redor, menos da imagem de Claire e do ruído da chuva batendo na janela.

“Ela não faria isso; não abriria mão tão fácil de suas crenças. Será…? Se eu contasse tudo isso a ela, como foi no sonho, teria a mesma reação?”

Claire se virou, devagarzinho, para o outro lado, aninhando-se debaixo da manta levinha. Ele via o contorno de seu corpo, os cabelos lisos desarrumados, e doía. Seu coração doía.

"Não digo que Claire viria comigo imediatamente para a Organização, mas será que o sonho não me mostra que existe uma forma, um *caminho* para amolecer um pouco suas convicções, deixá-la mais receptiva?"

* * *

Quando se levantou, mais tarde, na intenção de tomar um chá, Kilaim sentou-se na sala e ficou olhando para o guarda-chuva amarelo que a namorada havia comprado, e que achava a coisa mais linda do mundo, aberto ao lado da porta de saída. Como era época de chuvas, volta e meia ela desfilava com o tal guarda-chuva para cima e para baixo, sentindo-se como Mary Poppins chegando à casa dos Banks.

Enquanto preparava o chá, Kilaim estava convencido de que, se desse uma ajuda ao destino, poderia vir a contemplar um resultado favorável. Quem sabe, um passo para o que poderia ser uma reviravolta na vida de Claire. E se ela conseguisse compreender o que ele dizia? Seria possível fazê-la pender para o lado da Organização…?

Decidiu que iria abordar o assunto nos mesmos moldes do sonho. Com um pouco de sorte, Claire haveria de perceber que o que ele vinha lhe contando desde o início da viagem não passava da mais pura verdade.

Bastante animado, ele tomou o chá e aproveitou para assistir às notícias do dia, até que Claire acordasse. Só se falava no incêndio de uma Casa Noturna no estado do Rio Grande do Sul, que matou quase duzentas e cinquenta pessoas e que foi provocado pelo lançamento de um sinalizador pela banda que se apresentava naquela noite, fazendo pegar fogo no material inflamável do isolamento acústico. Uma sequência de erros contribuiu para o desastre, incluindo-se a superlotação, equipamentos

contra incêndio danificados e o despreparo da segurança. Havia apenas uma saída de emergência, pequena, e a casa estava com alvará vencido.

A fumaça matou a maioria dos jovens, muitos deles menores de idade. Quando chegaram as equipes de resgate, foi preciso derrubar paredes para tentar resgatar vítimas com vida. O acidente ganhou uma dimensão jamais imaginada, e o fato acabou terminando como umas das maiores tragédias do Brasil, e o terceiro maior desastre em casas noturnas no Mundo.

Agora começavam os falatórios e investigações. A responsabilidade pela tragédia envolvia os integrantes da banda e os donos da casa noturna, além do poder público. Quanto às manifestações na imprensa internacional, variavam entre mensagens de solidariedade e críticas.

Kilaim estava vendo a presidente Dilma Rousseff, que interrompera seus compromissos no Chile, onde estava acontecendo uma cúpula de líderes latino-americanos, caribenhos, e da União Europeia. Ela havia desembarcado na pequena cidade sulista para levar solidariedade e medidas de apoio aos sobreviventes e às famílias de todas as vítimas; para tanto…

— *Bonjour*, *amore*…

Kilaim escutou a voz de Claire, falando do quarto. Contente, ele levantou-se e foi até lá, deixando de lado o noticiário.

— Dormiu bem? — perguntou, acomodando-se de novo na cama, ao lado dela.

— Como uma pedra.

Claire se arrastou para o lado de Kilaim, aninhando a cabeça no ombro dele e passando o braço por cima de seu estômago.

— Hoje está meio friozinho, parece — ela comentou, fechando os olhos, ainda sonolenta.

— Mas vai ficar quente à tarde, segundo a previsão. Quer tomar café na padaria?

— Pode ser — ela respondeu, de olhos fechados. — Não gosto do café deste *flat*.

Os dois ficaram ali um tempo; ela em silêncio, escutando as batidas do coração dele, e Kilaim falando, volta e meia, do noticiário. Mais uns quinze minutos de preguiça junto com aquele calorzinho do corpo de Kilaim, e Claire, bem desperta, levantou-se e foi ao banheiro se arrumar. Cantarolava, sentia-se feliz.

Prontos para sair, olharam para fora. A chuva dera lugar a uma garoa.

— Será melhor levar o guarda-chuva, eu acho — ela falou, olhando para o lindo guarda-chuva amarelo.

— Deixe que eu pego para você — adiantou-se Kilaim, cavalheiro.

Recebeu um beijo bem amoroso de agradecimento, o que quase o fez desistir de sair e, ao invés disso, levar Claire de volta para a cama.

Mas era importante conversarem logo, então ele intimamente descartou a ideia. Mas fariam isso depois.

Sem falta.

* * *

Na padaria, Kilaim aproveitou o bom humor esfuziante da moça, depois da noite bem-dormida, para avançar de mansinho pela mesma linha dos argumentos do sonho. E falou tudo quanto se lembrava, até um pouco mais.

Claire escutou com atenção enquanto comia um prato com algumas bananas cortadas pela metade e cobertas com mel, canela e *granola*. Demonstrou a mesma curiosidade do início, e parte da consternação sobre a veracidade das informações. Pelo menos, assim ele entendeu. Ficou animado porque, então, ela estava começando a, talvez, entender a bondade de Lucipher.

E aí, Kilaim fez a mesma pergunta:

— O que você acha disso tudo, Claire? Você acha que Deus esconde segredos do Homem?

— Kim — ela disse, recolhendo o mel com um pedaço da banana —, você está me contando uma história bem estranha. Sobre *Dieu* ser

mentiroso, estar invertendo a história, escondendo fatos relevantes de nós; sobre Satanás ser bom, sobre amar o Pai, e “não ter feito nada de errado”. E que o Reino de *Dieu* seria horrível em seus primórdios, cheio de rebeliões. Que Ele não é o que diz ser, que é Mau…

Kilaim até se inclinou um pouco mais na direção dela, pronto para ouvir as palavras mágicas: “Talvez haja um pouco de razão em tudo isso…”.

Mas não foi o que ele ouviu.

— *Uau*! Dessa vez você se superou, Kim. — Claire deu um tapinha na mão dele, divertida.

O rapaz voltou a encostar o tronco no encosto da cadeira, e bufou:

— Mas, Claire, você não entendeu como Lucipher era diferente no começo, antes de Deus…

— *Oui*, eu entendi, Kim. — Ela pôs mais canela sobre as bananas, distraída. — Juro. Se *Dieu* ungiu Lucipher, era *parce que* confiava nele. Entendi.

“Ah, como no sonho”, o rapaz sorriu de leve.

— E eu também entendo — Claire continuou —, que o *Dieu* do Velho Testamento exercia mais o Juízo que o Amor.

“Ótimo!”, vibrou Kilaim.

— Embora o Juízo fosse para trazer purificação, e o Amor Dele continuasse existindo. — Ela espetou um pedaço de banana. — Mas, agora, nós temos o Novo Testamento, *n’est-ce pas*? E quem vai poder questionar o Amor de *Dieu* expresso em Jesus?

Ele não gostou da conclusão. E teve que fazer um parênteses:

— Não é um Amor absoluto. Você sempre erra quando pensa assim. Trata o Mal como absoluto, e o Bem, idem. Deus ama, *na medida em que* os filhos fazem o que Ele deseja. É relativo.

— Tudo bem, Kim, é só uma diferença de opinião.

— Não é não. E Deuteronômio 28? Mostra a atitude de Alguém que se diz Bom? E quanto a Cristo? Para que Deus atingisse o Bem que desejava,

Jesus precisou concordar com todo o Mal que iria sofrer. Enviar Jesus e submetê-Lo à Cruz: foi bom?

— *Non*. Mas as consequências foram eternamente boas.

— Boas para quem O aceita, Claire, caso contrário tudo aquilo é nada. O Bem se torna em *nada*. A Obra de Cristo inteira se torna em nada! É uma grande e absurda Obra toda relativa!

Claire não revidou. Não entendia por que tanta comoção com aquele assunto. E engoliu mais um pedaço de banana.

— Isso está uma delícia!

Kilaim começou a achar que a comida estava atrapalhando. No sonho, Claire não estava comendo nada.

— Claire, pare um pouco de comer — Kilaim falou, contendo o tom de voz. — Comer como um passarinho é a coisa certa a fazer nesse momento. Quer me escutar?

— *Ok.* — Ela o encarou. Não estava assustada, nem sentindo qualquer mal-estar; ao contrário.

Kilaim ficou tão irritado com aquela calmaria, que apoiou os cotovelos na mesa com força.

— *Cachu*! *Da*! *Que formidable*! Deus andava com um crápula, *c'est tout*. Ele deu poder a Lucipher, um verdadeiro Brutus pronto a apunhalá-Lo na primeira oportunidade, e não sabia de nada. Lucipher não era bom; Deus é que era cego.

— Kim, não se exalte, *sil vous plaît*. Você não perguntou minha opinião?

Emburrado, ele fez um gesto de "*oui*, sinto muito".

— *Ça va*. Acredito que Lucipher tenha sido exatamente como você descreveu: obediente, bom, justo. Um verdadeiro príncipe. Recebeu as pedras preciosas desde o seu nascimento, andava no Monte Santo de *Dieu*, no brilho das pedras, e era perfeito em seus caminhos.

— Oh! — Kilaim arregalou os olhos de surpresa. — Você acha?

— *Oui*. — Claire fez que sim com a cabeça, várias vezes, feliz por não estar mais irritando o namorado. — *Dieu* o ungiu, deu-lhe o sinete; e o anel somente pertenceria a alguém que tivesse a essência do Criador. Lucipher era especial.

O comentário acalmou Kilaim. Não muito, é verdade, mas acalmou. Nessa hora a atendente aproximou-se da mesa deles com a bandeja de café com leite, suco de laranja e sanduíches. Três para Kilaim e um para Claire, que fez uma pequena pausa no que estava dizendo a fim de sorrir para a mulher parda, de pequena estatura e com bumbum bem grande.

— Muito *obrrigada*! Tenha um *buom* dia — a garota conseguiu dizer, ainda que com bastante sotaque, e arrancou da mulher um enorme sorriso.

— Pra você também! Bom apetite!

Claire sempre conseguia aquele tipo de resultado sem nenhum esforço. Mas Kilaim estava afoito pelo resto, e nem deixou que a namorada começasse a comer de novo:

— Lucipher era especial. *Oui. Et alors*? — ele indagou.

— Mas depois o coração dele se perverteu. Ele agiu com prepotência, questionando Deus, a Sua Justiça, o Seu amor, os Seus valores. Ele se orgulhava de sua inteligência, sua posição, sua beleza, e queria dar ordens. A questão não é cometer erros; todos cometem. O problema é insistir nesse erro.

— Ah, Claire. O problema é você usar 5% do cérebro e nunca ter conversado com os demônios. — E ele se esforçou, ao concluir: — E você também não teve acesso às literaturas que eu tive.

— Ainda bem, né? Se não, do que iríamos conversar? — ela brincou. Mas depois, com seriedade: — Kim, como eu queria que você entendesse. Olha, você pode não acreditar, mas *Dieu* tem olhado você com amor…

— Você está mudando de assunto. — Mesmo assim, ele absorveu aquelas palavras por algum tempo. Mas depois, com ar de amargura, repudiou-as.

Claire falava de novo daquele jeito porque não o conhecia, não sabia quem ele era, nem o que tinha feito.

— É que eu não me sinto tentada a ficar revirando assuntos que Ele não pretende comunicar ao Homem agora. Vivo bem, com 5% do cérebro. Lembre-se: agora vemos *em parte*… — Claire mordeu seu queijo-minas-quente-no-pão-integral, sentindo a textura do alimento dentro da boca, e tomou um gole do suco de laranja.

"*Caraca*. Ela usou o mesmo argumento do sonho…!", Kilaim ficou muito desenxabido e frustrado. Os ombros caíram um pouquinho para frente e ele ficou olhando o vácuo.

— Lembra-se daquela senhorinha no avião: discutir religião e política é "uma bosta"?! — lembrou Claire, na intenção de animá-lo.

Kilaim teve que achar graça daquela palavra saindo da boca de Claire, e esboçou um sorriso, mesmo a contragosto. Claire pegou a xícara de café com leite com cuidado. Um gole de suco, e um gole de café com leite. Só ela fazia assim, misturar leite com suco de laranja, tudo ao mesmo tempo.

Por dentro, porém, ela remexia em seus pensamentos. Nunca tinha escutado nada parecido ao que Kilaim lhe contara. Isso era "olhar para cima"?! De uma coisa ela tinha certeza: os argumentos dele, boa parte das vezes, eram muito bons. Ela não queria se ver enredada naquelas doutrinas do Satanismo, pois eram profundas.

— Se você visse as cicatrizes, acreditaria? — Kilaim quebrou o silêncio de repente, com ar sincero. — Se você visse as marcas que Deus deixou nele, acreditaria no que eu te contei?

— Kim… — Era absurdo. Então ela amenizou com um toque de leve no rosto dele. — Eu não gostaria de ver Lucipher, ou qualquer cicatriz…

— Você acha que foi justo, *alors*. O modo como ele foi tratado. É desse jeito que você vai tratar o seu filho, quando for mãe? Sabia que as mães vão até lá na porta da cadeia, debaixo de sol e chuva, para visitarem seus filhos assassinos, estupradores, traficantes? *Parce que* são filhos. As *mães* — ele

continuou, mais alto — não mandam seus filhos para o exílio, deformam seus corpos e os transformam em monstros.

— Kim, eu sei, mas Lucipher nunca deixou de ser filho de *Dieu*. Ele só está passando por um momento de disciplina, de afastamento. Não adianta discutirmos mais, *mon amour*.

— Claire. Já que você quer tanto saber da minha história, foi isso que eu tentei lhe dizer, tantas vezes: que Deus não é tão Bom; é Mau. E que quando se serve ao Mal, quando se é *filho* do Mal, o Mal se torna bom — a voz soou grave, e ele deixava esfriar seus mistos-quentes, sobre o prato, intocados. O tiro saíra pela culatra. Não seria ainda naquela manhã que ela entenderia o que ele queria dizer.

— Quando estávamos voando para cá, para o Brasil, você disse que do lugar donde vinha, não existia saída. E o fez com tristeza. A mesma tristeza que você sentiu no *Almanara*… — Claire ficava preocupada quando Kilaim usava aquele tom, quando assumia aquela postura. Parecia prestes a cometer um desatino.

— É verdade. Mas era por outro motivo. Servir aos demônios nunca me trouxe tristeza. Já servir a Deus é estar num cárcere. Esqueceu-se de Deuteronômio 28?

Antes que ela pudesse impedir e encerrar a discussão definitivamente, para sua surpresa, Kilaim sacou do bolso do casaco *jeans* uma pequena Bíblia com capa de couro vermelha. Claire esticou os olhos. As páginas eram grossas. Percebeu que não estava em francês.

— É um Pentateuco, com texto original — Kilaim explicou. — Não que eu precise de consulta. Só quero que você avalie um pouco o Deus que “não castiga” os “desobedientes”.

E começou a recitar:

— Doenças tenebrosas, perturbação de espírito, loucura… *etc*… úlceras pelo corpo todo; e não haverá cura. Destruição completa e absoluta…

Claire apoiou o queixo nas mãos, e nem prestava muita atenção. Conhecia o texto.

— Gafanhotos destruindo todas as plantações… cidades sitiadas e roubadas… o povo comendo a carne dos seus filhos e filhas… dos seus bebês… *etc e tal*. Os cadáveres dos mortos sendo comidos pelas aves e animais. — Ele virava as páginas com brusquidão.

"*Porquoi* o Kim nunca me ouve? Ele diz que eu não o ouço, mas é ele que não me ouve…" Claire via Kilaim tão indignado que não sabia o que fazer.

— Os desobedientes serão motivo de horror para todos os reinos da Terra. Os Céus serão de bronze, e a terra, de ferro… a chuva, pó e cinza, blá blá blá…

Claire voltou ao queijo-minas-quente.

— … serão malditos ao entrar e malditos ao sair… malditos em tudo o que puserem as mãos… até que sejam destruídos todos, e *pereçam*. *Uau*! Acho que foi Deus que se superou, Claire. Não há como fazer escolhas com Ele, pela Sombra do Abismo! Deus "ordena" que O amem.

E Kilaim, desta vez, leu de forma perfeita o verso 16 do capítulo 30.

"רשא יכנא רוצמ
סויה הבהאל
הוהי־תא ריהלא
תכלל ויברדכ רמשלו
ויתוצמ ויתקחו
ויטפשמו תייחו
תיברו רכרבו הוהי
ריהלא ץראב
התא־רשא המש־אב
התשרל:"

Claire encantou-se com a pronúncia, julgando-a maravilhosa, e esticou os olhos para ver o texto. Estava em caracteres que ela não conhecia.

— Que língua é esta?

— Hebraico. — E ele traduziu: — "*Se guardares o mandamento que hoje te ORDENO, que ames o Senhor, teu Deus, andes nos seus caminhos, guardes…*"

— Kim, já está bom. Chega.

Kilaim fechou o Pentateuco.

— Quem não se submeter, está amaldiçoado. — Ele olhava profundamente nos olhos azuis de Claire com seus olhos de ônix, olhos de águia. — Amaldiçoado. Esse é o meu caso. Sou um impenitente, *d'accord*? E, segundo a sua crença, vou para o inferno.

— *Non*, Kim. — O coração dela amoleceu de imediato. — Você está num momento de transição. *Dieu* entende isso. Olha, em Deuteronômio, Ele também explica toda essa questão das bênçãos e maldições, dizendo…

— Deixa pra lá, Claire. Não importa.

— Ele nos colocou juntos, sabendo que iríamos conversar muito. Há um propósito. E, hoje, temos o Novo Testamento, por isso…

— *Va bene*, Claire — de novo, ele não a deixou concluir. — Você quer pular para o Novo Testamento, e acha que isso muda alguma coisa para mim? *Parce que* "não estamos mais debaixo da Lei, mas da Graça"?

— É isso. *Alors*, você sabe disso!

— Vou te dizer o que eu sei. Está escrito: "*Quem crê no Filho de Deus terá vida eterna, mas quem rejeita o Filho não verá a vida, mas a ira de Deus permanece sobre ele*". O que é crer no Filho, Claire? Não é andar do mesmo modo como Ele andou? Mas, isso é algo que poucos conseguem fazer, pois significa tomar a sua própria cruz e segui-Lo. Nem os cristãos conseguem ser cristãos, *parce que* apenas "crer" não é suficiente. Até os demônios creem. Cristo tentou dar a chave: "*Se alguém me ama, guardará a Minha Palavra*". *Se*. Condicional.

Claire estava tentando entender aonde ele queria chegar.

— Eu conheço a Bíblia inteira, melhor que você; eu a li, a reli e conheço a sua doutrina. Eu "creio". Mas não posso seguir a Cristo *parce que* não O amo. Essa condicional não se encaixa na minha vida. Eu tenho a mesma a índole deles, dos demônios. Eles não podem seguir a Cristo, embora "creiam"… por isso, a ira de Deus permanece sobre mim, e sobre eles, e é assim que é. Segundo a sua crença eu estou do lado errado da história, e quer no Velho Testamento, quer no Novo, não há saída alguma para mim, é bom, *alors*, que você entenda logo isso, pois…

Claire segurou as duas mãos dele:

— Quer saber como Ele olha para você?

— Eu sei como Ele me olha.

— Nós dois. Eu e você… somos um?

— Na prática? — Ele tentou dar um sorriso maroto, mas não conseguiu.

— Nós somos um de uma maneira ainda imperfeita. Mas, Deus e Jesus eram Um, portanto, o Amor de Jesus é o Amor do Pai. Se concentre nisso, só por um instante. Esqueça essa doutrina toda. Você também está sendo muito "absoluto" em seus conceitos. Feche seus olhos por um momento.

— Não vou fechar meus olhos na padaria.

— Só por um momento. *Sil vous plaît*…

Surpreso com sua própria reação, ele obedeceu. Sentia as mãos de Claire, quentes, e escutava sua voz.

— Tente imaginar Jesus ao lado de seus discípulos, na ceia de Páscoa. A última. Quando era quase chegada a hora de ser entregue ao sofrimento, Ele estava preocupado com os seus amigos. Ele ia ser traído, e sabia disso, mas mesmo assim, nesse momento de tanta dor, Jesus orou por eles. Mas não apenas… por eles… — Claire se emocionou de repente, sem aviso; um nó se formou em sua garganta. — Por todos aqueles que viriam a crer Nele…

Kilaim mantinha os olhos fechados.

— Essa oração foi feita por você, Kim. É assim que Ele te vê. Não com ódio, com repúdio, ou apontando o dedo para os seus erros. Mas com compaixão. A mesma que Jesus teve, *parce que* Ele e o Pai são Um. Ele te entende, e respeita o seu tempo.

Kilaim não respondeu. Abriu os olhos e não queria acreditar em qualquer conforto que, porventura, aquelas palavras pudessem trazer, porque certamente não se aplicavam a ele. Não queria chorar, não queria concordar, não queria conversar mais. Então, deu uma mordida gigantesca no seu sanduíche, e tomou quase o copo inteiro do suco de laranja de uma vez.

Claire, com um suspiro de alívio por encerrar a discussão, ficou quieta com seus botões. Não havia o que mais dizer. Apenas esperar.

Contudo, entendia duas coisas: a primeira era que Kilaim se envolvera — por vontade própria ou não, ela ainda não sabia direito — com uma seita cheia de doutrinas macabras e perversas. Satanismo. Ela modificava a História, afirmando que toda a crença em *Dieu* teria que ser revista, ou abandonada. E Satanás seria o bom filho. Kilaim também já havia mencionado sangue, rituais, pactos com demônios, dimensões paralelas. Não era pouca coisa.

O segundo fato: aqueles conceitos eram tão fortes dentro dele que, mesmo a milhares de quilômetros de distância da Organização, sua mente e seu coração continuavam presos neles.

Kilaim não estava livre.

* * *

Durante a tarde, o casal foi conhecer o “marco zero” de São Paulo. Ficava na região central da cidade, na Praça da Sé, defronte à Catedral Metropolitana de São Paulo — ou “Catedral da Sé”, como todos falavam.

O “marco zero” era um pequeno prisma hexagonal em concreto, recoberto de mármore, com cerca de um metro de altura. Cada face

representava um local importante do país, simbolizado com um desenho. Na parte superior do prisma havia uma placa de bronze representando os principais pontos da cidade na época em que o marco havia sido construído: os rios Tietê e Pinheiros, a Estação da Luz, a Faculdade de Medicina da USP, o Museu do Ipiranga, e algumas vias, como a Rua Voluntários da Pátria, a Rua da Consolação e a Avenida Paulista.

Logo que chegaram, Claire sentou-se em cima do miniobelisco, e Kilaim bateu uma foto. Depois, olhando em volta, ela entendeu o motivo de Kilaim pedir-lhe que não levasse bolsa e fosse vestida com *jeans* e camiseta.

— Tem muito *trombadinha* por aqui — ele falou, empregando o termo que os brasileiros usavam para referir-se aos menores de idade marginalizados que sobreviviam de furtos e roubos.

Compungida, Claire observou os mendigos e moradores de rua deitados em pedaços de papelão, enrolados em mantas sujas e surradas, encostados nas muretas da praça, dormindo ou pedindo esmolas. Boa parte daquele parco dinheiro não seria gasto em comida, mas na próxima dose de "branquinha", ou droga. Havia também muitas crianças e adolescentes que perambulavam por ali, os menores brincando numa correria, os maiores olhando para quem passava. Não era muito agradável ser avaliado por eles, mas nenhum seria capaz de tentar abordar o jovem gigante francês.

Havia muitos transeuntes também, pessoas que faziam todo tipo de coisa. Muita gente passava por ali fazendo uma caminhada ao trabalho, outros estavam atrás de barraquinhas que vendiam bugigangas do Paraguai: um relógio de pulso podia custar a bagatela de quinze reais.

Vários engraxates poliam sapatos, policiais andavam com a mão às costas, geralmente sem interferir em nada. E um grande número de bancas de jornal conferia um aspecto ímpar à praça onde não se podia sentar, a não ser que se fosse um sem-teto ou um viciado.

Um homem vestido com um terno surrado, de Bíblia em punho, estava parado ao pé da estátua do Apóstolo Paulo, na frente da Catedral, pregando, aos gritos, para uma dúzia. Era impossível não ouvi-lo.

— E Deus é bom. Aleluia! — disse Kilaim dando uma risadinha. — É só olhar em volta!

— Ai, Kim, você não perde esse seu humor negro. O que estamos vendo é a omissão do governo desse país, e a falta de oportunidade das pessoas. Não tem nada a ver com Deus.

— Se é o que você acha…

Eles foram em direção às escadas da igreja, a fim de ver o seu interior. A fachada já se mostrava bem imponente, com as torres e a cúpula gigantesca.

A Catedral da Sé era um dos cinco maiores templos neogóticos do Mundo, inspirada nas grandes catedrais medievais europeias. Tinha sido construída por iniciativa do primeiro arcebispo de São Paulo no local onde ficava a antiga catedral colonial da cidade, datada do século XVIII, que era modesta, em estilo barroco, e como já estivesse muito deteriorada, foi demolida. Antes desta, existia ali apenas uma igrejinha feita com paredes em taipa de pilão, do final do século XVI e início do XVII: era a igreja matriz da pequena vila de São Paulo de Piratininga.

Ao entrarem, Kilaim e Claire olharam em torno. A maior igreja de São Paulo tinha capacidade para oito mil pessoas e formato de cruz latina, com cinco naves. Havia algumas poucas pessoas ajoelhadas, rezando; outras, apenas estavam sentadas nos bancos. Um homem dormia no último banco, perto da porta. Não era hora de missa.

— Que bonita! — falou Claire.

Os dois foram caminhando pela nave central. Todos os móveis e esculturas, bem como os mosaicos, tinham sido trazidos da Itália. A Catedral ficara pronta para a comemoração do quarto centenário da cidade de São Paulo, apesar de as torres ainda não estarem terminadas na época.

Foi só no início do século XXI, quando a Catedral passou por reparos, que os torreões foram concluídos de acordo com o projeto original, que foi encontrado dentro da própria igreja.

Kilaim correu os olhos para frente. Sabia que atrás das colunas que rodeavam o altar-mor havia um enorme órgão de tubos, construído em Milão. Ele apontou:

— Sabia, Claire, que ali atrás há um órgão que tem cinco teclados? São 329 comandos, 120 registros e 12 mil tubos sonoros com relevos entalhados à mão. É o maior órgão de tubos da América Latina.

— *Caraca*. Podemos vê-lo?

— Acho que não está aberto para exposição, pois ele não funciona.

— Não funciona?!

— Embora tenha sido restaurado, durante a última reforma da Catedral acabou ficando exposto à chuva debaixo de vitrais quebrados. O custo para consertá-lo é de quase oito milhões de reais. Mesmo se esse orçamento for aprovado, a Catedral ainda terá que captar os recursos. É o que faz a falta de um mínimo de manutenção.

— Que tristeza! — Claire respondeu baixinho, andando devagar, as mãos nos bolsos de trás dos *jeans*. — Mas veja que belos vitrais e lindas colunas…

Kilaim foi andando atrás dela, olhando, em silêncio.

— Reparou como é quieto aqui, Kim… nem parece que estamos no centro da cidade mais movimentada do Brasil.

O jovem olhava para a cruz, para a figura de Cristo.

— Achou bonito o altar? — ela indagou.

— Rudimentar.

“Levando em conta os altares satânicos”, ele pensou.

Então, Kilaim se virou para ela, animado pela primeira vez.

— Vou te mostrar uma coisa muito mais interessante! — Puxou-a pelo braço.

Arrastou Claire ao longo da nave até o lado do altar, onde havia uma escadaria fechada por um portão de ferro.

— O que tem para lá? — Ela esticou o pescoço, olhando entre as barras.

— A cripta.

— É mesmo? Quem está enterrado?

— Bispos portugueses, bispos e arcebispos brasileiros, alguns personagens que foram importantes para a cidade. São trinta jazigos, mas apenas metade está ocupada.

— Pena que hoje não é dia de visita, pelo que parece…

Ela continuava olhando por entre os rococós do portão.

— A cripta é uma verdadeira capela subterrânea… — disse Kilaim — e está colocada bem debaixo do altar principal. Tem seiscentos e dezenove metros quadrados e sete metros de altura, piso de mármore de Carrara em preto e branco, e o teto cheio de arcos com tijolos, parecidos com os da Catedral.

— Incrível como você decora tudo! — Ela cutucou as costelas dele com o cotovelo.

O rapaz sorriu, mas não disse nem sim, nem não.

— Sabia que o trópico de Capricórnio passa exatamente por aqui, Claire? — Ele fez ar de mistério. — Curioso, não acha? Bem no coração da cidade.

— Interessante.

— A primeira igreja de São Paulo foi construída aqui, antes mesmo que a cidade se formasse. Não seria uma incrível coincidência…? Tanta precisão?

Estava escuro e Claire não conseguia enxergar muita coisa. E repetiu:

— Que pena que não dá pra entrar.

— E quem disse que eu preciso de permissão para entrar numa cripta?

Sem esperar resposta, ele deu um tranco com força no portão, que abriu.

— Isso foi força, não magia — Kilaim brincou.

Claire não parou para pensar que havia um cadeado trancado na porta. Só olhou para baixo, e argumentou:

— Kim… não podemos entrar aí.

— Claro que podemos. Vamos descer a escada até lá embaixo.

— Mas está muito escuro, não adianta. Não vai dar pra ver nada.

Kilaim pegou o iPhone, e esticou-o à frente do corpo:

— Haja luz — ele falou com voz grave, olhando para a namorada. Então ligou a lanterna do aparelho. — E houve luz!

Claire meneou a cabeça, segurando um sorriso. Kilaim a empurrou para frente um pouco:

— *Allez*, vamos explorar a cripta.

Depois de passarem pelo portão, Kilaim o encostou novamente para evitar que alguém viesse atrás deles. Desceram devagar. Claire apoiava uma das mãos na parede, enquanto que a outra estava presa na mão de Kilaim. Por fim, à luz diminuta do celular, eles entraram no vasto salão suportado por colunas e arcos góticos.

— Que enorme, Kim… — falou Claire, impressionada.

Começaram a inspecionar os túmulos, indo de jazigo em jazigo, lendo as placas.

— Cacique Tibiriçá — leu Kilaim. — Um dos primeiros índios a ser catequizado. Regente Feijó, governante do Brasil durante o Período Regencial…

A nave da capela era ladeada por cadeiras vermelhas. O som dos passos deles era praticamente o único ruído do lugar. Claire sentou-se numa das cadeiras para experimentar, ainda olhando em torno. Depois de um tempo, porém, Kilaim já estava entediado.

— Vou te mostrar uma coisa — ele disse.

— Mas eu já vi tudo.

— *Non*, essa é uma área para visitantes. Vou te levar à área restrita. Venha.

Kilaim puxou Claire pela mão novamente. Ela não havia percebido a existência de outra porta de ferro, em função da pouca iluminação, mas sentiu o deslocamento de ar quando Kilaim a abriu.

Ou será que já estava aberta?

Os dois começaram a percorrer um estreito corredor, bem longo, de mãos dadas. Kilaim levava o celular aceso à frente deles.

— Kim, mas aonde é que isso vai dar? — cochichou Claire, olhando para a penumbra.

— Calma, calma, você já vai ver.

Era bem silencioso ali. No final do corredor, deram numa espécie de sala, ou câmara. O rapaz voltou a luz da lanterna para baixo. Havia um hexagrama no chão.

— É aqui.

— Aqui, *quoi*?

— Estamos exatamente no “marco zero”. — Ele apontou para cima. — O obelisco está aí. — E novamente iluminando o chão: — Consegue imaginar o que tem embaixo desta tampa?

Claire não pisou no hexagrama, meio desconfiada.

— Aqui é um dos dormitórios temporários de um dos grandes príncipes do Abismo. Claro, não é a morada oficial; mas mesmo assim é importante.

— *Oui*. E ele está embaixo dessa tampa? Num buraco? — Claire ironizou um pouco.

— *Non*, tolinha. O hexagrama é somente um símbolo. Mas aqui tem os ossos de um sacrifício ritual, de quando esse local foi consagrado.

Ela olhou de novo para o hexagrama e não fez comentários.

— Sabia que estamos próximos do vale do diabo? — continuou Kilaim.

— Como assim?

— O vale do Anhangabaú é aqui perto, no centro da cidade. Fica entre os Viadutos do Chá e Santa Ifigênia. Ali, em meio a muitos edifícios, funciona a Prefeitura de São Paulo. Não acha sugestivo? Também o Teatro

Municipal, a Escola Municipal de Balé, o Conservatório Dramático e Musical de São Paulo e um *campus* universitário.

— Não entendi a questão do nome.

— Anhangabaú significa, em tupi, “água do mau espírito”. A história mais provável é que tenha sido batizado assim por causa de algum malefício que os bandeirantes tenham feito aos indígenas, nas imediações desse rio, que hoje passa sob o asfalto no vale. No entanto, é uma mera suposição — novamente o ar de mistério. — Você não imagina o motivo deste lugar ter recebido esse nome?

Ficou no ar o comentário. Claire sentiu um arrepio de frio.

— Você já está me assustando, Kim. — Ela foi dando meia-volta para o lado do corredor. — Vamos sair logo desse lugar escuro.

Kilaim, achando graça do temor dela, virou a luz do iPhone para bem perto do próprio rosto, e iluminou-o por baixo, a partir do queixo. Seu rosto parecia fantasmagórico.

— Kim…!

Então, ele deu um sorriso e apagou a lanterna.

— Kim, onde é que você está?

— Agora está escuro de verdade, Claire. — Ela ouviu a voz dele vindo de um lugar um pouco mais longe.

— Para de me assustar, *caraca*! Vamos sair desse lugar escuro.

Ela ouve o som de passos correndo e uma porta batendo a distância. *Clanc*!

— Deus não é a luz do seu caminho? — Kilaim gritou de volta. — Peça pra Ele ajudá-la.

— Kim, pode parar com isso, não tem a mínima graça! — ela respondeu, gritando também. — Que brincadeira boba!

Silêncio.

— Mas que chato esse menino. Parece criança!

Claire foi tateando com as mãos, voltando pelo mesmo corredor. Estava um breu. Um passo atrás do outro e, de repente, sentiu um assopro no ouvido, um ar meio quente, como uma baforada. Ela passou a mão no rosto, e procurava sentir onde estava o corpo de Kilaim, mas não conseguiu.

— Kim, para de me soprar. Onde é que você está?

Nenhuma resposta.

— Eu sei que a saída é pra cá… — ela resmungou.

Quando finalmente abriu a porta que dava para a cripta, Claire deu de cara com Kilaim, que estava do outro lado e com o rosto fantasmagórico, iluminado pela lanterna, sorrindo. Ela tomou um susto.

— Mas você estava aqui?

— Eu estava aqui o tempo todo! — E passando o braço em torno dos ombros dela: — Eu disse que era um "dormitório". Ele tá aí, sabia? E gostou de você — o tom era sarcástico, meio macabro.

Claire não acreditou que houvesse qualquer coisa ali; mesmo assim, já tinha visto o suficiente.

— Ai, esse lugar está me dando arrepios, vamos embora daqui.

Ela saiu andando apressada, cruzou a cripta no escuro e foi subindo as escadas rumo à superfície. Kilaim ficou um pouco atrasado, mas viu como a namorada irrompeu igreja adentro, respirando forte. Algumas pessoas que rezavam olharam em sua direção. Então ela ficou parada, se acalmando. Kilaim veio por trás, cochichando no ouvido dela — o mesmo ouvido que fora assoprado lá embaixo:

— Vão dizer que você viu um fantasma.

Claire saiu andando rápido outra vez. O jovem foi atrás, fazendo graça.

— Claire, as pessoas estão achando que você está fugindo da cruz.

Ela deu uma olhada para trás, para ele, e não respondeu.

— Claire, eu estou começando a achar que você possa ser uma adoradora do diabo. Está fugindo da igreja!

— Não tem graça, Kim. Já falei.

Ela estava ficando brava. Kilaim se adiantou e postou-se ao seu lado, segurando-a pela cintura e interrompendo a caminhada para fora da igreja.

— Calma, Claire. — Inclinou-se, dando um selinho nela. — Você está assustada à toa.

Claire deu um soquinho no peito dele.

— Que ódio, Kim, você me deixou sozinha lá…

— Você não estava sozinha. *Ele* estava lá com você.

— *Para* com isso! Eu podia ter infartado. *Caraca*, *mano*, onde eu estava com a cabeça quando aceitei descer nessa cripta com você? — Olhando para Kilaim, que sorria, ela foi se sentindo melhor. E reclamou com menos intensidade, lutando para não rir. — Eu poderia *mesmo* ter infartado; e aí você ia ficar sozinho, sem mim. Abandonado. E lembre-se de que esse coração era da sua mãe… — Ela acabou se aconchegando nele. E cochichou: — Embora, agora, ele te deseje.

— É bom mesmo… — ele cochichou de volta.

Os dois foram saindo da igreja, lado a lado, abraçados. Do alto das escadas, Claire viu de novo o marco central.

— A gente estava mesmo lá embaixo?

— Junto com ele…

Claire bufou. Pelo visto, Kilaim ainda não estava com vontade de mudar de assunto. Desceram os degraus de volta à Praça. Sentado no último degrau da escada, pedindo esmolas e chacoalhando uma lata velha, havia um homem cego. Não estava lá quando os dois entraram, cerca de uma hora e meia, antes.

Aparentemente interessado, Kilaim largou Claire por um instante e se sentou ao lado do homem. Imaginando que, talvez, o jovem pudesse tripudiar o homem de alguma forma, ela se sentou também. Olhou firme para o namorado.

— Olha lá, *hein*, Kim?

Sabendo que os dois estavam ali, mesmo escutando uma língua estrangeira, o cego pediu:

— Você tem uma esmola pra me ajudar?

Kilaim pôs a mão sobre a mão do homem.

— Vou te dar algo mais valioso que algumas moedas — ele disse em português, mas sem nenhum tom de compaixão. — Vou lhe dar redenção.

Aquilo foi tão inesperado, que o homem parecia ter, literalmente, congelado. Olhava o vazio, esperando, sem saber o que dizer. Claire, igualmente congelada, olhava para Kilaim.

— Um amigo meu me contou sobre você — volveu Kilaim, em tom firme. — Imagino que esse deserto tenha servido de lição… Valter. Nunca mais zombe do príncipe das Trevas. Agora, você deve um favor a ele.

Com a outra mão, cobriu os olhos do homem cego. Em meio aos transeuntes, ninguém prestava atenção a eles. Quando Kilaim retirou a mão, o homem piscou várias vezes. Estava claro que conseguia, agora, aos poucos, focalizar o rosto do jovem gigante. Completamente perplexo, ele não encontrava palavra, e pôs as mãos sobre os olhos, tocando-os. Depois, olhou as próprias mãos. Olhou para cima e, enxergando a luz do sol, baixou a vista, que marejou.

No meio do seu choro, começou a murmurar, em grande comoção:

— *Ah*, graças a…

— Não! — interrompeu Kilaim, a tempo. — *Não* foi Deus. E você sabe disso. Você nos deve uma.

Claire ia fazendo menção de dizer alguma coisa, mas Kilaim se levantou e, puxando-a pelo braço, virou as costas para o homem.

— Vamos, Claire. — E um pouco mais adiante, rindo: — Você não está orgulhosa de mim? Fiz uma boa ação.

Ela o encarava com ar de susto e espanto ao mesmo tempo:

— O que aconteceu ali?

— O cego voltou a enxergar. Você não viu?

— Mas *como* você fez isso?!

— Negócios, Claire. Ele infringiu uma regra. Era um iniciado, mas cometeu um erro. Não deveria ter olhado para aquilo que não era permitido ver.

Claire virou a cabeça por sobre o ombro. O homem se levantava do chão e recolhia suas poucas coisas puídas. Não tinha sido enganação. O homem estava cego antes, e agora enxergava. *Realmente* enxergava, não era uma miragem.

E não deixava de ter sido, de fato, uma boa ação.

— O que foi que ele viu? — ela perguntou, curiosíssima.

— Um de nossos livros sagrados. São protegidos por Magia. Quem abrir e não estiver pronto, fica cego imediatamente.

— Que crueldade… — fez ela, baixinho.

Mas Kilaim escutou.

— Crueldade? Não é igualzinho a um penetra entrar no Santo dos Santos? A pessoa *só* morria fulminada. O grande príncipe foi muito bom com esse cara, só deixou um desobediente cego. E agora, ainda lhe devolve a visão.

— *Oui*, *oui* — Claire respondeu, por responder, ainda dando uma última olhada para trás.

— Só que, agora, ele tem uma dívida a saldar.

— E como ele vai pagar, Kim? Do que você está falan… — Claire sentiu, de novo, um arrepio correndo pela coluna.

— Claire, nosso passeio pelo "marco zero" termina por aqui — interrompeu o jovem, enfático. — Já te mostrei bastante coisa. Agora, vamos ao Mosteiro de São Bento para o *brunch*. Sabia que a cada quinze dias há um belo "repasto" por lá, que poucos têm a chance de provar?

Ela ficou olhando para ele de rabo de olho enquanto caminhavam, deixando para trás a Praça da Sé.

* * *

Algumas horas antes, em Paris, Zor estava sentado diante de Orion, Davenport e Pierre Lefréve no *Le Café Marly*. Sentados numa boa mesa sob os arcos elevados, tinham diante deles a magnífica vista da pirâmide de vidro do Louvre. O lugar era perfeito. A arte, a luz, o conforto e a beleza faziam jus aos filhos do Fogo.

O quinto convidado era esperado com certa expectativa, pois todos haviam recebido o recado avisando do pequeno atraso por parte dele. Enquanto esperava, o grupo ia tomando aperitivos acompanhados de queijos, menos Davenport, que sempre preferia cerveja.

A espera não foi tanta, afinal, e em quinze minutos se juntou a eles um homem relativamente novo, com cabelo escuro penteado para trás, e que seria facilmente confundido com um típico parisiense, não fossem os seus olhos marroquinos.

— *Comment allez vous*? *Ça va*? — cumprimentou o homem com simpatia, sorrindo.

Depois das amenidades e do pedido de uma taça e vinho para acompanhar os demais, o recém-chegado olhou direto para Zor.

— *Et alors*? — o sumo sacerdote estava bem vibrante. — Conte-nos as novidades. Quantos geramos agora?

— Tínhamos excelente material dessa última vez, o que incluía, é claro, a minha pessoa — falou Charles Davenport, na brincadeira, já pensando em pedir a segunda cerveja.

— *Allez*, diga logo! — pediu Lefréve.

Marion Halevi cruzou as mãos sobre a mesa e esboçou mais um de seus sorrisos, mas havia alguma coisa que não combinava no semblante dele.

— Fomos bem, é claro — ele admitiu. — Uma contagem excelente, incluindo trigêmeos…

Piérre Lefréve e Davenport ficaram eufóricos, dando palmadas no ombro do geneticista. Orion abriu a boca, o rosto demonstrando animação, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, Zor cravou os olhos em Halevi, parando o garfinho do queijo no ar.

— O que foi? Aconteceu alguma coisa?

Halevi tentou dar a notícia de modo ameno, mas seu sorriso saiu um pouco desconcertado.

— Todas foram muito bem preparadas e, para dizer a verdade… isso nunca aconteceu — a afirmação foi feita de forma enfática e pesarosa. — Não tenho explicação.

Os quatro ficaram olhando para Halevi pelo que pareceu ser um segundo eterno.

— Mas fale logo, Halevi, pela sombra de Lucipher! — Zor alteou sua voz num tom pouco acima do desejado.

— Duas moças não engravidaram — foi a resposta.

Mais um segundo de silêncio.

— Isso não é exatamente um problema — ponderou Lefévre. E olhou para os demais: — Estou certo? Poderia acontecer.

— Ele está certo? — indagou Zor olhando duro para Halevi.

— Nem tanto assim, sumo sacerdote. Na verdade… — Halevi pigarreou. — É como eu digo: isso nunca aconteceu. Que eu tenha tido ciência, claro.

— Mas não foram apenas duas? — perguntou Davenport.

— *Oui*, só que…

— Mas quem não engravidou?

— Maya e Savannah.

— Qual o problema com elas? — falou, novamente, Davenport. Mas aí ele deu uma palmada na testa, lembrando: — *Meeerde*…

— Não está falando sério. — Pierre Lefréve apoiou os cotovelos sobre a mesa. O rosto estava sem expressão.

Halevi assentiu várias vezes com a cabeça, um ar de desapontamento e irritação.

— Sumo sacerdote, eu esperava que você tivesse uma explicação para isso — ele se voltou na direção de Zor.

Orion, geralmente de poucas palavras, até atravessou na frente de Zor.

— Mais uma do Kill… — murmurou, em tom de reprovação, indignado.

Mas Zor estava muito mais que indignado. Na verdade, estava lívido e os vasos do seu pescoço pulsavam.

— Esse moleque já passou de todos os limites do aceitável! — desandou Zor, frenético. — Pelo visto a cabeça dele estava *bem longe* daqui, na *Saturnália*! Você tem razão, Marion, isso é uma completa bizarrice, não faz sentido. *Justo* ele! — Zor estava furioso, e bateu com uma das mãos sobre a mesa. — Que inferno!

O médico geneticista se encolheu um pouco quando o sumo sacerdote fez a pergunta, quase gritando:

— Você tem mesmo certeza de que as duas *não* estão grávidas?

— Absoluta, Zor… — balbuciou Halevi, como se a culpa fosse dele.

Todos olhavam para o sumo sacerdote esperando pelo que diria, ou faria, a respeito.

— Você chegou a conversar com elas, para ver se teriam alguma explicação? — quis saber Davenport, inconformado, desviando a vista de Zor e olhando de novo para Halevi.

— As duas acharam Kilaim “distante”. Mas, em se tratando do Kill, isso não significava muita coisa. E é aí que entra o segundo problema.

Zor virou-se bruscamente na direção do geneticista.

— Que problema?

— Maya e Savannah só estavam liberadas para ficar com o Kill no ritual; mais ninguém. E isso era muito importante. Mas, pelo que eu sei —

afinal as notícias correm —, o Kill está no Brasil, com uma tal de Von Trapp…

— *Oui*, *oui*, essa maldita criatura “enfeitiçou” o nosso Kill! — reclamou Charles Davenport.

— Fique quieto por um segundo, Davenport! — rosnou Zor, irritado. — Deixe-me pensar um pouco. Estamos à beira de um desastre! — E olhando para Halevi: — Já sei de que se trata esse segundo problema…

Todos ficaram em silêncio, e se entreolhavam, volta e meia. Zor tamborilava, a perna mexendo rápida, embaixo da mesa, o que demonstrava todo o seu nervosismo.

— Kill está mesmo no Brasil? — inquiriu Halevi, arriscando-se a abrir a boca.

— *OUI*, ele está! — volveu Zor. — As meninas disseram mais alguma coisa?

— Maya estava muito inconformada, para não dizer abalada. Savannah é mais centrada, mas não entendeu o que aconteceu. E ambas aventaram a hipótese de que essa garota… essa Von Trapp…

— Claire — Zor se irritava até por isso, por Marion Halevi não saber o nome da *enxerida*.

— Elas receiam que essa Claire Von Trapp engravide do Kill. E que, *alors*, esse herdeiro venha a ser o receptáculo do poder.

— Esse moleque! Quer dizer, a *Saturnália* foi totalmente desperdiçada!

— As duas disseram que, se a tal Claire engravidar, não seria uma surpresa para elas. — Halevi suspirou. Estava curioso. — Ele está tão envolvido assim? Que aconteceu?

— É um mistério — a voz do sumo sacerdote soou pesada. — É um mistério. Eu disse às entidades que era melhor não deixá-lo tão solto.

— Você o tem acompanhado? — indagou Davenport.

Zor fez que sim, inconformado.

— Ele tenta convencê-la, já falou demais. E ela não cede, óbvio. Só que não entende ainda o terreno em que está pisando.

— Tenta convencê-la de quê? — perguntou Halevi.

— Imagina que pode transformá-la numa “simpatizante”. O que resolveria seu problema conosco, de uma vez por todas.

— Ele *está* envolvido — volveu Lefréve.

— É claro que não vai dar em boa coisa — reclamou Davenport, apoiando o queixo numa das mãos, refletindo. — O que faremos?

— Uma gravidez dessa garota é *impensável* — afirmou Zor, com todas as letras.

Antes que pudesse concluir, o *garçon* se aproximou, sorridente:

— Os senhores gostariam de pedir agora?

— *Mais non, monsieur*! Ainda não! — Zor estava meio fora de si, ainda. — Temos cara de que queremos comer agora?

O *garçon* inclinou o corpo para frente, solícito, mas perplexo. E voltou por onde tinha vindo.

Zor olhou para a pirâmide do Louvre, que refletia luz.

— Ou Kill ressurge desse pesadelo, e cai em si… ou teremos que acabar com ela. Quero saber que ordens dará o grande príncipe. É claro que não podemos ficar esperando a vida toda, de braços cruzados! Eles estão de saída para Manaus. Lá, será mais fácil…

E seus olhos estavam ferozes.

9

Anneau de feu

Era véspera da viagem.

Kilaim e Claire acordaram tarde e passaram o dia sem fazer quase nada. Kilaim entretinha-se com a Revista *Veja* e Claire folheava a *Vogue* Francesa. Esta, pelo menos, ela conseguia entender. Admirava a beleza incomparável de Gwyneth Paltrow, tão loura que nem parecia real, toda dourada, ao lado de sua filha Apple.

Já Kilaim lia a notícia sobre o envio de tropas francesas pelo presidente François Hollande ao Mali, na intenção de combater grupos armados islâmicos e apoiar as tropas locais. Hollande explicava que a intervenção "respeitava a legitimidade internacional", e foi tomada com o acordo do presidente do Mali. O governo malinês havia pedido ajuda francesa depois que os rebeldes expulsaram as tropas oficiais do norte do país, onde detinham o controle, na maior parte. O Conselho de Segurança das Nações Unidas deu apoio à decisão, orientando que outros países-membros ajudassem as forças de segurança do Mali contra os terroristas. Ele ia folheando a *Revista*, batendo o olho nas outras notícias e, volta e meia, parava para comer mais um bombom *cherry*, de licor de cereja, da Kopenhagen.

No final da tarde, resolveram assistir a um filme em *bluray*, escolha de Claire; mas Kilaim achou o filme *Amour* parado demais, com cenas cotidianas e trajetória muito intimista, e acabou indo para o iPad.

Claire continuou vendo o filme ambientado na França, e que tinha um apelo emocional muito forte. O casal francês de músicos idosos, vivendo naquela casa antiga, repleta de livros e móveis, transportou-a de volta às suas origens. Afundada sobre os travesseiros, ela mergulhou naquele retrato pungente e drástico da mortalidade, do ponto inexorável quando as coisas simplesmente são destruídas e não há mais como consertá-las.

Enquanto assistia, um pequeno espinho cutucava sua mente. Teria, ela mesma, dado o passo sem retorno? Teria "quebrado" alguma coisa em sua própria vida, o que não teria mais conserto? Tinha apostado no amor… mas será que o amor estava apostando nela?

Amour não retratava exatamente o amor da forma como se espera, mas falava sobre uma devoção admirável e a compaixão que fez da morte a única opção possível de amar. O final terrível acabou por deixá-la um pouco triste. Seria capaz de suportar algo semelhante, a morte em função do amor? Que destino estaria reservado a eles?

Claire não queria pensar nisso.

Acabou ligando para *tante* Charlotte, que estava bem, mas sentia saudades. Foi bom ouvir a voz conhecida. Porém, depois do telefonema Claire se deitou de volta na cama, um pouco nostálgica. Talvez fosse melhor arrumar alguma coisa pra fazer, mas não sabia o quê.

Volta e meia, as argumentações de Kilaim martelavam em batidas graves na sua memória. Depois, tinha aquele passeio estranho pela cripta, e a possibilidade de haver mesmo um demônio ali. Como Kilaim sabia?

E quanto ao cego? Claire tinha *certeza* de que aquele homem era mesmo cego. E se ele começara a enxergar depois que Kilaim o tocou, *alors*… o que Kilaim dizia, pelo menos em parte, era verdade.

Diante de seus olhos apareceram as folhas murchas da planta no *Almanara*, se desfazendo ao toque, e a *maçã do amor* escorrendo pela parede…

A soma de tudo aquilo a incomodava. Mexia não somente com seus sentimentos, mas também com suas crenças. Teria feito a escolha certa ao sair da França, estaria trilhando o caminho certo…? Várias e várias vezes ela ficara a imaginar qual seria a melhor abordagem a usar com Kilaim. Para fazê-lo entender ou, pelo menos, escutar de coração aberto o que ela tinha a dizer.

Agora, entretanto, Claire não tinha total certeza de ser a pessoa certa para isso. O que diria? Como o faria? Não tinha nada para mostrar, nada parecido com o que ele lhe mostrara. Claro que ela nutria a expectativa de que Deus fizesse algo, contudo, naquele momento, tudo parecia nebuloso. Como alguém aparentemente tão habituado ao sobrenatural, como Kilaim, viria a escutá-la?

Claire se virou de lado, e ficou pensando. Tão quietinha estava que Kilaim, no comecinho da noite, na intenção de animá-la, sugeriu darem um pulo ao *shopping Iguatemi*, ali pertinho, pra comprar sabonetes — o que Claire realmente considerou de caráter urgente. Ela ficou bem contente em ver que o namorado já começava a conhecê-la melhor, e notava aquela sua adoração por sabonetes. Era verdade. Se alguém realmente quisesse agradá-la, deveria dar-lhe os mais exóticos sabonetes da face da Terra.

Na volta, depois de abastecida com dez exemplares, Claire estava animada de novo. Preparou um jantar leve. Os dois estavam abusando das comidas gostosas do Brasil, então ela optou por não comer no *shopping*, e resolveu fazer uma frugal salada de folhas verdes com tomatinhos-cereja, nozes e manjericão fresco. Incluiu algumas frutas que já estavam cortadas na geladeira, para servir com *granola* de maçã, mel e iogurte natural. Um acompanhamento de pão integral com queijo *cottage* fechava o cardápio.

— Ah — fez Kilaim um pouco desapontado, olhando enquanto ela punha tudo sobre a mesa. — O “delicioso” queijo *cottage* está de volta. Acho que vou encomendar uma *piz*…

— *Non, non. Sil vous plaît*, cuide um pouco de sua saúde. Ninguém vai passar fome com isso, eu acho…

Então ele concordou, para agradá-la. É verdade que as frutas pareciam apetitosas. Claire sabia trazer, mesmo na simplicidade, um quê de graça. E o jovem mudou de opinião.

— Está perfeito, *amore.* — Passou o braço pelo pescoço dela, beijando-a na bochecha, e depois na boca.

Claire apertou os braços em torno da cintura de Kilaim, correspondendo ao beijo, e quase decidiram que era melhor deixar a refeição para depois, entregando-se a uma vontade que se mostrou mais fundamental do que a comida, pelo menos naquele momento. Ele decidiu que, depois de comerem um pouco na mesa, ele iria convidá-la para terminar o banquete no quarto.

O que Claire adorou, pois vinha gostando bastante das invencionices amorosas de Kilaim.

* * *

Bem mais tarde, os dois se debruçaram sobre o parapeito da janela e ficaram olhando para baixo, aproveitando a brisa da noite ao invés do ar-condicionado. Conversavam sobre a viagem.

— Vamos ver muita coisa que nunca vimos antes — falava Claire, feliz, satisfeita, esquecida de todas as dúvidas. — Será quase mágico, não acha?

— Concordo. Além de uma boa aventura. Só não me invente muita dança, *va bene*? — lembrou Kilaim, de repente, rindo. — Além de você estar convalescente, como dançarino, um *Boneco de Olinda* se sairia melhor que eu.

— Que bobagem! A gente se divertiu, diga que não!

— É. Foi gostoso, até; quer dizer, gostei de como o seu bumbum se mexe quando dança — ele provocou, e Claire deu um tapinha amistoso no antebraço dele.

Depois, ela encostou a cabeça no ombro do namorado, e só olhou para fora. A vida estava diante deles! Como era bom estar ali, junto com Kilaim.

— Te amo muito, sabia… — ele falou, de repente. E aquilo era tão verdade!

Claire o abraçou.

— Onde você estiver eu vou estar também, Kim. — E acrescentou: — *Dieu Merci*…

Aquele pequeno comentário de gratidão soou tão profundo e verdadeiro quanto o que ela dissera antes, sobre acompanhá-lo. Mas, ao contrário dessa primeira promessa, para Kilaim parecia incômodo. Aquela devoção a Deus mostrava-se, cada vez mais, como um abismo perpétuo entre eles.

— Claire, *porquoi* é tão importante pra você se dedicar a Deus? — essa pergunta Kilaim nunca fizera. Nunca pensara nela.

Mas, naquele momento, ele queria muito a resposta.

— Faz parte de mim… sem Ele, nada mais faria sentido.

Kilaim absorveu aquelas palavras, e as pesou no coração.

— Nem mesmo eu? Eu e você, juntos?

— Durante um tempo, talvez fosse o suficiente. Mas, depois, eu fatalmente sentiria que O troquei por você… e eu não posso fazer isso.

— Mas eu estou me propondo, de certa forma, a trocar o que eu tinha antes, por você. Afinal, estamos aqui…

— Eu sei. Mas uma parte do seu coração ainda está lá… não é verdade?

Ele mordeu o lábio inferior, e depois inspirou fundo. Era verdade.

— Mas eu estou fazendo uma tentativa, Claire. Isso é inegável.

— Eu também, Kim. Por isso vim com você. Mas… não entendo o motivo pelo qual você insiste tanto em querer me mostrar que *Dieu* é mau. Afinal, não muda nada na sua vida, *n'est-ce pas*?

Quisera ele poder explicar! E por algum motivo, Kilaim falou. Talvez fosse o ar fresco que despenteava suavemente os cabelos de ambos, o corpo dela encostado ao dele, as experiências totalmente novas que estavam vivendo. Ou, talvez, somente a Lua esbranquiçada no céu, lá no alto.

— Eu tenho um destino que foi traçado desde o meu nascimento. Por Lucipher. Houve todo um planejamento estratégico para isso. Há muita sombra em mim, Claire, e isso não é algo que possa ser mudado. Já você, tem Luz demais. E Luz e Trevas não se misturam.

Aquilo foi dito de forma muito intensa. E, de tudo que Kilaim já dissera desde o começo da viagem, nada caiu tão pesado dentro de Claire. Um calafrio percorreu o seu corpo.

— Mas, o que você quer dizer…?

Silêncio.

— Um destino. Meu nascimento teve um propósito muito bem definido — Kilaim falou, por fim, outra vez. — Por ora, isso basta.

Claire ficou um pouco perturbada. O que, afinal, haveria de ser? O quê?! Era o mesmo que tentar adivinhar o que se passaria na cabeça de satanás. Não havia nenhuma resposta.

— Mas esse destino é o quê? — ela insistiu. — Ser, quem sabe, um "profeta do Mal"? Fazer com que as pessoas deixem de crer em *Dieu*?

— Os homens já não creem em Deus.

— Alguns creem, Kim. Diga logo que destino seria o seu.

Ele a ignorou; não gostava de ver-se encurralado. Aquilo o irritava.

— Eu já falei bastante — ele respondeu, um pouco menos amigável. — Você nem imagina *quanto* eu já te contei, Claire. Coisas que fizeram toda a diferença na minha vida, mas que você ignora e repudia.

— Kim, eu tenho te escutado todas as vezes, com toda a atenção. — Ela afrouxou um pouco o abraço e ergueu a vista para ele. — O que você espera que eu faça?

— Que você reflita melhor. — E, mesmo sem saber se era a coisa certa a dizer, ele acrescentou: — O "diabo" conhece bem a Palavra de Deus. Como você. Só que nem sempre o conhecimento de algo te traz felicidade, e conhecer não deveria obrigá-la a servir. Aliás, Claire! Conhecer a Bíblia só remete a agonia. Deus cria o Homem, mas tem que expulsá-lo de Sua Presença. Escolhe um Povo para Si, mas este se inclina sempre a outros deuses. Então Ele envia o Messias, que ninguém aceita, e O matam da pior maneira. Os apóstolos enfrentam lutas e sofrimentos infindáveis, e mortes cruéis. A Igreja se tornou uma piada de mau gosto. E o Fim será a coroa de tudo. Mas Lucipher, justamente por ter sido maltratado pelo Pai, se tornou um pai melhor para os seus filhos. Se você quer um pai, seja filha dele, Claire, *parce que* "filho do Fogo, o Fogo não queima".

— *Quoi*? Filho de quê?

— Filhos do Fogo são os da Organização Secreta — Kilaim disse. E, sem se deter, continuou: — Mesmo entendendo que Deus existe, que Ele tem Poder, e sabendo que Ele é o Criador de todas as coisas, eu escolho estar ao lado dos vencedores. É por isso que sua fé me incomoda. *Parce que* você *escolhe* perder.

Claire balançou a cabeça, procurando palavras. Mas só encontrou uma súbita dor de cabeça, que explodiu, apertando. Ela se afastou um pouco dele, pondo uma mão na testa, depois na têmpora.

— *Dieu* me ama, e eu O amo. Isso não é perder — ela tentou explicar. — E, no fim… *Dieu* será o vencedor… *parce que* a criatura não pode sobrepujar o Criador, nem mesmo Lucipher e os da Rebelião.

— Vai ser meio difícil Deus ser o vencedor tendo ao lado os cristãos. É uma pouca minoria que faz diferença no Exército Dele. E sabe *porquoi*?

— Eu já sei. Já conversamos sobre isso. O homem é pecador, ele hesita em se entregar de verdade, em carregar a Cruz, em crer; mas, mesmo assim, Kim…

— Vai muito além disso. — Kilaim cruzou os braços sobre o peito, encostando ao batente da janela. O pouco contato físico que ainda havia entre eles foi substituído pelo espaço vazio. E o rapaz olhava firme na direção de Claire, do jeito como fazia quando estava nervoso.

E perguntou:

— Adão era feito à imagem e semelhança de Deus? *Oui*. Ele tinha comunhão e intimidade com Deus? *Oui*. Desfrutava do Paraíso, recebeu poder para dominar e sujeitar a Terra, e tinha sua auxiliadora? *Oui*. Acho que podemos dizer que Adão estava realizado.

Claire assentiu, louca para encerrar aquela conversa e tomar alguma coisa para a dor.

— Se estava realizado, *porquoi* ele provou do fruto proibido? Qual a motivação, se já tinha tudo?

Claire pensou um pouco na resposta. Mas Kilaim não esperou, e foi adiante.

— De onde vem a essência da natureza humana, Claire? — Ele se inclinou na direção dela, impetuoso. — De Deus! Deus fez o Homem à imagem de Si mesmo, e Ele *nunca* está satisfeito. Ao provar do fruto, o Homem apenas estava seguindo o seu Criador! Como Deus, o ser humano *sempre* quer mais.

Kilaim sentiu uma onda de amargura e irritação bastante incomum. Mas, não ligou, e nem mesmo se perguntou de onde ela vinha, ou por quê.

— Alguns trilhões de Anjos não foram suficientes para Deus. Ele *precisava* criar o Homem. E aí, você vê o Homem "pecando", e não é qualquer pecado. Ele comete o mesmo "pecado" de Lucipher. Pois, se comesse da Árvore, Adão "seria como Deus"… lembra? *Mas porquoi* todos cometem o mesmo "pecado"? *Porquoi* todos se inclinam para o "Mal"? — Um dedo foi levantado no ar e se agitou perto dela. — Vou te mostrar a diferença entre seguir o Bem ou o Mal, Claire. Seguir o Mal é proporcionar a realização dos seus sonhos, e seguir o Bem é a aceitar a privação deles. O

Mal te apresenta possibilidades, e o Bem, um caminho finito. No Bem, tudo que se pode dizer é “seja feita a Tua Vontade, meu Deus”. Mas, no Mal, “seja feita a minha vontade”. E a essência dos homens, implantada pelo próprio Deus, os leva a desejar exatamente isso, que *sua* vontade seja feita. Por isso, a Ira de Deus permanece sobre eles. Tudo vai terminar em maldição, em morte e em destruição. O próprio Planeta está condenado. Tudo que existe vai desaparecer por causa do Homem, a “Obra-Prima” de Deus!

Claire olhava o rosto de Kilaim e, de repente, parecia que a noite lá de fora tinha vindo se alojar dentro dos olhos dele. Ela ficou olhando para aqueles olhos, com atenção, e não se desviava. E o ouviu dizer:

— Estamos vivendo o Tempo do Fim. E as pessoas… — ele se inclinou para frente e aproximou a boca do ouvido dela, murmurando em tom soturno: — as pessoas *dormem*… a Igreja Cristã deste século *dorme*…

Claire sentiu de novo aquele arrepio percorrendo o seu corpo, mas agora era como se a brisa agradável subitamente houvesse se transformado num vento frio. Ela passou as mãos pelos braços.

— Está frio aqui — disse, afastando-se da janela.

Foi aninhar-se, encolhida, no sofá. Kilaim conhecia aquele frio, e não se incomodou por *ele* estar ali. Virou-se e caminhou atrás de Claire, ficando parado de pé diante dela, esperando para ver o que diria.

— Como você pode afirmar que a Igreja “dorme”? — ela perguntou, por não saber o que mais perguntar.

Ele respirou fundo.

— *Parce que* contra fatos, não há argumentos. A Bíblia diz, e esse é apenas um exemplo, que “Deus habita em meio aos Louvores”. A verdadeira adoração, feita em “espírito e em verdade”, atrai a presença de Deus, atrai muitos Anjos adoradores, outros guerreiros, que oferecem resistência aos demônios. Você consegue imaginar algum demônio invadindo o local onde Jesus comia sua Última Ceia, junto aos Apóstolos?

Ou a que distância eles se colocariam quando Ele ressuscitou Lázaro, ou multiplicou os pães e peixes?

— Tem razão… — Ela fez vários movimentos com a cabeça, assentindo.

— *Parce que* quando dois ou três estiverem reunidos em Seu Nome, ali Cristo estará com eles. Ele os expulsava até por sua mera passagem. E fez a promessa: dois ou três! E o diabo *jamais* a menosprezou! O que ele fez foi impedir isso. Hoje quase ninguém vai à igreja realmente para adorar a Deus; só querem uma longa lista de prioridades cuja única finalidade é agradar a si mesmo. E o "Mal" diz… seja feita a minha vontade…

Claire queria falar mais, porém sentia-se um pouco estranha. Um tanto cansada, lenta. Em vez de achar o que dizer, encolheu-se ainda mais de frio.

Sem notar o real desconforto dela, Kilaim indagou:

— Que foi? *Porquoi* isso está te afligindo? É somente mais uma conversa.

— Estamos mesmo tendo nossa primeira briga, Kim? E por causa de quê…? De Lucipher? Nem tudo no Cristianismo se resume a fazer frente ao diabo…

— Vamos entender assim: é um jogo de xadrez. Existe uma guerra sendo travada. Se o Exército Branco *não* é unido, *não* obedece a Deus e *não* tem estratégia alguma, de nada vale o resto. Podem fazer quantos projetos sociais quiserem, podem alimentar a África inteira, enviar missionários que vão morrer no campo, fazer a campanha da cura e da prosperidade. É em vão. O Exército Negro vence — Kilaim ia abandonando totalmente a tentativa de tentar conversar de modo civilizado. — Aliás, o Mal já tem vencido ao longo dos milênios. Se o Exército Branco vivesse em vitória, a Noiva de Cristo — a Igreja — seria pura hoje. Mas ela é como uma prostituta que se vende barato. E você, querendo ficar desse lado do jogo! Aonde o Cristianismo te leva, Claire? Diga-me.

— Como assim?

— Como a sua Bíblia termina? Aonde você vai chegar, seguindo a Deus?

— Ao Céu…

— Errado! Ao Apocalipse. É *exatamente* aí que você vai chegar. Ao maior inferno que a Terra já presenciou!

— Mas o maior protagonista do Apocalipse é o próprio Deus…

— Eu sei disso. Que ironia. Mais uma vez, Ele vai destruir tudo, como lhe apraz. Só que de uma forma jamais vista. — E, quase como se deixasse de lado a prudência que sempre tivera, acrescentou: — Mesmo assim, nós também preparamos coisas para esse grande cenário final.

— "Nós", quem, Kim? — a palavra fugia da mente de Claire, com aquela dor de cabeça excruciante, embora ela soubesse a que ele se referia. Aos… os…

— Nós, ora. Os satanistas.

— Oh. E eu aqui de novo imaginando que você já não era mais um satanista. Afinal, estava se esforçando nesse sentido, como disse antes. Se propondo…

— Você… não… *entende*! — Dessa vez ele deu uma volta inteira pela sala, lutando para não ficar tão irado, mas ficando assim mesmo. — *Rien de rien*!

"Posso não estar mais seguindo os ritos, mas vou ser sempre um satanista. Eu *disse* a ela do meu destino!" Era nisso que Kilaim pensava.

E o pensamento se grudava nele. As boas intenções pareciam ter sumido numa nuvem de fumaça. O que restava, o que ele enxergava, era somente uma coisa.

"Mais do que um satanista, eu vou ser sempre um *nephilim.*"

Nephilim.

Essa era a verdade, e era também a sua escolha, de modo que Kilaim a constatava, nua e crua. Como pudera pensar em deixar de ser o que era e tentar inverter o seu destino? De repente, ele estava afogueado, e fez uma

pausa para beber um pouco de água. Aproximou-se da mesa e pegou a jarra de água com tanta brusquidão que derramou um pouco.

— Quando os supostos “cristãos”, junto ao resto dos impenitentes do Mundo, estiverem diante do horror do Fim, você vai entender. Vai finalmente entender o que eu tanto tentei lhe dizer. Entender que todos foram derrotados pelo próprio “Pai”!

— O Amor de *Dieu* sempre alcança os verdadeiros filhos — Claire balbuciou, um tanto perdida. E, por instinto, buscava se proteger, sem saber de quê, ou como. — Aqueles que choram serão consolados; os que têm fome e sede de justiça serão fartos; os mansos herdarão a Terra…

— *Oui*. Os mansos herdarão a Terra: totalmente devastada pelo próprio Deus. Parabéns! Além disso, o Deus bondoso, que arruinou a Terra por colocar homens e demônios no mesmo espaço, vai permitir a vinda do anticristo. E o anticristo vai ser realmente VIP na arte do castigo! Quando se manifestar no seu auge, vão todos ter que adorá-lo, ou então pagar com a vida. Todos vão ser marcados com a sua marca, ou então pagar com a vida. Ele vai reinar onde Cristo não reinou, vai ser aceito pelos que rejeitaram o Messias. E quem não o aceitar, pagará com a vida; “O Mundo jaz no Maligno”… e o Maligno só não pode tocar o que é nascido de Deus, aquele que não peca. Quanto aos outros, os que “se dizem” cristãos, “se dizem” tementes a Deus, “se dizem” puros, estão todos ferrados. A Igreja é uma verdadeira escória. Até Deus está a ponto de vomitá-los. A eles e a todos os outros cristãos *mornos*, que não são frios, nem quentes, exatamente como está escrito no Apocalipse.

Claire estava estarrecida com o discurso, muda. Estremeceu mais uma vez, a pior de todas.

— Portanto — Kilaim fez um gesto de “avante” com as duas mãos —, *montem* igrejas! Assim, esses falsos cristãos de bosta continuam tendo a falsa visão de vitória.

— Isso mexe tanto com você que está me deixando muito aflita… muito mesmo… — ela encontrou um fio de voz, mas estava murcha que nem um balão que tinha perdido muito ar. E os olhos se encheram de lágrimas.

Kilaim não se enterneceu. Ao contrário, sentia-se mais irritado, e esperou que ela parasse de chorar sem dizer nada.

— Kim, você realmente conhece a Palavra… conhece a mecânica espiritual e… tem um impressionante conhecimento…

Sentia-se exausta, como se suas forças se esvaíssem por meio de um cano de sucção. Mas isso não era suficiente para definir a sensação fria que agora molhava por dentro do seu peito. A pétrea convicção de Kilaim caía dentro dela como um dia de chuva, cinzento, escuro; um dia de tormento.

Nem percebeu que havia fechado os olhos por alguns instantes, enquanto Kilaim, de novo, andava de um lado a outro da sala.

* * *

Claire começou a perceber ao redor de si, mas também em seu interior, aquela centelha fugaz, suave e límpida, que já se apresentara algumas vezes. A centelha era quente, e surgia na sua mente alaranjada como o sol que nasce; e começou a secar a chuva fria que tinha caído, devagarzinho, começando pelo centro e indo até as bordas do seu coração.

Era tão real que quase podia vê-lo. Claire abriu os olhos e correu-os em derredor, primeiro de um lado da sala e depois na direção da janela. Foi então que se lembrou do avião, da visão da luz branca e, depois, multicolorida, do contorno das asas magníficas vistas pela janela. Não podia vê-lo agora, mas estava ali de novo. Estava tão *perto*…

Delicada como pluma, Claire sentiu a suave eletricidade percorrendo seu tórax, envolvendo seu coração. E o calor alaranjado dissipou o vento gelado, por isso ela não sentia mais frio.

Era a primeira vez que ele vinha daquela maneira, depois do período de sua enfermidade. Naquela época, nem tão distante, ela travara uma batalha

consigo mesma ao esperar pelo coração que lhe devolveria a vida. Foi quando se acostumou à presença do amigo. Por um breve momento, ali na sala do *flat*, pareceu-lhe estar de novo no interior de seu quarto, orando sozinha, quieta, derrubando lágrimas e expondo sentimentos que não compartilharia com mais ninguém, exceto *Dieu*.

A voz de Kilaim vinha como pano de fundo, longe, e não importava tanto agora.

— Se o "Pai de Amor" amasse os filhos, os filhos não se cansariam Dele! Os satanistas amam Lucipher *parce que* ele os libertou das condenações imbecis estipuladas apenas para afligir o Homem. É Lucipher quem pode dizer "conhecereis a verdade, e ela te libertará".

Claire não respondeu. Mas Kilaim, entretido em apontar os erros de Deus, queria uma resposta.

— *Alors*, Claire? — perguntou ele, virando-se, impaciente.

— Jesus disse que quem permanecesse na Sua Palavra seria verdadeiramente Seu discípulo — falou Claire, voltando para a realidade na sala, para o rosto de Kilaim. — E *alors*, só aí é que Ele completa: "*E conhecerei a verdade, e ela vos libertará*". Era uma promessa feita aos que fossem discípulos verdadeiros. Não a qualquer um. "*Se o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres.*"

Agora ela sentia as ondas perfumadas, suaves. Era um momento de quietude espiritual. Não havia mais ameaça; apenas uma expectação silenciosa por parte do Anjo de Deus. Um cálido momento de comunhão.

O aroma era tão gostoso, tão único! Durante as fases mais difíceis da moléstia tantas vezes ele espalhara seu perfume, não a deixando se sentir só. Geralmente, vinha de manhãzinha. Uma porção inexplorada da consciência de Claire era ativada e, seu corpo, inundado pelo alívio inexplicável que emanava daquela presença tão próxima. Quando percebia a energia dele correndo, sutil como uma vibração leve, experimentava um conforto torporoso, quase como se estivesse anestesiada.

Claire sabia que não estava sonhando, tampouco estava plenamente acordada. O enviado de *Dieu* apoiava-se na borda de sua cama e tocava em seu peito, deixando o poder fluir por um caminho desconhecido à medicina. Ela desejava que aqueles minutos fossem eternos, não só pelo cuidado, mas principalmente pelo amor que emanava daquele ser; um amor vindo de Deus. Recostada em seus muitos travesseiros, porque já não conseguia dormir na horizontal, até a respiração ruidosa não a incomodava tanto naqueles momentos…

— Mas você não me ouve? — Kilaim perguntou, aproximando-se dela e abaixando o rosto em sua direção. — Parece que está em outro mundo.

Claire olhou para ele com um leve sobressalto, e recuperou a presença de espírito. Sua mente não parecia mais estar tão enevoada.

— “Se o Filho nos libertar, verdadeiramente nós seremos livres” — ela repetiu. — Você não entende isso ainda, mas esse é o grande segredo do Cristianismo, já que você gosta tanto de segredos. Se observar com boa vontade, verá que Cristo *foi* livre: Ele cumpriu a Lei, e depois a quebrou; Ele foi o seu próprio senhor em tudo que realizou, não se inclinando perante ninguém. Ele fez o que ninguém mais fez, falou o que ninguém mais falou e prometeu o que ninguém mais poderia prometer: o Poder para ser como Ele. E tudo isso por ter sido obediente a *Dieu* até a morte. Aquele que nos liberta da maldição da Lei oferece a salvação pela Graça: a Redenção. *Parce que* não há condenação para os que estão em Cristo, os que não andam segundo a sua *própria vontade*, se inclinando para o Mal… — Claire sentia o rosto quente. Não havia a mínima sombra do frio de anteriormente.

— Kim, eu entendi a questão da essência humana. Mas é possível sobrepujá-la, com a ajuda Dele mesmo. Com a *ajuda* do Seu Espírito. Será que você consegue transcender os conceitos que me apresentou, e olhar, apenas um segundo, por esse prisma?

Kilaim ficou surpreso com a súbita reação dela, e parou de falar.

Havia ainda um sopro da centelha do Anjo. Um sopro do seu perfume. Claire se lembrava de como havia desejado algumas vezes ir embora, ir para o Céu, deixar atrás de si todo o sofrimento para estar ao lado do Pai. Mas então entendia que, por meio de Seu Anjo, o Pai lhe trazia força para que o coração doente batesse um pouco… mais… um… pouco… mais… um… pouco… mais…! Porque sua história sobre a Terra ainda não tinha terminado. E, talvez, o motivo de ainda estar viva fosse… Kilaim! Talvez, ela tivesse que conhecê-lo para estar, justamente ali, justamente naquele momento.

Olhou para ele. Não havia mais angústia, nem inquietação, ou dúvida, ou medo. Em vez disso, foi preenchida por uma forte onda de compaixão pelo jovem gigante. Ele conhecia a Letra com perfeição, mas nunca se vira diante do Autor da Letra. Tudo parecia simples e transparente de novo. *Dieu* era Imutável. Se ela apenas pudesse ajudá-lo! Ou melhor, o Amor de *Dieu* poderia ajudá-lo. A convicção a invadiu novamente: Kilaim apenas precisava experimentá-Lo!

— Se tudo fosse regido pela Lei do Amor, não haveria necessidade de nenhuma outra lei. Tudo se resume a isso, Kim: Amá-Lo, e deixar-se amar por Ele! É a Lei do Amor.

— Amor? *Très bien* — Kilaim ainda estava exaltado, mas o furor dos momentos anteriores havia se dissipado, por encanto. — Pois o Satanismo representa bondade para quem a merece, em vez de amor desperdiçado aos ingratos! O Satanismo defende outra versão da regra de ouro do amor: “Faça aos outros o que eles fazem a você”! Se a sua cortesia não é retornada, ofereça-lhes a vingança que merecem. E Deus é o primeiro que merece retorno de muita “cortesia”.

— Kim, eu não estou falando do amor humano, tão falho! Existe um amor que Jesus deseja ensinar. É fácil? *Non*. *Parce que* somos imperfeitos; mas o Poder de *Dieu* se aperfeiçoa em nossa fraqueza. É preciso coragem, fé, paciência, perseverança. E aquilo que você detesta. — Ela sorriu

radiante. — Obediência. E a Alegria de *Dieu* se torna a sua força. Não me importa ter que viver o Apocalipse, se assim me for pedido. A verdadeira liberdade não é para os fracos de coração, antes se destina aos que têm a coragem de enfrentar o Mundo por amor a Ele. Estes são os verdadeiros filhos da Jerusalém Celestial!

Naquele momento Claire era pura emoção; seus sentimentos se mesclavam aos do Guardião e era como se ela sentisse o que ele sentia. E no Anjo não havia hostilidade contra o gigante, apenas expectativa por uma decisão. Claire agora percebia, claramente, a dor que havia por baixo do furor das argumentações de Kilaim. Mesmo que ele já nem a percebesse, porque tinha convivido tempo demais com ela. Claire a sentiu. Dolorida e apertada, como um nó.

Estendeu a mão na sua direção, erguendo-se. Queria que Kilaim se tranquilizasse de seus tormentos, como acontecera com ela durante a doença. Ele também estava enfermo, mas ainda não sabia. Não tinha o remédio certo. Mas *Dieu* o traria. Kilaim O provaria. E dormiria tranquilo, como ela, depois das visitas do enviado do *Dieu* da Vida. Era um sono profundo, acobertado pela certeza de que era a filha amada de *YHWH Rapha*, o Príncipe da Paz, o Eterno. O *Dieu* do Amor.

— "*Eis que hoje coloco diante de vós a bênção e a maldição*"… — Claire murmurou. Por algum motivo, o verso de Deuteronômio ao qual Kilaim não lhe permitira chegar, na última conversa, saiu de dentro dela como um broto no verão.

Não havia mais nada a dizer, exceto transmitir o amor. E o abraçou.

— "*En propono in conspectu vestro hodie benedictionem et maledictionem*" — repetiu Kilaim em latim, o mesmo verso, por puro reflexo. Nem sabia por que o fizera.

Ao invés da ira, uma grande tristeza o encheu, e o abalroou. Ele entendia perfeitamente o que significava aquela palavra.

— “*Escolhe, pois, a vida, para que vivas*” — falou Claire, de novo, muito baixinho.

Kilaim sentia a emoção dela, e o amor. Ele se inclinou em sua direção, apertou suas costas com os braços, e os dois ficaram em silêncio. De repente, tudo estava tão diferente…

— Entendo melhor o que Deus significa para você — Kilaim disse, por fim. — Você conseguiu responder à minha pergunta…

Agora ele falava em tom brando, acariciando os cabelos dela. Aspirou o perfume que vinha dela, de seu corpo… e dessa vez parecia um perfume tão diferente…

— “Escolher a bênção” significa negar a mim mesmo — ele continuou, apoiando a testa contra o pescoço dela —, e esquecer-me de todos os meus sonhos. “Escolher a vida”… não é vida para mim.

— Não é assim, Kim, eu te garanto… deixe-me mostrar isso a você. Talvez você venha a enxergar tudo com outros olhos, e *Dieu* te presenteie com novos sonhos, novas possibilidades.

— *Da*, Claire.

— *Alors*, você aceita? — Os olhos dela brilharam de entusiasmo e ela se afastou um pouco do abraço para poder encará-lo.

O semblante de Kilaim permanecia triste, e ele demorou a responder.

— Eu gostaria, Claire. Por você, só por você. Gostaria de poder deixar no passado tudo que norteou minha existência até agora, e me tornar um cristão, e acreditar em Deus. Juro! Se eu pudesse esquecer Lucipher, os demônios e vir a fazer essa inacreditável transição, eu faria por *você*. Admiro realmente a sua fé. Ela é bela, pura, simples. Como a de uma criança. — Ele engoliu em seco, e a apertou de novo, ainda mais. — É a fé dos grandes.

Depois, largou-a e se afastou, caminhou de novo até a mesa, sentou-se e ficou olhando para a jarra de água vazia, sacudindo de leve a cabeça, uma

mistura de inconformismo e inquietação. Seu coração pendia na direção dela pela primeira vez. Se pudesse se permitir…

— Mas eu não posso — ele afirmou. — Por mais que admire você, e a sua fé, isso jamais vai fazer eco no meu coração.

— Mas *porquoi*? Não é tão difícil. Deixe que…

— Escute-me, Claire. Eu até poderia vir a ser, num acesso de insanidade completa, um cristão. Mas como conseguiria *manter* tal façanha? Servir a Deus por longo prazo, ao longo de uma vida inteira! O ser humano tem tendências que vão contra os princípios Divinos, e que estão entranhadas em sua carne. É assim *parce que* é assim. É impossível passar uma vida inteira negando a essência humana. Além do mais, como eu disse, existe um destino que paira sobre mim…

— Não é impossível, garanto-lhe! *Dieu* não espera que façamos tudo sozinhos — ela respondeu com veemência, aproximando-se da mesa e se sentando diante dele.

Quando ela falava assim, algumas vezes ele quase acreditava. Ou queria acreditar. Mas era impossível. Claire não o conhecia de verdade.

— Claire, juro. — Kilaim acariciou o rosto dela com uma delicadeza incomparável, quase incompatível com ele mesmo. — Não é nada contra você, *amore della mia vita*. Se eu pudesse, não te negaria. Não te negaria nada, Claire! Mas, isso… — A mão dele caiu pesada sobre a mesa. — Isso eu não posso.

— Kim…

— Essa sua Bíblia, em que você tanto confia, foi escrita, reescrita, remexida, mutilada. Eu não tenho como me adequar a isso. Mas respeito sua fé. Disso você me convenceu, e tenha certeza de que é um grande passo para mim.

Ela esticou o braço, pegou a mão dele de volta, e a beijou.

— *Ça va*. Hoje ainda existe um “não” dentro de você… eu entendo. Todos entendem.

Ele não sabia quem eram “todos”, mas nem ligou.

— Promete me ouvir de vez em quando? — inquiriu Claire. — Nunca ninguém lhe mostrou o outro lado. De vez em quando, você me permite ensiná-lo um pouco?

Ele ficou ruminando um bom tempo.

— Vou pensar no seu caso, *Oke*, Claire? De vez em quando, quem sabe… *n’est-ce pas*?

Mas dizia isso apenas para agradá-la. Ele era um *nephilim*. Não era possível mudar a sua essência, e nem a sua sorte.

“*Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas; e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram. Havia naqueles dias gigantes na terra; e também depois, quando os filhos de Deus entraram às filhas dos homens e delas geraram filhos; estes eram os valentes que houve na antiguidade, os homens de fama.*”

“*E viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente. Então arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem sobre a terra e pesou-lhe em seu coração. E disse o Senhor: Destruirei o homem que criei de sobre a face da terra, desde o homem até ao animal, até ao réptil, e até à ave dos céus; porque me arrependo de os haver feito.*”

Destruição. Era isso que estava reservado aos gigantes, aos *nephilins*, desde o início.

Desde sempre.

Mas Claire era linda, do seu jeito, à sua maneira.

* * *

“O envolvimento dele com o Ocultismo não irá mudar somente mediante discussões. Só a verdadeira expressão da Vida pode produzir algo novo em seu interior.”

E era como se Claire pudesse ouvir a voz do Anjo.

* * *

“*Nenhum mal te sucederá, nem praga alguma chegará a ti. Deus tem dado ordem a teu respeito, para que os Anjos te guardem em todos os teus caminhos. Eles te sustentarão em suas mãos, para que não tropeces nas pedras. Serás capaz de pisar o leão e a cobra; o filho do leão e também a serpente. Você tem amado nosso Pai, por isso Ele te livrará, te colocará em lugar seguro; porque sabe que você conhece o Nome Dele. Yeshua. Invoca-O, e Ele te responderá; quando na angústia, Ele estará contigo, e dali te salvará, e te glorificará.”*

Claire sonhou com o seu Guardião naquela noite.

Nunca vira o rosto dele. Já havia pedido por tal privilégio, que *Dieu* concedera a outros filhos, como estava descrito na Palavra. Talvez, um dia chegasse a sua vez.

No sonho, ela pairava no ar junto com ele, leve como um floco de neve, flutuando acima das nuvens, acima de tudo. Mas seu corpo ainda estava na Terra, e o fio de prata a prendia. Olhou, e viu os picos nevados que estavam diante deles. Ela sabia — sem entender como — que eram os Alpes Franceses. Na manhãzinha que despontava, o sol bateu tão intensamente na neve que ela teve que fechar os olhos por um instante.

Depois, desviou a vista para olhar melhor o seu amigo. A felicidade por estar perto dele sobrepujava tudo! Contudo, por mais que tentasse, não conseguia ver direito o seu rosto. Havia um vislumbre de cabelos compridos até os ombros, e as asas tão magníficas, mas o resto era apenas forma, luz e uma cor como diamante.

“*Porquoi* nós estamos aqui?”, ela perguntou.

“Para você não sentir mais saudades”. E o Anjo apontou com o dedo: “Olha! O *Mont Blanc*”.

Claire voltou os olhos para o pico nevado, e era muito lindo. Sentia uma grande alegria, mas misturada com lágrimas. E ela o ouviu dizer:

“É importante você estar onde está agora. No Brasil.”

“*Alors*, não estamos indo para o Céu? Não vamos ao encontro do Pai?”

De algum modo ela percebeu que o Anjo sorria, e imediatamente sorriu de volta. Queria ir embora para o Céu, nada mais fazia sentido na vida terrena. Não quando estava ali, junto ao filho da Alva.

“Queria ver o teu rosto, *alors*”, pediu.

“Ainda não é o tempo.”

Ele continuava sorrindo, e a luz emanava de seu rosto, dourada, como se dançasse. Os dois ficaram lado a lado observando os Alpes, deixando a quietude plena falar por si. Nenhuma palavra era apropriada, de modo que Claire não falou mais nada.

Depois de um tempo — se muito, se pouco, ela não podia precisar —, percebeu que começavam a descer devagar, por entre os picos e vales, atravessando as nuvens que brilhavam, como o sol… ou seria o brilho dele…? Claire já não sabia, envolta em luzes e cores, e por um instante isso era tudo que podia enxergar.

Onde ele estava? Estendeu o braço, chamando pelo Guardião, aflita. Quase imediatamente sentiu os dedos dele envolvendo sua mão. Sua pele era morna, muito lisa, suave.

Perto da terra, ela entendeu que estavam de novo no Brasil. Ia se separar do Anjo em poucos instantes, e seu coração se amargurou. Talvez aquele ser angelical pudesse ler seus pensamentos, ou talvez fosse *Dieu* que lhe enviava o consolo: impregnada em seu espírito, ficou a certeza de que o seu Anjo Guardião não se separaria dela, enquanto vivesse sobre a Terra. Ele a acompanharia na viagem da Vida. Era uma Promessa.

“E o seu nome?”, indagou, enquanto ainda era tempo.

“Me chame de Sol.”

Ela guardou a pequena palavra no coração.

“Volta para teu amado, e cuida dele”, falou Sol.

* * *

Claire estava em sua cama de novo. Já não havia “cordão de prata”, e ela não estava flutuando. Ao seu redor, o suave perfume ainda podia ser captado por suas narinas. Estava mais forte, dessa vez. Completamente diferente de tudo o que já havia sentido.

Aos poucos, dissipou-se, derretendo no ar como os cristais de gelo do *Mont Blanc*.

Semiadormecida, a moça inspirou profundamente, como se, assim, pudesse prolongar o calor de Sol no ocaso.

Quem sabe seria possível reter, também, a presença dele.

Estava ali, ainda, num plano não palpável; onde ficaria para sempre.

* * *

Foi então que, num último lampejo de bondade, o Anjo permitiu que ela o visse mais uma vez.

Agora estava de costas, mas sentado sobre a cama, como tantas vezes havia ficado. Não havia tanta luz, de forma que Claire pôde, aos poucos, vislumbrá-lo. Parecia *real*, parecia que tinha criado um corpo igual ao dela, só para que pudesse olhar para ele.

Sorrindo, ela se ergueu sobre um dos cotovelos. As asas dele eram vermelhas. Vermelho-rubi. E seus cabelos, lisos, muito mais compridos do que tinha imaginado, caindo nos ombros. Brancos.

Claire pousou a mão sobre o ombro forte do Anjo, fazendo com que se virasse.

Um rosto lindíssimo mostrava olhos escuros como ônix, frios como o metal, e que a olharam sem nenhuma centelha de amor.

Claire se assustou, retirando a mão imediatamente. Ele era todo frio, sua energia não trazia conforto. E, como se não visse o medo estampado nos

olhos dela, o Anjo estendeu a mão perto do seu rosto, como se fosse tocá-la. Então ela viu as unhas vermelhas de sangue.

Afastou-se com um pulo, gritando.

* * *

Claire acordou sentindo o coração cadenciado, forte, rápido. Sonho… visão… ela não saberia dizer.

O que tinha sido aquilo? *Quem* era aquele Anjo?

Com absoluta certeza não era o Sol… então… quem?

Parecia um homem, mas tinha asas. Era grande, mas não tanto quanto o Sol. E o rosto? Tão bonito! Mas com olhos de puro terror!

Ela se encolheu na cama, sentindo o coração voltar ao normal, devagar. Depois, estendendo o braço, pegou o rádio relógio na sua mesinha de cabeceira. Eram quase quatro horas da manhã. Olhou para o outro lado e viu, na penumbra, que Kilaim não estava no quarto.

Como estivesse se sentindo bem acordada agora, apurou os ouvidos. Talvez ele estivesse ali mesmo, na saleta, assistindo à televisão.

De fato.

Podia escutar, bem baixinho o aparelho ligado.

“Volta para o teu amado…”, era quase um sussurro. “E cuida dele.”

Claire se levantou, arrastando atrás de si a colcha, para ir se acomodar no sofá, junto com Kilaim. Talvez pudessem ver o dia amanhecer, juntos. E ela precisava contar-lhe sobre aquele sonho…

Quando entrou na sala, Kilaim estava de costas para a porta do quarto, sentado no sofá.

Foi quando ela viu.

As asas vermelhas nas costas de Kilaim, o cabelo comprido. Só que era negro, e não branco. Assustada, Claire sabia que veria os olhos duros, gélidos, como os do…

Parecendo pressentir a presença dela, o jovem virou-se para trás. Os olhos negros sorriram para ela, e ele estendeu a mão em sua direção, chamando-a.

* * *

Continua em: *Ikarim* — [*Águas Claras*]

SAIBA MAIS, DÊ SUA OPINIÃO:

Conheça - http://www.novoseculo.com.br

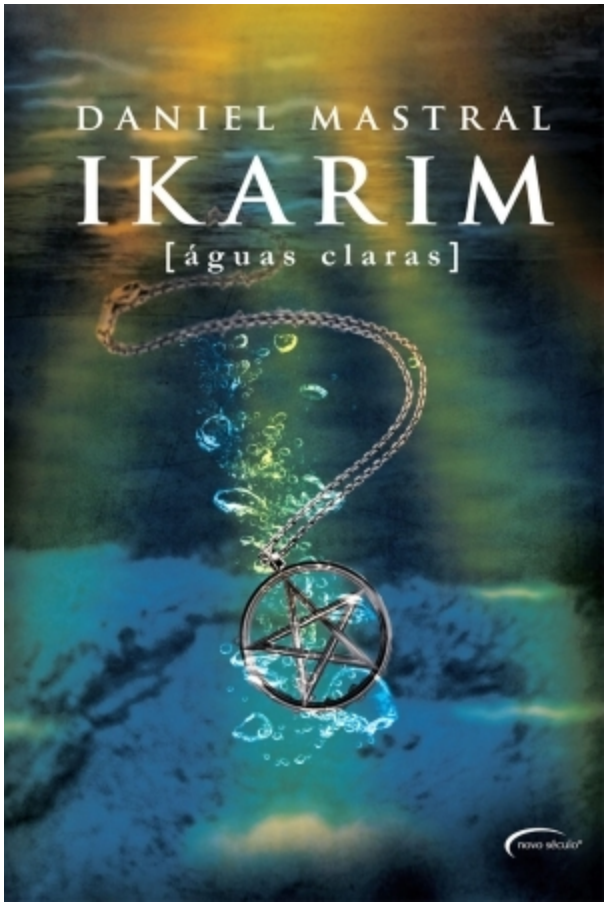
Leia - www.novoseculo.com.br/blog

Curta - /NovoSeculoEditora

Siga - @novoseculo

Assista - /EditoraNovoSeculo

novo século®


DANIEL MASTRAL
IKARIM
[águas claras]
nova século

Ikarim - Águas claras

Mastral, Daniel
9788542807547
528 páginas

Compre agora e leia

Kilaim Mastrangello não está mais sozinho. Pouco a pouco, sua namorada Claire ocupa o espaço que antes pertencia a Camille, e preenche o vazio de sua morte. Um novo cenário desponta, emoldurado pela Floresta Amazônica. Em meio à beleza da viagem, as forças ocultas se agitam e Leviathan, o príncipe das águas, mostra seu poder. Contrabalanceado pelas forças angelicais é difícil dizer quem será vencedor, ou mesmo se haverá um. As intrincadas raízes do Mal que abraçam o coração de Kilaim duelam com a pureza do Bem em Claire, e mostram-se cada vez mais conflitantes. As nuvens da tormenta estão se avolumando, tornando cinzento o horizonte da esperança. Haverá, afinal, um meio de conciliar o inconciliável, ou tudo terminará em grande ruína? Água e vinho. Doce e amargo. Luz e Trevas. O clímax se aproxima. A Organização Secreta não pretende esperar muito tempo para ter de volta o controle sobre Kilaim, e agora se justifica o uso de todos os meios!

Compre agora e leia